

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LUCECLÉIA FRANCISCO DA SILVA

CONTRA TUDO E TODOS:
A FORMAÇÃO DE LEITORES EM CONTEXTOS ADVERSOS, NO MUNICÍPIO DA
SERRA

VITÓRIA
2017

LUCECLÉIA FRANCISCO DA SILVA

CONTRA TUDO E TODOS:

A FORMAÇÃO DE LEITORES EM CONTEXTOS ADVERSOS, NO MUNICÍPIO DA
SERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, linha de pesquisa Educação e Linguagens, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Amélia Dalvi Salgueiro.

VITÓRIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Bibliotecário: Clóvis José Ribeiro Junior – CRB-383 ES-000527/O

S586c Silva, Lucecléia Francisco da, 1973-
Contra tudo e todos : a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra / Lucecléia Francisco da Silva. – 2017.
293 f. : il.

Orientador: Maria Amélia Dalvi Salgueiro.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Adolescentes. 2. Leitores – Formação. 3. Leitura – Estudo e ensino. 4. Mediação. I. Salgueiro, Maria Amélia Dalvi, 1983-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUCECLÉIA FRANCISCO DA SILVA

CONTRA TUDO E TODOS: A FORMAÇÃO DE LEITORES
EM CONTEXTOS ADVERSOS, NO MUNICÍPIO DA SERRA

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Educação
da Universidade Federal do
Espírito Santo como requisito
parcial para obtenção do Grau
de Mestre em Educação.

Aprovada em 31 de agosto de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Amélia Dalvi Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Doutor Robson Loureiro
Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Doutora Priscila de Souza Chisté Leite
Instituto Federal do Espírito Santo

À Viviane Tavares
– pela cumplicidade, pelos sorrisos, pelos cafés...

À Maria Amélia
– pelo acolhimento, conhecimento e a partilha de universos literários que eu não
conhecia!

AGRADECIMENTOS

Nossa autonomia e heteronomia se constituem através de outros e em/por outros. Portanto, peço licença a Fernando Pessoa e ao seu poema “*Não sei quantas almas tenho*” para escrever sobre essa minha jornada permeada por tantas pessoas e por despertar em mim sentimentos tão ímpares!

NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO, mas sei que em todas elas cabem gratidão!

CADA MOMENTO MUDEI, e sou grata às pessoas que fizeram parte da minha mudança, do meu repensar, nesse período de estudos.

CONTINUAMENTE ME ESTRANHO, me surpreendo, me comovo com Maria Amélia Dalvi, pelo acolhimento, pela orientação cuidadosa e atenciosa, por provocar em mim o desejo de luta e justiça por um mundo melhor.

NUNCA ME VI NEM ACABEI, afinal somos seres inacabados e inconclusos, como dizia Freire. No entanto, agradeço às generosas colaborações do professor Wilberth Salgueiro e à professora Rosiane de Fátima Ponce por terem participado da minha banca de qualificação com importantes contribuições para o trabalho final permeadas com doçura ímpar e, agora, na defesa. À professora Priscila Chisté por ter aceitado o convite para integrar a banca com muita presteza e gentileza.

DE TANTO SER, SÓ TENHO ALMA. Alma agradecida ao professor Robson Loureiro pela generosidade, compreensão e por ter contribuído para o meu processo formativo.

QUEM TEM ALMA NÃO TEM CALMA. Tem calma, sim! Pois graças aos integrantes e amigos (as) do Grupo de pesquisa Literatura e Educação pude me fortalecer, me reconstituir e me permitir mudanças e aprendizados. Tiveram calma e paciência para me ensinar, me ouvir e a dividir em muitos momentos: alegrias, angústias e sorrisos. Agradeço especialmente a Arnon, por ter lido o meu texto com tanto zelo, à Rossanna, por me ajudar na construção dos questionários – na parte técnica –, e

pela revisão final. À Ravena pelo apoio e gentilezas. Aprendi muito sendo parte desse grupo!

QUEM VÊ É SÓ O QUE VÊ (nem sempre, Pessoa!). Porque mesmo sem nos vermos muitas vezes, sem nos olharmos nos olhos, cara a cara sentia que estávamos juntos, conectados, por isso agradeço ao Juca, amigo, cúmplice, companheiro de lutas e parceiro da turma 29 do mestrado. Esse reconhecimento se estende também a Jhamille e à nossa turma, pelos aprendizados, pelas trocas, pelos bate-papos nas aulas e nos corredores.

QUEM SENTE NÃO É QUEM É, mas quem vive a vida numa tentativa de novos conhecimentos, novas práticas e mudanças, portanto, agradeço aos professores do PPGE: Marcelo Lima, Maria Amélia, Martha Tristão, Robson Loureiro e Rogério Drago, que de forma intensa fizeram parte dessa nova Lucecléia! Ao mesmo tempo minha gratidão à Beth, Diogo e Roberta, funcionários que tão prestativamente, nos tiravam da escuridão em se tratando de procedimentos, documentos e outros.

ATENTO AO QUE SOU E VEJO, à Zélia por ter aberto as portas da escola para que fizéssemos a presente pesquisa. Companheira de trabalho e em busca de uma escola melhor e mais humana; estendo ainda aos meus colegas de trabalho da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda” pelo apoio e por saber que estão comigo na luta diária por uma sociedade e escola menos desigual.

TORNO-ME ELES E NÃO EU. Por suas Histórias, aos alunos participantes desse trabalho; por me permitirem conhecer suas narrativas de vida, abrir seus corações em diálogos mais que generosos! E quanta surpresa nesses diálogos! Quantos aprendizados adquirir ao ouvir o que o outro tem a dizer!

CADA MEU SONHO OU DESEJO É DO QUE NASCE E NÃO MEU. Eles nascem dentro de uma família pobre e humilde, e nem por isso deixam de sonhar. Os sonhos e desejos não são somente de um. Há vários pertencimentos. À minha mãe, especialmente, por ter sempre me incentivado nos estudos. Ao esconder os livros e revistas de mim, possibilitou subversões. À minha irmã Aidê que sempre me ouviu,

me apoiou e esteve comigo nessa labuta cotidiana. Às vezes almoços, lanches e a certeza de que nos queremos bem.

SOU MINHA PRÓPRIA PAISAGEM, e tenho essa percepção de quem sou e de mim mesma. Vem da força, da autoconfiança e de uma autoestima potentes, que são parte da herança materna. Mas também sinto que sou atravessada por outras paisagens. Nesse caso, Viviane: por me compreender de uma forma tão terna e ao mesmo tempo tão densa. Pelos momentos de cumplicidade, amor e afetos.

ASSISTO À MINHA PASSAGEM, e, nessa passagem encontrei amigas mais chegadas que irmãs: Deisi Zanatta, Graciane Cristina e Mara Pereira. Obrigada meninas: pelas trocas literárias, gentilezas, cumplicidade e amizade!

RELEIO E DIGO: «FUI EU?» Não! Foram muitas vozes, diálogos e forças para que esse trabalho fosse possível. Porque o coletivo é sempre melhor! Meu reconhecimento a todos e todas que de algum modo direta ou indiretamente fizeram parte desse processo. Obrigada!

Lucecléia Francisco da Silva

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos,

disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

(LISPECTOR, 1998, p. 09-12)

RESUMO

A presente pesquisa se insere nos diálogos do Grupo de pesquisa “Literatura e Educação”, da Universidade Federal do Espírito Santo. Com abordagem qualitativa, realiza especificamente um estudo de caso sobre a formação de sujeitos leitores em contextos desfavoráveis, no município da Serra – ES. Investiga como tais sujeitos de uma escola de periferia desse município se tornaram leitores em condições adversas, sejam culturais, sociais, familiares, educativas ou econômicas. Na tentativa de compreender como esses sujeitos se constituíram leitores, é preciso entender como os seus contextos histórico-sociais, econômicos, familiares, culturais se relacionam com a literatura no meio escolar e fora dele na formação de sujeitos leitores? Há indícios de a leitura literária se constituir para além da mediação pedagógica do professor? Há outros modos de mediação que participem diretamente da/na formação do aluno sujeito leitor? A partir desses questionamentos nos dirigimos ao trabalho de campo onde foi aplicado um questionário para três turmas de oitavas séries (9º anos), num total de oitenta e quatro questionários. Em seguida foi feita a escolha de cinco alunos para entrevistas. Com a investigação pudemos conhecer as práticas de leituras desses sujeitos, preferências e hábitos de leitura, formas de aquisição dos livros, frequência de leitura e os principais mediadores de leitura, dentre outros. Destacamos também a importância do papel do mediador de leitura, pois este estabelece uma espécie de ligação entre o leitor e o texto. A principal teórica que trata da nossa temática é a antropóloga Michèle Petit (2009 e 2013), que irá ao encontro das especificidades da adolescência, principalmente de periferias. Numa interlocução com Pètit, o trabalho abarca diversas formas de mediação com a leitura e também na formação de leitores. Nesse caso usamos as obras: ***A arte de ler ou como resistir à adversidade*** (2009), ***Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*** (2009) e ***Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*** (2013).

Palavras-chave: Leitura literária. Mediação. Formação de leitores. Adolescentes.

ABSTRACT

This present research is part of the dialogues of the Research Group “Literature and Education”, from Federal University of Espírito Santo. With a qualitative approach, specifically performs a case study about the training of readers in adverse contexts, in the municipality of Serra – ES. It investigates how such individuals from a periphery school in the municipality of Serra / ES became readers in adverse conditions, be they cultural, social, family, educational or economic. In an attempt of understanding how such individuals built up as readers, do we have to understand how their historical, social, economic, family, cultural contexts relate to literature in the school environment and beyond it in the formation of reading individuals? Are there any indications that the literary reading constitutes beyond the pedagogical mediation of the teacher? Are there other ways of mediation that work directly of/in the formation of the reading individual student? Based on these inquiries we headed ourselves to our fieldwork where a questionnaire was submitted to three classes of 8th grades (9th year), in a total of eighty-four questionnaires. Following it was chosen five students to interviews. By the investigation we were able to know the practices of reading of these individuals, their preference and reading habits, ways of acquiring books, reading frequency and the main mediators of reading, such others. We also emphasize the importance of the role of the reading, since it establishes a kind of connection between the reader and the mediator. The main theoretic that deals with our subject is the anthropologist Michèle Petit (2009 and 2013), which will meet the specifics of adolescence, mainly from peripheries. In a dialogue with Petit, the work covers several forms of mediation with reading and also in the formation of readers. In this case we use the works: *The Art of Reading or How to Resist Adversity* (2009), *Young People and Reading: A New Perspective* (2009) and *Readings: From Inner Space to Public Space* (2013).

Keywords: Literary reading. Mediation. Reader Formation. Teenagers.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Caic	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
Cmei	Centro Municipal de Educação Infantil
Capes	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PPP	Projeto Político Pedagógico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo	52
Quadro 2 – Levantamento de teses e dissertações da Capes	62
Quadro 3 – Levantamento de teses e dissertações da Capes	65
Quadro 4 – Livros que marcaram a vida dos adolescentes pesquisados.....	166

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – O hábito da leitura nas três turmas pesquisadas	156
Gráfico 2 – Frequência de leitura	156
Gráfico 3 – Definição de leitura	157
Gráfico 4 – Finalidade de leitura.....	158
Gráfico 5 – Quantidade de livros lidos por ano.....	159
Gráfico 6 – Maior incentivo à leitura	160
Gráfico 7 – Opção mais interessante para a leitura	161
Gráfico 8 – Origens das indicações de leitura	162
Gráfico 9 – Origem dos livros lidos pelos alunos.....	163
Gráfico 10 – Aquisição de livros	164
Gráfico 11 – Preferência de leitura dos sujeitos da pesquisa.....	165

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1	DIFICULDADES E POTENCIALIDADES DA ESCOLA ATUAL NA FORMAÇÃO DE LEITORES	29
1.1	DIFICULDADES DA ESCOLA ATUAL EM FORMAR LEITORES.....	34
1.2	O LUGAR DA ESCOLA NA FORMAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA.....	39
2	DIFICULDADES ESTRUTURAIS NA FORMAÇÃO DE LEITORES E DE LEITORES LITERÁRIOS	42
2.1	PROBLEMAS COM AS BIBLIOTECAS.....	46
2.2	REVISÃO DE LITERATURA: DIÁLOGO COM AS PESQUISAS RECEN- TES.....	50
3	PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	79
3.1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	81
3.2	O CONCEITO DE MEDIAÇÃO.....	86
3.3	O ADOLESCENTE E A ESCOLA ATUAL	90
3.3.1	Percurso metodológico	94
3.3.2	Procedimentos para a produção de dados	97
4	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	101
4.1	DIÁLOGOS COM OS DISCENTES A PARTIR DOS DADOS	103
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
	REFERÊNCIAS	180
	APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR	188
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECI- DO	190
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
	APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA	199
	APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO	202
	APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	210

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] Mitos, contos, lendas, poemas e romances dão a ilusão de que o próprio tempo poderia ser capturado na trama das palavras. No final das contas, é uma conjuração da morte que a literatura autoriza: as histórias transmitidas nos inscrevem em um infinito que reivindicamos (PETIT, 2009a, p. 290).

Sem querer ser pretensiosa¹ brinco com a ideia de que o livro *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2005), foi baseado num episódio da minha vida. É como ler um livro em que a história é sobre você.

Fui criada numa família composta por 11 irmãos. O acesso à leitura se dava exclusivamente através da Bíblia, lida por minha mãe, nos “cultos diários”. Nessa época éramos obrigados a ouvir o livro sagrado do cristianismo. Encontramos em Bajard (2014, p. 15-16) afinidade nessa questão:

Mesmo sem saber ler, as crianças têm acesso à literatura pelo caminho da escuta. A tradição da voz alta é antiga. Depois da Reforma ela já era frequente na Europa entre as famílias protestantes, nas quais o patriarca dizia textos sagrados da Bíblia durante a noite.

Na família a figura materna realizava o papel de “leitor-guia”². Esse movimento contribuiu para um desenvolvimento mais rápido da leitura. Aprendi a ler em uma escola municipal, com cinco anos. O gosto pela leitura já começava em mim. Na primeira série uma colega de sala estava mostrando o livro *A gata borralheira* para alguns colegas. Quando vi a capa fiquei completamente encantada. Precisava ler o livro. Desesperadamente. Pedi emprestado. Qual não foi minha frustração ao receber a negativa da colega. Em casa não tinha esse tipo de leitura. Desgosto. Tristeza. Desilusão. Curiosidade. Expectativa. Mágoa. Sentimentos conflitantes gritavam em mim. Durante o recreio pensei que poderia ler o livro tão rápido que ninguém notaria. Esperei a turma sair e fui à mochila da colega pegar o livro. O li tão rápido quanto pude. A história já tão contada para milhares de crianças finalmente abriu-se para mim. O sinal bateu antes que eu pudesse guardar o livro de volta. Guardei-o em minha bolsa. Todos entraram e se acomodaram. A colega deu por falta do livro. Chamou a professora e disse que o livro havia sumido. Meu coração disparou. Meus sentidos se aguçaram. A professora revistou todas as mochilas e não encontrou o objeto de desejo e caça. Alívio. Conforto. Eis que a docente revela para a classe que olhará as bolsas novamente. A descoberta. A vergonha. A

¹ A primeira pessoa do singular justifica-se nesse momento por serem experiências únicas e vividas por mim, enquanto sujeito histórico do meu tempo. No transcorrer da pesquisa adotaremos a terceira pessoa do plural pelas múltiplas vozes que se entrecruzam nos vários diálogos apontados.

² Utilizamos o conceito usado por Pedro Benjamim Garcia (2010), numa pesquisa interinstitucional “O papel na formação do leitor: limites e possibilidades”, que o mesmo realizou com alunos da classe de Jovens e Adultos, no Rio de Janeiro, onde um leitor-guia lia em voz alta para estudantes que ainda não estavam alfabetizados.

desonra. Fui encaminhada para a sala da orientadora educacional. Essa é uma das minhas experiências literárias mais traumáticas dentro do mundo da literatura. Mundo ao qual, mesmo estando à margem, sabia ter direito.

O que posso afirmar é que a minha relação com a leitura e a literatura se deu sempre de forma e em um contexto em que eu percebia que não estava dentro dele, mas conseguia entender que eu tinha direito às mesmas. Numa família em que o alimento era mais importante que a leitura, as necessidades básicas estavam acima de qualquer outro elemento. Aí começa a ser formado o meu repertório literário. Leituras além do sagrado eram proibidas pela matriarca da família. História sem quadrinhos eram escondidas embaixo do colchão. Romances em gavetas. O clima do proibido circundava a minha infância e adolescência, no que dizia respeito à leitura e à literatura. Diferente do momento atual, em que Bajard (2014, p. 16) afirma:

A entrada de livros na literatura infantojuvenil nas famílias de classe média leva os pais a assumirem também o papel daquele que profere, até então restrito a determinadas reuniões, bíblicas ou poéticas. Hoje, felizmente, a voz alta está ganhando espaços educacionais diversificados fora das classes privilegiadas; ela se manifesta também em bibliotecas, creches, além de espaços sociais tais como núcleos de educação informal, hospitais ou jardins públicos.

À medida que eu ia crescendo percebia as inúmeras possibilidades da leitura em minha vida, em minha história. Um mundo se abria. Percebia que a cada nova leitura, a cada livro lido me constituía e era constituída pelas palavras lidas. Eu sabia que a literatura, como defendeu Candido (2004), era um bem que não pode ser negado a ninguém – incompressível – e um direito universal tão importante como outros direitos humanos o seriam. O direito: à vida, à alimentação, à saúde, à propriedade, à liberdade, à igualdade etc.

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...]. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo.

Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E

não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos (CANDIDO, 2004, p. 172).

É preciso pensar que os nossos direitos são tão urgentes como os direitos do próximo, como afirma Candido (2004). Ele nos convoca a incluir os bens – nesse caso a Arte – na lista de direitos dos outros seres humanos.

Muito do que li foram tentativas de subversão às regras e normas impostas a mim. E no meio disso tudo me lembro de que a escola desempenhou papel relevante na minha formação como leitora. Em minhas lembranças escolares existem bibliotecas, contação de histórias e eventos do gênero.

Ao relembrar minha trajetória na inserção do mundo da leitura percebo que inicialmente a leitura estava diretamente relacionada ao santificado, ao sagrado – e nas entrevistas transcritas no apêndice desse trabalho é possível ver que minha experiência não é única e não está distante no tempo: é, ainda, com as devidas adaptações ao novo contexto, a experiência de adolescentes contemporâneos.

Ao iniciar minha atuação como pedagoga do município de Serra passei a me inquietar ainda mais com o universo literário e a educação literária³ dos adolescentes que acompanho nas séries finais. É uma escola da periferia, e há muita carência nesse aspecto, no cotidiano escolar. Essas foram algumas das inquietações que me levaram a considerar a pesquisa como forma de contribuir para a comunidade em que atuo e vivo (município de Serra).

Esclarecemos que a nossa opção por manter “no município da Serra” no título, foi para marcar que o estudo foi desenvolvido em um contexto específico, situado e

³ Usamos aqui o conceito de educação literária como o faz Vieira (2016). O projeto de educação literária na escola ultrapassa a visão da disciplina como expressão de pura arte contemplativa. Seu papel pedagógico é tão importante quanto seu caráter recreativo e artístico, pelo fato de a educação literária se situar em uma interseção interdisciplinar, se apoiar em um “triângulo multidisciplinar”, lidando com formas, meios e objetos variados. Por envolver a linguagem escrita e falada, a disciplina se aproxima da história e da economia, se liga a questões sociais e políticas, recorrendo a fontes psicológicas, esbarrando em emoções, sentimentos e sensações. Embora de abrangência quase ilimitada, seus efeitos como disciplina de estudos na escola não são esclarecidos, tendo reduzido efeito real as propostas de ensinar e aprender literatura, de modo crítico e recreativo (LEAHY-DIOS, 2013, apud VIEIRA, 2016, p. 18-19).

característico de determinado espaço e tempo. E ainda, que os sujeitos participantes da pesquisa são diretamente afetados pelas características desse lugar.

Compreender como se dá a formação do leitor, em contextos adversos, com variadas formas de mediação, é o objeto de nossa pesquisa. Como os contextos histórico-sociais, econômicos, familiares, culturais se relacionam com a literatura na formação de sujeitos leitores? Há indícios de a leitura literária se constituir para além da mediação pedagógica do professor? Há outros modos de mediação que participem diretamente da/na formação do sujeito leitor?

Entendemos ainda que, para além de pensar em como se formam os sujeitos leitores, é necessário também levar em conta o que diz Rouxel sobre que formação de leitores temos em mente: “[...] É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é prevista aqui” (DALVI; REZENDE; JOVER-FALEIROS, 2013, p. 20).

A formação desse sujeito leitor deve permiti-lo ser um cidadão crítico, autônomo e livre para atuar nas mais diversas esferas de sua vida. E a adolescência é um momento muito importante nesse percurso; por isso, trabalhamos com estudantes de 9º ano de uma escola pública periférica, situada em um bairro com baixo índice de desenvolvimento humano e alta criminalidade – ou seja, com adolescentes filhos da classe que vive do trabalho⁴. Trabalhamos aqui com sujeitos leitores que **ainda** não são os sujeitos leitores que desejamos que sejam – livres, responsáveis, críticos, capazes de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção, como diz Rouxel (2013) –, afinal, são estudantes da 8ª série (9º ano do ensino fundamental) – mas são sujeitos que se reconhecem como leitores e que, contrariando as expectativas mais imediatas (de que alunos pobres, de escolas de periferia, sem herança cultural letrada...), têm interesse na leitura e têm um certo acúmulo de experiências leitoras, reconhecidas pela igreja, pelos colegas, pela

⁴ Conceito atribuído ao Professor Ricardo Antunes.

família e pela instituição escolar (que são as instâncias culturais e sociais mais relevantes, nas entrevistas realizadas).

Ratificamos que a pesquisa tem um escopo pouco comum: uma abordagem no ensino fundamental II, com adolescentes e sujeitos que se reconhecem como leitores.

Evidenciamos que o objetivo do nosso trabalho não foi estudar as práticas de leitura e nem as não práticas de leitura, mas como os sujeitos se reconhecem como leitores e como analisam seu próprio percurso formativo.

Destacamos aqui que, na cultura ocidental, o homem tomou contato com os livros e pôde conhecer as ideias dos indivíduos de seu tempo, mas, durante muito tempo os livros e a leitura estiveram ligados ao sagrado e restritos a poucos. Darnton nos traz à tona:

Desde o início da maior parte da história ocidental, e especialmente nos séculos dezesseis e dezessete, a leitura foi encarada acima de tudo como exercício espiritual. Mas como ela era realizada? Seria possível buscar orientação nos manuais dos jesuítas e nos tratados de hermenêutica dos protestantes. As leituras familiares da Bíblia ocorriam em ambos os lados da grande linha divisória religiosa. [...]. Mas para a maioria das pessoas, a leitura permanecia uma atividade sagrada. Colocava as pessoas diante da Palavra, desvendava mistérios sagrados (DARNTON, 1992, p. 219).

Para a maioria dessas pessoas, segundo o autor, os textos bíblicos foram utilizados para expandir ou discutir a fé. Não só os cristãos, mas outros povos puderam, através da escrita e da leitura, transmitir e ensinar suas respectivas normas, condutas, doutrinas, dogmas e práticas religiosas.

No começo de minha formação acadêmica começam a surgir as inquietações; e elas continuaram, agora como pesquisadora. Inserida nas nossas inquietações a compreensão de que a escola tem papel relevante na formação literária dos alunos – importante, mas não exclusivo. Entendemos ainda que ela contribui de modo efetivo para o desenvolvimento do “cidadão/leitor”. No entanto, desejamos entender que outras formas de mediações ocorrem para que os educandos se tornem leitores, e em outras circunstâncias.

Nesse sentido argumentamos, então, que a leitura seja feita dentro e fora do contexto escolar, dentro e fora das instituições normatizadoras. Defendemos a leitura para subversão de normas, leis e doutrinas pré-estabelecidas. Entendemos ainda que, além da leitura instrutiva seja realizada também para o prazer, a leitura como compromisso, a leitura para compreensão do mundo que nos cerca, do outro e de nós mesmos. E, como afirma Caio Meira, na apresentação à edição brasileira, do livro “*A Literatura em perigo*”,

Se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo (TODOROV, 2012, p. 12).

Ao terminar a especialização em “Ensino e Interdisciplinaridade – História e Literatura: texto e contexto”, as inquietações começaram a ser, em parte, respondidas. Assim, escrevi minha monografia com o tema **A importância da leitura e literatura na formação do indivíduo**, em 2013, ano de conclusão do referido curso. Nesse trabalho pude colocar em xeque algumas questões que trazia comigo desde a infância. A discussão se deu sobre a importância da leitura como contribuidora na formação dos indivíduos e de que modo ela colabora com o processo social de inserção dos diversos cidadãos, na sociedade, entendendo ainda que a leitura é uma “prática cultural”, conforme aponta Roger Chartier (2001). Nesse sentido, concordamos com a antropóloga Michèle Petit (2009b, p. 19):

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania [...].

Compreender não é apenas uma ação linguística ou cognitiva, mas uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre este mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e de uma sociedade. A leitura, como afirma Roger Chartier (2001), é sempre produção de sentido.

Faz-se necessário esclarecer, também, que segundo Roger Chartier (2001) a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Ainda de acordo com o referido autor, os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. E de acordo com Aguiar (2013, p. 153-154),

O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida. Isso se dá porque a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, nos quais ele não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato. Na verdade, o mesmo texto pode ser lido diferentemente por mais de um leitor ou até pelo mesmo leitor em momentos distintos. Nesse último caso, não podemos esquecer que amadurecemos e nunca somos os mesmos, até porque a segunda leitura contém, em seu bojo, os sentidos da leitura anterior. Cada um traz para o ato de ler sua bagagem existencial e social e, a partir de seu horizonte de experiências, atribui significados às indicações oferecidas pelo texto, privilegiando alguns dados e desprezando outros, montando entre eles uma rede de conexões possíveis, de modo a obter um resultado significativo para o seu universo compreensivo.

Neste caso, podemos afirmar que um livro terá pouca relevância se não houver a figura do leitor que possa tomar conhecimento de seu conteúdo. Ele dará sentido e interpretação para o que foi escrito e esse processo é fundamental nas sociedades em que a escrita e a leitura são ferramentas principais no que tange ao conhecimento e à construção de ideias.

Há que se contextualizar historicamente que o termo literatura esteve associado à aristocracia, aos mais abastados, aos poderosos até o século XVIII. O conceito se transforma a partir do século XIX, ou seja, é como se as classes menos favorecidas não tivessem direito à cultura, aos bens imateriais (e materiais) dos seus tempos históricos. Não podemos nos esquecer de que em sua origem o termo estava voltado a “uma vocação erudita” (JOUVE, 2012, p. 35).

Etimologicamente, devemos lembrar que a palavra ‘literatura’ vem do latim *litteratura* (‘escrita’, ‘gramática’, ‘ciência’), forjado a partir de *littera* (‘letra’). No século XVI, a ‘literatura’ designa, então, a ‘cultura’ e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, a erudição. ‘Ter literatura’ é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras. Como a

literatura supõe a afiliação a uma elite, a uma aristocracia do espírito, o termo acaba, por deslizamentos sucessivos, vindo a designar o 'grupo das pessoas de letras'. Falar-se-á, por exemplo, dos 'senhores da literatura' (JOUVE, 2012, p. 29).

Percebe-se ainda que, num mundo letrado como é o nosso, a escrita associada à leitura tem e teve papel fundamental no desenvolvimento social e cultural do ser humano nas sociedades não ágrafas. A leitura não se desenvolveu em uma só direção, teve variações ao longo do tempo e em diversos lugares. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais e em diferentes épocas da história. Em seus estudos Darnton (1992, p. 212) constatou que,

[...] homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir.

A escrita, que foi primeiramente desenvolvida pela necessidade de contar e ter controle sobre o comércio que se desenvolvia nas civilizações antigas, acabou proporcionando ao homem colocar no papel uma diversidade de histórias temáticas que contam sobre a sua existência.

Assim, essa pesquisa tem como **objetivo geral** conhecer de que forma o leitor adolescente, vivendo em contextos adversos, se constitui, através de outras mediações, para além daquela alocada pela escola. Quais são essas mediações variadas que perpassam a constituição do leitor, para além dos muros da escola?

Com base no objetivo supracitado optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa, especificamente o estudo de caso, conforme aponta André (2008, p. 16):

[...] estudo de caso não é um método específico de pesquisa, mas uma forma particular de estudo. Em geral, as técnicas de coleta de dados nos estudos de caso são as usadas nos estudos sociológicos ou antropológicos, como por exemplo: observação, entrevista, análise de documentos, gravações, anotações de campo, mas não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém.

Percebemos ainda que, dentro dessa abordagem, teremos maior compreensão do nosso objeto de estudo. Nesse caso optamos por acompanhar adolescentes do último ano do Ensino Fundamental, com suas singularidades e especificidades de contexto social, familiar e econômico. E nesse sentido, ainda segundo André (2008, p. 17), o conhecimento gerado pelo estudo de caso é:

- Mais concreto – configura-se como um conhecimento que encontra eco em nossa experiência porque é mais vivo, concreto e sensório do que abstrato.
- Mais contextualizado – nossas experiências estão enraizadas num contexto, assim também o conhecimento nos estudos de caso. Esse conhecimento abstrato e formal derivado de outros tipos de pesquisa.
- Mais voltado para a interpretação de leitor – os leitores trazem para os estudos de caso as suas experiências e compreensões, as quais levam a generalizações quando novos dados do caso são adicionados aos velhos.
- Baseado em populações de referência determinadas pelo leitor – ao generalizar, os leitores têm certa população em mente. Assim, diferente da pesquisa tradicional o leitor participa ao estender a generalização para populações de referência.

Dentre os três tipos de estudo de caso: intrínseco, de caso instrumental, de caso coletivo, de acordo com Stake, citado por André (2008, p. 19), optamos pelo trabalho com o estudo de caso intrínseco, pois é:

[...] quando o pesquisador tem um interesse intrínseco naquele caso particular. Por exemplo, quando se deseja investigar a prática pedagógica de uma alfabetizadora bem-sucedida, o interesse é no caso em si, quer-se conhecer mais aquela unidade específica. Pode-se utilizar, como métodos de coleta de dados: história de vida da professora, observação participante das aulas e de outras situações escolares, análise de documentos como os planos da professora, as produções dos alunos, entrevistas com os alunos.

Considerando ainda as inúmeras pesquisas e notícias que revelam o fracasso das instituições educacionais e das instâncias governamentais em fazer do nosso país efetivamente um lugar de leitores, entendemos que a discussão deste trabalho se justifica também por essa constatação.

O presente estudo vai na direção de entendermos melhor alguns aspectos intrínsecos às variadas formas de mediação, que diretamente influenciarão na constituição do leitor, em diversas situações, inclusive, para fora dos muros escolares.

Nessa perspectiva e no intuito de buscarmos melhor compreensão sobre as minhas inquietações, cito Lajolo (2000, p. 105):

A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados. Mas, se a leitura literária é uma modalidade de leitura, cumpre não esquecer que há outras, que desfrutam, inclusive, de maior trânsito social. Cumpre lembrar também que a competência nessas outras modalidades de leitura é anterior e condicionante da participação no que se poderia chamar de capital cultural de uma sociedade e, conseqüentemente, responsável pelo grau de cidadania de que desfruta o cidadão.

O presente trabalho se constitui de quatro capítulos e as considerações finais.

No primeiro, apresentamos as dificuldades e potencialidades da escola atual na formação de leitores. Desse modo, entendemos que a escola ainda é espaço privilegiado dos antigos valores que precisa ser preservado.

No segundo, discutiremos as dificuldades estruturais na formação de leitores e de leitores literários e debateremos as dissertações e teses que possuem afinidade com o nosso tema, nesse caso, a revisão de literatura. A pesquisa feita considerou seis trabalhos da Capes (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), uma do PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras), da Universidade Federal do Espírito Santo e três do PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação), da Universidade Federal do Espírito Santo. Entendemos também que o trabalho de Gabriela Rodella de Oliveira, finalizado no ano de 2013 tem estreita relação com o nosso tema, por essa questão a relevância de inserirmos em nosso trabalho. Tomamos como referência as contribuições acadêmicas do período de 2005 a 2015⁵, dos trabalhos que produzem diálogos com o ora apresentado. A escolha do período se deu em virtude de ter ingressado no ano de 2005, no município da Serra, período esse em que passei a acompanhar adolescentes leitores em contextos adversos, tendo trabalhado num projeto social intitulado “Juventude cidadã”.

No terceiro capítulo são apontadas as bases teórico-metodológicas que sustentam o presente trabalho e as contribuições de Michèle Petit (2009a, 2009b, 2013), como aporte teórico. Nesse caso usaremos as obras: *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009) e *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (2013). Esclarecemos que embora a referida autora tenha sua pesquisa e obra realizadas em espaços não escolares, justificamos a dialogia com o nosso trabalho por entender que a formação de leitores se dá em outros espaços e através de outras mediações, que não sejam somente a escolar. Petit (2009b) acredita que, apesar de todas as diferenças que marcam a história e a evolução recente de nossas sociedades, a grande maioria de nós, em nossa época,

⁵ Apesar de termos demarcado o intervalo de nossa pesquisa no período de 2005 a 2015 incluiremos o trabalho de Rosana Carvalho Dias Valtão (2016) como parte da nossa revisão de literatura, por considerá-lo de extrema relevância, pois aborda as principais vias de acesso e as formas de aquisição de livros de literatura e os principais mediadores da leitura literária, ou seja, os sujeitos responsáveis pela formação existente nesse espaço.

se encontra em dois ou mais lugares, entre vários ambientes e entre várias culturas; apuramos o conceito de mediação, a partir do pesquisador e teórico, Vygotsky e como a mediação está diametralmente ligada à formação de leitores; buscaremos apontar como ocorreu o percurso metodológico; em outro momento do referido capítulo trataremos sobre a “categoria” adolescente e como ele está inserido na escola atual.

No último capítulo, teceremos uma interlocução entre os dados produzidos e a base teórica. Esclarecemos aqui que a análise de dados se deu a partir de 84 questionários respondidos por adolescentes, em três oitavas séries (9º ano) e, entrevistas estruturadas, concedidas à pesquisadora, em momento posterior, por 5 alunos. Com a aplicação do questionário e as entrevistas queríamos conhecer as práticas, apropriações e representações de leitura dos alunos da escola EMEF. “Prof. Naly da Encarnação Miranda”.

Em síntese e por último, traremos nossas considerações finais numa perspectiva de compreender como a formação do leitor se dá através de variadas mediações. E nessa busca entendemos que avaliar o processo da pesquisa como um todo pode nos trazer indícios da realidade, da credibilidade dos sujeitos e um *corpus* real dentro do recorte que optamos analisar. Nos apoiamos em André (2008, p. 61), que nos informa:

Parte-se do pressuposto de que a reconstrução do real feita pelo pesquisador não é a única possível ou a correta, mas espera-se que ofereça elementos suficientes (provas, indícios) de modo que o leitor possa julgar a credibilidade do relato e a pertinência das interpretações.

Ressaltamos que o presente trabalho faz parte do Grupo de pesquisa Literatura e Educação⁶, da Universidade Federal do Espírito Santo, e que, por meio das diversas vozes convergentes, no que se referem à leitura, literatura, leitor e alunos do ensino fundamental, se entrelaça em muitos momentos com as pesquisas realizadas no referido grupo.

⁶ O grupo, constituído por estudantes de graduação, mestrado, doutorado e por professores doutores, é interdisciplinar, aglutinando contribuições dos campos da Cultura, da Educação, da História, da Literatura etc. Dedicar-se a estudos das relações entre livros, leitura, leitores e literatura, quer sejam ou não atravessadas pelas práticas de educação formal. (...). (GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO, acesso em 28 set. 2016).

CAPÍTULO 1

DIFICULDADES E POTENCIALIDADES DA ESCOLA ATUAL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A lição que a leitura nos ensina pode ser ainda, como dizem muitos, a de que antes de pertencer a este ou àquele território, somos seres humanos (PETIT, 2009b, p. 93).

Neste capítulo abordaremos as dificuldades que a escola atual tem encontrado em formar leitores: os estudantes mergulhados no mundo virtual, professores que não sabem como fazer a mediação literária, a falta de investimento na formação inicial e continuada dos docentes, entre outras dificuldades. Entendermos ser importante esta contextualização para posteriormente analisarmos em que contexto e como se dá a formação de leitores.

Quando se fala em fracasso escolar na sociedade brasileira, a primeira reação é associar essa constatação à falta de hábito de leitura por parte dos discentes. Junto a esse fracasso está a falta de legitimidade desses que mais tarde ficarão à margem da cidadania. Percebe-se uma massificação⁷ do ensino, mas são necessários maiores investimentos e uma constante busca pela qualidade na educação brasileira. Vivemos ainda numa escola onde os problemas se acumulam e notamos o sucateamento da mesma em pleno século XXI. Com isso é imperativo e urgente intervenções e propostas para que se efetive na prática uma escola transformadora.

Em meio a esse massivo acesso escolar, nossos alunos se veem à mercê de uma indústria cultural na produção de seus gostos, na sua cultura e na literatura. Nesse sentido, concordamos com Magnani (2001, p. 42-43) quando a autora afirma:

Assim, expande-se na escola de 1º grau⁸ o que poderíamos chamar de um 'funcionamento conforme' da literatura infantojuvenil, o que, associado às péssimas condições de formação e trabalho do professor, à tradição retórica no ensino da literatura, às relações históricas entre literatura infantojuvenil e educação, à oficialização que a circulação escolar confere a esses textos, às contradições da escola num país capitalista de Terceiro Mundo e aos estímulos padronizados da indústria cultural na vida de nossos alunos, acaba moldando e imobilizando o gosto do leitor, tendendo a torná-lo consumidor da trivialidade literária, cultural, histórica e política, que enche os bolsos de alguns, mas esvazia os direitos de muitos a construir e participar da cultura e do conhecimento.

Percebe-se uma dialogia entre o texto de Magnani (2001) e o de Candido (2004), quando esse aponta as várias contradições do modelo econômico em que estamos inseridos e muitos ficam à margem dos direitos humanos, sejam materiais ou

⁷ Usamos o termo massificação ao invés de democratização por entendermos que, mesmo a educação tendo se popularizado em todos os níveis de ensino, a qualidade (como direito) não se ampliou na mesma proporção.

⁸ A autora trabalha com a nomenclatura 1º grau já que à época da primeira edição do referido livro (1989) era o termo em circulação na Lei nº 5.692, de 11.08.1971. O termo foi revogado pela Lei nº 9.394, de 20.12.1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação).

imateriais. Aliados do processo cultural letrado, permanecem cidadãos destituídos de parte importante dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Diante disso, concordamos com Candido (2004, p. 169):

[...] Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.

Apesar de vários fatores negativos, a escola ainda é um espaço social devotado às expectativas da comunidade na qual está inserida e que, muitas vezes de modo quase solitário, luta para garantir o acesso dos mais pobres aos “meios que permitem o progresso”. Ela desperta a confiança, na maioria das vezes, dos pais, da comunidade e da sociedade em geral. Encontramos no documento norteador para as escolas no município de Serra, uma alusão ao impacto positivo das experiências escolares na vida dos seres humanos:

Para Vygotski⁹, o estudo do desenvolvimento cognitivo incluía a investigação do efeito da instrução escolar formal sobre o desenvolvimento do pensamento. Ele via a educação escolar como fundamentalmente diferente da aprendizagem espontânea nos contextos cotidianos.

Para esse autor, a experiência escolar causa um impacto diferenciador e transformador sobre o desenvolvimento mental da criança, uma vez que é um tipo de experiência cultural na qual os processos psicológicos superiores tais como a atenção voluntária, a memória lógica e os conceitos científicos são formados (PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA, 2008, p. 171).

Vygotsky dimensiona a importância da educação formal para os sujeitos. Ele acreditava que a instrução escolar formal incidiria diretamente nas relações dos indivíduos para além dos contextos escolares.

A partir desse sentido entendemos que o trabalho do professor não está descolado das experiências escolares e da realidade social mais ampla.

⁹ Quando se tratar de citação, nós respeitaremos a grafia do texto original. Entretanto, quando o nome do psicólogo soviético for inserido em texto nosso, adotaremos a grafia “Vygotsky”, que é como consta na ficha catalográfica das fontes bibliográficas citadas na seção de referências.

As mudanças sociais ocorrem de forma brutal e com intensa rapidez. Em meio a elas, a escola torna-se um lugar de “proteção” e conhecimento. Além disso, deve dar conta ao mesmo tempo dos problemas que a atravessam e que estão mergulhados nos sujeitos sociais que fazem parte da mesma: diferenças culturais, religiosas, sociais e econômicas.

A humanidade tem vivenciado mudanças estruturais ao longo dos séculos. O conceito de família e indivíduo tem sido ampliado, passando a dar visibilidade a múltiplos agentes que anteriormente não eram ouvidos. Invisíveis em suas condições sociais, permaneciam à margem sem sequer poderem ser reconhecidos enquanto cidadãos, no máximo “cidadãos de segunda classe”.

E é nessa mobilidade que a escola ao longo do tempo tem procurado assegurar o seu papel de destaque:

Ao mesmo tempo em que se observa essa liquidez da sociedade e das relações humanas na atualidade, a própria sociedade, que passa por transformações espetaculares e abrange diversos modelos de família, elege uma de suas instituições para conservar o que sobrou dos antigos valores: a escola (GREGORIN FILHO, 2011, p. 23).

O autor nos mostra a importância da escola nas grandes transformações das sociedades – nesse caso, as ocidentais – e que, apesar das mudanças ocorridas o tempo preserva a escola (enquanto instituição) como um dos antigos valores que precisa ser preservado.

Sobre o papel da escola, Magnani (2001) afirma que a mesma institucionaliza códigos de leitura e escrita e caracteriza-se como uma das instâncias deliberativas e executivas na institucionalização do “literário”. A autora assegura ainda que a escola atua na formação do gosto, que gera e no futuro moldará as necessidades do mercado da leitura.

À escola cabe a difusão do conhecimento previamente acumulado da sociedade, garantindo a compreensão do legado cultural da humanidade. Nesse sentido, concordamos com Loureiro (2011, p. 1-2),

A escola, tanto no Antigo Oriente, como no Antigo mundo ocidental, surgiu basicamente como um espaço cujo objetivo foi e continuou sendo, também nas modernas e contemporâneas sociedades, a principal instituição capaz de lançar mão de um tempo apropriado para que facetas do patrimônio

cultural (conhecimento filosófico, científico, artístico) da humanidade pudessem ser apropriadas pelas gerações.

Muitas ainda são as expectativas que se colocam sobre a instituição escola. Inúmeros problemas pelos quais passa devem ser levados em conta: docentes mal remunerados, salas cheias, espaços físicos inadequados, falta de material, sucateamento, sindicatos fracos, sem contar os inúmeros problemas sociais, econômicos, culturais que atravessam os que fazem parte desse contexto. Em contrapartida são depositadas em sua conta: esperança, mudança, ascensão de vida e outros elementos que fazem com que ela (escola) assuma para si um processo de transformação na vida dos atores escolares. De acordo com Loureiro (2011, p. 3):

A escola parece viver uma situação limite. Quase que um beco sem saída. De um lado, alguns a percebem como sendo o único espaço, a única instituição que ainda é capaz de criar as reais condições de possibilidades para que uma grande maioria da sociedade tenha acesso aos principais elementos que compõem uma parcela considerável do patrimônio cultural da humanidade. De outro lado, sobre a escola, muitos afirmam que: 1) ela não tem acompanhado as transformações do mundo atual; 2) ela é conservadora na sua forma de lidar com o conhecimento; 3) os professores ainda são tradicionais, nos seus métodos de ensino; 4) as avaliações nada avaliam; 5) o mundo fora da escola é muito mais atraente, excitante e sedutor. Esse mundo, considerado mais atraente e sedutor, tem a ver com o potencial dos dispositivos agenciadores de subjetividades, típicos da sociedade do espetáculo e calcada na indústria do entretenimento (sociedade excitada), que enaltece as diversas tecnologias disponíveis.

É necessário, enquanto professores e pesquisadores termos em mente que apesar de estarmos inseridos nesses dois vieses dicotômicos da escola, apontados por Loureiro, é de extrema importância entendermos que ela ainda é um dos principais lugares de acesso ao patrimônio da humanidade, principalmente para as classes sociais mais desfavorecidas.

1.1 DIFICULDADES DA ESCOLA ATUAL EM FORMAR LEITORES

Colomer (2007) afirma que, apenas quando mudou o modelo que havia permanecido essencialmente estável desde o século XIX até o pós-guerra europeu nas décadas de 1950 e 1960, a leitura de obras completas e o uso da biblioteca tiveram lugar na escola de forma generalizada.

Paradoxalmente a autora ainda assegura que, a partir da Segunda Guerra Mundial, do sistema educativo foi diminuindo a importância que, em teoria, havia sustentado a literatura desde seus inícios. Isso se deveu a diferentes processos de mudança, inclusive no modelo econômico das sociedades ocidentais.

No meio destas transformações e contradições da escola, os sujeitos vivem um período difícil de vida: a adolescência. De acordo com Gregorin Filho (2011), em várias sociedades tribais espalhadas por todos os continentes, a adolescência não é um período valorizado na formação do indivíduo nem considerado um nicho de mercado a ser explorado de modo brutal, como nas sociedades mais industrializadas e desenvolvidas economicamente:

Se na década de 1920 houve alguma mudança no modo de olhar o jovem, com trajes e comportamentos até então inaceitáveis para rapazes e, principalmente, moças, nos anos posteriores o nazismo utilizou a imagem do jovem saudável, inteligente e disciplinado para dominar e promover os horrores de uma guerra que mudaria o rumo das sociedades.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), já estavam completamente preparados para inventar a adolescência e difundir pelo mundo uma representação social que só teve o trabalho de se transformar com a crescente valorização do consumo (GREGORIN FILHO, 2011, p. 18).

Também a necessidade de difusão da leitura tem a ver com a inserção das classes mais pobres no mercado de trabalho. Intensifica-se a leitura para ler manuais, ordens e afins, para que a classe trabalhadora percebesse o “seu lugar” no processo do trabalho e mão-de-obra.

À escola, como já dito anteriormente, cabe proporcionar a apropriação da leitura e escrita. Por mais que seja questionado o seu papel ou que sua “função” se dê através de outras vias, pensamos ser a apropriação da leitura e escrita através da escola um consenso por parte de educadores, professores e pesquisadores. Não que a leitura ou escrita não façam parte da vida dos discentes em momentos anteriores à escola, afinal vivemos numa sociedade “dominada” pelo mundo visual:

Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos (PETIT, 2009b, p. 72).

Concordamos com Petit (2009b) quando a mesma assegura, ainda que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos

a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a sermos mais autores de nossas vidas. Além disso, temos a compreensão, de que o espaço ao redor dos alunos pode lhes propiciar acesso às práticas de leitura. E entendemos, como Pszczol (2008, p. 27), que:

A tarefa de formar leitores não é só da escola, mas de toda a sociedade¹⁰. Em particular, o entorno cultural deve ser considerado, porque a maioria não tem, nesse entorno, acesso frequente e qualificado ao mundo escrito. Com isso, as bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias) assumem a função essencial de possibilitar o acesso, a fixação e as práticas de leitura. As bibliotecas são extremamente importantes para complementar a formação do leitor, mas a escola ainda é, dentro do modelo adotado em nossa sociedade, o lócus dessa formação. Seria fundamental que esse papel fosse ocupado pelo lar, mas não é assim que funciona.

Dentro desse conjunto de mudanças e alterações em alguns pilares da sociedade, percebe-se ainda, no momento contemporâneo, a existência de uma avalanche de informações, de produções midiáticas e de um mundo virtual posto nas mãos dos educandos, e que pode acabar por gerar um afastamento dos estudantes do mundo literário. Como enfrentar os desafios de viver uma realidade escolar que encontra cada vez mais dificuldades em levar para os indivíduos leituras que produzam algum tipo de reflexão sobre o contexto em que se vive através da literatura? Outra questão é: como produzir conhecimento junto aos alunos, dando-lhes como “instrumento” a leitura?

Todavia, no contexto brasileiro, no mais das vezes, a escola é livresca, mas sem livros e sem condições concretas para práticas de leitura pelos seus professores. Ainda não foi resolvida a questão de uma infra-estrutura adequada que dê suporte objetivo aos professores nas atividades voltadas ao ensino e ao cultivo da leitura ao longo das séries escolares. Caminha-se pouco e lentamente em leitura no âmbito da educação escolarizada brasileira (SILVA, 2008, p. 9).

Compreendemos também que a mediação do professor é de inegável importância na formação de sujeitos leitores, mas não é necessariamente aquele que promoverá a inserção na cultura literária ou na literatura. Apesar de toda problemática existente no espaço escolar, ratificamos que inúmeros fatores incidem na constituição literária desses sujeitos. A literatura se faz presente no cotidiano da escola, mas nem sempre de forma que produza alunos leitores no futuro. Mergulhados nesse universo

¹⁰ Nesse ponto divergimos da autora, pois há uma tendência pós-moderna de responsabilizar a sociedade ao que deveria ser o papel do Estado. A transferência de atribuições para “a sociedade” dá margem à omissão daquele que deve ser o principal responsável por políticas públicas, no caso, na formação de leitores.

estão os professores que muitas vezes não sabem de que forma mediar as demandas que envolvem o trabalho com a literatura. Muitas vezes acabam “[...] se restringindo a fichas e roteiros, a fim de avaliar mais ‘objetivamente’ a leitura” (MAGNANI, 2001, p. 66).

Desde sua formação, é notória a falta de investimentos substanciais na formação inicial e continuada do professor no que diz respeito ao trabalho com a literatura:

[...] geralmente, ainda hoje nas universidades e, assim, nos institutos e faculdades de educação, a formação de professores de literatura está bem aquém do que seria esperado (Leahy, 2000: 194-202), deixando que a prática docente efetiva se encarregue de aspectos que, de nosso ponto de vista, deveriam ter sido contemplados primeiramente na formação inicial [...] (DALVI, 2013, p.70).

O que interessa é buscar formas e técnicas novas para motivar a leitura sem que se discuta quem, como, o quê, para quê, por quê, quando, onde se lê; sem considerar que a luta pelo acesso à cultura faz parte da luta de classes, que cultura é um conceito histórico e mutável e que leitura envolve uma complexidade de objetivos, modos, métodos e objetos (MAGNANI, 2001, p. 47).

O que se vê é um intenso trabalho com livros didáticos, sob uma prescrição engessada, de modo que eles continuam à mercê da indústria cultural, a serviço da manutenção de paradigmas e a perpetuar modelos de comportamento e de “coesão social” (COLOMER, 2007, p. 22). Os meios de comunicação de massa (TV, jornais e rádio, principalmente) foram e ainda são instrumentos poderosos, visto que,

[...] além de outras funções, como a de entreter e de informar, que estiveram principalmente a cargo da literatura em outras épocas, foram assumidas pelos meios de comunicação de massas e pelas novas tecnologias (COLOMER, 2007, p. 22).

No contexto da escola atual, são inegáveis suas dificuldades em se formar leitores a partir da leitura literária. A literatura não como pretexto. É preciso, então, que a instituição escolar participe intensamente do processo de que muitos estão à margem, pois

A literatura mobiliza a imaginação, a diversidade de opções estimula a busca de alternativas. E, na leitura das contradições e impasses por que passa nosso país, devemos ser coautores não só dos fracassos, mas também da luta pela participação na construção da sociedade que interesse não apenas a alguns, mas principalmente aos exilados da palavra (MAGNANI, 2001, p. 142).

Outra questão pertinente e concernente à formação e carreira dos docentes é apontada por Loureiro (2006, p. 261-262):

[...] Diante dos baixos salários, das precárias condições de trabalho e de uma formação acadêmica cada vez mais modulada [...], faltam aos docentes o estímulo e as condições materiais para acessar um universo para além dos produtos da cultura industrializada. Como exigir que os docentes socializem o saber estético quando eles mesmos são privados desse conhecimento? Portanto, a educação estética que se compromete com a negatividade em face da realidade social parece essencial na composição de uma agenda de lutas e reivindicações da própria formação docente.

A problemática referente a essas questões desemboca na falta de um aprofundamento de um currículo que privilegie a formação de possíveis futuros leitores. Portanto, apreendemos, a partir de Alves (2013, p. 45), que

Faz-se necessário, cada vez mais, que a universidade, além do trabalho de formação do leitor crítico, também forme o professor capaz de realizar um trabalho de formação de leitores na escola básica. É fundamental pensar procedimentos que fujam da tradicional aula expositiva de literatura, das abordagens que têm como ponto de partida não o texto, mas informações históricas, formais, temáticas sobre autores e obras. [...]. Noutras palavras, estimular o jovem leitor ou a criança a se pronunciar sobre o texto, a dizer seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas. Essa perspectiva é devedora de diferentes teorias desenvolvidas ao longo do século XX, tais como a busca de uma pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, e a mudança do foco da leitura literária para a contribuição do leitor, empreendida pela estética da recepção.

Moraes (2016) nos auxilia na compreensão dos fatores que são voltados (a partir da mediação do professor) para uma concepção meramente mecânica da língua, sem levar em conta a perspectiva dialógica:

Sustentamos, portanto, que persiste nas escolas um ensino centrado no reconhecimento das estruturas da língua portuguesa, sem possibilitar que o aluno experimente a leitura nas suas diferentes dimensões: ler, escrever, informar-se, comunicar sentimentos, ideias, conhecer ou simplesmente por prazer. A partir das análises, depreendemos que a leitura somente como atividade de reconhecimento da língua pode estar associada à formação frágil do professor, mas, principalmente, em decorrência da falta de condições salariais e de trabalho, que deem ao professor tempo e infraestrutura de estudo e pesquisa (MORAES, 2016, p. 242).

Voltaremos novamente a esse tema ao comentarmos o trabalho de Oliveira (2013) quando a pesquisadora aponta a formação precária dos professores – tanto a inicial quanto a continuada –, suas cargas de trabalho extensas e suas próprias práticas de leituras derivadas dos seus contextos econômicos e sociais.

1.2 O LUGAR DA ESCOLA NA FORMAÇÃO CULTURAL E ARTÍSTICA

A escola acolheu uma demanda social articulada a várias composições sociais, como aponta Colomer (2007, p. 21):

Agora formavam meninos e meninas procedentes de todos os setores sociais e tratava-se, além disso, de alunos caracterizados como ‘adolescentes’. O conceito de adolescência como representação de uma etapa da vida de todos os jovens formou-se no último quarto do século XX e os estudos sociológicos consignaram o processo de fixação e evolução de suas características como novo setor social, um setor que combina uma autonomia cada vez maior a partir dos doze anos, com uma dependência econômica e familiar sem precedentes que vai até bem depois da fronteira dos vinte.

É dentro desse contexto que a “categoria” adolescente começa a tomar forma. Sujeitos inseridos num consumismo latente com produção voltada às suas faixas etárias, com muito mais deveres que direitos. Percebe-se fortemente a transição dessa fase do mundo da criança para o mundo adulto.

Penso ser importante abrir aqui um parêntese considerável para recuperar dados de nossa história. A educação brasileira, a partir dos jesuítas, sempre foi favorável às elites que detinham o poder e, conseqüentemente, o saber. O projeto educativo subjacente à perda de poder da igreja católica se imbuíu sob o falso pretexto de uma educação para o bem, para o espiritual e para o “bom homem”. Interesses religiosos e políticos da metrópole, dada a época em que o mercantilismo havia fracassado, impuseram a abertura de novas frentes de disseminação da fé católica e de mais territórios a serem conquistados. Nesse sentido, Magnani (2001, p. 16-17) nos ajuda a entender que

A educação jesuítica no Brasil, destinando-se à classe dirigente, visando à formação dos quadros da administração local e dos quadros hierárquicos internos da Ordem, colocava nas mãos dessa classe o privilégio da dominação ideológica através dos conhecimentos a que tinha acesso, e, principalmente, devido ao sábio manejo da linguagem, corroborando sua

hegemonia através do discurso dominante. Esse acúmulo de oportunidades contribui para aumentar o abismo entre letrados e não letrados, entre o preparo intelectual dos filhos dos colonizadores e o preparo meramente profissional dos índios, mestiços e negros, adquirido na prática.

[...] A educação jesuítica com sua tradição literária e retórica é, nesse sentido, a arma mais poderosa no período de colonização de nosso país.

A educação baseada nos ritos espirituais e na fé católica dura até a expulsão dos jesuítas, no século XVIII, pelo Marquês de Pombal¹¹, já que estes começavam a incomodar a Coroa, com os lucros da Ordem fazendo-os ascender a uma condição mais importante e fortalecida no seio da Igreja. O que se destaca aqui é que a educação acontecia em duas frentes de trabalho: de um lado os filhos dos colonos e donos de terra, que terminavam os seus estudos em Portugal, mais precisamente em Coimbra, e de outro um ensino catequista voltado para os índios, mestiços e posteriormente negros. Percebe-se a exclusão desde o referido momento, ou seja, das “origens” do que veio a se constituir como a nação brasileira.

Damos um salto na história e o Brasil, mergulhado em movimentos pela abertura política, na década de 1970, promulga a Lei da Anistia, no governo do presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, em 1979, ano em que foi fundada a Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil:

Com tais acontecimentos, o final dos anos 1970 tornou-se decisivo para o incremento da literatura produzida para crianças e jovens na década seguinte, ocasionando uma transformação qualitativa com relação às temáticas abordadas por esse tipo de texto e ampliando substancialmente o número de livros lançados. Esse é o período que alguns autores, como Nelly Novaes Coelho, consideram o do *boom* da literatura infantil no país (GREGORIN FILHO, 2011, p. 20).

Nesse momento amplia-se o material para essa parcela da população, suas necessidades passaram, ainda que com muitos problemas, a serem vistas e ouvidas, e temas recorrentes na sociedade passam a fazer parte do cotidiano desses sujeitos. Começam então a serem vistos como parte do processo educativo, econômico, social e cultural. Algumas questões relativas aos adolescentes se

¹¹ Sebastião José de Carvalho recebeu o título “Marquês de Pombal” das mãos do rei Dom José I, em 1769. Escolhido como primeiro-ministro de Portugal, governou de 1750 a 1777. Foi responsável pela primeira reforma educacional brasileira com a expulsão dos jesuítas por meio do Alvará Régio, de 28 de junho de 1759 de todo Império Português, incluindo as colônias. No Brasil, depois da expulsão dos jesuítas e fechamento das escolas da referida ordem, o Marquês de Pombal instituiu as aulas régias ou avulsas de Latim, Grego, Filosofia e Retórica, que deveriam substituir as disciplinas anteriormente oferecidas nos extintos colégios.

concretizaram com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069), no dia 13 de julho de 1990, que considera criança a pessoa com até doze anos e adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos e “tem como objetivo nortear o tratamento para com eles” (GREGORIN FILHO, 2011, p. 21). Surgem indagações e propostas de resposta:

Qual era o lugar do jovem na sociedade e na escola? Para defini-lo, surgiram lideranças em movimentos estudantis que alcançaram as ruas para lutas político-sociais, muitas vezes vivendo na clandestinidade para fugir de prisões e torturas e mesmo da morte.

O que se percebe após esse breve comentário sobre a juventude é que a imagem que fazemos do adolescente de hoje é resultado de toda essa trajetória, de toda essa engenharia, às vezes, pensada, outras, não, para construir uma categorização social (GREGORIN FILHO, 2011, p. 21).

Esses jovens e adolescentes não tinham “rosto”, “voz” e sua invisibilidade era considerada natural, numa representação cristalizada. A indefinição sobre o papel dos mesmos dentro da escola e da sociedade não os consideravam “aptos” para uma “categorização social”, como aponta Gregorin Filho (2011). Era preciso ir além, em lutas políticas e históricas para se fazer desvelar e trazer à tona a constituição do que é “ser” jovem numa nova caracterização no século XX – e aqui nos referimos principalmente ao Brasil.

No próximo capítulo discutiremos sobre as dificuldades estruturais na formação de leitores e, nesse caso, como os problemas com as bibliotecas afetam diretamente nessa formação.

Capítulo 2

DIFICULDADES ESTRUTURAIS NA FORMAÇÃO DE LEITORES E DE LEITORES LITERÁRIOS

O que está em jogo na leitura – sobretudo entre os jovens, para quem ler não é algo natural – não me parece se reduzir a uma questão “social”. Parece, a meu ver, aproximar-se da democratização profunda de uma sociedade (PÉTIT, 2009b, p. 101).

Neste capítulo tratamos acerca das dificuldades na formação de leitores e do pouco acesso a meios materiais e físicos para que os educandos de fato se tornem leitores. Elucidamos que no Brasil há somente 1500 livrarias e apenas 7% dos municípios têm sala de cinema. Esse fato por si só nos revela que os adolescentes da periferia têm trânsito escasso nos diversos meios culturais. Sem contarmos o número reduzido de bibliotecas públicas. O efeito disso na formação cultural dos estudantes é devastador, como abordaremos a seguir.

Ao longo dos séculos a leitura e os livros têm se tornado imprescindíveis para a emancipação dos indivíduos humanos, pois através deles a bagagem cultural, o legado histórico e o conhecimento acumulado nos ajudam a entender o passado e suas relações com o presente. O saber ler insere diretamente os que estão à margem da sociedade em um caminho mais social e humano. À escola ainda cabe o papel de fomentar e sistematizar os recursos para a inserção dos sujeitos de direito e fato, ao capital cultural e social acumulado da história da humanidade, pois,

Graças à universalização da escolarização, todas as crianças em breve serão alfabetizadas com seis anos, porém, nem todas entram na escola com a mesma bagagem cultural. As chances de sucesso são desiguais, já que algumas mergulham na cultura do livro muito antes da idade da alfabetização. [...]. Quando grande parte da população infantil cresce longe dos livros, como esperar da escola a redução dessa disparidade, criada fora dela e antes da sua intervenção? (BAJARD, 2014, p. 94).

Entendemos, assim como Pszczol (2008, p. 12), que “[...] a leitura, além de acesso à informação, promove diálogos, aumenta a capacidade de abstração e de formulação de ideias, propicia fruição estética, aguça a razão, apura a sensibilidade”.

Percebe-se que as crianças e adolescentes de camadas sociais mais abastadas têm maior acesso à leitura, à produção cultural e à literatura, muito mais do que aquelas alijadas do capital cultural da humanidade. Em meio a programas governamentais, propostas curriculares, projetos políticos pedagógicos e outros, à escola ainda compete à função de formar alunos-leitores. Como aponta Pszczol (2008, p. 13), que:

Essa realidade dramática expõe com clareza um fato: não se pode falar em leitura sem se considerar o aspecto político que gira em torno dela. E não se constrói uma sociedade leitora sem que exista a vontade política de organizar essa sociedade. Pessoas que nem sequer conseguem dominar

plenamente as habilidades de leitura e da escrita, com dificuldades de acesso, compreensão e interpretação de informações, muito provavelmente também não terão como fazer valer seus mais elementares direitos. Por isso falar sobre leitura é falar sobre cidadania, sobre tomada de consciência e sobre a qualificação das relações sociais. E também por isso a discussão sobre leitura não pode se restringir ao meio acadêmico, à educação ou ao mercado editorial: trata-se de uma questão política, e é politicamente que se deve discuti-la. Esse é um tema que cabe ao Estado e à sociedade, mas é o Estado que deve garantir e definir uma política nacional de incentivo à leitura.

Entendemos ainda que

[...] A mera distribuição de livros também não configura, a rigor, uma política pública, nem tampouco se podem considerar políticas de Estado outras iniciativas parecidas, realizadas isoladamente por ministérios, governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, e demais organizações da sociedade (PSZCZOL, 2008, p.13).

Como se vê pelo consenso ‘supra-ideológico’, para formar leitores não basta oferecer livros. É preciso buscar respostas e alternativas para algumas questões que têm a ver com a concepção de sociedade, de educação, de linguagem, de leitura e de literatura pelas quais optamos (MAGNANI, 2001, p. 40).

O modo como a literatura tem sido trabalhada na escola tem por muitas vezes afastado os alunos do universo literário, mas, ao mesmo tempo, não se pode negar que a escola – por meio da influência de professores, do contato com colegas leitores, da circulação de livros etc. – tem sido de grande importância para a iniciação ao universo literário. Essa situação contraditória parece ter como desdobramento que, à medida que os estudantes crescem, distanciam-se das leituras “impostas”, prescritas, burocráticas e obrigatórias, e veem em outras mediações o seu pilar para as “leituras selvagens”, descritas por Chartier (1999) como sendo leituras de textos em massa procurados por adolescentes e que estão ligadas a elementos de pouca força cultural, tais como a Igreja e a Indústria Cultural. A escola não consegue acompanhar as diversas propostas que envolvem esses adolescentes em seus próprios mundos.

Partimos do princípio de que a literatura, do modo como a estamos pensando (próxima, real, democratizada, efetivamente lida e discutida, visceral, aberta, sujeita à crítica, à invenção, ao diálogo, ao pastiche, à leitura irônica e humorada, à paródia, à contextualização individual e histórica, com manejo dos recursos – verbais, visuais, materiais e imateriais –, inserida no mundo da vida e em conjunto com as práticas culturais e comunitárias, sem medo dos julgamentos), nunca esteve no centro da educação escolar (DALVI, 2013, p. 77).

O que temos visto em tantas pesquisas e trabalhos lidos¹² é a pouca aproximação das vozes entre alunos e professores em relação às práticas de leitura dos alunos. O que Dalvi (2013) aponta é que uma literatura com as características descritas por ela: viva, democrática e aberta, entre outras, não tem feito parte do currículo escolar, ou pelo menos, das mediações realizadas pelos professores – e, por isso, a formação de sujeitos leitores tem sido realizada por outras instâncias sociais, como a igreja, os *youtubers*, os *blockbusters* etc.

Petit (2013) também nos ajuda a compreender a questão. A pesquisadora aponta que, ao passar do ensino fundamental para o ensino médio, o que ocorre teoricamente por volta dos quinze anos, se exige dos alunos uma verdadeira “conversão mental”, para que se situem em relação aos textos com uma atitude distante, erudita, de deciframento do sentido, o que marca uma ruptura com suas leituras pessoais anteriores. Em seus estudos, a antropóloga ainda afirma que, simultaneamente, entre o quinto e o nono ano do ensino fundamental, em que se estuda dos onze aos quinze anos, procurou-se integrar a leitura pessoal à atividade escola, especialmente quando se incorporou a literatura juvenil. A autora nos traz ainda a possibilidade de questionamento sobre a modalidade excessivamente formalista que tem prevalecido no ensino no que diz respeito à leitura.

2.1 PROBLEMAS COM AS BIBLIOTECAS

O que está à vista é que a escola promove movimentos em relação à leitura, mas que ela ainda está distante de uma consolidação maior no que tange a essa necessidade. Isso se traduz diretamente na formação de leitores. Segundo El Far (2006), não há no Brasil uma valorização do hábito da leitura. Isto porque pesquisas apontam para alguns problemas que ainda não foram solucionados pelo governo brasileiro em relação ao acesso à leitura. Os dados desse tipo de pesquisa são indispensáveis para tentarmos traçar um panorama das dificuldades existentes. Para entendermos alguns deles, temos a pesquisa Retratos da leitura no Brasil

¹² Voltaremos a esse tema em nossa revisão de literatura quanto às atividades prescritivas no que diz respeito à literatura e à leitura, através do espaço das salas de aulas e da pouca proximidade do que pensam os professores com o que estão lendo os alunos.

(INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) que indicou, apesar de o percentual da população alfabetizada funcionalmente ter passado de 61% em 2001 para 73% em 2011, que apenas um em cada 4 brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática. Ou seja, o aumento da escolaridade média da população brasileira teve um caráter mais quantitativo (mais pessoas alfabetizadas) que qualitativo (do ponto de vista do incremento na compreensão leitora).

Nosso país, de acordo com El Far (2006, p. 54), possui “[...] apenas 1.500 livrarias, deixando 89% dos municípios quase sem nenhuma opção de compra”. O Brasil e, nesse ponto, nos focalizamos especificamente no Espírito Santo e no município de Serra, portanto, precisam até mesmo de investimentos no que tange a novas bibliotecas, espaços de leitura e livrarias para atender a uma população de leitores potenciais. A situação se agrava quando nos últimos anos percebemos o fechamento das poucas livrarias que tínhamos.

O cenário capixaba no tocante a isso é delineado em estudo recente, de Dalvi e Oliveira (2016), que, embora focalizando a dificuldade de acesso e de circulação da ficção local, nos ajuda a compreender essa dificuldade de acesso a bibliotecas e a livrarias:

[...] poucas editoras efetivamente comerciais e com penetração no cenário nacional; a baixa produção acadêmica universitária dedicada à literatura local e, particularmente, infantil; a pouca importância dos suplementos de cultura nos sistemas de mídia hegemônicos; os incentivos limitados (notadamente, por meio de editais anuais, cada vez com maiores restrições orçamentárias) à publicação de obras mais experimentais; e, enfim, a dificuldade de aquisição e de circulação das obras: não há, praticamente, nas livrarias comerciais que subsistem a exposição de livros produzidos por escritores residentes no estado [...]; e são escassas as iniciativas nascidas do poder público de divulgação, circulação e mediação qualificada da produção literária local [...].

Um outro dado ajuda a vislumbrar o cenário: em Vitória, capital do Estado, desde 2015, a população tem assistido ao fechamento de diversas livrarias. A Livraria LG., originária do Espírito Santo, que tinha um espaço destinado aos autores de livros produzidos no estado, e que realizava projetos em parceria com as escolas, fechou quatro lojas em 2015, ficando apenas com uma loja em um shopping de bairro e outra, que abriga a administração e serve de estoque. Outro espaço de comercialização, a Livraria LE., situada no Shopping Vitória, o maior da capital, e que também aceitava comercializar os livros de autores regionais, fechou suas portas em 2015. Em outro município da região metropolitana, Vila Velha, há uma livraria de rua, a Livraria E, que faz também a distribuição de livros para escolas. Contudo, a prioridade não são os títulos de autores regionais, cujo acervo é ínfimo na loja, e atende a uma demanda originada pelos escritores em ações independentes de distribuição e prospecção. Essa dificuldade de

acesso do leitor aos livros já fora percebida pelo escritor de livros infantis, Monteiro Lobato. Ele declarou, em 1919: “[...] o Espírito Santo me parece uma ficção geográfica, onde não tenho uma só livraria, nem um só assinante”. A constatação da ausência de pontos de venda no Espírito Santo, declarada por Monteiro Lobato, está registrada no livro *A Literatura do Espírito Santo – uma marginalidade periférica*, de Francisco Aurelio Ribeiro, e acena para uma problemática em relação à difusão da literatura em geral. [...]

Em um cenário em que as políticas governamentais de avaliação e aquisição de obras ficcionais para distribuição gratuita nas escolas de todo o país encontram-se ameaçadas com os cortes e com a chamada PEC 241/2016; em um cenário de restrição de oferta de livros, em vista da diminuição de livrarias e, nas existentes, da dificuldade, como mostramos por pesquisa de campo, de aquisição de livros produzidos por autores do Espírito Santo, como mencionado em parágrafos anteriores; e, por fim, tendo em vista que o acesso à internet, para aquisições de livros, por e-commerce, não é um hábito ainda difundido e praticado de forma contumaz (até mesmo pelas desigualdades sociais no tocante ao acesso à Internet), parece que políticas públicas não apenas para a publicação, mas principalmente para a divulgação, a circulação e a mediação de leitura ficcional se mostram prementes – no frágil cenário delineado nas linhas acima (DALVI; OLIVEIRA, 2016, p. 90).

Entende-se ainda que para ser leitor é preciso ter passado pelo processo de alfabetização, ter tempo e dinheiro para participar de processos sociais que envolvem o universo literário (lançamentos, debates, rodas de conversa, seções de autógrafo, aquisição e guarda de livros etc.) e existirem bibliotecas que possibilitem um acesso direto a esse leitor e mediar seus interesses como leitor.

É lamentável constatar um número exíguo de bibliotecas no Brasil, que ainda não é suficiente para dar conta dos leitores. Ademais há uma indústria cultural¹³ maciça a exercer um forte controle no que se refere ao suposto tempo ocioso de nossas crianças e jovens, portanto, o espaço de contraponto a essa realidade para a leitura quase sempre ainda se restringe ao espaço escolar. A dominação imposta pela indústria cultural nos remete a Adorno quando o teórico escreve:

[...] a indústria cultural é importante enquanto característica do espírito hoje dominante. Querer subestimar sua influência, por ceticismo com relação ao que ela transmite aos homens, seria prova de ingenuidade. [...] A importância da indústria cultural na economia psíquica das massas não dispensa a reflexão sobre sua legitimação objetiva, sobre seu ser em si,

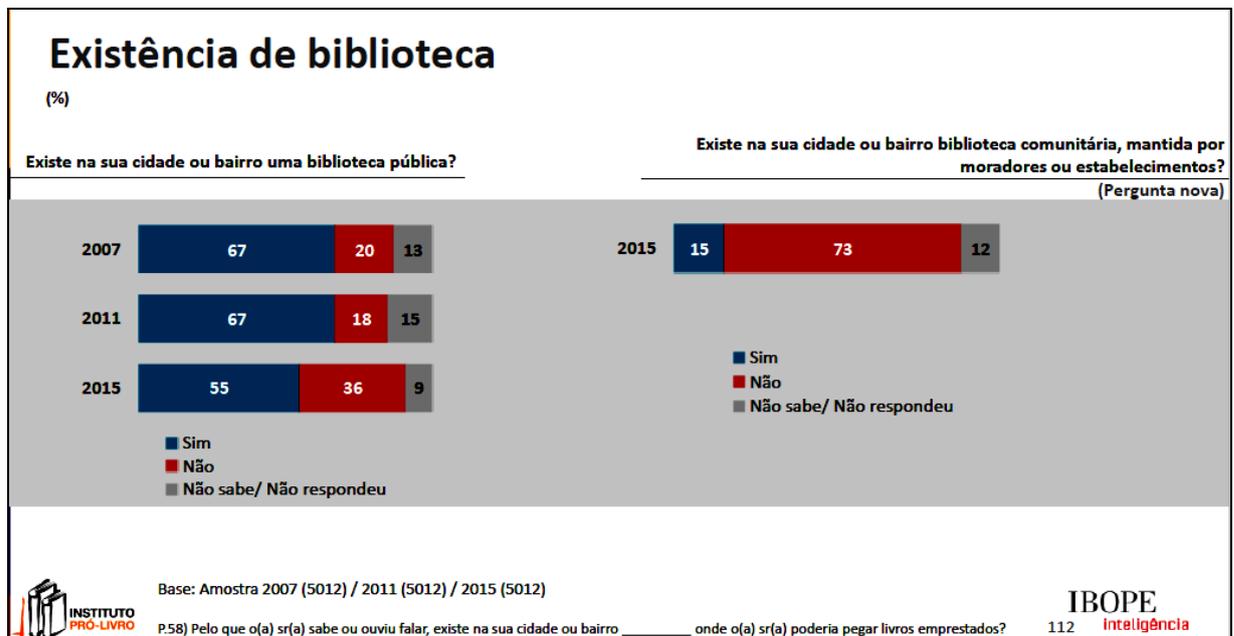
¹³ O termo indústria cultural é erigido por Adorno e Horkheimer (1985) na obra **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos, especificamente no ensaio “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, e deixa claro que as relações sociais são perpassadas pelas relações de mercado. A indústria cultural, então, volta-se prioritariamente aos interesses comerciais, que vislumbram a sociedade como um potencial mercado de consumo, dando origem a uma espécie de massificação da cultura. (RAMALHETE, 2015).

mas, ao contrário, a isso obriga. Levar a sério a proporção de seu papel incontestado significa levá-la criticamente a sério, e não se curvar diante de seu monopólio (ADORNO, 1986b, p.95-96).

O monopólio da indústria cultural, descrito por Adorno, é invisível sob a forte e suposta democratização de bens culturais. Sob o falso pretexto da democratização, perpetua-se a desigualdade social, como afirma Loureiro (2006).

Citando novamente como referência a pesquisa, em sua 4ª edição, “Retratos da Leitura no Brasil” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016), verifica-se realmente um número reduzido de bibliotecas. Esse número inclusive diminuiu na última década, como se observa na Figura 1.

Figura 1 – Captura de tela da pesquisa Retratos do Brasil.



Fonte: Instituto Pró-Livro, (2016)

Os dados quantitativos mostrados anteriormente assinalam que, entre os anos de 2007 e 2011, houve uma manutenção do número de bibliotecas públicas, apontado pelos entrevistados, enquanto no ano de 2015 houve uma redução de quase 20%. Aliada a essa questão está a diminuição de livrarias, já abordada no texto e a escassez de sala de cinemas em nosso país, o que contribui para uma precária formação intelectual dos jovens brasileiros.

Nesse sentido é necessária a interferência dos governos federais, estaduais e municipais, sociedade civil e organizada na construção desse patrimônio, que tem seu lugar de destaque na formação de cidadãos-leitores.

Os dados da pesquisa também apontam que bibliotecas comunitárias, de empresas ou circulantes ainda são frequentadas por uma pequena parcela do público. É necessário encontrarmos formas de fazer a ocupação desses espaços e que os estudantes tenham identificação com os mesmos. Que sejam espaços da linguagem compartilhada, como afirma Petit (2009b).

Ainda como sugere a autora, devem ser encontradas formas que permitam o exercício da liberdade de expressão, e a prática de um desejo de expressão civil, político. Pois não há real cidadania sem o uso da palavra. Essa é a boniteza do processo.

Michèle Petit (2009b) nos informa que em muitos dos bairros marginalizados situados nas periferias das cidades francesas – diferente do Brasil – a biblioteca é muitas vezes o único lugar em que se pode encontrar os amigos, se reunir e participar de um grupo.

2.2 REVISÃO DE LITERATURA: DIÁLOGO COM AS PESQUISAS RECENTES

Não fazemos pesquisa sozinhos, fazemos em diálogos com outros. A partir desse princípio fomos buscar autores que em determinado tempo escreveram sobre as diversas formas de mediação circunscrita junto aos sujeitos leitores e de como esta se concretiza em suas histórias. O trabalho se sustenta de uma rede de vozes que forneceram subsídios e ofereceram suas contribuições para que o presente trabalho pudesse ser escrito. É através dessas vozes que se entrelaçam e dialogam que pudemos sentir e viver diversas experiências através de um tempo não linear, mas fortalecido por estas.

Buscamos como cerne dessa pesquisa saber como se dá a formação de leitores em contextos adversos e as diversas formas de mediação de leituras literárias vividas por adolescentes/leitores, com adolescentes de uma escola pública municipal do

Ensino Fundamental, da oitava série (9º ano), do município de Serra – ES. Nesse sentido tornou-se importante acompanhar o que os pesquisadores vêm produzindo a respeito do tema ao longo da democratização da educação, no Brasil. Portanto, o diálogo com teses e dissertações que abordam o referido tema em contextos escolares nos possibilitou conhecer aspectos inerentes a essa mediação por meio das apropriações de cada pesquisador e a referenciar e ratificar a importância de se pesquisar de que modo se dá essa mediação na vida dos sujeitos pesquisados.

Reiteramos que tomaremos como referência as contribuições acadêmicas, no período de 2005 a 2015, de trabalhos que produzem dialogias com o ora aqui apresentado. Esclarecemos que ao restringir a pesquisa a 10 anos, o critério socioeconômico e a ideologia desapareceu das pesquisas em Educação.

Em uma perspectiva dialética e dialógica, sabemos que outros textos se abrem para nós, dão suporte à nossa pesquisa, nos transformam, nos impactam. Em dialogia com os trabalhos já pesquisados (tomamos os da CAPES, PPGL/Ufes e PPGE/Ufes)¹⁴ a presente pesquisa entra em pontos de conexão e afina-se em vários momentos com estes e nos possibilita um olhar mais científico, aprofundado e sistematizado com as produções efetivadas.

Do ano de 2005 a 2015, encontramos diversas pesquisas do PPGE/Ufes que têm como tema principal a leitura e a literatura. Dentro desse recorte buscamos trabalhos que tratassem sobre mediação e formação de leitores. No período de tempo pesquisado, o primeiro e único trabalho a abordar a mediação pedagógica data do ano de 2007, conforme o quadro 1, com informações acerca dos trabalhos. Quanto ao tema formação de leitores encontramos duas dissertações que versam sobre o assunto. Ressaltamos aqui que os trabalhos estão organizados em ordem progressiva de publicação.

¹⁴ Reconhecemos que, ao usar o recorte utilizado para o trabalho em questão, temos consciência de que deixamos de fora inúmeros trabalhos, que com certeza seriam também de grande importância. O que entendemos é que no breve período de mestrado não daremos conta de todos os portais, periódicos, revistas e outros para um maior aprofundamento. Entretanto, percebemos a relevância dos trabalhos defendidos no PPGE – onde atuamos – e, na Capes, que atua na pós-graduação *stricto sensu* e é órgão de referência em todo o Brasil.

Quadro 1 – Levantamento de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

TÍTULO	AUTOR	ANO DA DEFESA
A mediação pedagógica nas práticas de leitura de alunos de séries finais do ensino fundamental. (Dissertação)	Eliane Loyola do Nascimento	2007
Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental: implicações para a formação do leitor crítico. (Dissertação)	Tereza Barbosa Rocha	2008
O ensino da leitura e práticas de formação de leitores na escola primária de Santa Teresa (ES) na década de 1960. (Dissertação)	Eliete Aparecida Locatelli Vago	2013

Fonte: elaborado pela autora.

O primeiro trabalho a ser pesquisado por nós é o de Eliane Loyola do Nascimento, que tem como título “A mediação pedagógica nas práticas de leitura de alunos de séries finais do ensino fundamental” (2007), da linha de pesquisa Processos Instituintes e Ação Educacional. A autora aponta que alguns alunos matriculados em escolas públicas saem do Ensino Fundamental sem estar efetivamente habilitados para uma leitura crítica das práticas sociais existentes na realidade em que vivem, impossibilitando com isso o exercício de suas cidadanias. O objetivo do referido trabalho é o de compreender como vem se efetivando o processo de mediação pedagógica nas práticas de leitura nas séries finais do Ensino Fundamental I. A pesquisadora desenvolve um estudo de caso, com pesquisa de campo realizada em uma escola pública municipal, tendo como sujeitos alunos de uma turma de 5ª série e o professor da disciplina de Língua Portuguesa. Divide os dados em duas categorias: a mediação social e a mediação pedagógica. Ao abordar a mediação social discute a mediação da família, dos amigos e da Igreja. A autora fundamenta sua pesquisa nos pressupostos teóricos da Perspectiva Histórico-Cultural do Desenvolvimento Humano em Psicologia, tendo como referência os estudos de Vygotsky, Bakhtin e Kleiman. O trabalho se constitui a partir das questões levantadas por Nascimento (2007): como ocorrem as interações entre aluno/professor e aluno/aluno nas séries finais do Ensino Fundamental, no decorrer do processo de desenvolvimento das habilidades de leitura? Quais as condições de ensino e desenvolvimento da leitura entre os alunos das séries finais no Ensino

Fundamental? Como ocorre o processo de mediação entre o professor e os alunos no desenvolvimento da leitura, nessa etapa da escolarização?

O nosso trabalho se difere do supracitado porque este aborda o início da segunda etapa do Ensino Fundamental, enquanto o nosso visualiza a etapa final do mesmo nível de ensino. Outra diferença entre os textos é a de que Nascimento propôs um trabalho de campo com foco nas aulas de Língua Portuguesa, num primeiro momento e, posteriormente, em aulas na biblioteca. O nosso propõe um olhar nas diversas formas de mediação na formação de alunos/leitores.

Nascimento (2007, p. 17) ainda tem por objetivo “analisar o processo de mediação pedagógica nas práticas de leitura desenvolvidas nas aulas de Português, em uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental”. Os trabalhos também se distanciam nesse ponto já que o nosso não se propõe à análise de acompanhamento das aulas. A autora também dá maior ênfase ao papel mediador do professor. E nós queremos compreender – sem atribuir juízo de valor – às diferentes formas de mediação na leitura.

Nascimento (2007, p. 65) ainda aponta a relevância de discutir a mediação social e mediação pedagógica em seu trabalho e afirma

Algumas vezes essa mediação ocorre de forma assistemática, de modo não planejado, sem haver uma intencionalidade direta por aqueles que a desenvolvem, como a mediação da família, do grupo de amigos.

A partir da leitura de dados a pesquisadora verificou que “[...] os alunos vivenciam e recebem apoio nas práticas de leitura ocorridas em seu ambiente social, fora do âmbito escolar.” (NASCIMENTO, 2007, p. 66). Ela ainda considerou importante o aprofundamento da discussão a respeito da participação da família, dos amigos e de outros espaços sociais no processo de leitura dos alunos.

Quanto à mediação da família a autora destaca que ela “[...] pode colaborar com a formação de leitores a partir dos modos como ela medeia a leitura, oferecendo à criança suporte e condições para que o leitor se constitua” (NASCIMENTO, 2007, p. 65). Percebeu-se nos relatos dos alunos envolvidos na pesquisa que muitos deles tinham a intervenção da família no processo de leitura: pais que compravam

revistas, jornais e livros, uma irmã que contava a história do Sítio do Pica-Pau-amarelo, e as mães que pedem aos filhos para lerem. A autora afirma que

Os enunciados dos alunos da 5ª série remetem à influência que eles recebem por parte da família. Destaca-se a participação da mãe nessa mediação entre sujeito e texto. Pesquisa realizada pelo INAF, em 2005, revela que a mãe ou responsável do sexo feminino influencia de forma significativa o gosto pela leitura (41%). Também participam desse processo o pai ou responsável do sexo masculino (31%) (NASCIMENTO, 2005, p. 67).

De acordo com os relatos dos referidos alunos e constatado por Nascimento, os recursos disponíveis em casa para leitura são: a Bíblia, jornais, revistas, livros de história e livros didáticos. Àquela época poucos citaram a internet.

Nascimento constata ainda que “[...] a família valoriza o domínio do código escrito e sua compreensão por parte de seus filhos e filhas e busca, quando ‘possível’, incentivar o gosto pela leitura em casa.” (NASCIMENTO, 2007, p.68). Segundo a autora a mediação familiar se dá de vários modos: cobram os estudos estando sempre junto das tarefas escolares, recortam pequenos trechos de jornais colocando-os para lerem, pedem para lerem jornais e livros, auxiliam nos trabalhos e provas, entre outros.

Sobre “a mediação de grupos de amigos”, Nascimento percebe que é grande a influência que os alunos da 5ª série recebem dos amigos, quando se trata de leitura. A pesquisadora ao longo de seu trabalho percebeu que essa mediação se dá de forma mais natural e tranquila, por meios de incentivos ou ainda de forma não intencional, informal, “[...] sem o compromisso de ser sistemática, o que faz diferenciar da mediação que deve ocorrer no contexto escolar” (NASCIMENTO, 2007, p.70).

Nascimento (2007, p. 70-71) destaca a mediação do amigo como importante para a formação do leitor:

Portanto, estamos considerando esse amigo como mediador social no desenvolvimento da leitura do sujeito. Conforme relatos de alunos, os amigos, fora do âmbito da sala de aula, também contribuem na sua formação como leitor. O INAF destaca que amigos ou amigas participam na formação pelo gosto na leitura (11%). Essa mediação geralmente ocorre de maneira a estimular uma determinada leitura. Nos relatos, os alunos dizem que os amigos os incentivam a ler algum livro lido por eles anteriormente e considerado interessante. Muitas vezes é esse amigo que faz a leitura de

trechos interessantes, ou ainda apenas relata de modo convidativo a história lida, numa conversa que ocorre informalmente.

Sobre a “mediação da igreja” Nascimento constatou que a Bíblia “[...] foi um dos instrumentos citados pelos alunos quando questionados a respeito de materiais disponíveis para leitura em casa” (NASCIMENTO, 2007, p.72). A autora percebeu que era expressivo o número de alunos que frequentavam igrejas. De acordo com os relatos dos estudantes ficou visível a intervenção da igreja para a formação dos alunos/leitores:

Éder: [...] através do catecismo, do teatro, de jornais e de leituras bíblicas.

Gabriel: [...] na escola dominical a professora pergunta quem gosta de ler revistinhas.

Cláudia: Através do catecismo.

Larissa: [...] contando e mandando lermos a história de Deus.

Karina: A Igreja ajuda sim, ler (a Bíblia) bastante a palavra do Senhor (NASCIMENTO, 2007, p. 72).

De acordo com a autora a igreja atua também como mediadora na leitura dos sujeitos através da escola dominical, do catecismo, grupo de jovens e etc. Nascimento ainda aponta que a Bíblia “[...] foi um dos recursos disponíveis para leitura em casa mais citados por esses alunos” (NASCIMENTO, 2007, p. 73). A pesquisadora assinala que o papel da igreja também é o de contribuir para outras situações sociais na vida dos indivíduos envolvidos na pesquisa:

A necessidade de melhorar o desempenho na leitura não é só preocupação dos pais. Constatamos que alguns adolescentes também buscam, em situações sociais, mostrar um melhor desempenho nas atividades de leitura desenvolvidas pela Igreja, como no teatro, na leitura oral para toda a comunidade presente nos cultos, nos estudos bíblicos entre outras participações. Essa preocupação com sua apresentação está ligada à imagem social valorizada por esse grupo e, nessa situação social, o bom desempenho na leitura tem muito valor entre os pares. Esse fato leva muitas vezes o sujeito a voltar várias vezes à leitura, preocupar-se com a entonação, com os significados das palavras, com o modo como está interpretando o texto, desenvolvendo-se como leitor (NASCIMENTO, 2007, p. 73).

Nesse caso, a partir das práticas sociais dos sujeitos, a igreja tem valor moral e social a ponto de influenciar diretamente nas práticas de leitura e na formação dos alunos imersos na pesquisa.

Nascimento ainda afirma que quando ocorrem casos de participação da família, dos amigos e da igreja há novas possibilidades de desenvolvimento da leitura. Segundo a autora os dados apresentados por ela reafirmam o valor da contribuição da mediação social.

A pesquisadora conclui seu trabalho apontando para as diversas mediações para a formação de leitores e enfatiza a mediação pedagógica como mais efetiva para o processo de negociação ativa entre leitor e autor. Ela considera também necessária a presença de uma leitura mais polissêmica na sala de aula para o desenvolvimento do aluno como leitor.

Nas considerações finais e a partir dos seus estudos, Nascimento (2007, p. 138) propõe:

- a) criar políticas que incentivem uma reflexão constante aos professores sobre sua prática, por meio de formação continuada, que lhes permitam acesso aos instrumentos e recursos que favoreçam a sua condição de leitores e profissionais capazes de refletir o/no processo de ensino e aprendizagem, firmando-se como colaboradores e co-responsáveis por esse processo;
- b) conduzir o professor a levar em conta as precariedades que oferecem o contexto desses alunos representantes das camadas populares não os responsabilizando pelo mau desempenho na leitura, mas, ao contrário, a partir dessa análise, buscar meios e ações para amenizar essas limitações, oferecendo subsídios para que esse aluno tenha o prazer de verificar que conseguiu realizar sua atividade, sentir-se respeitado perante os colegas, criando vínculos afetivos pela leitura, mas, ao mesmo tempo, oferecer-lhe condições de avanços, possibilitando uma visão crítica da sua realidade, incentivando-o a se apropriar da linguagem sistematizada, com as interpretações que se fazem dela, como forma de luta contra a desigualdade que se manifesta em seu meio social e político;
- c) estabelecer políticas de valorização do professor com melhores condições salariais e de trabalho.
- d) aumentar os recursos destinados ao incentivo à leitura nas escolas, criando ou expandindo espaços destinados a bibliotecas bem como ampliando, renovando e diversificando o acervo.
- e) incluir nos projetos políticos pedagógicos das escolas propostas que contemplem o trabalho de leitura e escrita em todas disciplinas das séries finais do Ensino Fundamental, de forma a atender os diferentes percursos dos alunos.

Outro trabalho do qual nos apropriamos é o de Tereza Barbosa Rocha (2008) com o título “Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental: implicações para a formação do leitor crítico” que teve como objetivo “[...] investigar práticas de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, a fim de compreender como essas práticas contribuem ou não para a formação do leitor crítico” (ROCHA, 2008, p. 9). A pesquisa se deu em uma escola do Sistema Municipal de Ensino de São Mateus (ES). Rocha teve como base a concepção bakhtiniana de linguagem como interação verbal e as práticas de leitura levantadas por ela foram analisadas a partir da identificação de linguagem, de língua, de texto e de leitura que as fundamentavam.

Rocha (2008, p. 57), em seu trabalho, estabelece os seguintes objetivos:

- a) identificar concepções de leitura, de texto, de linguagem e de ensino que têm fundamentado o trabalho com leitura em salas de aula de 1ª a 4ª série de uma escola pública do município de São Mateus;
- b) analisar a contribuição dessas concepções para sustentação de práticas de leitura que favoreçam a formação de leitores críticos.

A autora parte de algumas perguntas dentro de sua pesquisa para uma melhor compreensão das práticas de leitura que ocorrem dentro da sala de aula:

[...] como a escola, nesta etapa do ensino, tem desenvolvido o trabalho com a leitura? Quais práticas de leitura são priorizadas nas salas de aula de 1ª a 4ª série? Como a leitura tem sido concebida pelos professores dessas séries? Que perfil de leitor tem sido formado em turmas de 1ª a 4ª série? Como os professores de 1ª a 4ª série têm compreendido o que é ser leitor? O que leem as crianças de 1ª a 4ª série na escola? O que se tem entendido por texto na escola? (ROCHA, 2008, p. 17).

Os referidos questionamentos de Rocha a colocam diretamente para refletir sobre a relação que se estabelece entre “criança-escola-práticas de leitura”.

A autora afirma que a leitura ocupa lugar de destaque e que o cidadão crítico precisa desenvolver capacidade que lhe possibilite ler, compreender e avaliar textos diversos que circulam na sociedade em diferentes instâncias da atividade humana (ROCHA, 2008, p. 29).

Rocha constata que há predominância no contexto escolar de dois tipos de práticas de leitura: a leitura como decodificação e a leitura como avaliação. Na primeira, a língua é vista como um código e o processo fica então mecanizado:

Compreendemos, então, que o perfil de leitor previsto nessa concepção de leitura seja aquele a quem basta apenas decodificar o código escrito. Portanto [sic] o leitor não se constitui como sujeito no processo de ensino-aprendizagem, bastando que se coloque (ou seja colocado) como mero receptor de mensagens, fato este preocupante, dada a recorrência de práticas sustentadas nessa concepção, conforme nos apontaram os estudos aqui apresentados, bem como os resultados das avaliações discutidos na introdução deste trabalho, no sentido de indicar as lacunas que essas práticas deixam no tocante à formação de leitores, em diferentes épocas (ROCHA, 2008, p. 44).

A concepção de leitura como decodificação pressupõe um sujeito acrítico e passivo que não se constitui como ator no processo de ensino-aprendizagem, sendo um mero receptor inserido numa metodologia mecânica e excludente.

Diante das análises apresentadas Rocha (2008, p. 46) indica:

Tendo em vista essas considerações, podemos destacar a necessidade de políticas públicas que visem à formação do professor, de forma bastante consolidada. Estamos nos referindo a uma formação que lhe possibilite compreender princípios teóricos e metodológicos que subsidiam o seu trabalho com o a leitura na escola. Portanto [sic] uma formação que favoreça ao professor se apropriar desses princípios de forma reflexiva e crítica, a fim de que ele possa analisar as concepções que sustentam a sua própria prática docente, uma vez que as práticas sustentadas por representações ou crenças legitimadas pela tradição escolar não têm garantido, em nosso entendimento, de forma eficaz, a formação de sujeitos leitores.

A partir dos estudos pesquisados pela autora, ela compreende que a concepção de leitura como decodificação se coloca como prática recorrente no ambiente escolar.

A outra prática de leitura na escola é a da “leitura como avaliação”. Essa prática, de acordo com Rocha (2008), evidencia posturas autoritárias com conotação de avaliação e que impedem que a escola forme leitores críticos. A autora ainda aponta que existem outras formas de “aferimento da leitura”, como o preenchimento de fichas, resumos entre outros. Na contramão, a pesquisadora entende que “[...] a constituição de leitor crítico só se torna possível por meio das relações interlocutivas” (ROCHA, 2008, p. 52).

Ao pontuar sobre as práticas de leitura como decodificação e como avaliação, Rocha (2008, p. 55) afirma que

Compreendemos que se faz necessário refletir sobre os aspectos descritos nos trabalhos acima mencionados, pois consideramos que as práticas de leitura, como decodificação e como avaliação, podem interferir de forma negativa no processo de formação de leitores, uma vez que estão sustentadas por uma concepção de texto como produto acabado, como repositório de informações, que favorece o entendimento de que leitura se resume a uma atividade de extração de informações.

Nesse sentido, a autora conclui que apesar das novas exigências do século XXI e supondo-se que as transformações sociais requerem um leitor mais crítico, a escola ainda responde a outras exigências que não têm sido as mais adequadas à formação do leitor.

Ao final do trabalho Rocha conclui que as professoras da escola pesquisada trabalhavam com diferentes tipos de textos e gêneros textuais, entretanto, as práticas de leitura apontaram um trabalho como pretexto para as questões relacionadas à gramática sem levar em conta as diversas vozes dos alunos envolvidos:

Nesse sentido, pudemos observar que ofertar diferentes gêneros textuais, por si só não leva o aluno a considerar seus usos e funções, portanto não significa que estejam garantidas as condições necessárias para que ele se constitua enquanto leitor crítico, uma vez que as análises indicaram o caráter artificial presente em alguns desses textos (O Elefante Bamba; Dona Pulguinha, dentre outros), evidenciando o pretexto para cópia e revisão de conteúdos já vistos no livro didático, dependendo da finalidade com que o texto foi inserido na aula, uma vez que a análise revelou gestos, traços, modos de ler peculiares de cada finalidade de leitura, por isso, consideramos relevante destacar que a finalidade recorrente nas aulas observadas foi a que diz respeito à leitura para subsidiar aprendizagem de conteúdo gramatical, seguida da leitura para estudo (compreensão) do texto, independente do gênero, do suporte textual ou até mesmo da série, com raríssimas exceções, já que as aulas de leitura com essa finalidade se presentificaram tanto nos suportes de texto levados pelas professoras como também (e obviamente) no livro didático (ROCHA, 2008, p. 181).

Rocha percebe raros momentos em que os alunos podem dialogar diretamente com os textos para que se pudessem construir sentidos. A pesquisadora afirma que a partir das observações das práticas de leitura com as professoras o trabalho com os textos aparecia como “mera decodificação e/ ou como modelo de estruturação formal do texto” (ROCHA, 2008, p. 182).

Nesse sentido, a pesquisadora acredita que as professoras deveriam assumir que “[...] uma concepção de linguagem como interação social requer pensar o texto – como unidade de ensino-aprendizagem – em sua dimensão discursiva” (ROCHA, 2008, p. 182). A autora infere que ainda hoje a predominância das práticas de leitura é voltada para que as crianças aprendam a gramática normativa, em que os professores pensam a linguagem como “expressão do pensamento” e como “instrumento de comunicação”. Isso também é confirmado por uma pesquisa recente do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”, realizada por Sandrina Wandel Rei Moraes (2016), quando estudou as concepções e práticas de leitura no trabalho pedagógico na disciplina de Língua Portuguesa, nas séries finais do ensino fundamental, no contexto da educação pública escolar do município de Pinheiros (ES).

Outro trabalho do PPGE que disserta sobre a formação de leitores intitulado “O ensino da leitura e práticas de formação de leitores na escola primária de Santa Teresa (ES) na década de 1960”, produzido por Eliete Aparecida Locatelli Vago (2013) teve como objetivo investigar o ensino da leitura e práticas de formação de leitores na escola primária de Santa Teresa (ES), na década de 1960. Tratou-se de uma pesquisa histórica que utilizou fontes documentais: atas, legislações, livros escolares dentre outros. A partir de autores como Michel de Certeau e Roger Chartier, Vago trabalhou categorias/conceitos como: representação, prática, apropriação, táticas e estratégias. A pesquisa de Vago difere da nossa por apresentar um período histórico distante do atual – que é nosso – e pelo tipo de pesquisa com documentos históricos. Esclarecemos aqui não ser menos importante que a nossa observação, mas sim, pontuar que apesar de o tema ser sobre o ensino da leitura e práticas de formação de leitores, se coloca afastado diante da nossa pesquisa. Outro ponto que também distancia a pesquisa de Vago (2013) da nossa é quanto ao nível de ensino, já que em nosso trabalho evidenciamos a formação de leitores em alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, ou seja, das séries finais.

A referida autora em suas leituras percebeu a importância da necessidade de pesquisas sobre a história do ensino da leitura e, principalmente, num contexto escolar público. Ela descreve o cenário dos métodos de alfabetização no Brasil,

especificamente em São Paulo e Minas Gerais e, que estes “[...] sempre estiveram dependentes dos interesses do poder público [...]” (VAGO, 2013, p. 28). Vago percebe “[...] que a maioria dos autores, cujos livros foram amplamente usados no final do século XIX e início do século XX, eram defensores do método analítico e dos ideais republicanos” (VAGO, 2013, p. 28).

Vago ainda aponta a carência de pesquisas que investiguem o ensino da leitura na década de 1960 e entende que esse período o contexto era e é propício para análises no que diz respeito às mudanças políticas, transição de governos, de manifestações e movimentos no sentido de garantir uma escola pública, de qualidade e laica. Ela questiona: “Em meio a tanta efervescência de discussões, de mobilizações, de mudanças de regime de governo, houve mudanças nos direcionamentos do ensino da escola primária?” (VAGO, 2013, p. 36).

Vago pontua que não pode abordar o ensino da leitura em Santa Teresa (ES) sem considerar as apropriações de professores e alunos que eram chamados a obedecerem normas, prescrições, orientações em relação à utilização de materiais e métodos “recomendados” para este fim. A autora afirma que estas apropriações feitas pelo professor dão indícios do uso de diferentes métodos e materiais didáticos nas práticas de ensino da leitura e da formação de leitores.

Dentre as várias conclusões em que a pesquisadora chega, ela percebe que além de uma formação patriótica do aluno, havia também uma formação indicando os hábitos de higiene e “bom comportamento social”, nas lições e nos materiais apresentados.

Para o levantamento de teses e dissertações da CAPES usamos os seguintes descritores: “formação de leitores no ensino fundamental” e “mediação na leitura”.

A partir do descritor “formação de leitores no ensino fundamental” constatamos um número irrisório de pesquisas, no caso, somente quatro. Desses quatro trabalhos, dois ficaram de fora por não estarem em conformidade com o período escolhido por nós para essa pesquisa – 2005 a 2015 –, que são: “Literatura em círculos de leitura: notas de uma experiência no 9º ano”, de Clediana dos Anjos Lioba, produzida em 2016 e “O espaço da fruição literária na constituição do discurso pedagógico da

leitura”, de Sarah Suzane Amancio Bertolli Venancio, de 2017. Os outros dois restantes foram:

Quadro 2 – Levantamento de Teses e dissertações do banco de dados da Capes (descriptor: “formação de leitores no ensino fundamental”).

TÍTULO	AUTOR	ANO DA DEFESA
Literatura em casa e na escola: projetos de formação de leitores no ensino fundamental. (Dissertação)	Janaina Martins da Silva Universidade Católica de Petrópolis	2005
O desenvolvimento da leitura em alunos promovidos com restrição. (Dissertação)	Cristiane Rossato Universidade Federal de Santa Catarina	2015

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre o trabalho de Janaina Martins da Silva, intitulado “Literatura em casa e na escola: projetos de formação de leitores no ensino fundamental”, de 2005, não tivemos acesso, pois foi anterior à Plataforma Sucupira, de acordo com informação do Banco de Teses e Dissertações, da Capes.

A dissertação produzida por Cristiane Rossato (2015), que teve como título “O desenvolvimento da leitura em alunos promovidos com restrição”, teve como objetivo focalizar a formação de leitores no Ensino Fundamental, especificamente de alunos “promovidos com restrição”, e de acordo com a autora, aborda o ato de ler, concebido como coprodução de sentido. A pesquisa teve como fundamentação teórica a base histórico-cultural e foi realizada em uma Escola Municipal de Florianópolis, com um grupo de oito alunos.

Rossato (2015) parte de uma resolução (002/2011), do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis, que dispõe sobre o processo de avaliação, recuperação e promoção, dentre outros, para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino. A referida resolução aponta que ao final do ano letivo os alunos que apresentarem um rendimento inferior a 50% (cinquenta por cento) de aprendizagem

nas áreas do conhecimento irão para o ano seguinte com acompanhamento pedagógico diferenciado.

A principal questão de Rossato (2015, p. 29, grito da autora) se põe dessa forma: “Como contribuir, consideradas as especificidades da esfera escolar, para a formação escolar em leitura de alunos do Ensino Fundamental **promovidos com restrição?**”

A referida pesquisa teve como participantes oito alunos “promovidos com restrição” dos anos finais do Ensino Fundamental para encontros de leitura desenvolvidos a partir de setembro de 2014. O objetivo geral do trabalho foi o de apresentar e desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica e, ainda, com atividades de leitura que colaborassem para a formação de leitores dos estudantes “promovidos com restrição”.

Os objetivos específicos, de acordo com Rossato (2015, p. 33), foram:

- compreender as vivências com diferentes leituras de estudantes *promovidos com restrição* do segundo ciclo do Ensino Fundamental em uma escola municipal de Florianópolis/SC;
- elaborar e implementar projeto de ensino que tenha como foco as práticas de leitura e que facultem a estes alunos o seu desenvolvimento em duas frentes: apropriação de práticas de uso da língua convergentes com as requeridas para a participação em diferentes tipos de leitura (GERALDI, 1993 [1991]) e apropriação de conhecimentos historicamente acumulados, dado seu potencial humanizador do homem.

A pesquisa de Rossato (2015) é bem específica, pois trata de alunos que foram “promovidos com restrição” e, a partir do trabalho, a autora busca inserir a leitura de modo efetivo na vida dos educandos.

A autora constata que, “A cada vez que são publicados os resultados de pesquisas a respeito da leitura dos brasileiros, a escola, principalmente a pública, recebe inúmeras críticas, [...]” (ROSSATO, 2015, p. 65). Ela aponta também que o tema é frequente na mídia quando se quer referir ao fracasso na escola na sua missão de ensinar, de formar leitores.

Ao fazer a descrição dos alunos participantes da pesquisa notamos grande afinidade com os alunos da nossa pesquisa: baixa escolaridade dos pais, leituras de material religioso, situação econômica de baixa renda, entre outros.

Rossato (2015) também faz uma defesa do professor como mediador e “interlocutor mais experiente” na contribuição da apropriação de conhecimentos dos alunos.

Pela disponibilidade na biblioteca a pesquisadora/professora selecionou o livro adaptado *Odisseia*, de Homero, adaptado por Ruth Rocha, para trabalhar a formação de leitores com os alunos. Outros textos também foram usados pela pesquisadora, “necessários à apropriação do conteúdo da obra lida.” Segundo ela:

A escolha da obra foi referendada a partir da imediata relação estabelecida pelos alunos à saga *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan, transformada em filmes, cujos personagens são filhos de deuses gregos. Buscou-se, então, transpor tal conhecimento cotidiano e promover a elaboração de conceitos científicos, que transcendem, pois, o cotidiano, o conhecimento já estabelecido dentre os alunos (ROSSATO, 2015, p. 101).

Outro ponto divergente entre nossas pesquisas, pois a formação de leitores em contextos adversos adotada por nós não se apropriou de nenhuma obra ou livro, pois queríamos entender de que forma se dá essa formação sem atribuir juízo de valor a livros sobre qualquer tema.

Rossato conclui que, apesar do pouco tempo e de que a formação de leitores é um processo lento e que deve se estender ao longo de vários anos de escolarização, foi importante sua intervenção com os alunos participantes da pesquisa, pois tiveram contato com uma obra clássica da literatura universal que contribuiu para a apropriação da cultura. A docente/pesquisadora ainda afirma que,

[...] mesmo com a grande quantidade de estudos envolvendo a leitura, tais estudos não têm reverberado na *esfera da atividade humana* em que mais se fazem necessários, a própria escola. E é nessa instituição que os estudos acerca da leitura, e também dos demais eixos de ensino da Língua Portuguesa, precisam refletir, visto que é na escola que as questões implicadas na formação do leitor devem ser objeto de problematização/reflexão, uma vez que cabe à escola ensiná-lo (ROSSATO, 2015, p. 172).

Rossato ainda faz um apanhado da trajetória de seu trabalho e menciona que a humanização, numa perspectiva – histórico-cultural – além dos objetos da cultura, se dá também através e por meio da leitura.

Em outro momento, foi usado como descritor na plataforma da Capes “mediação na leitura”; por meio dele encontramos cinco pesquisas. Dentre as cinco, quatro se inserem dentro da linha de tempo escolhido para a nossa pesquisa, porém, o trabalho intitulado “Uma experiência de mediação na leitura da proposta curricular de Santa Catarina”, de Camila Almeida Pinheiro da Costa, produzida no ano de 2006, traz a Proposta Curricular de Santa Catarina/1998 para a prática pedagógica e um diálogo entre a teoria e a prática do professor, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa. Por entendermos que, nesse caso, a mediação não diz respeito ao aluno e, sim a uma professora da segunda série do Ensino Fundamental, da rede pública estadual de Santa Catarina, optamos por deixá-lo de fora da nossa revisão de literatura.

Quadro 3 – Levantamento de Teses e Dissertações do banco de dados da Capes (descritor: “mediação na leitura”).

TÍTULO	AUTOR	ANO DA DEFESA
Uma experiência de mediação na leitura da proposta curricular de Santa Catarina (Dissertação)	Camila Almeida Pinheiro da Costa Universidade Federal de Santa Catarina	2006
Saberes sobre a literatura: um estudo com professores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. (Dissertação)	Maria Deuza dos Santos Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2014
Já li muita coisa, então, eu posso inventar mais! A leitura literária e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. (Dissertação)	Kivia Pereira de Medeiros Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2014
A importância da mediação na competência da leitura em alunos do 5º ano do ensino fundamental I. (Dissertação)	Juliana Francisquete Centro Universitário FIEO	2015

Fonte: elaborado pela autora.

A pesquisa intitulada “Saberes sobre a literatura: um estudo com professores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental”, de Maria Deuza dos Santos, finalizada no ano de 2014 investigou os saberes dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre a literatura. O estudo teve abordagem de caráter qualitativo e buscou compreender quais os saberes que os professores detêm sobre a literatura. Santos (2014) assegura que o professor tem papel decisivo no ensino da leitura e reconhece a função mediadora e formativa desse profissional. A pesquisa aconteceu em quatro escolas da Rede Municipal de Natal – RN, com dezenove professores que atuavam com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A pergunta inicial que deu origem ao trabalho de Santos foi a seguinte: *Quais os saberes dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre a literatura?*

Explicitamos que a pesquisa de Santos diverge do nosso trabalho, pois aborda os primeiros anos do Ensino Fundamental, além disso, aborda os saberes docentes, focalizados na literatura. Discordamos de Santos (2014, p. 19) quando ela afirma que

[...] o professor tem a responsabilidade de *iniciar* a criança no mundo da leitura, ele é considerado no ambiente escolar o leitor mais experiente, a atividade de leitura é condição *sine qua non* para a *práxis* desse profissional e que o texto literário frequentemente é utilizado nas aulas de leitura.

Em nossos estudos percebemos que na maioria das vezes a criança já vem com alguma “bagagem” literária, seja por parte da mãe, da avó ou de algum familiar. O início da criança no mundo da leitura se dá, na maioria das vezes, durante a socialização primária.

A autora ainda apresenta a 3ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2011, que apresentou o professor como aquele que mais influenciou o aluno a ler: em 2007 o percentual era de 33%, já em 2011 esse percentual subiu para 45%, de acordo com Santos (2014, p. 20).

Santos promove um resgate das experiências de leitura de literatura dos professores:

Partindo desse princípio, procuramos desenvolver nosso trabalho levando em consideração que os saberes dos professores são construídos ao longo de suas vidas e, mais que isso, vão além da formação inicial e continuada,

sendo também resultado dos processos pessoais e profissionais vivenciados por eles, resultando no florescimento de novos conhecimentos, de novos saberes, constituindo-se num movimento de formação contínua (SANTOS, 2014, p. 23).

Apesar de a pesquisa de Santos (2014) trazer uma abordagem da formação leitora de professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e divergir completamente da nossa, que pesquisa a formação de leitores/alunos na segunda fase do Ensino Fundamental, mais precisamente do 9º ano, nos detivemos nela para desmistificar alguns fatos sobre o papel do professor ser de maior valor na mediação da leitura.

Santos ainda afirma que, “Nesse sentido, o professor é o leitor referência na sala de aula. É através dele que o leitor aprendiz passa pela experiência da leitura” (SANTOS, 2014, p. 46). O que percebemos no curso de nossa pesquisa é que nem sempre o professor é esse “leitor referência”, como ficou marcado nas entrevistas que fizemos com os alunos participantes em nosso trabalho.

A pesquisadora conclui afirmando que a figura do professor é a representação do leitor referência. Penso que a mesma tem uma visão bastante romantizada sobre literatura, quando escreve: “Argumentamos que a prática de leitura literária precisa sim ser resgatada na escola como uma atividade saudável ao intelecto e ao emocional dos alunos” (SANTOS, 2014, p. 144).

Santos se contradiz ao apontar que outros espaços de interação social foram relevantes para a formação dos docentes:

Constatamos em seus discursos que a leitura literária esteve presente nessas etapas da formação, porém os docentes consideram que além do livro de literatura, outros tipos de textos, bem como outros espaços de interação social contribuíram para que se tornassem leitores (SANTOS, 2014, p. 145).

Percebemos que as narrativas das dezenove professoras, participantes da pesquisa de Santos (2014) e, apreendidas por esta, denotam que a literatura ainda está totalmente atrelada “[...] ao ensino de leitura, à alfabetização, à construção de valores, ao ensino de conteúdos” (SANTOS, 2014, p. 146).

Outro trabalho “*Já li muita coisa, então, eu posso inventar mais!* A leitura literária e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância”, também finalizado no ano de 2014, que teve como autora Kívia Pereira de Medeiros Faria, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aparece no Banco de Teses e Dissertações da Capes quando inserido o descritor “mediação na leitura”. O estudo investigou as contribuições da leitura de literatura para o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. A pesquisa foi realizada no colégio de aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em uma turma do 1º ano do ensino fundamental, com dezoito alunos, cuja faixa etária variava entre seis e sete anos de idade e que também diverge da nossa pesquisa pelos sujeitos participantes serem do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e com crianças em início de alfabetização.

A pesquisadora propôs uma intervenção com oito sessões de leitura literária com estratégias e gêneros literários diversos. A pesquisa inseriu-se no campo das pesquisas qualitativas e adotou a observação exploratória e a intervenção como técnicas de constituição dos dados.

Faria (2014, p. 19) traz o termo “criatividade” para dentro de sua pesquisa:

A relevância desta investigação está na possibilidade de explorar a criatividade na formação de leitores, (re)conhecendo a literatura como um caminho significativo para o desenvolvimento do pensamento criativo.

A partir das questões abaixo, Faria delimitou seu objetivo geral que foi: conhecer as contribuições da literatura para o desenvolvimento da criatividade em aprendizes do Ensino Fundamental (séries iniciais).

- O que é criatividade?
- Quais as especificidades do texto literário que o tornam capaz de suscitar a criatividade?
- Que estratégias de mediação podem favorecer o desenvolvimento do pensamento criativo?
- Na prática da leitura de literatura, quais ações das crianças são indícios do pensamento criativo? (FARIA, 2014, p. 23).

Faria elegeu para o trabalho com os alunos oito textos:

A formiga e a neve (Monteiro Lobato, 2002); *Clarineta, bruxa e princesa* (René Gouichoux, 2008); *O menino que carregava água na peneira* (Manoel de Barros, 1999); *Uma ideia toda azul* (Marina Colasanti, 2012); *Antologia*

poética (autores variados); *No castelo que se vai* (Marina Colasanti, 2009); *Bicho papão da minha imaginação* (Sylvia Orthof, 1983) e *Nicolau tinha uma ideia* (Ruth Rocha, 1998) (FARIA, 2014, p. 50).

Em sua pesquisa Faria (2014, p. 52) também mantém no centro o professor, como principal mediador da leitura:

Nessa proposta, há a mediação de um leitor mais experiente – no caso, o professor-pesquisador – em torno da relação texto-leitor e da relação texto-comunidade, com o objetivo de desenvolver uma mediação competente, pautada na concepção de leitura como experiência.

Diferentemente do nosso trabalho, em que o professor não aparece como figura central ou exclusiva de mediação na leitura, Faria (2014, p. 75, grifo nosso) faz a defesa do docente amparado por uma mediação competente.

O par mais experiente medeia a passagem do aprendiz pela zona de desenvolvimento proximal, assumindo a postura de modelo, organizador e mediador de ações e saberes, até que o par menos capacitado transforme o desenvolvimento potencial em real. Ou seja, **o adulto** fornece suportes até que a criança possa assumir, sozinha, determinada atividade, permitindo a inferência de que o conhecimento acontece a partir das relações estabelecidas com o mundo externo (interpessoal), evoluindo para um nível interno (intrapessoal).

O que apreendemos a partir do teórico russo Vygotsky (1998) é que nem sempre será o adulto esse mediador “mais capaz” na solução de problemas ou na mediação: pode ser um colega, pai, mãe, alguém próximo, da família “ou em colaboração com companheiros mais capazes” (VYGOTSKY, 1998, p. 97).

Faria (2014, p. 135) dá ênfase à mediação pedagógica quando afirma que, “[...] na aula de leitura, o professor é uma referência e agente decisivo para uma adequada aprendizagem por parte dos aprendizes”.

A pesquisadora finaliza reafirmando a figura do professor como mediador sempre com a intenção de promover um ambiente favorável ao desenvolvimento do pensamento criativo, numa atmosfera estimulante.

Cabe aqui ressaltar que na pesquisa de Faria (2014), por ter sido realizada com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, priorizamos o debate no conceito “mediação” pelo termo ter convergência em alguns momentos com o nosso trabalho,

portanto, não exploramos a intervenção com as práticas leitoras realizadas em sala de aula.

Outro trabalho da nossa revisão de literatura do Banco de Teses e Dissertações da Capes é o intitulado: “A importância da mediação na competência da leitura em alunos do 5º ano do ensino fundamental I”, de Juliana Francisquete, finalizada em 2015.

A pesquisa abordou a mediação na leitura significativa com trinta alunos do 5º ano de uma escola de Ensino Fundamental I, na rede municipal de ensino, em Osasco – São Paulo. O objetivo geral da pesquisa foi: “Verificar a contribuição do processo de mediação na aquisição da leitura”. A base teórica utilizada por Francisquete (2015) foi Ausubel, Vygotsky, Ferreiro, Lerner e Freire. Novamente há divergências entre o trabalho de Francisquete e o nosso, pois no nosso tomamos como sujeitos de pesquisa alunos do ciclo final do Ensino Fundamental.

Francisquete (2015) lança mão de diversos avaliadores externos: Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e Prova Brasil, dentre outros, sem sequer mencionar uma crítica a essas avaliações, que por sinal não contemplam o cotidiano, o contexto sócio-cultural e nem as especificidades de cada educando.

A pesquisadora propõe a seguinte questão: “A mediação pode ser importante na aquisição da leitura em alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I?” (FRANCISQUETE, 2015, p. 18).

Francisquete ainda deposita uma esperança de certo modo romantizada da leitura, como se a relação do sujeito com a leitura se estabelecesse apenas por meio da interação com o objeto de leitura; vemos isso quando escreve, por exemplo, que:

O gosto pela leitura deve ser estimulado desde a infância. Esse primeiro contato é essencial para formar futuros leitores, pois o prazer de ler começa com o toque nos livros de histórias infantis, nos gibis, nas letras de música e em outros recursos, porque só depois de folhear um livro milhares de vezes é que a criança estabelece com ele uma relação afetiva e descobre o prazer de ler (FRANCISQUETE, 2015, p. 32).

A importância da leitura na vida de uma pessoa é evidenciada por inúmeros benefícios como, por exemplo: ter acesso às informações e estar atualizado sobre diversos assuntos; obter auxílio para entender o mundo e a si próprio;

desenvolver o pensamento crítico e reflexivo; ser capaz de melhor observar e de argumentar diante de prováveis questionamentos; ampliar a capacidade de comunicação, já que o debate sobre diversos assuntos estimula a criatividade e liberta a imaginação. Portanto, a leitura dá suporte ao domínio da escrita, pois, não há como negar que quem muito lê adquire maior desenvoltura na escrita, devido à incorporação de bons modelos de estruturação de ideias e à ampliação do vocabulário (FRANCISQUETE, 2015, p. 34).

Diante disso, comungamos com Petit (2009b, p. 100) quando a antropóloga afirma que ler não torna a pessoa virtuosa, não sejamos ingênuos, pois sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou perversos letrados. Petit (2009b) ainda afirma que a leitura é uma experiência singular e, que como toda experiência, implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam.

Por tantas pesquisas já demonstradas percebemos que a formação de leitores não se dá somente por essa via – a do prazer – e nem sempre há a garantia de que esses alunos continuarão leitores durante o seu percurso de vida.

Quanto ao papel do mediador, Francisquete afirma:

Portanto, é necessário que o mediador da leitura aguçe o interesse da criança, para que ela adquira o gosto pela leitura. Para que isso ocorra, primeiramente o professor deve ser um leitor ativo, o que o capacita a ensinar um aluno a ler (FRANCISQUETE, 2015, p. 33).

Discordamos de Francisquete quando a pesquisadora afirma que o professor tem esse caráter “pleno” de mediador, pois encontramos outros pares que irão de encontro a essa mediação na formação de leitores – é uma das constatações de nossa pesquisa.

Petit (2009b, p. 149) traz uma noção mais clara e ampla de quem é esse mediador:

Esse mediador é com frequência um professor, um bibliotecário ou, às vezes, um livreiro, um assistente social ou um animador voluntário de alguma associação, um militante sindical ou político, até um amigo ou alguém com quem cruzamos.

Francisquete (2015) finaliza afirmando que a realização de oficinas fez com que os alunos participassem ativamente das atividades propostas e, assim, buscaram estratégias de leitura porque os seus conhecimentos prévios foram valorizados. A

pesquisadora também afirma que a principal falta de interesse dos alunos pela leitura é a má formação docente.

Outro trabalho que julgamos ser de extrema importância e que traz profundas contribuições ao nosso é o intitulado: “As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola: tensões e influências”, finalizado em 2013, de autoria de Gabriela Rodella de Oliveira.

Em sua tese, Gabriela Rodella de Oliveira nos dá várias pistas sobre esse tema – formação docente, observadas já em sua dissertação de mestrado, com o título “O professor de português e a literatura: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino” (OLIVEIRA, 2008). Em 2013 a pesquisadora retoma algumas dessas pistas:

Nessas condições, a escolarização desses docentes (90% cursaram o ensino básico em escola pública; 87% fizeram o ensino superior em instituição particular; 65% frequentaram o ensino superior no período noturno) constituiu uma formação precária para sujeitos que já carregavam desde a infância a marca da carência no que diz respeito ao acesso aos bens culturais considerados legítimos. Em geral, o contato desses professores com a literatura permanece restrito aos clássicos escolares, a conteúdos relativos a suas práticas de ensino e ao sabor do mercado. Submetidos a longas jornadas de trabalho, a baixos salários e a cursos de formação continuada que não contemplam suas necessidades, os docentes encontram, na realidade, poucas chances de se tornar leitores literários (grande parte indicou a leitura de um *best-seller* como último livro lido ou como livro que gostaria de ler, e entre os autores citados como preferidos estiveram presentes Paulo Coelho, Dan Brown e Augusto Cury) (OLIVEIRA, 2013, p. 25).

A partir das considerações de Oliveira (2013), concordamos que os hábitos de leitura aliados à má formação profissional e continuada nos dão indícios do pouco acesso aos bens culturais e à condição social em classes menos favorecidas em que estão inseridos os professores, de forma geral. Francisquete (2015) ainda aponta, acrescentando às discussões de Oliveira (2013), a falta de exemplo no exercício da leitura e a falta de preocupação na escolha de títulos que despertem o interesse dos alunos.

A tese de Oliveira (2013) teve como objetivo descrever, analisar e interpretar as práticas de leitura literária de adolescentes que frequentam a escola, do primeiro ano do ensino médio de quatro escolas paulistanas – duas da rede pública estadual e duas da rede particular. Participaram do questionário 289 alunos e, posteriormente, da entrevista, 63 alunos.

Oliveira (2013, p. 28) justifica a escolha por essa etapa de vida dos alunos, pois

[...] é a partir da passagem do último ano do ensino fundamental para o primeiro ano do ensino médio que se espera que os adolescentes desenvolvam com as obras literárias uma relação diferenciada, em geral menos voltada para a fruição e mais voltada para a análise e o estudo.

A articulação teórica proposta por Oliveira foi baseada em conceitos da Psicologia Social (Serge Moscovici); provenientes da História Cultural do Livro e da Leitura (Roger Chartier); Pierre Bourdieu, Bernard Lahire, Christian Baudelot, entre outros, advindos da Sociologia; da crítica literária (Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Umberto Eco, em meio a outros; sobre o ensino da leitura literária desenvolvida na França (Jean Marie Goulemot, Annie Rouxel, Vincent Jouve e Max Butlen); e, por último e não menos importantes pesquisadores sobre o ensino da leitura e da literatura no Brasil (Cyana Leahy-Dios, Alice Vieira, Marta Passos Pinheiro), entre outros.

A partir de Bourdieu, Oliveira (2013) traz reflexões sobre o consumo de bens culturais, e entre eles figuram a literatura e os livros. De acordo com o referido teórico, e nas palavras da pesquisadora, a formação do gosto e o consumo de bens culturais são orientados por duas grandes ordens de disposições: “[...] as de ordem ética e as de ordem estética” (OLIVEIRA, 2013, p. 41). Oliveira cita o termo “capital cultural”, conceito criado por Bourdieu para analisar a desigualdade de desempenho escolar de crianças advindas de diversas classes sociais.

[...] Nesse sentido, a cultura escolar, mantenedora da ordem social vigente, seria a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes. O sociólogo ressalta ainda que, muitas vezes, os sujeitos das classes desfavorecidas tendem a reconhecer essa cultura como legítima, sem que, no entanto, tenham tido a possibilidade de conhecê-la (OLIVEIRA, 2013, p. 42).

Oliveira (2013, p. 42) constata que durante o desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado vários professores “escaparam à equação descrita”, tornando-se leitores literários apesar de procedentes das classes populares brasileiras.

A partir desses tensionamentos que podem servir como fonte de investigação sobre os sujeitos serem considerados exceções à regra e ao desenvolvimento de tais disposições em contexto social adverso, Oliveira (2013, p. 43) propõe as seguintes questões:

[...] se para que o adolescente se torne um leitor literário é necessário que ele possa desenvolver disposições estéticas que o levem a práticas específicas desse tipo de leitura, mesmo que ele não seja oriundo de um ambiente em que essas disposições sejam tidas como comuns, como fazê-lo? Será possível? De que modo? Por quais vias? Já acontece? E qual seria a função da escola em um tal projeto?

A tese de Oliveira (2013) diverge em determinado momento da nossa pesquisa quando a autora associa a formação de sujeitos leitores adolescentes às leituras relacionadas ao professor, ao currículo, ao programa, ao vestibular, e que são preteridos da escolha espontânea e pessoal. Podemos apreender que a circunstância desse distanciamento se dá devido ao fato de os alunos já estarem no ensino médio – outra etapa no nível de escolaridade. Nesse sentido, aliamos os sujeitos do nosso trabalho a outros mediadores, que nem sempre estão ligados ao currículo formal prescrito.

Há inúmeras convergências entre as proposições de Oliveira (2013) em sua tese e o nosso trabalho. Vale exemplificá-las a partir das questões também formuladas por nós, em nossa pesquisa:

[...] O que leem os adolescentes? Com quais finalidades? Quando e onde costumam ler? Como chegam aos livros que leem: têm livros em casa, costumam emprestá-los de amigos ou em bibliotecas, têm o hábito de comprá-los em livrarias, costumam ler livros em mídias digitais? Conversam sobre os livros que leem? Têm em seus pais, parentes, amigos e professores modelos de leitores? Consideram-se eles mesmos leitores? Gostam do que a escola lhes pede para ler? [...] (OLIVEIRA, 2013, p. 77).

As perguntas vão diretamente ao encontro do que entendemos sobre as práticas de leitura para e na formação de leitores. Ratificamos ainda que as questões levantadas por nós e por Oliveira nos colocam de frente para um entendimento na constituição leitora dos educandos.

Oliveira finaliza destacando a oportunidade de realizar sua pesquisa em quatro escolas diferentes, cujos alunos pertenciam a estratos sociais bastante distintos, fazendo parte de classes sociais desfavorecidas, de classes intermediárias e de classes altas, nesse caso outro ponto de discordância entre as nossas pesquisas, pois sabemos de nossa limitação ao tempo-espaço do curso de mestrado. Nossa

pesquisa foi realizada com alunos de classe social desfavorecida, de periferia, portanto, não houve o confronto de classes sociais distintas.

A pesquisadora assevera que ao ouvir os adolescentes pesquisados percebeu que eles têm de si uma visão descolada da “cultura legítima”. Suas práticas de leitura são constantemente e cotidianamente relegadas pela escola, como ambiente legítimo das leituras de obras do cânone escolar.

Ao encerrar a nossa revisão de literatura não poderíamos deixar de fora a pesquisa que teve como título: “Práticas e representações de leitura literária no Ifes/*Campus* de Alegre: uma história com rosto e voz”, defendida em 2016, e teve como autora Rosana Carvalho Dias Valtão. A pesquisadora investigou como a leitura literária acontece nesse espaço de ensino mapeando em qual contexto leitor o grupo social dos alunos dessa instituição está inserido, quais são suas estratégias, modos, práticas e representações de leitura e como os sujeitos estudados se apropriam do que leram na escola e fora dela. Valtão (2016) teve como base teórica o trabalho do historiador francês Roger Chartier e os princípios epistemológicos da História Cultural, no que se refere à história do livro, da leitura e da literatura. No desenvolvimento do trabalho foram realizadas pesquisas bibliográfico-documental e de campo, em perspectiva qualitativa, utilizando o método dedutivo.

Durante a pesquisa, Valtão percebeu que as principais vias de acesso e as formas de aquisição do objeto cultural (livro de literatura) acontecem através de empréstimos e trocas entre os próprios alunos e constatou que seus pares são os principais mediadores da leitura literária existente nesse espaço. Nesse momento a pesquisa de Valtão (2016) afina-se com a nossa, pois, no decorrer de nossas análises, encontramos o seguinte resultado no que tange às origens das indicações de leitura: 51,5% dos alunos em nossa pesquisa leem através de dicas de amigos, 8,8% por dicas de alguém da família e 11,8% por intermédio de propaganda. Isso nos indica que, assim como Valtão (2016) constatou, os pares dos adolescentes são os seus principais mediadores.

Valtão (2016) assim como Oliveira (2013) têm a mesma percepção:

Essa percepção de que os jovens leem, mas nem sempre leem o que a escola prescreve, se delineou para nós a partir da observação atenta de

práticas “subterrâneas” de leitura dentro do nosso espaço-tempo de trabalho, ou seja, a prática de leitura permeia o cotidiano escolar, entretanto, parece-nos uma prática que em nada, ou muito pouco, se alia ao trabalho desenvolvido em sala de aula (VALTÃO, 2016, p. 19).

De acordo com essa constatação, percebe-se que os adolescentes e jovens leem, sim, mas, como afirma Valtão (2016), se valem das práticas “subterrâneas”, termo cunhado pela pesquisadora quando se refere “[...] àquelas que acontecem fora do contexto didático de sala de aula, que, muitas vezes, não são contempladas nos planos de ensino, que rompem com a pedagogia escolar” (VALTÃO, 2016, p. 19).

A proposta de trabalho de Valtão (2016) foi conhecer as práticas de leitura dos estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio no *Campus* de Alegre do Ipes, saber que tipos de leitura literária acontecem nessa instituição escolar, bem como conhecer seus principais mediadores.

Quanto ao questionário, Valtão teve como amostra cem (100) respondentes. Após a aplicação a pesquisadora fez um recorte para a realização das entrevistas: alunos leitores, não leitores e mediadores de leitura. No total foram 21 entrevistados, divididos em 4 grupos de alunos.

O primeiro grupo, composto por três alunos, apontado por Valtão, diz respeito aos alunos que mais retiraram livros na biblioteca da escola, em 2013; o segundo grupo, apontado pelos investigados, durante a aplicação do questionário, como os principais mediadores de leitura na escola (5 alunos); o terceiro grupo, formado por leitores em potencial (9 alunos) e o quarto grupo por alunos que não têm o hábito da leitura (6 alunos).

Valtão (2016, p. 132) conclui ao final das entrevistas que

[...] existe, na comunidade de leitores investigada, um paradoxo no que se refere à leitura de literatura: os alunos, em sua maioria, leem, entretanto uma leitura diferente do que a escola gostaria que fosse lido; eles recusam com veemência as obras indicadas pelos professores – são contundentes em referir-se aos clássicos literários –, em contrapartida, questionam a ausência de um trabalho mais expressivo de indicação de leituras, de mediação para o ato de ler, já que consideram atividades importantes para sua formação.

Em consonância com Valtão podemos também perceber esse fato ao ouvir os alunos sujeitos de nossa pesquisa quanto à falta de um trabalho mais sistematizado

com a leitura ou a indicação de leituras e a mediação por parte dos agentes pedagógicos, do contexto escolar habitado por eles.

A partir dos dados revelados no trabalho de Valtão (2016, p. 143) percebeu-se que os alunos leem: 57% deles leem sempre. A pesquisadora constatou ainda que, mesmo a escola possuindo uma biblioteca de qualidade, não há um trabalho eficiente de divulgação e circulação das obras.

Sobre as práticas de leitura dos alunos, Valtão (2016, p. 144-145) assevera:

[...] as leituras dos alunos investigados ultrapassam as fronteiras das práticas escolares; é uma prática cultural que se constrói à margem do cânone, 145 uma leitura marginal, com toda força da palavra. As obras lidas pelos alunos investigados (especificadamente, pelos considerados leitores) são obras de grande apelo comercial, com objetivos mercadológicos, pertencentes à indústria cultural dos best-sellers. Essas obras estão imersas em práticas individuais de leitura, subjetivas, descompromissadas, para prazer imediato, para suprir seu desejo de evasão; [...].

Assim como em nossa pesquisa, aparecem inúmeros títulos ligados à indústria cultural, no trabalho da referida pesquisadora essa ocorrência também se faz presente, de modo notável. Sobre essa questão, Valtão (2016, p. 146) esclarece:

As obras preferidas pelos sujeitos estudados fazem parte das listas dos mais vendidos, publicadas por sites e revistas especializadas. São obras de grande apelo comercial, produções que caracterizam e expandem o mercado do livro, são os famosos best-sellers, representantes de uma importação de produtos da indústria cultural. Leituras que rompem com toda legitimidade do cânone escolar. São essas mesmas obras que aparecem na lista das indicações (e por que não mediação?) dos alunos investigados e na de leituras feitas por indicação.

Apreendemos a partir dos dados coletados e produzidos através da nossa pesquisa e de Valtão que a escola tem “perdido” terreno para uma potente indústria esmagadora que desperta nos adolescentes e jovens o gosto pela leitura, os colocando no centro do furacão editorial e que na maioria das vezes estão suscetíveis ao grande apelo comercial, descrito por Valtão.

A pesquisadora reafirma que, assim como nós, não tem interesse de (des)qualificar quaisquer leituras, não foi seu objetivo – nem o nosso – propor a valorização ou desvalorização de nenhum campo literário. Seu interesse não foi o de promoção de

debate entre a leitura de *best-seller* e leitura canônica, porém, a autora afirma que não pode deixar passar despercebida a maneira como a leitura tipicamente escolar é apropriada pelos alunos:

Vemos, então, que o contexto escolar didatiza a leitura de literatura, não oferece condições para que o aluno se emancipe enquanto leitor e saia da leitura mercadológica com a qual ele é bombardeado todos os dias (VALTÃO, 2016, p. 147).

A escola ainda falha na tentativa da formação de leitores ao promover a literatura dita “clássica” associada ao cumprir tarefas, atribuir valorização, produção de resumos, desestimulando dessa forma os estudantes “bombardeados” pela indústria cultural.

Quanto à mediação, Valtão (2016) propõe que seja feito um trabalho que emancipe e instrua o leitor para a leitura de livros mais densos, de mais difícil conhecimento. Que além de sugerir obras sejam entregues livros, promova-se a transformação do texto dado a ler em, o texto do leitor e que, de fato, favoreça-se sua apropriação. É preciso ainda investir, de acordo com a pesquisadora, nos alunos considerados mediadores de leitura, pois são eles os maiores responsáveis pela circulação de obras literárias no espaço escolar.

Capítulo 3

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

No fundo, o que estava no âmago da pesquisa era tudo o que, no fato de frequentar uma biblioteca e ler, contribui para que nos tornemos um pouco mais agentes de nossas vidas. Tudo o que nos permite encontrar uma margem de jogo no xadrez da sociedade. Tudo o que proporciona uma distância crítica, uma compreensão de si mesmo, do outro, do mundo. Tudo o que permite abrir um pouco o espaço das possibilidades e assim encontrar um lugar – mas um lugar em um mundo, em uma sociedade que transformamos um pouco, onde temos nossa parte, onde nos inscrevemos (PETIT, 2009b, p. 54).

Justificamos, nessa parte, nossas escolhas e explicitamos o modo como ocorreu nossa inserção em campo, a coleta e produção dos dados e a caracterização do município onde se localiza a escola/campo e os sujeitos participantes da pesquisa, em seus aspectos socioeconômicos, culturais e de relação com a leitura.

3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A principal teórica que trata da nossa temática é a antropóloga Michèle Petit (2009a, 2009b; 2013), que irá ao encontro das especificidades da adolescência, principalmente de periferias. Em determinados momentos abordaremos, Antonio Candido (2004), numa proposta irrecusável da literatura como um direito inalienável ao ser humano. É importante ressaltar o estreitamento teórico com o Grupo de Pesquisa Literatura e Educação, onde nos inserimos e a perspectiva da linha de pesquisa “Educação e Linguagens”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da qual essa pesquisa faz parte e, que

Investiga a linguagem verbal, visual e audiovisual nas dimensões históricas, sociais, culturais, estéticas, cognitivas e políticas, em espaços escolares e não-escolares, em diferentes níveis, etapas e modalidades da educação. Desenvolve pesquisas sobre processos ensino-aprendizagens da língua portuguesa, das línguas estrangeiras e da matemática; sobre a alfabetização, a leitura e a escrita; sobre a literatura; sobre arte e educação; sobre a comunicação e as tecnologias; sobre a formação dos profissionais que atuam com a linguagem na educação. Inclui ainda as políticas de educação voltadas para esses objetos e para as questões afeitas a diferenças e a desigualdades sociais (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, acesso em 08 set. 2016).

Embora seja uma antropóloga, autora e pesquisadora que trabalha com jovens leitores em periferias e em contextos extra-escolares, Michèle Petit nos ajuda a entender mais claramente as condições favoráveis da escola para a formação de leitores. A pesquisadora escreve em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009a) que gosta de fazer viajarem as vozes e com alegria imagina que os jovens que ela escutou na França serão ouvidos no Brasil.

Michèle Petit inicialmente trabalhou ao lado de geógrafos em projetos que diziam respeito a países em desenvolvimento; mais tarde sua formação intelectual, que inclui o estudo das línguas orientais vivas e o Doutorado em Letras e Ciências Humanas, foi profundamente marcada pelo encontro com a psicanálise.

A partir de 1992, o interesse crescente pela dimensão simbólica orienta suas pesquisas para a análise da relação entre sujeito e livro, privilegiando a experiência singular do leitor. Coordena, então, um estudo sobre a leitura na zona rural francesa e, logo depois, uma pesquisa sobre o papel das bibliotecas públicas na luta contra os processos de exclusão e segregação, tendo por base entrevistas com jovens marginalizados.

Nos anos seguintes, aprofunda suas reflexões sobre a contribuição da leitura na construção e reconstrução do sujeito, e desenvolveu um estudo sobre as diversas resistências que a difusão da leitura desencadeia. Desde 2004 coordena um programa internacional sobre “a leitura em espaços de crise”, compreendendo tanto situações de guerra ou migrações forçadas como contextos de rápida deterioração econômica e grande violência social. Um dos interesses de Petit (2013, p. 65) é

[...] pelo papel da leitura na descoberta e na construção de si mesmo, um tema que tem sido evocado com frequência pelos leitores que entrevistei. Essa dimensão é evidentemente muito delicada na infância, na adolescência ou na juventude

A pesquisadora inclui a linguagem como elemento nessa construção de si mesmo – no caso, os leitores – e, ao escutá-los, ela afirma que a linguagem não pode ser reduzida a um código, a uma ferramenta de comunicação, a um simples veículo de informações (PETIT, 2013, p. 112). É importante frisar que a referida teórica começou a trabalhar com a leitura, privilegiando ouvir os leitores. Ainda sobre a linguagem, Petit (2013) assevera que quanto mais somos capazes de dar um nome ao que vivemos, às provas que enfrentamos, mais aptos estaremos para viver e tomar certa distância em relação ao que vivemos, e mais aptos estaremos para nos tornarmos sujeitos de nosso próprio destino.

Sobre o ato de ler a escritora nos aconselha a não confundirmos a elaboração da subjetividade com individualismo, nem tampouco sociabilidade com gregarismo¹⁵:

¹⁵ Petit (2013) traz o termo “gregarismo viril” e o relaciona aos jovens que vivem em grupos, na França e, que por imposição de seus pares muitas vezes não se aproximam dos livros. De acordo com os amigos essa posição em relação aos livros os tornaria menos viril, pois o livro evoca uma interioridade e a mesma está diretamente associada à figura feminina.

Ler não nos separa do mundo. Somos introduzidos nele de uma maneira diferente. O mais íntimo tem a ver com o mais universal, e isso modifica a relação com os outros. A leitura pode contribuir, desse modo, para a elaboração de uma identidade que não se baseia no mero antagonismo entre “eles” e “nós”, minha etnia contra a sua, meu clã, meu povo ou meu “território” contra o seu. Pode ajudar a elaborar uma identidade em que não se está reduzido apenas a laços de pertencimentos, mesmo quando se tem orgulho deles, e levar à construção de uma identidade plural, mais flexível, mais adaptável, aberta ao jogo e às mudanças (PETIT, 2013, p. 55).

No ato de ler entendemos que as nossas relações com o outro nos tornam mais “universais” e menos “locais”, sem perder nossa individualidade. A partir dessa identidade menos territorialista estaremos mais plurais e, possivelmente, tornaremos as relações mais propostas à tolerância e às mudanças.

Na França assim como no Brasil, Petit (2013) escreve sobre as queixas provocadas em relação à leitura: “Os jovens não leem nada”, “se lê cada vez menos”, “como fazer para que leiam?” A antropóloga nos provoca sobre os efeitos complexos e ambivalentes desses discursos alarmistas e convencionais de elogio à leitura e nos mostra que por virem dos poderes públicos, dos professores, dos pais ou dos editores, podem ser percebidos como outras tantas ordens ou como forma de controle, de domínio. O “Você deve gostar de ler”, de acordo com a autora pode soar em outras palavras como: “deve desejar o que é obrigatório”. Petit (2013, p. 22) assegura que

[...] Esses discursos deixam pouco espaço para o desejo, estão muitas vezes carregados de angústias, e a criança ou o adolescente o sentem. Ao escutar alguns adolescentes, de diferentes meios, falarem de seu pouco interesse pela leitura, [sic] fiquei surpresa com seus discursos repletos de culpa, muito “versão oficial”: “Sei que eu deveria ler”, “sei que não leio muito”. Estamos em uma situação de obrigação, segundo a qual deveriam ler para satisfazer aos adultos. A leitura, que para as gerações anteriores foi um gesto de recusa, de resistência, é percebida por uma parte dos adolescentes como um gesto asséptico, de conformismo, de submissão.

Para quem estuda a teórica francesa entende que a mesma não faz apologia à não-leitura, mas Petit (2013) nos convoca a questionar “sobre certos recursos por meio dos quais se tenta “reconciliar”, como se diz, os adolescentes com os livros.

Michèle Petit também propõe uma crítica sobre “construir leitores”, como se fôssemos todo-poderosos, ela escreve. Como se tratasse de encontrar uma fórmula de alquimista para modelar não se sabe qual criatura ideal. Paradoxalmente Petit

(2013, p. 38) compara esse sonho de onipotência ao inverso de um sentimento de impotência que perpassa os discursos e que por trás desse título se ouve também um lamento, uma ladainha: eles não leem mais, o que fazer para que leiam, nos deem receitas para que enfim possamos dominar esses leitores potenciais e inatingíveis. A pesquisadora ainda assegura que não devemos nos surpreender com o fato de que para muitos adolescentes a leitura tem um caráter de obrigação: é preciso ler para agradar aos adultos e se muitos jovens resistem aos livros, talvez seja também porque querem que eles os “engulam” a todo custo.

Sem ser alarmista, Petit deixa claro quanto à formação de leitores de que existem fatores propícios ao desenvolvimento da leitura, e que nenhuma receita poderá nos garantir a conversão das pessoas a essa atividade. Ela ainda afirma que, além disso, é muito provável que nem todos possam se tornar leitores.

Um dos postulados na obra de Michèle Petit é o seu afinamento – em alguns momentos – com Antonio Candido (2004) no que diz respeito ao direito aos bens culturais. Petit (2013, p. 23-24) afiança que

Cada um de nós tem direitos culturais: o direito ao saber, mas também o direito ao imaginário, o direito de se apropriar dos bens culturais que contribuem, em todas as idades da vida, à construção ou à descoberta de si mesmo, à abertura para o outro, ao exercício da fantasia, sem a qual não há pensamento, à elaboração do espírito crítico. Cada homem e cada mulher têm direito de pertencer a uma sociedade, a um mundo, através daquilo que produziram aqueles que o compõem: textos, imagens, nos quais escritores e artistas tentam transcrever o mais profundo da experiência humana.

É nessa perspectiva de garantia de direitos que devemos olhar o outro. Que o nosso próximo – e aqui eu escrevo sobre os alunos de classes menos favorecidas – possa ter as mesmas experiências de leituras que os alunos de classes mais favorecidas e que o fator econômico e social possa não ser impeditivo para que essas experiências aconteçam. Deve ser um compromisso de todas as sociedades democráticas, como pedem Candido (2004) e Petit (2013).

Outro ponto que nos une a Petit (2009b, p. 100) é sobre a não concordância da falsa pretensão de muitos em acreditar que a leitura irá nos tornar melhores, ao contrário:

Não é que ler torne a pessoa virtuosa, não sejamos ingênuos: sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou perversos letrados. Mas ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a ideia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua

própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros.

A proposição é que, ao ler, a pessoa exerça de fato sua cidadania. Através do acesso ao conhecimento, da assimilação de múltiplos sentidos, do se colocar no lugar do outro, da apropriação da língua – ou línguas, conhecimento do mundo e de si mesmo e de inúmeras interações sociais que podem surgir a partir do ato da leitura.

Petit (2013) nos alerta para o fato de que (ainda sem sermos ingênuos) não resolveremos os problemas do mundo facilitando o encontro das crianças com os livros. Além disso, Petit (2013) afirma que talvez nem sequer consigamos lhes garantir uma trajetória escolar exitosa, nem que sejam mais virtuosos. Acabando com todas as outras ilusões a autora acrescenta que também não está convencida de que o fato de ser um leitor torne a pessoa mais respeitosa pelo outro, mais democrática, embora a leitura talvez seja um fator necessário, propício, porém, não suficiente, para a democratização de uma sociedade. Petit (2013, p. 146) ainda indaga:

Então por que incitar as crianças a ler? De acordo com o que me disseram os leitores de diferentes meios, a leitura talvez seja uma experiência mais vital que social, ainda que sua prática desigual se deva em grande medida a determinismos sociais, e dela possam obter benefícios sociais em diferentes níveis.

Com isso defendemos junto a Petit a leitura desassociada do controle, da vontade de domínio e da “filantropia”, pois ela assegura a conquista de um tempo e de um espaço íntimo.

Ao trazer Michèle Petit (2009a, 2009b, 2013) como aporte teórico para a nossa pesquisa, advogamos junto à antropóloga o direito aos bens culturais para os que estão à margem do processo real de “cidadania ativa”. Alcançamos que a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando encontram-se em contextos sociais desfavorecidos (PETIT, 2013, p. 31).

Em nossa opção feita em escutar os leitores, assim como Petit em suas pesquisas, foi justamente a tentativa na compreensão de suas práticas e o que eles têm a dizer (compreendemos) faz parte de suas singularidades e “[...] lhes ajudam a dar sentido a suas vidas e a resistir às adversidades [...]” (PETIT, 2013, p. 27).

Apoiamos Michèle Petit (2013, p. 284) no momento em que ela nos informa:

A contribuição vital da leitura na adversidade, observada há muito tempo, não é portanto [sic] o apanágio daqueles que foram introduzidos precocemente nos usos da cultura escrita; tampouco é próprio de uma idade ou de certas gerações.

A contribuição da leitura na adversidade não se caracteriza como privilégio e, sim como uma questão de direito e de cidadania. Petit (2013), em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, reafirma que, para além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui, entre outras possibilidades, uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la.

3.2 O CONCEITO DE MEDIAÇÃO

Para o presente trabalho procuramos dados para o conceito de mediação, pois é a partir dele que percebemos como se dá a formação de leitores em nossa pesquisa. O conceito em Vygotsky nos pareceu relevante por considerá-lo proficiente durante o desenrolar do presente trabalho e, também, a partir das indicações da banca em nossa qualificação.

Em suas pesquisas, o teórico Vygotsky (1930) afirma haver uma diferença no desenvolvimento social ao longo da “evolução” humana. No mundo moderno acontece uma mediação entre os aspectos tecnológicos e psicológicos. Essa mediação pode acontecer nos mais variados espaços sociais em que o adolescente ou a criança transita. O autor propõe a real importância da experiência social no desenvolvimento humano e como ela diretamente está associada ao “crescimento” intelectual dos sujeitos.

[...] pode ser observada em uma sociedade altamente desenvolvida que adquiriu uma estrutura de classes complexa. Aqui a influência da base

sobre a superestrutura psicológica do homem não se dá de forma direta, mas mediada por um grande número de fatores materiais e espirituais muito complexos. Mas, até mesmo aqui, a lei fundamental do desenvolvimento histórico humano, que proclama serem os seres humanos criados pela sociedade na qual vivem e que ela representa o fator determinante na formação de suas personalidades, permanece em vigor (VYGOTSKY, 1930, p. 2).

As pesquisas de Vygotsky o colocam diretamente em contato com o materialismo histórico dialético, em Marx, articulando a constituição dos indivíduos como tal às suas condições materiais, sociais, políticas e históricas.

Entendemos que mesmo fora da escola acontecem processos de mediação não formal, embora continuadas e muitas vezes intencionais, e que outros indivíduos na vida de crianças, jovens e adolescentes intervêm e interferem diretamente em suas formações. A mediação pedagógica que se dá no ambiente escolar muitas vezes acontece posteriormente na história desses sujeitos leitores – pois muitas vezes vem antes a mediação seja de um irmão ou irmã que leu, pai, mãe ou avó. Seja na igreja, em peças de teatro ou na leitura da bíblia. O fato é que nem sempre a escola é o primeiro mediador – e aqui falamos de leitura – na biografia desses alunos.

Vygotsky (1998) nos ajuda a entender através do conceito da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que a criança terá maior desenvolvimento se ela estiver sob a orientação de um adulto ou companheiros mais experientes:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1998, p. 112).

Com isso entendemos que esse adulto ou companheiros mais capazes podem muitas vezes estar na socialização primária da criança. A importância do outro é fundamental para o processo e desenvolvimento social da mesma.

De acordo com Vygotsky (1998), o meio em que a criança está inserida e a mediação social refletirá diretamente em suas intenções e, conseqüentemente, ações através dos “exemplos” de seus pares. A apropriação e produção do conhecimento na criança e, aqui, podemos dizer histórico e culturalmente acumulado se dá a partir dessa interação/mediação social.

O teórico demonstra que é na interação com o outro que os sujeitos se constituem e esse processo é atravessado a partir da mediação do outro: “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 1998, p. 100).

O autor sugere que o papel do outro tem extrema significância na constituição da individualidade da criança podendo vir a ser um amigo, alguém da família e outros. Mais tarde a mediação do professor se faz marcante na vida dos sujeitos. Na visão do pesquisador russo é fundamental essa mediação para que ocorra o desenvolvimento. De acordo com o autor:

[...] o desenvolvimento implica a rejeição do ponto de vista comumente aceito de que o desenvolvimento cognitivo é o resultado de uma acumulação gradual de mudanças isoladas. Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (VYGOTSKY, 1998, p. 96-97).

Vygotsky (1998) avalia que o desenvolvimento não se dá de forma linear e que é preciso considerar o contexto de cada criança e que a aprendizagem de cada ser humano é única, mas também dialética e vários fatores ocorrerão para que esse desenvolvimento se efetive. Não há um desenvolvimento único. A aprendizagem não ocorre de modo unilateral. Ela ocorre num processo de interações sociais humanas e vincula-se diretamente a ações coletivas.

Como seres sociais que somos, apreendemos nossa humanidade através das relações com o outro e com o meio em que estamos inseridos. Oliveira (2011) assevera que

[...] para compreendermos o fundamento sócio-histórico do funcionamento psicológico é o conceito de mediação, que nos remete ao terceiro pressuposto vygotkiano: a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada, sendo os sistemas simbólicos os elementos intermediários entre o sujeito e o mundo (OLIVEIRA, 2011, p. 36).

Diante disso ratificamos que as relações mediadas colocam o homem como ser social e podem humanizá-lo através dessa mediação, que ocorre de forma dialética e provoca a transformação do próprio homem “[...] de biológico em sócio-histórico,

num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 36).

Ainda de acordo com Oliveira (2011), Vygotsky concentrou suas pesquisas nos processos mentais superiores. Esses processos se caracterizam com ações tipicamente humanas: “[...] o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presentes” (OLIVEIRA, 2011, p. 36). A autora nos alerta para o fato de que os processos mentais superiores não estão presentes no indivíduo desde o seu nascimento.

Apreendemos a partir das considerações de Oliveira (2011) que, para termos a compreensão das concepções de Vygotsky, é necessário a elucidação do conceito de mediação, que segundo a pesquisadora: “[...] Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2011, p. 38).

Fica claro para nós que ao considerarmos as pesquisas vygotskianas podemos entender que os seres humanos não possuem relação direta com a natureza, mas, sim, “uma relação mediada” (OLIVEIRA, 2011, p. 40).

De acordo com Oliveira (2016), “[...] Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo — instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural — são fornecidos pelas relações entre os homens” (OLIVEIRA, 2011, p. 63). Daí a importância que Vygotsky dá às interações sociais, pois é através delas que os seres humanos se diferenciam de outros animais. Nesse sentido o termo cultural não está associado apenas ao desenvolvimento econômico do país onde o indivíduo vive ou a profissão de seus pais (OLIVEIRA, 2011, p. 58). A pesquisadora ainda nos elucida que Vygotsky:

Está falando, isto sim, do grupo cultural como fornecendo ao indivíduo um ambiente estruturado, no qual todos os elementos são carregados de significado. Toda a vida humana está impregnada de significações e a influência do mundo social se dá por meio de processos que ocorrem em diversos níveis (OLIVEIRA, 2011, p. 58).

Através das diversas significações que os indivíduos vão se constituindo no seu meio cultural. Elas atravessam diretamente os sujeitos que participam do seu grupo social e é a partir da mediação que os elementos terão significados, dentro de uma perspectiva histórica, diferenciando-os de outros diferentes tipos de animais.

3.3 O ADOLESCENTE E A ESCOLA ATUAL

As pesquisas que se referem à formação de leitores no ensino fundamental II¹⁶ têm deixado uma lacuna no meio acadêmico e fora dele. É necessário um olhar mais atento para o período da adolescência no que tange às práticas de leitura, como mostra Pszczol (2008, p. 14):

Que fique claro que, quando falamos em leitura, não estamos nos limitando à leitura de um texto verbalmente decodificado, como a leitura de livros, jornais ou revistas. Falamos da leitura que vai além da palavra escrita e falamos de várias práticas leitoras: a leitura de sons, de imagens, do entorno, da sociedade que nos circunda, de nossa inserção nessa sociedade, enfim falamos do acesso ao conhecimento e à herança cultural da humanidade. Quem lê a realidade em que está inserido e dela participa ativamente torna-se dono de uma voz e, por conseguinte, mais cidadão. Ao estimular a constituição de um cidadão-leitor, [...] empenha-se para que, como diria Chico Buarque, cada indivíduo não só reconheça a voz do dono, mas seja também o dono de sua voz.

Precisamos entender as peculiaridades dessa fase, em que os adolescentes sentem a necessidade de se inserir e se afirmarem em sua comunidade. É preciso ouvir suas vozes e dar ouvidos às suas angústias. De que lugares vêm esses sujeitos e de como os mesmos se constituem e são constituídos?

A coerência interna do universo ficcional propõe significado para o caos do mundo real. Esse mundo da ficção é eventualmente tão brutal quanto a morte e a violência com as quais a criança pode se deparar em sua vida. Ao contrário, propõe meios para interpretar a realidade e oferece também modelos de coragem, afeto, ternura, amizade que norteiam as esperanças e os ideais dos ouvintes (BAJARD, 2014, p. 27-28).

¹⁶ Usaremos a nomenclatura como “ensino fundamental II”, e que acontece diariamente no cotidiano escolar, porém, deixamos claro que a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) considera Ensino fundamental as séries que vão do 1º ao 9º ano, não fazendo distinção entre fundamental I e II.

Percebe-se que no campo da literatura infantil há uma demanda de pesquisa muito maior e que envolve os discentes do primeiro ciclo escolar. A própria formação de professores, em sua grande maioria, é voltada a esse segmento.

Os adolescentes muitas vezes têm ficado “de lado” devido à pouca contribuição, na literatura, nesse período de vida. É preciso um olhar voltado a essas questões no segundo ciclo de ensino fundamental. Através desse olhar poderemos entender, participar e contribuir na formação de leitores em nossa sociedade. Acreditamos que o espaço não se restrinja apenas aos muros da escola, mas que ele se alarga para além das divisórias do contexto escolar.

A adolescência, segundo Petit (2009b, p. 48-49),

[...] é o período em que se tem a impressão de que o mundo está cheio, os lugares ocupados, as casas construídas, os livros escritos, os conhecimentos constituídos, as árvores plantadas, desde sempre. E que as pessoas se espalham por todos os lugares. Para encontrar um espaço, então, será preciso remover tudo isso que não tem intenção de se deixar remover. Ter quinze anos é, muitas vezes, isso: o mundo está cheio, onde poderei me encaixar?

É nessa busca por direitos e inserção dos excluídos socialmente que defendemos igualdades sociais e culturais, nesse caso principalmente o direito à literatura. Em contrapartida, a instituição “escola” deve propiciar condições para que os alunos avancem para um caminho que lhes dê acesso a uma verdadeira participação na sociedade em que vivem. Não é questão de escolha ou opção, é uma obrigação para com os que estão há muito tempo marginalizados ou alijados do processo educativo. É uma questão de direito.

A escola na contramão de uma sociedade perversa e desumana precisa, de fato, inserir os adolescentes de forma efetiva nos seus objetivos educativos. A partir daí, de acordo com Loureiro (2016, p. 43-44, grifo nosso),

O processo educativo pode ser concebido como um trabalho de tornar o pequeno animal da espécie *Homo Sapiens* (com potencial para ser um *ser humano*) em um indivíduo autônomo e emancipado. Tanto os pais como as escolas têm como objetivo atingir essa meta. Para tanto, como qualquer outro trabalho é preciso saber e projetar a sociedade que se deseja e o tipo de “**indivíduo desejado**” para fazer parte da coletividade. A matéria-prima são as *crianças* que se deseja tirar da condição de puros animais, *nacos de carne* e transformá-los em animais de outro tipo: *humanos*. Para realizar

esse trabalho produzimos as formas, os métodos e as estratégias de intervenção para produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.

É urgente ouvirmos as vozes daqueles que por muito tempo ficaram relegados a segundo plano, quanto às suas angústias, frustrações, inseguranças numa total invisibilidade: política, social e cultural. Precisamos entender em que contexto esses sujeitos se percebem e se sentem no espaço escolar, a partir de uma visão literária.

Silva (2008, p. 9) afirma “[...] que o desempenho escolar de um estudante depende, fundamentalmente, da sua formação como leitor”.

Não acreditamos na leitura e literatura como algum tipo de redenção ou um bem cultural salvacionista, e sim, numa contribuição – bastante fundamental – para a formação social e cultural dos seres humanos. Principalmente os que estão à margem da sociedade, sem os direitos minimamente garantidos. Os desiguais no contexto escolar. É necessário darmos voz e vez a esses excluídos e que muitas vezes saem da escola sem sequer uma formação mínima que os capacite na leitura e escrita. Consoante com Petit (2009b) a leitura pode ser uma via privilegiada para inventar um caminho singular, para construir uma identidade aberta, em evolução, não excludente, e mais ainda a lição que a leitura nos ensina pode ser ainda, como dizem muitos, a de que, antes de pertencer a este ou àquele território, somos seres humanos.

Validamos ainda, junto a Petit, (2009b, p. 43) que,

Ao compartilhar a leitura, [...], cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Compreendemos ainda que somente o acesso, o contato com as obras e a leitura direta das mesmas não são o bastante para que de fato tenhamos “cidadãos-leitores”.

Os adolescentes da periferia, inseridos na escola, têm muito a mostrar o seu potencial, em qual “categoria” os mesmos se “adaptam”. Precisam conhecer e se reconhecer em outros mundos possíveis, habitáveis, fictícios ou não. É necessário buscar suas identidades e percebê-las como o lugar de expansão do repertório das identificações possíveis (PETIT, 2009b).

No entanto, a inserção das pessoas no mundo da leitura e da escrita não é um problema fácil de resolver. A questão da leitura diz respeito a aspectos centrais da cultura de nosso povo, do capital simbólico de que esse povo dispõe para pensar e agir sobre a sua realidade. São pontos centrais da cultura que estão fortemente associados a um leque enorme de determinações sociais e econômicas e sofrem influência de valores e ideologias (PSZCZOL, 2008, p. 21).

É um “ir além” das expectativas, dos juízos de valores de uma escola/sociedade em que esses sujeitos estão, sejam de fato incluídos e ouvidos em suas mais diversas necessidades. Sujeitos esses que começam a ser ouvidos e vistos, pois sempre estiveram à margem do conhecimento, tanto pelo “ser adolescente”, quanto pela condição social de periferia, de “desajustados sociais”. É encontrar na e para além da escola a herança cultural da humanidade mesmo que, de acordo com Petit (2009b, p. 52),

[...] os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória e de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento. Cada um de nós não está apenas ligado a um grupo, um espaço ou um lugar na ordem social, do qual propagamos os traços, gostos, maneiras de fazer e de pensar características de sua classe ou de seu grupo étnico. Ele, ou ela, se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre seu lugar; trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida.

É preciso entender que, apesar de determinismos sociais apontados por Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009a) influenciarem nos destinos de vida de todo ser humano, nos constituímos singularmente na tentativa de encontramos nosso lugar no mundo em relação com outros indivíduos e que efetivamente esse processo faça sentido durante a nossa vida.

3.3.1 Percurso metodológico

O município de Serra onde a pesquisa foi realizada possui potencial turístico bastante desenvolvido e faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória. Destaca-se ainda como o 4º PIB entre os municípios brasileiros.

Fundado na época das Capitânicas Hereditárias, o município conta com morros e litoral privilegiados, perfazendo um total de vinte e três quilômetros de litoral. Na cidade acontecem várias manifestações culturais, como o Congo e o Ciclo Folclórico e Religioso de São Benedito.

Apesar de estar entre os principais municípios do Brasil, a Serra apresenta altos números de violência e crescimento desordenado da população. Há ainda a necessidade de mais investimentos em educação, saúde, habitação e geração de renda para a população serrana. À frente do Executivo Municipal duas correntes políticas alternam-se nos pleitos eleitorais. Entendemos a importância de contextualizar o município onde a pesquisa foi realizada para situar os sujeitos participantes.

No que diz respeito às condições de trabalho e a carreira do professor, de acordo com Vieira (2016):

Dentre os municípios da Grande Vitória, a Serra oferece o maior piso salarial, boas condições de trabalho (planejamento do professor, acesso à internet, assessoramento pedagógico, por exemplo) e também plano de carreira para a formação docente (VIEIRA, 2016, p. 46).

Esclarecemos aqui que com o desmantelamento da educação no Brasil e, conseqüentemente na Serra, através da PEC 241, em que foi aprovado o congelamento nos investimentos na saúde e educação por vinte anos, o plano de carreira para a formação docente, citado por Vieira (2016) foi extinto pela atual administração municipal, em janeiro de 2017. Elucidamos também que as condições de trabalho estão a cada dia mais precárias e há um bombardeio para retirar os direitos conquistados pelos trabalhadores da educação.

O presente estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. Naly da Encarnação Miranda” e está localizada à Avenida Talma Rodrigues Ribeiro – s/nº, no bairro Feu Rosa, município de Serra, estado do Espírito Santo, CEP:

29172-030, com o telefax: (27) 3243-1167 e inscreve seu Conselho de Escola sob o CNPJ: 02583828/0001-45. O ato de criação da referida instituição se deu sob o Decreto de nº 9732/97 juntamente ao de aprovação: 066/2008. Salientamos que a data de criação da escola supracitada ocorreu em 07/07/1997.

A escola oferece atendimento em educação básica, no ensino fundamental a 800 discentes em média e possui 32 turmas regulares. Funciona em dois períodos, sendo o matutino: das 7h00min às 12h00min e o vespertino: das 13h00min às 18h00min. Dentre as 32 turmas regulares, 11 são de 1º ao 5º ano e 5 turmas são de 6º ao 9º ano.

A referida escola fica em um bairro de periferia no município de Serra, que enfrenta diversos problemas sociais, como por exemplo, a violência.

A instituição escolar conta com uma biblioteca ampla, um laboratório de informática, um laboratório de Ciências, um auditório, uma sala de Arte, um refeitório, uma sala de professores e dezesseis salas de aula, sendo que duas dessas salas tinham outras finalidades: uma era sala de vídeo e a outra, sala de um programa extinto na escola (Programa Mais Educação), do governo federal. A maioria dos professores que atua na escola possui licenciatura e pós-graduação *lato sensu*.

Inicialmente aprofundamos a leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola em que aconteceu a pesquisa. O referido documento não contempla ações efetivas no que diz respeito à formação de leitores. Ele apenas traz breves menções a algumas questões da leitura, mas percebemos que não há propostas eficazes que direcionam a leitura ou suas práticas. Por privilegiarmos as vozes dos discentes, aliamos a aplicação de questionários para três turmas de oitavas séries (9º anos) com entrevistas individuais realizadas pela pesquisadora com cinco alunos.

Preferimos como recorte a última etapa do ensino fundamental por entendermos que poucas pesquisas dão visibilidade às práticas literárias desse ciclo e, mais ainda, como ficou comprovado em nossa revisão de literatura: é como se nessa faixa etária os alunos não tivessem o que dizer sobre seus modos e hábitos de leitura.

Apesar de a nossa pesquisa acontecer no espaço escolar formalizado, nos distanciamos das práticas literárias exclusivas do ambiente da sala de aula por entender que desse modo as vozes dos alunos estariam condicionadas à mediação do professor e, nesse caso, priorizamos outros mediadores que ajudam na formação do leitor/aluno do último ano do ensino fundamental.

Inicialmente aplicamos um questionário¹⁷ para as três turmas de oitavas séries (9º anos) da escola (duas no turno matutino e outra no vespertino) a fim de conhecer as práticas, apropriações e representações de leitura dos alunos dessa escola. Ao aplicar o questionário nas três turmas esclarecemos qual era o tema da pesquisa e como eu gostaria de entender a formação dos mesmos, enquanto leitores. Perguntei ainda quem gostaria de participar posteriormente das entrevistas. Inicialmente vinte e dois alunos se propuseram a conversar comigo, em particular. Em momentos futuros realizamos entrevistas estruturadas com cinco alunos, sendo uma do sexo feminino e quatro do sexo masculino, por entender que vinte e duas entrevistas no nosso trabalho ficariam extensas para o período curto do mestrado. Sobre a entrevista como metodologia de trabalho entendemos que “[...] Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social” (FREITAS, 2002, p. 6).

Elucidamos aqui que em nenhum momento não quisemos dar voz e ouvidos aos alunos que ficaram de fora, mas que o recorte feito nos proporcionaria uma maior compreensão da formação dos leitores inseridos na pesquisa. Deixamos registrado aqui que foram aproximadamente duas horas de entrevistas com cinco sujeitos de pesquisa.

A partir das entrevistas com os adolescentes percebemos que vários caminhos poderiam ser possíveis para aprofundarmos as análises de dados e pudéssemos entender as práticas, representações e apropriações de cada um deles, mas à medida que o trabalho avançava, assim como Oliveira (2013, p. 30),

[...] percebemos que o mais importante era, de fato, dar voz ao que pensam os adolescentes sobre suas leituras [...], bem como explicitar as demandas

¹⁷ O questionário está disponível no Apêndice E.

e queixas que eles apresentam, as quais, na maioria das vezes, parecem não ter um espaço de escuta garantido.

Apreendemos a partir de Lüdke e André (2001, p. 34) que,

Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado.

Em determinado momento propusemos aos alunos que escolhessem um pseudônimo para cada um deles e que ficassem à vontade, pois seriam reconhecidos na dissertação com os nomes indicados por eles. Os cinco participantes optaram por nomes relacionados ao que já leram: Evie, personagem de um filme e também da série de livros *Divergente*, de Veronica Roth; Percy Jackson, personagem de livro e filme; Jeff Kinney, escritor norte-americano, da série de livros *Diário de um banana*; Henry Danger, personagem de uma série de TV estadunidense e que estreou no Brasil, no canal Nickelodeon; e, por fim, Darth Vader, personagem do filme Star Wars.

No que diz respeito à metodologia optamos pela perspectiva qualitativa e esclarecemos que o presente trabalho se dá em quatro momentos: o primeiro nas percepções do que é a leitura e o modo como se concebe a categoria “adolescente”; num segundo momento: a pesquisa de campo e a aplicação dos questionários; o terceiro momento: as entrevistas para a produção e análise de dados, num entendimento que é urgente ouvir os alunos e como eles se formam leitores; e num quarto momento: as análises de dados a partir da escuta dos discentes e do que eles têm a nos dizer sobre o que é ser e se tornar leitores CONTRA TUDO E TODOS a partir dos seus contextos.

3.3.2 Procedimentos para a produção de dados

Como optamos num segundo momento pela pesquisa de campo, os questionários e as entrevistas foram sendo elaborados à medida que a pesquisa acontecia. Sobre a técnica para produção e coleta de dados, Gil (2009, p. 55) nos mostra que:

Os dados nos levantamentos, por exemplo, são obtidos mediante aplicação de questionários ou de entrevistas, embora outras técnicas possam ser utilizadas subsidiariamente. Já os estudos de caso requerem a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados. Isto é importante para garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto, bem como para conferir maior credibilidade aos resultados.

Em entendimento a Gil (2009) optamos pelos instrumentos: questionário e entrevistas, que foram preparados na tentativa de conhecimento das práticas de leitura dos adolescentes participantes da pesquisa, de suas representações literárias e na experiência em conhecer outros mediadores no processo de formação do sujeito/leitor. Para garantir a profundidade necessária ao estudo e a inserção do caso em seu contexto, concordamos também com Schwartz (2011, p. 17) quando a autora afirma que

[...] investigar a história do ensino da leitura e da formação do leitor implica fazer o mesmo movimento que se produz para a “escrita da história”. É perceber a história desse ensino e dessa formação como processos, nos quais estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos, silêncios que dizem mais do que qualquer forma de expressão, e que, na maioria das vezes, não foram deixados para o futuro.

Por tentarmos desvelar, trazer à luz os “não ditos”, propostos por Schwartz (2011), é que priorizamos as vozes dos alunos na elucidação das relações que estão imbricadas no processo de formação do leitor.

Nossa decisão quanto aos questionários se deu em virtude de trabalharmos com um número expressivo de alunos, nesse caso: 84; garantia da privacidade dos envolvidos; e, como a pesquisadora aplicaria o instrumento e sanaria todas as dúvidas, entendemos ser eficiente no processo de produção dos dados. A proposta é a de que os questionários seriam aplicados *in loco* para não correremos os riscos de falta de acesso à internet, problemas com devolução e as possíveis dúvidas geradas a partir do referido instrumento. A intenção foi a de serem aplicados em comum acordo com a direção e coordenação da escola em possíveis aulas “vagas”. É importante destacar que o questionário foi estruturado com 15 perguntas fechadas e na questão 16 foi requerida a indicação de dois livros – apontados pelos sujeitos participantes da pesquisa – que mais marcaram a vida dos estudantes.

Numa proposição de entender melhor os diferentes tipos de mediadores na formação dos alunos, o entendimento de suas práticas leitoras, suas representações

e apropriações decidimos em conversa com os alunos, no dia da aplicação dos questionários, quem gostaria de participar das entrevistas, num segundo momento. No total 22 se ofereceram para a participação. Anotamos nome e número de telefones. Esclarece-se que ao tentar contato com vários desses estudantes não obtivemos sucesso: seja por questões de horários não sincronizados, problemas familiares, de tempo, de estágios, entre outros. No final optamos pela entrevista com 5 desses alunos. Quanto à escuta e à análise de dados realizados por nós concordamos com Vieira (2016, p. 44) quando a pesquisadora afirma que

É preciso, portanto, estar consciente do lugar que ocupamos enquanto pesquisadores, bem como do nosso compromisso com aqueles que foram pesquisados e com aquilo que analisamos e escrevemos, visto que retornamos à nossa posição, acrescidos da experiência do outro. Para Bakhtin, a compreensão de cada sujeito é orientada por uma visão do social, a partir daquilo que vivencia, que ouve e observa. Nesse sentido, é feita a interação com o outro. E, nesse processo, constrói-se a compreensão da realidade investigada.

Diante do exposto procuramos uma maior compreensão do tema pesquisado, sem deixar de considerar os diversos sujeitos participantes da pesquisa e as suas experiências como ponto importante do nosso trabalho. Sobre a entrevista o teórico afirma que “[...] é uma das modalidades de relação social” (GIL, 2009, p. 65). Elegemos para a nossa pesquisa entrevistas abertas¹⁸ e esclarecemos que tanto as questões quanto a sua sequência são predeterminadas, mas os entrevistados podem reponder livremente, de acordo com Gil, (2009, p. 64). O autor nos elucida

Esta modalidade de entrevista tem algumas vantagens: (1) dá segurança ao entrevistador, já que este terá sempre uma questão a propor; (2) contribui para obter dados conforme os objetivos definidos, evitando as digressões; e (3) possibilita estabelecer comparações com outras entrevistas.

Pelas vantagens explanadas por Gil, preferimos a opção da entrevista aberta.

Informamos que as entrevistas foram registradas por meio de gravação e, a partir da transcrição das mesmas, ambicionamos através da análise de dados alcançar o objetivo proposto em nossa pesquisa, num diálogo com os alunos sobre os diversos mediadores e suas práticas literárias nas suas formações, enquanto leitores.

¹⁸ O roteiro da entrevista está disponível nos APÊNDICES.

Sobre a análise e interpretação de dados Gil (2009, p. 91-92) assevera que,

[...] assim como na maioria das pesquisas qualitativas, a análise e interpretação é um processo que de certa forma se dá simultaneamente à sua coleta. A rigor, a análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação e a primeira leitura de um documento. [...]. Ao longo desse processo interativo é que o pesquisador vai construindo a análise e a interpretação dos resultados.

Diferente do que aponta Gil (2009) nos distanciamos – em parte – desse modelo de análise e realizamos todas as entrevistas, as leituras dos documentos, a aplicação dos questionários para posteriormente procedermos às análises.

Por se tratar de uma atividade humana que inclui intuição, experiência passada, emoção e atributos pessoais a interpretação de dados, de acordo com Gil (2009, p. 101) não deriva de procedimentos rigorosos, cuidadosamente especificados, mas dos esforços do pesquisador no sentido de conferir significado aos dados.

Diante do exposto buscamos ser o mais fiel possível aos dados obtidos em nossa pesquisa, demonstrando clareza e fidedignidade para que o leitor pudesse de fato, compreender como foi produzido o nosso trabalho. Sem esquecer o respeito aos entrevistados e assunção ao compromisso em respeitar a privacidade de cada um dos alunos envolvidos no presente trabalho.

Capítulo 4

ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

[...] De fato, quando escutamos os leitores, nos surpreende o fato de que os relatos e as frases que lhes falam, que lhes revelam, que lhes ajudam a dar sentido a suas vidas e a resistir às adversidades, são muitas vezes inesperados (PETIT, 2013, p. 27).

4.1 DIÁLOGOS COM OS DISCENTES A PARTIR DOS DADOS

No total foram oitenta e quatro questionários respondidos pelos alunos. A partir das respostas, gráficos foram gerados para nos viabilizar melhor as questões respondidas por eles. Explicitamos que à medida que ocorriam as entrevistas percebemos que as falas dos alunos vinham carregadas de chavões que vêm dos professores, pais, amigos e etc. Nessa percepção entendemos que os estudantes de algum modo querem estar inseridos dentro do mundo literário e necessitam desse reconhecimento.

Diante do aqui exposto, se faz relevante traçarmos um perfil dos entrevistados. Logo, escolhemos as seguintes questões: qual a série em que estuda; mora com quem; vive em casa própria ou alugada; e qual a escolaridade dos pais. Percy Jackson disse que estuda na oitava série (9º ano) um (8ª 1) no turno matutino; vive com o pai, a mãe e o irmão em casa própria. Disse que a mãe fez faculdade em pedagogia e também mestrado. Atualmente, está prestando concurso para se tornar professora. Quanto à escolaridade do pai, afirmou não saber ao certo.

Evie afirmou cursar a oitava série dois (8ª 2), mora em casa própria com o pai e a mãe, e é filha única. Alegou que passa os dias em sua casa ou na casa dos avós, que vivem na residência deles, mas no mesmo quintal da moradia da entrevistada. Afirmou que a mãe cursou até a quarta série e o pai concluiu o curso Técnico em Mecânica.

Jeff Kinney, por sua vez, disse na entrevista que mora com pai, mãe e um irmão de dez anos em casa própria. O outro irmão por parte de pai não vive junto com eles. Henry Danger afirmou que cursa a oitava série um (8ª 1) no turno matutino. Declarou morar com os avós maternos que considera como pai e mãe e com a irmã mais velha em casa própria.

No decorrer das entrevistas voltamos nossa atenção para como se deu a constituição leitora destes alunos e percebemos que a leitura expande os horizontes do leitor, ou seja, ela funciona como uma espécie de link, e ao entrar em contato abrange redimensionamentos não só para outros livros, mas, também, para a compreensão do mundo em que habita.

Logo, nossa preocupação se volta para a trajetória de iniciação e constituição do leitor. Ao refletirmos sobre isso, retomamos a tese de Jauss tal como entendida e sistematizada por Regina Zilberman (1989). Os postulados de Jauss, conforme a autora, se fundamentavam numa nova teoria da literatura, que possuía uma dupla finalidade: o reconhecimento das obras produzidas e sua historicidade e, ao mesmo tempo, a sua qualidade estética sem que uma anulasse a outra.

Jauss elabora um novo conceito de leitor, sugerindo que o foco deva estar direcionado para o leitor ou para a recepção da obra e, não mais, exclusivamente sobre o escritor e sua produção estética. O conceito de leitor postulado por Jauss se define por dois aspectos: a de horizonte de expectativas, uma mistura dos códigos vigentes e da soma das experiências sociais acumuladas, e a da emancipação, relacionada à finalidade e efeito alcançado pela arte, a qual libera seu receptor das percepções que lhe são usuais, que propicia ao leitor uma nova visão da realidade.

Notamos isso em algumas respostas das entrevistas. Vejamos a entrevista de Percy Jackson:

(Entrevistadora/pesquisadora) Você, Percy Jackson, acha que a leitura é importante na vida de um sujeito?

(Percy Jackson): Muito importante.

(Entrevistadora/pesquisadora) É. Por quê?

(Percy Jackson): Porque na leitura, além de você descobrir palavras novas, você melhora sua mente, você imagina as coisas. Leitura ajuda muito nisso.

(Entrevistadora/pesquisadora) Uhum, ok.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí, Percy Jackson, finalizando a trigésima pergunta é... pra você, hoje o que é ser leitor? Você, Percy Jackson?

(Percy Jackson): Pra mim, hoje, ser leitor é ser mais experiente, ser mais inteligente, mais...

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais o quê?

(Percy Jackson): Mais corajoso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais corajoso?

(Percy Jackson): Aham.

Percebemos, a partir da primeira resposta, que a leitura amplia o repertório linguístico do leitor, a leitura permite a imaginação. Ao ser questionado sobre o que é ser leitor, o entrevistado alega que é ser mais experiente, mais inteligente e mais corajoso. Notamos, então, que a leitura pode criar condições para retirar o sujeito de um lugar, mas ela não emancipa o sujeito e lhe dá mais subsídios para enfrentar situações presentes na vida.

Já na entrevista de Evie, obtivemos a seguinte resposta:

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, você acredita que a leitura seja importante na vida de uma pessoa?

(Evie): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Evie): Bom, a leitura além de fazer, é, ter uma imaginação melhor assim, ela te faz ter conhecimento de novas palavras, de como usar as palavras e tudo mais. E, por exemplo: eu tava lendo um livro, O Teorema de Katherine e...

(Entrevistadora/pesquisadora): Teorema?

(Evie): O Teorema de Katherine. É Katherine.

(Entrevistadora/pesquisadora): Katherine?

(Evie): É, mas se escreve Katherine. É, ele tem algumas partes que é em árabe, só que embaixo tem a tradução. Ele é do John Green. Gosto bastante. E...

(Entrevistadora/pesquisadora): O livro é sobre o quê?

(Evie): É, o Colin, personagem principal que por algum motivo macabro assim, nem ele entende desde o início ele só se apaixona por garotas chamadas Katherine. Ele já teve dezenove namoradas chamadas Katherines. E aí na décima nona ele entra em uma pequena depressão e ele chama um amigo dele que, agora, não me recordo o nome, pra sair. Eles fazem uma viagem e aí, eles vão pra cidade de (inaudível) e lá ficam numa fazenda, começam a trabalhar e tal, na casa de uma família. E ele conhece uma menina, a Ali. Aí, ele, é ela tem um namorado que, por coincidência se chama Colin e no final do livro, é... eles acabam ficando juntos. Aí meio que quebra a maldição dele. E o que eu achei interessante nesse livro é que tipo ele, esse Colin é superdotado. Ele sabe falar várias línguas e tal. E a questão do árabe é que eu gostei. Aí, tem a escrita né, só que você não sabe como é que é a pronúncia. Aí eu fui e pesquisei pra ver como é que é e isso eu achei muito interessante.

(Pesquisadora/entrevistadora): Hum, quer dizer que você foi pesquisar a Língua Árabe?

(Evie): É, como é que se pronunciava o jeito que tava escrito. Ai eu achei muito interessante. Então, isso que eu acho interessante dos livros. Não só livros, revistas jornais essas coisas. Porque, às vezes, tem uma coisa que você não conhece e aí você vai e pesquisa pra você saber o que é.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. E, pra você, Evie, finalizando o que é ser leitora pra você? O que que é ser uma pessoa leitora pra você?

(Evie): É um prazer, porque igual eu vejo pessoas da minha idade faixa etária de quatorze, quinze, dezesseis anos. É, essas pessoas não têm interesse de ler tanto assim. E eu me vejo como uma pessoa diferente. Eu acho uma coisa boa. Então, eu não vejo isso como uma coisa ruim e tal, vejo como um prazer, porque eu sou uma pessoa que tem uma imaginação assim a mil. Então, a leitura... às vezes, eu tô estressada assim por alguma coisa que me ocorreu, aí eu vou lá, pego um livro, começo a ler. Nossa, me acalma. Abre a imaginação e é assim, uma coisa muito boa. Relaxa, você tipo é... você, às vezes, lê uma coisa o personagem andou de mansinho, o personagem fez isso, aí você cria aquela cena na sua imaginação. Aí você lê o livro e, por exemplo, logo em seguida lança um filme. Aí você vê, o livro não é desse jeito, é totalmente diferente. Então, eu acho uma coisa muito boa. Realmente, é um prazer muito bom.

As respostas de Evie evidenciam a emancipação que a leitura pode proporcionar, pois esta desinquieta e desestabiliza o leitor a partir do que é apresentado na obra. Nesse caso, a presença de palavras árabes no texto funcionou como estopim para que a leitora buscasse descobrir o que significavam. Assim, a leitura permite descobertas, pois não foi somente com o significado das palavras em outro idioma que a receptora entrou em contato, mas sim com outra cultura existente. O enredo do livro também é muito atraente e configura espaço, situações e a presença de seres ficcionais semelhante aos jovens contemporâneos.

Ao responder sobre o que é ser leitora, Evie ressalta que é um prazer. Também serve como antídoto ao estresse, porque abre a imaginação através do contato com a fantasia.

Jeff Kinney profere as seguintes respostas:

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, entendi. É, você acredita que a leitura, Jeff Kinney, seja importante na vida de uma pessoa?

(Jeff Kinney): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Jeff Kinney): Porque ela traz muitas oportunidades.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. E pra você, Jeff Kinney, fechando as perguntas, o que que hoje é ser leitor pra você? Ah, eu sou o Jeff Kinney, eu sou leitor. O que é isso pra você? O que que é ser leitor?

(Jeff Kinney): Ah, pra mim ser leitor é uma pessoa que fica muito atualizada das coisas. Muito difícil de ser enganado pelas pessoas hoje. O leitor tem muitas oportunidades na vida.

A partir das respostas enunciadas por Jeff Kinney fica evidente a tese postulada por Jauss. A leitura, para este sujeito, então, funciona como algo que possibilita oportunidades, atualização e esperteza. Isto é, a leitura expande os horizontes de expectativa do leitor e o faz repensar a sua ótica sobre a realidade em que vive.

A última entrevista, a de Henry Danger, rendeu os retornos subsequentes:

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, você já falou. E aí Henry Danger, a pergunta, assim que eu acho importante: você acredita que a leitura seja importante na vida de uma pessoa?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Henry Danger): Porque... eu acho tipo assim, existem vários tipos de leitura, no caso como eu. Eu acredito que o que tá na Bíblia é verdade. Aí, ou seja, eu tenho que seguir o que tá na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Na minha opinião. É, aí também tem livros que dizem ser relatos de pessoas e são outros livros pra diversão. Igual, tipo como... é, alguns têm livros se você quer ser um médico, se você quer ser, fazer alguma coisa na área de humanas. Tem que ler muito.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E pra você, o que é ser leitor, Henry Danger? Pra finalizar a entrevista.

(Henry Danger): Ser leitor, na minha opinião, não é você ler, é você gostar de ler. Mesmo que, às vezes, eu conheço um colega meu, ele fez o... ele ia terminar o Ensino Médio com 17. Reprovou, terminou com 16... terminou com 18. Ele, ele não gosta de estudar, mas ele tenta estudar, mas ele não consegue. Aí, ele pede ajuda. Eu considero ele um estudante, uma pessoa que estuda, mais que uma pessoa que fica... mais que uma pessoa que estuda obrigada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Porque ele, ele...

(Entrevistadora/pesquisadora): Ele se esforça.

(Henry Danger): Ele não gosta, mas ele se esforça. É, igual esse ano. Esse ano...

(Entrevistadora/pesquisadora): E você, você sendo leitor, você acha que isso melhora a sua vida? Na escola, fora dela...

(Henry Danger): Sim.

Em relação à primeira pergunta, vemos que, segundo o entrevistado, há vários tipos de leitura e a leitura religiosa serve como um guia não só espiritual, mas também como um arquétipo de modelo na vida. Já leituras que abarquem outros assuntos como os profissionais e por diversão, por exemplo, servem para aperfeiçoamento na área de trabalho e para mera distração, respectivamente. Ao ser questionado sobre o que é ser leitor, Henry Danger ressalta que é gostar de ler, pois, como no exemplo citado pelo próprio aluno, a pessoa pode ler e estudar obrigada, não obtendo sucesso na sua trajetória. Logo, entendemos que a leitura atinge uma finalidade quando é praticada com prazer pelos leitores.

Com o postulado de que toda obra possui o objetivo de emancipar seu destinatário, Jauss propõe uma tipologia do herói, enfatizando que o importante não é a forma pela qual os heróis se apresentaram ao longo do tempo pela história, mas sim, os diversos níveis de recepção dos tempos antigos aos de hoje, que fazem com que o leitor se identifique. Logo, o teórico ressalta que os heróis se concretizam pelas inquietações e respostas que provocam nos leitores.

Percebemos os postulados de Jauss na escolha dos codinomes: Percy Jackson, Jeff Kinney, Evie, Darth Vader e Henry Danger, personagens ou nome de escritores relacionados a livros ou séries, o que nos leva a entender que a leitura contemporânea faz parte de suas vidas e os tocou de tal maneira que fez com que se identificassem com as situações ou seres ficcionais presentes no objeto lido – mesmo que pertencessem, fundamentalmente, à esfera da cultura de massa, que fossem produtos submetidos à lógica da Indústria Cultural. Logo, as obras contemporâneas passam por uma nova roupagem com o intuito de atingirem estes leitores. Isto nos faz refletir, porque “[...] mudam-se os destinatários, mudam-se os

temas e aspectos dessas narrativas e personagens, que passam a ser mais complexas entre os elementos que compõem o discurso narrativo” (BURLAMAQUE; ZANATTA, 2014, p. 143).

Tais considerações se relacionam com os postulados de Jauss como assevera Zilberman (2001, p. 56-57):

Sua premissa é a de que a arte, não sendo meramente reprodução ou reflexo dos eventos sociais, desempenha um papel ativo: ela faz história, porque participa do processo de “pré-formação” e motivação do comportamento social. Como se comunica com o leitor, passa-lhe normas que, enquanto tais, são padrões de atuação. Porque a recepção representa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com uma obra, o leitor tende a se identificar com essas normas, transformadas, assim, em modelos de ação.

Atentamos, então, por meio das respostas obtidas que a leitura é essencial ao ser humano, não só para alcançar sucesso profissional, mas também para a interação com a fantasia, consigo e com o mundo. Somando-se a isso, as questões relativas ao processo de constituição leitora dos alunos de uma escola municipal do município da Serra, no Espírito Santo ganham contornos cada vez mais acentuados na medida em que outros questionamentos são levantados por parte da pesquisadora. Ao indagá-los sobre quem lhes indica livros para leitura e quem são os responsáveis por se tornarem leitores, os alunos responderam o seguinte:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora) Você lê livros por indicação de quem?

(Percy Jackson): Eu procuro mais livros na internet, mas, às vezes, minha mãe indica um livro pra mim também.

(Entrevistadora/pesquisadora) É?

(Percy Jackson): Ou os meus amigos.

(Entrevistadora/pesquisadora) E quando você procura o livro na internet como você faz isso, assim? Tem algum blog, algum site que você procura indicação desses livros?

(Percy Jackson): Não, eu tenho páginas no facebook que eu curto e canais no youtube também que eu vejo.

(Entrevistadora/pesquisadora) Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora) Tem algum youtuber que você, te indica livros assim?

(Percy Jackson): Agora, não.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora) Quem você considera, hoje, assim, puxa vida hoje eu sou um leitor. Quem você considera responsável por você gostar de ler hoje?

(Percy Jackson): Acho que minha mãe. Minha mãe me incentivou muito a ler.

(Entrevistadora/pesquisadora) Sua mãe? Na escola, alguém?

(Percy Jackson): Na escola, não.

(Entrevistadora/pesquisadora) Não?

(Entrevistadora/pesquisadora) A escola, você acha que te incentivou a ler?

(Percy Jackson): Sim, um pouco. Quando eu ia na biblioteca da escola, a bibliotecária assim me incentivava a ler. Meus amigos que ficavam junto comigo na biblioteca também.

(Entrevistadora/pesquisadora) É? Lembra da bibliotecária?

(Percy Jackson): Lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem?

(Percy Jackson): A "Virginia Woolf".

(Entrevistadora/pesquisadora): "Virginia Woolf". O que ela falava pra você?

(Percy Jackson): Ah, ela era muito educada. Tipo deixava a gente ver os livros, ela mostrava livro pra gente, revista assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você levava livros da escola pra casa?

(Percy Jackson): Sim, pegava muitos livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim?

(Entrevistadora/pesquisadora): Você já leu algum livro indicado pela escola, ou por algum professor?

(Percy Jackson): Indicado por professor... já! Teve uma vez que o professor de português.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual o nome dele, lembra?

(Percy Jackson): Fernando Pessoa.

(Entrevistadora/pesquisadora): Fernando Pessoa, aham.

(Percy Jackson): Ele fez um “projetozinho”, pegou um livro lá na biblioteca e deu pra todo mundo ler. Aí, a gente leu o livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual que era o nome do livro? Você lembra?

(Percy Jackson): Lembro não, mas era um livro pequeno, capa dura.

(Entrevistadora/pesquisadora): Era sobre o que o livro?

(Percy Jackson): Era sobre romance, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas não lembra da história?

(Percy Jackson): Não.

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): Você já me respondeu a nove se alguém na sua família é leitor ou leitora. Quem mais te incentivou a ler?

(Evie): Foram os meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. Pode tá incluído os pais. Quem seria a pessoa que fala essa pessoa foi uma das mais importantes pra fazer eu ler, eu ser leitora?

(Evie): Bom, os meus pais, os meus professores. Meus professores foram fundamentais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas você lembra de alguma figura, alguma pessoa que foi assim aquela que mais te incentivou?

(Evie): Ah, a leitura eu vejo assim tipo não adianta uma pessoa falar ah, lê se você não quer. Então, as pessoas sempre me falaram assim ah, lê, assim mais, mas foi uma vontade própria que eu senti gosto. Comecei a ler e senti gosto.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você lê livros por indicação de quem?

(Evie): De amigos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Amigos? Da escola ou fora da escola?

(Evie): Dos dois lugares.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Evie): Amigos de escola, curso... é... família também. Às vezes, diz ah li tal livro, lê também. E também por pesquisa tipo, às vezes, eu to vendo, assistindo um vídeo na internet e a pessoa fala assim ah li tal livro, gostei ou por procurar títulos e gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esses vídeos que você vê pela internet te dão indicação de livro são o que esses vídeos?

(Evie): *Youtubers*. Igual, tem bastante *youtubers* que lançaram livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Evie): Tem Lucas Lirio, Cristian Fevereiro, Kefera. São os que eu acompanho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito.

(Evie): Eles lançaram livros e eu procuro assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, que legal. Você já leu algum livro indicado pela escola? Ou por um professor aqui do Caic?

(Evie): Ai, eu não lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esse professor deu pra turma, ou pra você ó esse livro é legal. Pega lá na biblioteca. Você lembra de algum? Se não lembrar não tem problema.

(Evie): Bom, mas teve uma aula de História que a gente tava falando da época do nazismo né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Com Lucimar?

(Evie): Aham, Lucimar. Gosto bastante dele. É, ai teve, tem um filme que é O menino do pijama listrado e tem o livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Conheço.

(Evie): Ai eu falei que já li e tal e ele que indicou. Mas...

(Entrevistadora/pesquisadora): Acabou que o que você tinha lido teve a ver com o que tava sendo discutido na sala. Mas a escola você não lembra?

(Evie): Aham. Ai, eu não me recordo se ele já viu o filme e tal e eu acabei falando com ele, ah lê o livro, o senhor vai gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas que a escola fez isso pra você, não?

(Evie): É, eu não me recordo.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, pra você assim, você estudou quantos anos assim no Caic?

(Evie): Desde a primeira série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Desde a primeira?

(Evie): Aham.

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): Pra você, Jeff Kinney, quem mais te incentivou a ler?

(Jeff Kinney): Meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? Ele tem o hábito de ler, seu pai e sua mãe?

(Jeff Kinney): Sim.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem que você considera hoje, é... responsável por você gostar de ler?

(Jeff Kinney): Meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? Você acha, Jeff Kinney que você sendo um leitor hoje, a escola te incentivou a isso?

(Jeff Kinney): Incentivou.

(Entrevistadora/pesquisadora): De que modo?

(Jeff Kinney): Incentivou por causa do... das provas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, livros?

(Jeff Kinney): Livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Na biblioteca, você pegava algum livro?

(Jeff Kinney): Pegava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Levava pra casa?

(Jeff Kinney): Levava.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Lembra de algum livro que você pegou no Caic e levou pra casa?

(Jeff Kinney): Eu lembro, o que eu mais gostei foi *Diário de um Banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? No Caic? É, você já leu algum livro indicado por alguém da escola? Por um professor, pedagogo?

(Jeff Kinney): Já.

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

(Jeff Kinney): A bibliotecária. A Clarice Lispector.

(Entrevistadora/pesquisadora): Clarice Lispector? Qual livro ela te indicou?

(Jeff Kinney): Indicou um... eu não lembro o nome. Ele falava sobre as fazenda, como funcionava as máquina.

Henry Danger

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E, que mais te incentivou a ler na sua vida? Uma pessoa que você acha assim que foi fundamental pra que você se tornasse o leitor que você é hoje. Quem mais te incentivou? Na família, na escola...

(Henry Danger): Ninguém.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ninguém?

(Henry Danger): Eu mesmo assim tive (inaudível).

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

(Henry Danger): Porque, no começo quem me fazia ler é saber que eu poderia ler, fazer uma prova, ganhar uma medalha por aquilo. E eu resolvi ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Ai depois disso ninguém nunca mais precisou me mandar ler mais nada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler?

(Henry Danger): Ultimamente não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas teve um tempo que você lembra deles, né? Como você já comentou. Qual a escolaridade dos seus pais?

(Henry Danger): É, meus pais a vó... esse meu pai ele foi até a oitava série e a mãe foi só até a quinta série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quinta série. E seus pais verdadeiros, biológicos, você não mora com eles, né?

(Henry Danger): É, minha mãe que não é minha vó foi até a oitava série e meu pai também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, qual tipo de livros que seus, no caso sua avó e seu avô mais leem?

(Henry Danger): Notícias e livros religiosos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Livros religiosos, aham. É você lê livros por indicação de quem?

(Henry Danger): É... ninguém nunca tinha me indicado a ler um livro. Esse ano eu lia mais livros de sagas assim. Esse ano, eu e o Percy.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas alguém te incentivou assim... alguém te indicou, não?

(Henry Danger): Alguém já me indicou livro, Percy.

(Entrevistadora/pesquisadora): Percy?

(Henry Danger): Ele tinha um livro da... um livro do Percy Jackson, ele trouxe o livro pra cá. Ele falou... eu pedi você me empresta o livro. Ele disse não posso... eu falei um dia vou na sua casa pra ler. Ele disse ta bom.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E quem que você, hoje, considera responsável por você gostar de ler?

(Henry Danger): Eu mesmo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você mesmo?

(Henry Danger): Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha, Henry durante esse tempo que você vem lendo tem gostado dos livros das sagas e outros, você acha que algum momento a escola te incentivou pra isso, pra essa leitura?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Você acha que a escola te incentivou?

(Henry Danger): A escola, algumas coisas. É, nunca nenhuma diretora pediu assim pra ler tipo a Zelia. Os professores. A Juvênia, professora de Geografia, você conhece?

(Entrevistadora/pesquisadora): Conheço, aham.

(Henry Danger): Ela já deu vários tipos de leitura pra você ler. O professor de história tem uma vez que ele tava dando... foi na sexta-série tava dando uma aula, ai não sei quem falou: o senhor leu a Bíblia e ele já, dez vezes. (inaudível)

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Ok. E você já leu algum livro indicado pela escola? Por alguém da escola? Por algum professor, na verdade, professor, pedagogo, diretor?

(Henry Danger): Eu já... não pela escola aqui. Lá no Pré-Ifes. Um professor tinha me indicado a ler só que eu não conseguia, eu não conseguia entender... é, matemática.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Eu gosto de matemática só que eu não consigo entender. Eu peguei um livro que tava escrito geometria aplicada, ai eu li pra ver se eu lembro e comecei a gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): E o professor que te indicou?

(Henry Danger): Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

(Henry Danger): Eu li tipo assim... bom eu não gosto disso. Talvez, se eu tivesse mais indicações, mais coisas me falando melhor sobre isso...

(Entrevistadora/pesquisadora): Te esclarecesse mais...

(Henry Danger): Me esclarecesse mais... talvez eu gostasse, pra pegar um livro pra mim ler.

É possível perceber que as primeiras três respostas relacionadas a quem indica e incentiva à leitura apontaram que o pai ou mãe foram os responsáveis, além de amigos, páginas em redes sociais, no caso, o Facebook e canais no youtube. Somente Henry Danger afirmou ter auto-incentivo para praticar a leitura com o intuito de participar das competições bíblicas da igreja e também indução do amigo, Percy Jackson.

No tocante aos responsáveis que os direcionaram ao gosto da leitura, Percy Jackson afirmou que, na família, a mãe o induziu para o ato de ler e, fora dela, a bibliotecária da escola e os amigos. Já, Jeff Kinney respondeu que, no seio familiar, o incumbido por sua formação leitora foi o pai e, no espaço escolar, a bibliotecária. Evie, por sua vez, enfatizou que os encarregados por sua formação leitora foram os amigos de dentro e fora da escola, amigos de curso além de pesquisas de iniciativa própria na internet de vídeos e canais de youtubers. A entrevistada também afirmou que leu um livro sobre nazismo por indicação de um professor. Henry Danger disse ter tido auto-iniciativa para ler e incentivo dos professores de Geografia, História e Matemática.

Diante do exposto, notamos a importância do papel do mediador de leitura, pois estes estabelecem uma espécie de ligação entre o leitor e o texto. Nesse sentido, formar leitores abarca uma questão de meio social, como também, a relação pessoal, íntima entre o professor, o bibliotecário e o mediador de qualquer natureza (pai, mãe, avô, avó, amigos, youtubers). Em grande parte dos casos, profissionais ligados à educação não costumam ler, ou se limitam a um gênero e quadro de obras

específico. Enquanto isso, os amigos ocupam o lugar de mediadores de leitura ao invés dos professores e bibliotecários que não leem.

Os leitores contemporâneos estão inseridos na era digital, em que possuem ao alcance das mãos os mais variados aparatos tecnológicos, dentre eles smartphones, celulares, tablets, notebooks, etc. Nesse contexto, Santaella (2016) estabelece três perfis de leitores: o movente, o imersivo e o ubíquo. O leitor movente é o leitor que surgiu no século XIX, onde surgiram as primeiras inovações tecnológicas (mídias mecânicas, telégrafo, fotografia, cinema), ou seja, as culturas de massa. O leitor imersivo, por sua vez, é o leitor da cultura digital, da época do surgimento do computador. Já o leitor ubíquo é o do tempo da mobilidade, das grandes transformações no conceito de espaço digital ou ciberespaço. Este tipo de leitor é o leitor contemporâneo, que vemos circulando em espaços físicos como em parques, praças, escolas, shoppings com seus aparelhos digitais em mãos. Ao mencionar sobre as características destes perfis de leitores a estudiosa afirma que,

Do leitor movente, o leitor ubíquo herdou a capacidade de ler e transitar entre as formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, pistas mapas, imagens, passagens entre imagens, enfim esse leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se ao nomadismo próprio da aceleração e burburinho do mundo no qual circulamos em carros, transportes coletivos e velozmente a pé (SANTAELLA, 2016, p. 102).

A partir do novo tipo de leitor que vem se formando na sociedade, é preciso enfatizar o surgimento de outro tipo de mediador digital: os youtubers. No artigo “*Os booktubers e a formação de leitores*”, Burlamaque e Zanatta (2016) abordam uma série de questões acerca da ação dos espaços digitais de leitura e seus mentores na formação de leitores. Segundo as autoras, a leitura é uma ferramenta fundamental para uma melhor compreensão do mundo, além de se relacionar com o sucesso profissional e pessoal do leitor, porque possibilita a ultrapassagem das fronteiras do saber. As novas modalidades de leitura que propiciam ao leitor chegar até um texto literário por meio de ferramentas digitais como cinema, televisão e internet estão cada vez mais frequentes na contemporaneidade.

Conforme as palavras das autoras:

A importância dos *booktubers* e dos clubes de leitura que vêm se formando na rede está em evidência, pois compreendem que a mediação da leitura pressupõe a formação do leitor. Se antes a *web* era considerada uma inimiga dos escritores e editores, na contemporaneidade, os *booktubers* estão mudando esse cenário (BURLAMAQUE, ZANATTA, 2016, p. 223).

No tocante a isso, outros questionamentos também se fazem relevantes para entendermos a trajetória leitora dos alunos entrevistados. Quando a pesquisadora perguntou se quem lê tem mais chance de vencer na vida e se, no momento, estão lendo algum livro, os alunos responderam que:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): As pessoas que leem, pra você, tem mais chance de vencer na vida?

(Percy Jackson): Com certeza.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem? Por que você acha que a pessoa leu mais, ela vai ter mais chance na vida? Por que você acha isso?

(Percy Jackson): Quando a pessoa lê...

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, pode falar.

(Percy Jackson): Acho que lê é muito importante também, porque tem gente que não tem o costume de ler e quando vai ler alguma coisa fala tudo devagar, fala gaguejando.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

(Percy Jackson): E quando você lê, você imagina coisas, você conhece palavras novas, então você fica mais experiente. Mais inteligente.

(Entrevistadora/pesquisadora): E a leitura tem ajudado nisso pra você?

(Percy Jackson): Tem.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem? É?

(Entrevistadora/pesquisadora): Você gosta de ler, ou lê por obrigação?

(Percy Jackson): Não. Eu gosto de ler muito.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você leu, lógico, ou está lendo algum livro?

(Percy Jackson): Tô.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual livro?

(Percy Jackson): Tô lendo agora terceiro livro da série *Heróis do Olimpo*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Heróis do Olimpo*?

(Percy Jackson): É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sabe qual o autor? Lembra?

(Percy Jackson): Ai... esqueci o nome do autor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não tem problema se não souber.

(Entrevistadora/pesquisadora): O livro fala sobre o quê?

(Percy Jackson): Fala sobre semideuses, baseado na mitologia grega. Fala sobre semideuses que lutam contra...

(Entrevistadora/pesquisadora): É uma trilogia?

(Percy Jackson): Na verdade é uma série de cinco livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem indicou esse livro pra você, que você falou?

(Percy Jackson): Quem indicou esse livro? Na verdade, eu acho que eu vi esse livro quando lançou o filme sobre o primeiro livro que é Percy Jackson e o ladrão de raios.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hum, ah, ok.

(Percy Jackson): Aí, eu comecei a ler os outros livros da série. Aí essa série que to lendo agora é do mesmo autor, mas é outra história.

(Entrevistadora/pesquisadora): Compreendi.

(Percy Jackson): Aí, tô lendo.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí, você viu primeiro o filme e depois leu o livro?

(Percy Jackson): É.

(Entrevistadora/pesquisadora): E, e você, assim pensou em ler o livro por causa do filme, alguém indicou, como é que foi?

(Percy Jackson): Na verdade, eu vi o filme, gostei do filme, mas não sabia que tinha o livro. Aí, na biblioteca eu achei um livro desse tema.

(Entrevistadora/pesquisadora): Na biblioteca da escola?

(Percy Jackson): É, na biblioteca da escola. Aí eu comecei a ler, por causa disso.

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, entendi. E você acha que as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

(Evie): Sim. Não as que não leem sejam fracassadas, mas que as pessoas que leem elas têm uma mente mais aberta né. Porque digamos que ela interaja assim, fictício, então interagindo ali elas podem ter uma noção assim. Porque, por exemplo: se a pessoa é tímida ela fica ai, nervosa na hora de conversar com outras pessoas, ai ela começa a interagir nos livros e como igual a eu. Eu meio que converso com os meus livros. Então, na hora dela conversar pessoalmente com uma outra pessoa, ela já vai saber lidar com a situação. Então, eu acho que fica mais fácil.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, você leu, lógico que já pelo que a gente conversou, você está lendo algum livro? Nesse momento?

(Evie): Agora, no momento, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? O último que você leu, lembra?

(Evie): *O teorema de Katherine*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem indicou pra você?

(Evie): Foi a... foi a Gabriela.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gabriela é?

(Evie): Gabriela Pereira da minha turma.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua amiga?

(Evie): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ela que indicou esse livro?

(Evie): É, eu vi que tipo eu sempre gostei do autor John Green. Aí teve uma vez...

(Entrevistadora/pesquisadora): John Lee?

(Evie): John Green.

(Entrevistadora/pesquisadora): John Green? Uhum.

(Evie): Aí eu tava discutindo com ele sobre os livros dele com a minha prima. Ai foi assim, ah eu tenho muita vontade de ler *O teorema de Katherine*. Ai minha prima falou assim, ah eu não gostei muito desse livro, porque é um garoto depressivo e tal. E ai, no momento eu não li. Só que no início do filme... não é filme... é, na metade eu vi que a Gabriela tava com

ele. Ai eu conversei com ela e ela falou assim ó, eu gostei, achei muito bom. Ai eu falei assim quando você terminar de ler, vamo na biblioteca ai você passa ele pra mim? Ela falou assim ta bom. Eu li e achei bastante interessante.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gostou do livro?

(Evie): Gostei.

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. Pra você, Jeff Kinney, as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

(Jeff Kinney): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Jeff Kinney): Porque a pessoa fica mais atualizada, não se deixa enganar por muitas pessoas, tem um conhecimento muito amplo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, perfeito. Você gosta de ler, ou lê por obrigação?

(Jeff Kinney): Eu gosto de ler.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Você leu, lógico ou está lendo algum livro no momento?

(Jeff Kinney): No momento, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? É, você lembra de algum livro aqui que você leu, o título dele?

(Jeff Kinney): Daqui, só lembro do *Diário de um Banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Que foi indicado por?

(Jeff Kinney): Não, eu que levei a Glaura me indicou os livros das fazendas, mas eu não lembro o título.

Henry Danger

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha, Henry Danger, que as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Henry Danger): As pessoas que leem na minha opin... depende de cada pessoa, porque ler não vai te fazer ser uma pessoa melhor. A leitura, pelo

que eu ouvir várias pessoas, eu não sei se é verdade que quanto mais você lê, melhor você escreve.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

(Henry Danger): Não sei se é verdade. Ou seja, a pessoa vai ser melhor. É, mas também depende muito do tipo de leitura que você não vai ser alguém na vida lendo historinha pra sempre.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Você acha que a gente tem que aumentar o grau desta leitura?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): À medida que a gente cresce...

(Henry Danger): Se a gente for fazendo isso vai ser uma pessoa (inaudível).

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Uma pessoa que tem o hábito de leitura.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. É, você está lendo algum livro no momento?

(Henry Danger): No momento... com... agora, não. No ano, agora, passado, todo ano tem umas, umas oito competições, ainda do negócio da igreja municipal que é só das igrejas da Serra, estadual e em janeiro tem o nacional no Rio de Janeiro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Você já foi alguma nacional?

(Henry Danger): Já.

(Entrevistadora/pesquisadora): Já?

(Henry Danger): Aí assim é muito difícil ter tempo pra você ler outro livro. E como eu leio muito durante o ano, agora, em janeiro eu to tirando umas férias de leitura e meu pai trouxe três livros que agora esqueci o título.

(Entrevistadora/pesquisadora): É sobre o quê? São sobre o quê?

(Henry Danger): São sobre a ira de Deus... não é um livro religioso assim. É como se fosse uma história, uma história baseada na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): O outro livro é um negócio acho, tipo de amor, romance. E o outro livro é *Cidade deserta do sol*. Eu nem... um livro daquele da ira de Deus, minha irmã já tinha lido e eu tinha mostrado pra ela. Ela falou que era um livro bom. Eu vou, talvez, eu leia ele esse ano. Agora, pra esse... a primeira competição do ano vai ser em março. É, e... eu, como é em março, muitas... você vai ver poucas as pessoas na igreja. Tem as que ganham medalha e as que não ganham. Ai sempre tem aqueles que ganham a

medalha. Tem gente que se esforça, tem gente que vai por ir, porque é divertido. Ai, eu sou, eu, eu me considero uma pessoa que sempre to ganhando minha medalha. É difícil, mas eu sempre to esperando. Março, muita gente nem sabe, eu fico de olho no site e...

[...]

Notamos que as percepções são as mais variadas possíveis em relação a estes dois questionamentos feitos pela pesquisadora. Conforme Percy Jackson, a leitura propicia o aperfeiçoamento da dicção, expande e melhora o vocabulário. Afirma ler por prazer e, não, por obrigação. Já para Evie, ler abre a mente, propicia a interação com o ser fictício do livro e, por meio disso, resolver conflitos internos e sociais como a timidez, por exemplo. A entrevistada também afirma que a leitura permite que as pessoas interajam com o que acontece no texto, possibilitando e facilitando, então, a convivência no mundo real. A leitura, dessa forma, serve como um motivador para superar traumas e concretizar novas experiências.

De acordo com Jeff Kinney, a leitura permite atualização, conhecimento amplo, além de possibilitar que o leitor não se deixe enganar por pessoas com intenções negativas. Também ressalta que lê por prazer. Henry Danger, por sua vez, enfatiza que quem pratica o ato de ler possui mais chance de vencer na vida, mas isso não torna a pessoa melhor como ser humano. Ler faz melhorar a escrita e um leitor só vai avançar nisso, tornando-se melhor se aumentar o grau de leitura e ter mais hábito pelo mesmo.

Quando foram questionados se estão lendo algum livro, Percy Jackson afirma estar lendo o último da série *Heróis do Olimpo*, que aborda a questão de semideuses e mitologia grega. O primeiro contato foi com o filme *Percy Jackson e o ladrão de raios*, mas quando se deparou com o livro na biblioteca o retirou para ler. Evie afirmou não ler nenhum livro no momento, mas o último fora *O Teorema de Katherine*, indicado por uma colega. Inicialmente, uma prima lhe passou impressões negativas acerca da obra, mas como sua colega lhe informou o oposto, leu todo o livro. Jeff Kinney ressaltou não estar lendo nenhum livro no momento. O último fora *O diário de um Banana* também retirado da biblioteca da escola. Henry Danger, por sua vez, enfatizou que, no momento não estava lendo livro algum. Proferiu que como participava das competições bíblicas da igreja na qual pratica suas atividades religiosas, leu muito durante o ano. Embora estivesse de férias da leitura, seu pai lhe

presenteou com três obras. Um sobre a ira de Deus, histórias baseadas na Bíblia; o outro sobre romance e o terceiro acerca da *Cidade deserta do sol*. Por fim, enfatizou os benefícios que as competições lhe trazem: ganhar medalhas e também, estar sempre atento ao site para participar dos campeonatos.

Podemos notar o grau de envolvimento que estes leitores possuem com a leitura e a maneira como se referem a ela como algo primordial para a vida. Diante disso, os princípios da Estética da Recepção novamente se encontram na fala dos alunos entrevistados. Se retomarmos as reflexões de Zilberman (1989) notaremos que, segundo Jauss, a experiência estética se compõe de três planos: a *Poíesis*, considerada a atividade produtiva, a *Aisthesis*, atividade receptiva e a *Katharsis*, atividade comunicativa, tendo em vista que o significado de uma obra de arte só poderá ser alcançado se o espectador ou leitor vivenciá-la de maneira estética, sendo apresentado a uma visão mais ampla dos eventos para julgá-los.

A *Poíesis* é o primeiro plano e corresponde ao prazer estético de ser o co-autor da obra; o segundo plano é a *Aisthesis* e diz respeito à experiência estética, ao efeito que a obra de arte provoca na renovação da percepção do mundo e a *Katharsis* é a consolidação da identificação que leva o leitor a assumir um novo comportamento social, retomando ideias anteriormente expostas.

Estes leitores são sujeitos que carregam uma história de vida tanto no âmbito pessoal quanto social. No momento em que eles se apropriam da obra, obtêm algo dela, seja de qualquer parte de sua essência, passam a se compreender e compreender o ambiente em que vivem, renovam determinadas atitudes não só sociais, mas também íntimas, identificando-se com algumas situações e personagens, atingem os três planos propostos por Jauss. Logo, “[...] a obra é uma instância mutável devido à participação do leitor (sujeito sócio-histórico), e que não pode ser concebida sem essa relação de troca com o público” (LOTtermann, 2016, p. 118).

Outro fator que volta a ser importante é a questão de alguns alunos afirmarem ter encontrado obras contemporâneas de caráter juvenil na biblioteca da escola. Podemos perceber que há uma preocupação com a atualização do acervo com o objetivo de atender ao público escolar. Petit, em algumas de suas pesquisas,

ênfatiza a importância deste espaço na formação dos leitores e, conseqüentemente, na (re)constituição identitária das pessoas. Conforme a antropóloga, em alguns casos a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra. Assim, “[...] a leitura e a biblioteca são, desse modo, lugares onde alguns encontram armas que os encorajam na afirmação de si mesmos, onde se distanciam do que haviam conhecido até então” (PETIT, 2009b, p. 86).

O livro elabora um mundo próprio, um mundo que é peculiar ao leitor, que projeta suas impressões íntimas no texto, porque vê na história do outro, acontecimentos que lhe são subjetivos. Da melhora no vocabulário, na comunicação oral e escrita, à interação e resolução de conflitos pessoais e sociais, atualização, bem como chegar ao hábito frequente da leitura, então, propicia várias possibilidades ao leitor, devido também, salvo alguns casos, à mediação que receberam na família e na escola.

Diante disso, a presença do mediador é muito importante na trajetória de formação de leitores, pois se vemos, de acordo com Petit (2009a), foi devido às mediações dedicadas de um mediador com apreço pelos livros, que fez com que a apropriação deles fosse alcançada.

Somando-se a isso, vale ressaltar que, embora a escola e a biblioteca ainda sejam os mediadores mais importantes, há outros tipos de influenciadores na trajetória leitora dos estudantes entrevistados. Vejamos as repostas quando questionados sobre quem primeiramente leu algum livro para eles, qual (is) exemplo (s) de leitor (es) eles têm na vida e outras questões que se somam a essas informações como escolaridade dos pais e que tipo de leituras eles mais fazem durante o dia a dia:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem primeiro leu pra você? Você lembra?

(Percy Jackson): N... Acho que foi meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora) Aham. Você não tem assim uma lembrança mais precisa não né de quem leu.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora) E, pra você Percy Jackson, é qual ou quais, se você tiver mais de um exemplo de leitor que você tenha assim, você se

lembra, pra mim na minha família, um exemplo. Meu pai é leitor? Na igreja ou no Caic, no seu círculo de amigos. Pra você, quais os exemplos de leitor que você tem na sua vida?

(Percy Jackson): Na minha vida, eu acho que mais na minha casa sou eu e minha mãe só.

(Entrevistadora/pesquisadora) Você e sua mãe. E na igreja?

(Percy Jackson): Na igreja... inaudível.

(Entrevistadora/pesquisadora): No Caic, um exemplo de leitor que você tenha?

(Percy Jackson): No Caic, tem uns amigos meus que leem. O Darth Vader.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hã, quem mais te incentivou a ler?

(Percy Jackson): Foi meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seus pais, é?

(Entrevistadora/pesquisadora): Hã, seus pais ou responsáveis tem o hábito de ler?

(Percy Jackson): É, como falei, só minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): ok.

(Percy Jackson): Acho que sim.

[...]

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): É, quem primeiro você tem consciência assim, você tem lembrança de quem primeiro leu pra você?

(Evie): Eu não lembro, mas eu acho que foi o meu pai. Ele que sempre mais me pegou assim no meu pé. Não pegou no meu pé, mas me deu incentivo assim pra eu ser alguém na vida. Puxando assim, ah procura estudar pra você não... porque uma família da roça, né, pra não ser igual a eles assim, porque, por exemplo, a minha mãe, ela teve que parar de estudar na quarta série. Aí meu pai, não. Meu pai concluiu tudo, tem técnico e tal. Só que ele não. Meu pai buscou, busca sempre me incentivar. Aí, creio eu que foi ele que me incentivou mais assim.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, qual ou quais exemplos de leitor que você tem? Uma pessoa que você considera leitor, sem ser você. Pode ser na sua casa ou na igreja, ou aqui na escola.

(Evie): Exemplo de leitor...

(Entrevistadora/pesquisadora): É, uma pessoa que você acha que é leitora. Que lê, que...

(Evie): Ah, minha prima. Eu gosto, porque, assim, eu gosto de pegar livros emprestados com ela. Ela tem assim uma coleção. Os meus tios também, eu considero eles leitores.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual tio? Ou quais tios?

(Evie): É, falar o nome?

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode falar o nome.

(Evie): Meu tio Márcio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

(Evie): Eu considero ele leitor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que você considera ele leitor?

(Evie): Bom, porque ele me incentiva. Os meus tios em gerais, eles me incentivam bastante assim como meu pai a ler pra ter conhecimento né e ele, pelo ramo dele assim, apesar de não ser em Letras, ser uma coisa totalmente de Arquitetura, ele sempre procura ler. É, porque ele gosta também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esse tio é arquiteto?

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Seu pai e sua mãe, você considera leitores? Ou não?

(Evie): Sim. Também, meu pai ele gosta bastante de ler jornal, a minha mãe, ela gosta de ler livro.

(Pesquisadora/entrevistadora): Você sempre os vê lendo?

(Evie): Sim.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): É, qual tipo de livro eles mais leem?

(Evie): Bom, é, ambos gostam assim cursinhos evangélicos, mas não só em relação a isso. Eles gostam bastante de ler a Bíblia. Meu pai gosta, não só meu pai, mas minha mãe também gosta de acompanhar jornais, ver as notícias, né. Minha mãe gosta de ler revista, meu pai gosta de entrar em sites assim da internet pra ta acompanhando as coisas do dia a dia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. Vocês são de qual igreja?

(Evie): Mundial do poder de Deus.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí Jeff Kinney, você lembra quem primeiro leu pra você?

(Jeff Kinney): Ah, meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? É? Você lembra quantos anos você tinha?

(Jeff Kinney): Não.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Qual a escolaridade do seu pai e de sua mãe?

(Jeff Kinney): Meu pai... eu acho que ele não completou o Ensino Fundamental, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? E sua mãe?

(Jeff Kinney): Completou o Ensino Fundamental, ela foi até o Médio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Até o Médio? Uhum. E qual o tipo de livros ou é, qual leitura que eles mais fazem? Seu pai e sua mãe? Que tipo de livro eles mais leem?

(Jeff Kinney): Livro religioso.

(Pesquisadora/entrevistadora): Religioso?

(Jeff Kinney): É, de igreja.

(Pesquisadora/entrevistadora): Aham. Da igreja. Você lê livros por indicação de quem?

(Jeff Kinney): Do meu pai e da minha mãe.

[....]

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lê textos religiosos?

(Jeff Kinney): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, qual?

(Jeff Kinney): Eu leio da Ellen White.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ellen White?

(Jeff Kinney): Ellen White, só.

(Entrevistadora/pesquisadora): Só? Bíblia?

(Jeff Kinney): Minha mãe de... Bíblia eu também leio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É, a Ellen White não é da Adventista?

(Jeff Kinney): É que minha mãe é da adventista e meu pai é da Igreja de Deus Internacional lá em Vitória.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, entendi.

(Jeff Kinney): Eles são de religiões diferentes.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí você frequenta as duas religiões ou não?

(Jeff Kinney): Não. Eu frequento mais a do meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas lê Ellen White?

(Jeff Kinney): É que minha mãe indica.

Henry Danger

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lembra, Henry Danger, quem primeiro leu pra você na sua vida?

(Henry Danger): É... leu assim comigo, conversando?

(Entrevistadora/pesquisadora): É, lê um livro junto, ou pra dormir, ou na escola... quem você, assim, tem lembrança leu a primeira vez pra você?

(Henry Danger): Foi é... Ninguém nunca chegou a ler um livro comigo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

(Henry Danger): Não, livro todo. Sempre me contavam algumas historinhas. Lê, nunca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Nem na escola?

(Henry Danger): Nem na escola.

(Pesquisadora/entrevistadora): Então, você não tem uma lembrança de quem primeiro leu para você?

(Henry Danger): Ah, quem leu qualquer coisa pra mim?

(Pesquisadora/entrevistadora): É.

(Henry Danger): Foi, é... minha mãe.

(Pesquisadora/entrevistadora): Sua mãe?

(Henry Danger): Minha vó, minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lembra o que foi que ela leu pra você?

(Henry Danger): É, é, foi... é uma historinha da Bíblia.

[...]

(Pesquisadora/entrevistadora): Ah, foi esse dos juízes. Ok. É, quando eu falo pra você, Henry Danger igual ao que perguntei pro Percy Jackson, que exemplo de leitor, se eu perguntar assim: Henry Danger, fala uma pessoa pra mim que é leitora ou leitor? Uma pessoa que lê. Você conhece. Não importa se seja aqui no Caic, na igreja, na sua casa. Quando eu te pergunto qual o exemplo de leitor que você tem, que nomes você poderia me dar?

(Henry Danger): Teria... Eu poderia dar o nome do pastor da minha igreja?

(Pesquisadora/entrevistadora): Sim. Pode, claro. Como é o nome dele?

(Henry Danger): Lino e a esposa dele, Rute.

(Pesquisadora/entrevistadora): Eles são leitores?

(Henry Danger): São.

(Pesquisadora/entrevistadora): Mais alguém na sua vida?

(Henry Danger): É... uma menina que eu conheci aqui no Caic esse ano. Ela até tá participando aqui.

(Pesquisadora/entrevistadora): Como é que é o nome dela?

(Henry Danger): Miriam.

(Entrevistadora/pesquisadora): Miriam? Uhum. Pra você, ela é exemplo de leitora, pessoa que lê? Uhum.

(Henry Danger): É.

(Pesquisadora/entrevistadora): Ok. É, na sua família, Henry Danger, alguém é leitor ou leitora além de você?

(Henry Danger): A minha mãe, ela... ultimamente, ela lia muito a Bíblia. Ultimamente, ela não ta lendo tanto.

(Pesquisadora/entrevistadora): Entendi.

(Henry Danger): Meu pai, antigamente, lia muito jornal e agora, ele não lê mais. Vê só televisão, então.

(Pesquisadora/entrevistadora): Mas você lembra deles em algum momento lendo né?

(Henry Danger): Lembro.

Observamos que todos os entrevistados afirmaram que a mãe ou o pai foram as primeiras pessoas que leram algum livro para aqueles. Henry Danger alega que a primeira leitura que ouviu foi uma história da Bíblia. Ao serem questionados se possuíam algum exemplo de leitor Percy Jackson afirmou que, em sua casa, a mãe é uma referência quando o assunto é leitura e, na escola, os amigos. Ressaltou que os pais o incentivam muito a ler. Sua mãe é escolarizada, possui mestrado e gosta de ler revista e livros de histórias, enquanto o pai prefere jornais.

Evie enfatizou que na família a prima é um exemplo de leitora e que a leitura serve como uma terapia. Além dessa familiar, o tio que é arquiteto também gosta muito de ler bem como os pais da entrevistada: o pai, jornal e a mãe, livros. Ressaltou que há um incentivo muito grande por parte do pai, escolarizado até o ensino técnico em relação à leitura devido às origens de onde provém: o meio rural. Segundo ela, seu pai crê que quem lê consegue vencer na vida.

Já Jeff Kinney alegou que o pai e a mãe são os exemplos de leitores que ele possui. Embora o pai não tenha concluído o ensino fundamental gosta muito de ler livros religiosos. Jeff lê muito esses tipos de livros devido à indicação da mãe, escolarizada até o ensino médio.

Henry Danger, por sua vez, afirmou que o pastor da igreja é seu exemplo de leitor e uma colega que conheceu na escola. Disse também que, em casa, o pai gostava muito de ler jornal e a mãe, a Bíblia.

Percebemos nitidamente a influência da família num primeiro contato com a leitura, mas há também outra entidade mediadora de presença muito forte: a religião. A religião durante muito tempo influenciou na leitura de seus fiéis, e notamos através da entrevista de Henry Danger que ele ainda faz uso dessa mediação, pois toda a trajetória leitora desse aluno se dá através de textos religiosos.

No tocante à igreja, Petit (2009b, p. 73) nos mostra que o jovem ainda está à mercê de relações totalizadoras, nesse caso, a igreja, com pouco sentimento de individualidade ou subjetividade:

Diante disso, conhecer-se um pouco melhor, poder pensar-se em sua subjetividade, manter um sentimento de individualidade, adquire uma importância ainda maior, acredito, pelo fato de se ficar menos exposto a uma relação totalizadora com um grupo, uma etnia, uma igreja, uma mesquita ou um território, usada como proteção para as crises de identidade, a marginalização política e econômica. Ao ouvirmos os jovens que conhecemos e que evitaram, em sua maioria, essas armadilhas, percebemos que a leitura e a biblioteca podem contribuir na elaboração de uma representação mais complexa, mais rica, de si mesmos, que protege um pouco de se lançarem neste tipo de ilusão, de ficarem paralisados diante de uma imagem. [...].

Se retomarmos os postulados de Alberto Manguel (1997) notaremos que a história da leitura é a história dos leitores e, até parte da Idade Média, os escritores pensavam que seus receptores ouviriam a leitura do texto e, não, o leriam com seus próprios olhos. Nessa época, eram poucas as pessoas que sabiam ler, por isso a prática leitora em voz alta se disseminava e teve forte influência no modo de como eram escritos os textos: letras unidas sem separação fonética, amarradas juntas às frases contínuas. Esse estudioso afirma que a leitura, nesse sentido, se encontrava imersa em uma ideologia religiosa, vista como perigosa. Por esse motivo, era fundamental guiar a leitura dos fiéis, a fim de que não tivessem cumplicidade com o texto.

A obra *O nome da rosa* (2009), de Umberto Eco evidencia tal assertiva. Seu enredo se passa na Idade Média e gira em torno das investigações de uma série de assassinatos misteriosos, cometidos dentro de uma abadia medieval. O frade franciscano Willian de Baskerville auxiliado pelo noviço Adso de Melk investigam a fundo tais acontecimentos mesmo contra a relutância de alguns religiosos do local. Por fim, os investigadores desvendam que as causas dos crimes estavam relacionadas à manutenção de uma biblioteca que continha em segredo obras apócrifas, as quais não seriam aceitas em consenso pela igreja cristã da época. As bordas dos livros continham veneno letal, a fim de que quem ousasse ler tais textos secretos estaria destinado à morte.

Notamos a importância e necessidade de a igreja dominar o conhecimento e, conseqüentemente, os tipos de texto que os devotos liam. Segundo Manguel (1997), um livro que pode ser lido em particular e sobre o qual se pode refletir enquanto os olhos revelam o sentido das palavras não está mais sujeito às orientações ou

esclarecimentos, à censura ou condenação imediata de um ouvinte. A leitura silenciosa permite a comunicação sem testemunhas entre o livro e o leitor, o que fez essa modalidade de leitura se tornar um perigo para os detentores do conhecimento: os integrantes do clero.

O leitor que lê em silêncio “[...] tornou-se cego e surdo ao mundo, às multidões de passantes, às fachadas desbotadas dos edifícios. Ninguém parece notar um leitor que se concentra: retirado, absorto, o leitor torna-se lugar-comum” (MANGUEL, 1997, p. 59). Por causa dessa prática, muitas pessoas foram consideradas hereges e lançadas à fogueira pelos líderes da Santa Inquisição. Essa modalidade de leitura, na qual se prioriza a introspecção e intimidade do leitor, só se tornou usual no Ocidente a partir do século X.

A leitura era considerada um meio de libertação por parte da igreja e, por causa disso, deveria ser moderada e vigiada para que as pessoas não se libertassem e se rebelassem contra o sistema. Se outras leituras como a de folhetim não eram vistas com bons olhos pelo clero, o livro ao alcance dos leitores era a obra sagrada. Logo, a Bíblia se tornava uma alternativa de leitura constante no meio familiar o que, com o passar do tempo, impulsionou a formação de leitores.

Manguel (1997, p. 68), nesse sentido, enfatiza que:

Um livro que pode ser lido em particular e sobre o qual se pode refletir enquanto os olhos revelam o sentido das palavras não está mais sujeito às orientações ou esclarecimentos, à censura ou condenação imediatas de um ouvinte.

Mesmo que os membros da igreja inibissem a liberdade dos leitores poderem ler o que eles desejassem, é inegável a importância da religião na disseminação da leitura que, até nos dias de hoje, influencia pessoas de todas as faixas etárias. Os tipos de leitura realizados pelos pais dos entrevistados concretizam isso. Além do jornal, texto informativo, a Bíblia e livros religiosos são obras presentes no meio familiar desses alunos.

No tocante a essas questões, ao serem questionados se frequentam alguma igreja, os alunos afirmaram que:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você costuma frequentar a igreja?

(Percy Jackson): Sim, frequento.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual igreja?

(Percy Jackson): Igreja São Sebastião. Comunidade São José de Calasanz.

(Entrevistadora/pesquisadora): Católica?

(Percy Jackson): Católica.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): E lá na sua igreja, você apontaria alguém, saberia lembrar de alguém que você considera leitor, na sua igreja? Ou leitora?

(Percy Jackson): Não.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lê textos religiosos?

(Percy Jackson): Textos religiosos... às vezes, eu leio trecho ou outro da Bíblia, mas não muito.

Evie

[...] (Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. Vocês são de qual igreja?

(Evie): Mundial do poder de Deus.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Aqui você respondeu que você costuma frequentar a igreja. Sim, né?

(Evie): Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, se você frequenta alguma igreja, falou que sim, você saberia apontar alguém lá dentro da igreja que você considera leitor? Você tem assim, intimidade com alguém tipo ó tem uma amiga minha que é leitora, uma irmã da igreja ou um irmão da igreja que são leitores?

(Evie): Meu pastor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pastor? Uhum.

(Evie): Ele tem não por ser pastor, mas ser é... ser humano. Dentro da igreja ou não, ele gosta de ter conhecimento assim como eu, você. Ele gosta de ler Bíblia ou livros comuns, jornais, internet.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. Você lê religiosos?

(Evie): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Bíblia? Mais alguma outra?

(Evie): Eu gosto de ler a Bíblia, às vezes, eu entro em sites assim de pesquisa e tal. Às vezes, eu vejo uma palavra, aí eu vou pesquisar.

[...]

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): É. Você costuma frequentar a igreja?

(Jeff Kinney): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Qual igreja?

(Jeff Kinney): É... Igreja de Deus Internacional.

[...]

Henry Danger

[...] (Entrevistadora/pesquisadora): Então, eles te indicam assim né os livros. Aham. Você costuma frequentar a igreja?

(Henry Danger): sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, né? A igreja Batista. É, lá na sua igreja você apontou duas pessoas que você considera leitores né, o pastor e a esposa dele.

(Henry Danger): É, mas tem mais... agora, acabei de lembrar de mais duas pessoas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode falar.

(Henry Danger): São mais duas... quatro. Pode falar o nome dos quatro?

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode, claro!

(Henry Danger): É, sempre foram minhas professoras de escola bíblica.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, da escola da igreja.

(Henry Danger): É, uma era Elza, outra era Zilda, Penha e Elis.

(Entrevistadora/pesquisadora): E todas da igreja?

(Henry Danger): É, algumas pessoas. Alguns professores de escola bíblica que eu já tive na igreja pelo menos alguns leem, pelo que sei leem muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Ok.

(Henry Danger): Não leem só a Bíblia, leem livros que também são religiosos, leem muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, entendi. Você lê textos religiosos?

(Henry Danger): Sim.

Notamos que todos afirmaram frequentar alguma igreja, ou seja, tiveram uma educação religiosa desde cedo na vida. Percy Jackson alegou participar da igreja São Sebastião duas vezes por mês. Afirmou não lembrar se há algum membro da igreja que seja leitor e, também, disse que, às vezes lê trechos da Bíblia. Evie, por sua vez, enfatizou que faz parte da igreja Mundial do Poder de Deus e que o pastor é um exemplo de leitor nessa congregação. Afirmou que gosta de ler a Bíblia e pesquisar em sites, além de na igreja ter uma revista, mas não sabe se é da escola dominical. Já, Jeff Kinney pertence à Igreja de Deus Internacional e não lembra de alguém que seja leitor nessa igreja. Henry Danger participa da Igreja Batista e, além do pastor e da esposa deste, alegou que as professoras de escola bíblica também são pessoas que considera leitoras.

Há uma nítida relação entre os alunos e o poder religioso, isto é, esse, de certa maneira, exerce forte influência no processo de leitura dos entrevistados. A história dos leitores enuncia que a igreja dominou a leitura e seus seguidores por muito tempo. Petit (2009b, p. 44) nos ajuda a entender o poder da igreja que está vinculado ao acesso social dos alunos:

[...] A pobreza impede de participar em uma sociedade, de estar ligado ao mundo através do que produziram aqueles que o integram: esses objetos culturais que circulam e desembocam em outros círculos diferentes do parentesco ou do bairro, que são o espaço do íntimo e do que se compartilha para além das fronteiras do espaço familiar. E para se pensar, se definir, muitas vezes, só resta aos pobres se ligar a uma comunidade mítica ou a um território, mesmo que seja um pedaço de calçada.

Podemos inferir, então, que o acesso ao livro sagrado foi muito importante para que o gosto pela leitura se expandisse e chegasse às proporções que se encontra hoje. Apesar dessa forte herança cultural do poder da igreja, os leitores de hoje também expandem suas leituras para outros livros que não sejam os religiosos.

Durante a época em que os líderes do clero exerciam determinado poder para com seus devotos, o acesso ao livro era muito restrito. Hoje, esse cenário mudou, ainda que aconteça uma situação precária de ausência de bibliotecas, falta de acervo e profissionais da área, notamos um mercado editorial que vem se transformando num aliado para disseminar a leitura. Diante disso, ao serem questionados sobre como possuem acesso aos livros, os alunos da escola Caic Feu Rosa responderam:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): É, como você teve acesso ao livro, aos livros que você leu ou está lendo?

(Percy Jackson): A maioria que eu tô lendo agora tô comprando.

(Pesquisadora/entrevistadora): Comprando?

(Percy Jackson): Comprando. Mas, antes, quando comecei ler eu pegava muito livro na biblioteca.

(Pesquisadora/entrevistadora): Aqui na biblioteca. E agora você tá comprando, os pais né?

(Percy Jackson): Aham.

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É, como você teve, tem acesso ou teve ao livro que leu?

(Evie): Pela biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Só pela biblioteca da escola?

(Evie): Bom, a colega né, eu vi que ela tava usando e pela biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, mas os livros que você tem lido durante a sua vida foi mais ao acesso aqui, a biblioteca, ou assim em casa vocês têm o costume de comprar? Você vai à biblioteca com sua mãe, a livraria e compra ou mais aqui pelo Caic?

(Evie): Bom, pela biblioteca da escola, livros online, emprestado e... é não é costume me dar livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Costume? Uma coisa assim que não é normal?

(Evie): Não, ela não me dá. É, porque tem bastante livros em casa, na minha casa. Aí ela tipo, assim ah lê os livros de casa primeiro que aí a gente compra. Só que, eu gosto... não assim que eu não gosto de ler os livros, só que eu acho que são títulos mais pra adulto.

(Entrevistadora/pesquisadora): Os livros que você tem em casa são mais pra adultos? É?

(Evie): É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dá um exemplo assim que você acha que é pra adulto? Na sua casa.

(Evie): Ah, acho que é o Dom Carmelo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dom Carmelo?

(Evie): É, se eu não me engano.

(Entrevistadora/pesquisadora): É o título ou o autor?

(Evie): É o título. Acho que esse é o título se eu não me engano. Tem... não me recordo não sei o quê... *Fogo lá, A prova de fogo*, alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Evie): Mas, não é assim...

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha que os livros que você tem na sua casa não são pra sua faixa etária é isso?

(Evie): Não que não são pra minha faixa etária, mas assim eu pego assim pra ler e tal e não desperta interesse. Mas, não sei... é, uma coisa que, sei lá. Não é aquela coisa que chama tanto a atenção. Eu gosto de ler vários tipos de livros, mas não é aquela coisa que fica assim...

(Entrevistadora/pesquisadora): Te interesse tanto. Entendi.

(Evie): Não costumo julgar livro pela capa até a hora que começa ler e tal, não é aquela coisa toda.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não te traz tanto interesse né?

(Evie): Aham.

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, ok. É, como você teve acesso ao livro que você tem lido?

(Jeff Kinney): Ah, pelo meu pai, minha mãe... também compram... na biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai e sua mãe compram? Na biblioteca?

(Jeff Kinney): Isso.

(Entrevistadora/pesquisadora): E seu pai e sua mãe tem o hábito de comprar o livro? Ir na livraria comprar, como é que é?

(Jeff Kinney): Não. Quando ele tem muito o hábito de ler ele compra, mas não compra direto.

Henry Danger

(Entrevistadora/pesquisadora): E, normalmente, ele tem o costume de comprar? Não? Então, os livros que você lê, ou leu vêm de onde? Você teve acesso como?

(Henry Danger): Alguns livros eu peguei da biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Daqui da escola.

(Entrevistadora/pesquisadora): E os... pera aí... foram sete, seis ou sete. Os sete livros do Harry Potter minha mãe comprou.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua mãe comprou?

(Henry Danger): Eu falei: você compra, porque eu quero ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ela comprou?

(Henry Danger): Ela comprou.

Através das respostas obtidas, percebemos que todos os entrevistados alegaram que a biblioteca é o local onde conseguem obter os livros. Além disso, Percy Jackson alegou que também tem acesso comprando as obras que lê. Evie, afirmou que usa a Internet para conseguir livros *online* e também pedindo emprestado de outras pessoas. Disse também que possui muitos livros em casa, mas acredita serem para adultos, pois ao pegar para ler não consegue sentir-se atraída pela leitura e citou o título de uma das obras: *Dom Carmelo*. Acreditamos que essa aluna quis se referir a *Dom Casmurro*, o que nos leva a ver que os livros canônicos não se tornam atrativos para jovens leitores. Jeff Kinney, por sua vez, afirmou que, além da biblioteca, o pai e a mãe possibilitam a compra de livros, bem como Henry Danger que pediu para a mãe adquirir a série Harry Potter.

Diante das respostas apresentadas pelos entrevistados, trazemos à luz dessa discussão o que a Sociologia da Leitura enuncia sobre o leitor e a obra. Essa área do conhecimento volta sua preocupação para com os fatores externos que podem influenciar o leitor a ler determinada obra e como esta chega até os leitores. Logo, seu objetivo é analisar o público como participante ativo no processo de produção literária e estudar a ligação entre o texto literário e a sociedade. Também visa entender como as preferências do público interferem na relação pelo gosto de

determinado texto, levando em conta fatores sociais do leitor como tempo, espaço social, cultura, sexo, faixa etária, profissão e preferência religiosa.

Antonio Candido (2000), um dos estudiosos da sociologia da literatura, enuncia que busca-se avaliar melhor as relações entre a obra e o ambiente, compreendendo “[...] que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*” (CANDIDO, 2000, p. 6).

O teórico vai além e postula que o importante é partir de uma análise das relações sociais, a fim de entendê-las e estudá-las no nível sociológico mais profundo, verificando como se dá a estrutura da obra. O que Candido pretende enfatizar é que, ao realizar uma investigação dessa proporção, é possível ressaltar que se considere o elemento social como fator primordial da criação artística, uma vez que a literatura não acontece por si só, mas através de meios sociais.

Conforme Candido (2000), todo escritor depende do público, que passa a ser mediador entre o autor e a obra e sem o qual não há ponto de referência para o autor. Logo, do ponto de vista sociológico, a relação entre autor, obra e público é indissolúvel. O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é, de certo modo, o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Assim, o público é o fator de ligação entre o autor e sua própria obra. Logo, “[...] a literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (CANDIDO, 2000, p. 68).

Em suma, conforme Manguel (1997, p. 6):

E, contudo, em cada caso é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

Podemos compreender o quanto a leitura é importante na formação e constituição da identidade das pessoas. No caso dos sujeitos entrevistados ressaltamos que a

leitura permite não só avançar na escala social, mas também descobrir novos mundos, criar novas possibilidades interiores.

Outra questão levantada foi acerca de algum livro que tenha marcado a história de vida desses leitores:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual livro que você leu, assim Percy Jackson que marcou sua história de vida? Que você fala esse vou levar pra toda vida, pro meu filho? O livro, o mais marcante pra você?

(Percy Jackson): Essa pergunta é difícil.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem um que a gente gosta mais, tipo um filme, não é assim? Ou história em quadrinhos, um personagem? Hoje, se eu te perguntar um livro que marcou sua vida.

(Percy Jackson): Acho que, por enquanto, por enquanto, né, o que mais marcou a minha vida até agora foi o primeiro da série que eu tô lendo agora.

(Entrevistadora/pesquisadora): O primeiro da série?

(Percy Jackson): É, *Os heróis do Olimpo*. O primeiro deles é *O filho de Júpiter*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Os heróis dos Olimpos*?

(Percy Jackson): Os heróis do Olimpo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, tá. *Os heróis do Olimpo*. E qual mais você falou?

(Percy Jackson): O primeiro livro deles é *O filho de Júpiter*.

(Entrevistadora/pesquisadora): O filho?

(Percy Jackson): *de Júpiter*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Júpiter. Ok. Esse foi o primeiro. Aham.

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): E, deixa eu te falar, você... qual o livro que você leu que mais marcou sua história de vida? Sua vida. Você fala esse jamais vou esquecer.

(Evie): Nossa! São tantos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Um assim, bem... se for colocar ele numa lista, um dos que mais impactaram sua vida, você mais ficou com ele na cabeça, que mais chamou atenção.

(Evie): Eu acho que, bom, são três livros assim que eu li e gostei bastante. Que é esse *O teorema Katherine*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *O teorema Katherine*.

(Evie): Quem é você, Alasca?

(Entrevistadora/pesquisadora): *Quem?*

(Evie): *é você, Alasca?*

(Entrevistadora/pesquisadora): *Alasca*.

(Evie): E *A culpa é das estrelas*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *A culpa é das estrelas*. São os que mais você gostou?

(Evie): Aham. Só que *Quem é você, Alasca?* foi um livro que eu li que eu fiquei assim muito impressionada com a história, porque é uma reviravolta total. Você começa a ler o livro. Todos os livros que eu leio eu começo a ler e não quero mais parar, só que você começa a ler... você fica o que que ta acontecendo, é uma coisa muito doida. Ah, tem *Cidades de Papel* também que é como se fosse... é mesma coisa que quem você... não a mesma coisa, mas também é isso. É uma reviravolta total.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Cidade de Papel?*

(Evie): *Cidades de Papel*. Também acontece isso, uma reviravolta. Você fica, no final você fica não acredito que aconteceu isso. Eu fiquei muito impressionada com todos esses. Com o que aconteceu no final.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Evie): Eu gostei bastante de todos eles, mas os que mais me chamaram a atenção foram os dois.

Jeff Kinney

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Aham. É, hoje, Jeff Kinney, assim tem um livro que você leu que mais marcou sua vida?

(Jeff Kinney): Hum, mais marcou...

(Entrevistadora/pesquisadora): É, a gente sempre tem um filme que marcou a vida, ou um poema...

(Jeff Kinney): Eu me lembro de um livro que falava sobre o *bullying*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sobre o *bullying*?

(Jeff Kinney): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra o nome do autor?

(Jeff Kinney): Não.

Henry Danger

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E aí Henry Danger, na vida da gente, sempre tem um filme, um livro né que marcou a gente. No meu caso aqui, como a minha pesquisa é sobre leitura e literatura, eu queria saber de você um livro, hoje, que marcou a sua vida.

(Henry Danger): Um livro hoje...

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode ser mais de um.

(Henry Danger): É...

(Entrevistadora/pesquisadora): Quando eu falo assim nossa, Henry Danger o melhor livro que você leu, mais impactante da sua vida. Pode ser qualquer um.

(Henry Danger): Foi... eu não posso falar que os livros do Harry Potter me impactaram. Eu já tinha visto a série. Os livros como dá pra botar tudo no filme... algumas coisinhas novas assim, só poucas coisas que eu não sabia e fiquei sabendo lendo os livros. Só que de qualquer jeito como eu gosto muito eu tinha a obrigação de ler. Ah, foram dois livros que me incentivaram muito...

(Entrevistadora/pesquisadora): Que te marcaram?

(Henry Danger): Na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Da Bíblia?

(Henry Danger): Foram. O livro de Daniel e o livro de Apocalipse.

(Entrevistadora/pesquisadora): Apocalipse?

(Henry Danger): Apocalipse. Daniel e Apocalipse. São sessenta e oito livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que te marcaram?

(Henry Danger): Porque falam muito... esses dois livros falam muito de profecia, essas coisas. E a Bíblia fala muito de profecia. Em algumas coisas que tem profecia como né, como ele diz que a Bíblia que o livro do Gênesis até o Apocalipse foi uma série de pessoas que escreveram... é, no caso, como dizem a profecia de Jesus ta em Gênesis e ta em Isaías. Só que quando você lia, se você primeiro lesse cada um desses livros sem ler os livros que tavam lá na frente, você não iria entender o que ele estava dizendo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Ou seja, quando eu li esses ai, eu já sabia do que eles tavam se tratando; eles tavam falando de uma coisa que ia acontecer.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Eu... foram livros que eu gostei que me explicou...

(Entrevistadora/pesquisadora): Você chegou a ler a Bíblia toda?

(Henry Danger): Não, ainda não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Ainda não? Você tem mais ou menos ideia de quantos livros você já leu na Bíblia?

(Henry Danger): Foram... foram dezoito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dezoito livros?

(Henry Danger): Uns dezoito.

Com base nas respostas apresentadas, percebemos que a influência da Indústria Cultural e da religião atua diretamente no repertório que marcou a história de vida dos entrevistados: Percy Jackson e Evie. Aquele alegou que o livro que, no momento, mais marcou sua história de vida é *Os filhos de Júpiter*, primeiro da série *Os heróis do Olimpo*. Já, Evie afirmou que várias obras a impressionaram, mas três em especial: *O Teorema de Katherine*, *Quem é você, Alasca?* e *A culpa é das estrelas*. Ao fim da entrevista, lembrou que gostou muito também de *Cidades de papel*.

Jeff Kinney, por sua vez, disse que um livro que marcou sua vida foi sobre *bullying*, mas não recordou o título do texto. Henry Danger enfatizou que, por ter assistido a série Harry Potter antes de ler os livros, estes não o impactaram. Dois livros que o incentivaram muito e o incentivaram muito integram a Bíblia: o livro de Daniel e o livro de Apocalipse, pois tratavam sobre profecia. O entrevistado alegou que o assunto era interessante, pois abordava coisas que iriam acontecer nos livros subsequentes. Ao ser questionado se leu toda a Bíblia, disse que não, porém leu no total 18 livros da obra sagrada.

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados, verificamos que as obras de ficção fazem parte da vida desses alunos e, de certa forma, influenciam na formação de

suas personalidades. Das escrituras sagradas às páginas contemporâneas, os textos exercem efeitos sobre o leitor e, com isso,

O não-dito de cenas aparentemente triviais e os lugares vazios do diálogo incentivam o leitor a ocupar as lacunas com suas projeções. Ele é levado para dentro dos acontecimentos e estimulado a imaginar o não dito com o que é significado. [...] Portanto, o processo de comunicação se põe em movimento e se regula não por causa de um código mas mediante a dialética de mostrar e ocultar. O não dito estimula atos de constituição, mas ao mesmo tempo essa produtividade é controlada pelo dito e este por sua vez deve se modificar quando por fim vem à luz aquilo que se referia (ISER, 1999, p. 106).

Nesse sentido, segundo Iser (1999), o texto possui uma estrutura complexa que dificulta a projeção das múltiplas representações por parte do leitor. Esse, por sua vez, precisa abandonar ou reconsiderar suas representações e, então, experimentar algo que ainda não se encontra dentro de seu horizonte. Para que a comunicação seja bem-sucedida é preciso que a atividade do leitor seja de alguma maneira controlada pelo texto.

O texto, por sua vez, forma um sistema desse tipo de combinações. Neste sistema há um lugar para aquele que deve realizar esta combinação. O lugar sistêmico dá espaço às lacunas que não podem ser preenchidas pelo próprio sistema, mas sim, somente pelo leitor. Essas lacunas regulam a formação das representações do leitor, atividade agora empregada sob as condições que o texto estabelece. Porém, neste sistema há outro lugar marcado por várias negações, no qual o texto e o leitor convergem no momento da leitura.

As lacunas ocultam as relações entre as perspectivas de apresentação do texto e assim incorporam o leitor ao texto para que ele coordene as perspectivas. Assim, os lugares vazios propiciam que o leitor aja dentro do texto e tenha sua atividade controlada pelo texto. Iser também afirma que o leitor se situa por si só em relação ao texto e a assimetria entre texto e leitor estimula a atividade de constituição que recebe uma determinada estrutura devido às lacunas e às negações do texto, ajustando o processo interativo.

Em suma, quando o leitor preenche as lacunas presentes no texto, consegue interpretar e quem sabe, se identificar com o mesmo. Assim, “[...] nas perspectivas

de tais abordagens teóricas, o leitor é o sujeito que lê à sua maneira, levando em consideração seu espaço social e cultural, ao mesmo tempo, que carrega consigo bagagens históricas” (ZANATTA, 2016, p. 03).

No tocante a estas questões, ao serem indagados se consideram leitores, o que a escola deveria fazer para incentivar mais o gosto pela leitura e qual a atitude quando um professor pede para ler um livro que não gostam, as respostas foram as seguintes:

Percy Jackson

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se considera um leitor, Percy Jackson?

(Percy Jackson): Considero.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Percy Jackson): Porque eu gosto muito de ler e falo pros meus pais comprar os livros pra mim, não só pego na biblioteca. Tem uma coleção de livros lá em casa. Tem muito livro de história.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Tem muito livro? Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se lembra com qual idade tinha quando leu seu primeiro livro?

(Percy Jackson): Não lembro. Mas acho que eu já tinha dez anos, ou mais.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): E, é, você tava em qual série quando, você lembra mais ou menos quando você começou a ler mesmo?

(Percy Jackson): Acho que quarta série.

[...]

(Percy Jackson): Hum... o primeiro livro que eu comprei, eu não lembro qual era o ano, mas eu acho que eu tinha doze anos de idade.

(Entrevistadora/pesquisadora): Doze anos? Lembra do título?

(Percy Jackson): Sim, o primeiro livro que eu comprei foi *Turma do Chico Bento Jovem*, *Turma da Mônica Jovem* e... na verdade, o primeiro livro que eu comprei foi *Diário de um banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Diário de um banana*. Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Foi indicação de alguém?

(Percy Jackson): É que tinha um, um cara que passava lá na minha casa, vendia vários livros, era amigo da minha mãe. Aí, um dia ele ofereceu pra nós e a gente pediu pra comprar o livro *Diário de um banana*.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você acha Percy Jackson que o Caic, a escola aqui é, deveria fazer alguma coisa para um maior incentivo pra leitura? Pra vocês alunos? Pros alunos?

(Percy Jackson): Acho que sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): O que você acha que a escola, que nós como escola poderíamos fazer, os pedagogos, professores pra que os alunos lessem mais? Uma sugestão sua, pessoal.

(Percy Jackson): Acho que podia ter um projeto que incentivasse os alunos a ler. Um prêmio pra quem leu mais livro no ano. Alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Percy Jackson): Mas acho que o incentivo mais forte tem que vir do professor.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): E, há o que você faz Percy Jackson quando o professor pede que você leia ou isso já aconteceu, o professor pediu pra você ler algum livro de que você não gostava?

(Percy Jackson): Acho que...

(Entrevistadora/pesquisadora): O que você fez?

(Percy Jackson): Não tem muito livro que eu não gosto. Eu gosto de vários livros também. Quando o professor pede pra eu ler um livro, eu vou lá e leio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha que isso faz parte da obrigação? Como aluno?

(Percy Jackson): É.

[...]

Evie

(Entrevistadora/pesquisadora): E a pergunta quatro é essa: você se considera uma leitora?

(Evie): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Evie): Eu gosto bastante de ler. É, aqui igual tem a biblioteca na escola. Eu procuro vim procurar livros. É, minha prima também eu pego livros emprestados com ela e quando eu não to com um livro assim, na mão eu to na internet procurando livros, revistas, jornais, essas coisas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, pergunta cinco. Você se lembra com qual idade tinha quando leu o primeiro livro?

(Evie): Ah, acho que uns sete anos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra do título do livro?

(Evie): É, contos de fadas, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Contos de fadas? Mas não lembra qual?

(Evie): Não, sempre fui... lembro que é, aqueles livros que eles sempre veem vários contos. Eu sempre gostei muito de *A pequena sereia* e *A Bela e a Fera*, mas não lembro qual dos dois foi o primeiro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você aprendeu a ler com quantos anos?

(Evie): Olha, eu não sei só que eu sempre fui uma aluna que quis procurar assim aprender. Só que acho que foi um pouco antes dos sete...

(Entrevistadora/pesquisadora): Um pouco antes dos sete?

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): O que pra você, o que a escola deveria fazer para incentivar mais a leitura dos alunos?

(Evie): Nossa.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você tem assim, ah acho que se a escola tivesse feito isso eu teria lido mais, os meus amigos ou se tem alguma coisa que você poderia propor. No momento não se lembra...

(Evie): Ah, acho que projetos de leitura né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Projetos de leitura.

(Evie): Porque igual, esse ano foi no último ano e tal, aí eu até conversava com o professores, pedagogas, diretora da gente fazer alguma coisa diferente né, porque todo ano sempre as mesmas coisas, só sala de aula, sala de aula. Fazer, tipo tirar ao menos uma aula por semana, dar livro pro aluno lê, alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi.

(Evie): Eu acho interessante por causa... deixa eu ver... como eu era na primeira série tinha isso, não de leitura assim, dá pro aluno ler, mas a professora levava a gente pra biblioteca e ela deixava a gente um tempinho livre pra gente ver livros e tal. Depois ela escolhia um livro e lia pra gente. Isso era bastante interessante. É, eu sei que nas séries iniciais não sei se é aqui ou se é na creche tem um dia que é o dia do brinquedo assim. Os

alunos levam brinquedos e eles ficam brincando lá. Eu acho que deveria ter pelo menos um dia pelo menos uma aula, assim pros alunos lerem. Eu acho que isso ia incentivar bastante.

[...]

Jeff Kinney

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. E você, normalmente, você gosta de ler o quê?

(Jeff Kinney): É, eu gosto de ler revistas e jornais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lê revistas relacionadas a quê?

(Jeff Kinney): É, temas gerais tipo essas coisas gerais, ciência.

[...]

Henry Danger

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Uma historinha da Bíblia? Uhum. Você se considera um leitor?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

(Henry Danger): Porque, é... leitor, eu acho que é uma pessoa que gosta de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim.

(Henry Danger): E eu, um na minha família, quase ninguém nunca gostou de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

(Henry Danger): Eu sempre escutei que eu tinha que ler, só que ninguém lia, não tinha exemplo nenhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É mesmo?

(Henry Danger): Aí eu não gostava de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): E quem falava pra você que era pra você ler? Você tem que ler!

[...]

(Henry Danger): Minha mãe, minhas tias.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Mas você não via ninguém lendo?

(Henry Danger): Não via ninguém lendo. Aí falavam que eu tinha que ler, como que eu ia ler, não via ninguém lendo.

[...]

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito. Aham. Henry Danger, nessa sua vida de agora adolescente, você já ta caminhando pra juventude, essa questão com os livros que você gosta e tal, você acha que a escola deve ria fazer algo pra um maior incentivo com a leitura?

(Henry Danger): Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): O quê? Que sugestão você poderia dar pros seus colegas que vem por ai, pra sua irmã? Um movimento que a escola faça, alguma ação que a escola faça pra que... uma sugestão mesmo que você tenha uma maior incentivo com a leitura?

(Henry Danger): Primeiro tem que, na minha opinião, fazer uma biblioteca melhor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Fazer uma biblioteca melhor.

(Henry Danger): A nossa biblioteca tem... poucas varie... tem muito livro, só que tem... não é os livros que o pessoal quer ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Henry Danger): Livros mais, tipos algumas sagas, coisas que incentivem os jovens a ler e de começo assim, sei lá, a escola faça, pega alguns tipos de livro. Livros comuns que as pessoas jovens gostam de ler. E a pessoa, ai... quando a escola fazia isso, já tinha provas preparadas pra isso. A pessoa vai ler, vai fazer uma prova. Depende sei lá...a média da prova é sete. Se você tirar sete nessa prova vai ganhar três pontos extras.

[...]

Percy Jackson alegou que se considera leitor porque gosta muito de ler e pede para os pais comprarem livros, além de usar a biblioteca como fonte. Afirmou também que possui uma coleção de livros em casa, principalmente de história. Leu seu primeiro livro aos dez anos quando estudava na quarta série. Aos doze, adquiriu seu primeiro livro, *O diário de um banana*, de um vendedor que passou por sua casa. Segundo o entrevistado, a escola deveria desenvolver mais projetos que incentivassem os alunos a ler e que o maior incentivo deve vir do professor. Afirmou que quando o professor pede para que leia algo de que não gosta, ele lê porque faz parte da obrigação do aluno. Também, alegou que não há livros que não aprecie ler.

Evie enunciou que gosta muito de ler. Tem acesso aos livros na biblioteca, tomando emprestado de uma prima e sempre pesquisa na internet jornais, revistas. Aos sete anos teve o primeiro contato com a leitura através de um conto de fadas, mas não recordou se a história foi *A pequena sereia* ou *A bela e a fera*. Afirmou que em casa possui muitos livros, mas não lembra a idade em que ganhou sua primeira obra. Conforme a entrevista, seu primeiro livro ainda está guardado e se chama *Cinquenta*. Conforme Evie, a escola deveria fazer projetos de leitura, atividades diferenciadas como, por exemplo, uma vez por semana dar um livro para o aluno ler como ocorria na primeira série quando a professora levava os alunos para a biblioteca e os deixava escolher livros. Após isso, a docente escolhia um livro e lia para a turma. Afirmou que nunca aconteceu de um professor pedir que ela lesse um livro de que não gostasse, mas, se caso ocorresse, leria com vontade.

Jeff Kinney se considera leitor, porque lê revista de assuntos gerais, mas não lembra quando leu seu primeiro livro, embora tenha aprendido a ler com quatro ou cinco anos. Também não recordou a idade com que ganhou seu primeiro livro. De acordo com este aluno, o professor deveria levar mais para a biblioteca, porque nesse ano não foram. Ele por iniciativa própria frequentava a biblioteca antes de iniciar a aula e do recreio. Alegou também que se um professor pedisse para ler um livro que não gostasse, leria para não parecer indelicado ao professor.

Henry Danger, por sua vez, enunciou que se considera leitor, porque gosta de ler. Na família ninguém lia, mas era muito incentivado pela mãe e pelas tias a praticar tal atividade se almejasse ser alguém na vida. Enunciou que a escola deveria fazer uma biblioteca melhor para incentivar a leitura, além de adquirir livros que os jovens gostam de ler como sagas. A partir disso, o professor poderia fazer uma prova valendo nota 7,0 para comprovar que os alunos leram a obra. Caso isso se confirmasse ganhariam 3,0 pontos a mais como recompensa na nota. O aluno alegou que nenhum professor pediu que ele lesse um livro que não apreciasse. Mas teve duas situações que chamaram atenção. Uma relacionada a um professor de História, que lia o assunto e explicava de uma maneira legal; a outra, não muito favorável, dizia respeito às aulas de Geografia, nas quais a professora pedia para os alunos lerem o conteúdo e, depois, ela explicava com suas próprias palavras. Henry

Danger alegou prestar atenção somente quando a professora proferia o assunto sem a leitura no livro.

Notamos, a partir da fala dos alunos entrevistados, que ainda falta muito incentivo à leitura por parte da escola, o que é muito preocupante, tendo em vista que este é um dos espaços onde se desenvolvem as práticas culturais e intelectuais dos estudantes. Conforme Zilberman (2009), o papel original da escola é intermediar as relações entre o ser humano e a escrita, ampliando-se e convertendo-se na principal ponte entre seu usuário. Isto se dá, porque o estudante inicia sua trajetória pelo ensino e a escolarização, então, torna-se obrigatória desde os primeiros anos de vida e a cultura, sendo a aquisição da leitura uma das condições da aprendizagem. A leitura “[...] passa a ocupar o primeiro plano, em detrimento de outras modalidades de percepção e representação da realidade, vindo a funcionar como a porta de entrada do jovem ao universo do conhecimento” (ZILBERMAN, 2009, p. 22).

Enfatizamos que até nos dias de hoje a leitura significa diferenciação, poder. A leitura além de possibilitar a melhora no vocabulário, na dicção, possibilita ampliar e aperfeiçoar conhecimentos e a escola é o lugar que deve possibilitar essa prática aos alunos. Logo, a leitura viabiliza ler a cultura não ordinária, não cotidiana e imediata, o que acaba por resultar na emancipação dos alunos, capaz de formar suas próprias ideias, opiniões e tomar suas próprias decisões.

A leitura da literatura, nesse sentido, propicia ao leitor ler o mundo ao seu redor, passado, presente e se identificar com as situações da obra, pois “[...] as palavras se transformam em seres, ações e emoções na imaginação, os quais são apreendidos como se fossem vividos e não puramente pensados e sentidos” (BORDINI, 2011, p. 88).

O texto literário nada mais é que uma arte mimética dos contornos físicos e psicológicos do receptor, que permite a criação de espaços leitores onde ele possa se perder, se encontrar e se reencontrar. A leitura além do mais pode ser “[...] um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado” (PETIT, 2013, p. 41).

Nesse sentido, a escola como o lugar mais importante da sociedade precisa repensar o seu papel na disseminação da leitura. Zilberman ainda afirma que (2009, p. 30):

Assim, a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura. Para evitar esse resultado, cabe entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária. Pois, acreditando que o ato de ler, em decorrência de sua natureza, se reveste de uma aptidão cognitiva, esta só se complementa na companhia do texto que demanda seu exercício.

Em suma, a escola, como espaço de formação dos sujeitos, tem a função de mostrar tais possibilidades e contribuir para o aperfeiçoamento cognitivo dos alunos, uma vez que o ato de ler caracteriza uma relação intelectual entre o ser humano e o mundo que habita.

A biblioteca, outra parte integrante do ambiente escolar que foi mencionada pelos alunos entrevistados. Podemos perceber que tal espaço, embora contenha um acervo considerável, ainda não é muito explorado pelos professores. As sugestões proferidas pelos alunos evidenciam que há falta de um contato maior com a biblioteca e com a atualização do acervo, que nas palavras de Henry Danger, a escola deveria adquirir obras contemporâneas da área juvenil que os jovens gostem de ler. A partir desta fala, colocamos a questão de que os jovens leem sim, mas não se sentem atraídos pela literatura clássica. O que nos chamou a atenção foi o fato de os alunos sugerirem de que o professor deve ir para a biblioteca e, ali, permitir a leitura livre e também, desenvolver práticas de estímulos ao ato de ler. Isso evidencia que as aulas se restringem à sala de aula e ao uso do livro didático como mencionado.

Se atentarmos para as palavras de Mello (2016, p 94-95), veremos que para esta estudiosa:

A reflexão sobre a motivação na leitura costuma ser problematizada na consideração de diversas questões, como as seguintes: i) o interesse que os textos possam ter para o leitor; a adequação dos textos às capacidades cognitivas dos leitores; as estratégias que permitem concretizar objetivos escolares de leitura; ii) os estudantes sobre as representações que os sujeitos elaboram sobre a leitura, estudos que tendem a caracterizar “identidades leitoras” têm capital importância para o reconhecimento de

concepções e práticas; são fontes que permitem avaliar as ações dos agentes implicados na formação do leitor no período em que freqüentava a escola; detêm um potencial para a apropriação de ações susceptíveis de alterar e corrigir e ainda ajustar as práticas pedagógicas de leitura.

Tal atividade se circunscrita à escola, precisa do auxílio do professor para mediar as práticas de leitura. Percebemos que, dos alunos entrevistados, somente Henry Danger alegou vivenciar uma situação de leitura imposta a partir do livro didático. Nas demais falas, não houve sinalização de casos em que o professor exigisse que os alunos lessem algo que não era de suas preferências. Embora saibamos que muitos professores não possuem uma formação leitora significativa, é preciso enfatizar que são estes profissionais os responsáveis pela formação do pensamento crítico de seus alunos. Conforme Silva (2009, p. 23):

O cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é, sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma “forma de ser e de existir”. Isto porque o seu compromisso fundamental, conforme a expectativa da sociedade, se volta para a (re) produção do conhecimento e para a preparação educacional das novas gerações. Professor, sujeito que lê, e leitura, conduta profissional, são termos indicotomizáveis – um nó que não se pode nem se deve desatar.

Nesse sentido, enfatizamos que o professor é uma figura importante na formação de leitores, porque, pela profissão que exerce de possibilitar, mediar e trocar conhecimento, suas ações são capazes de transformar as pessoas e, conseqüentemente, a sociedade em que vivemos. Assim, “[...] quando os professores forem amigos da leitura, da verdadeira leitura, aquela que fazemos por si só, a leitura desinteressada, eles então, saberão compartilhar este gosto com seus alunos” (CHARTIER, 2016, p. 16).

Ao finalizar a entrevista, a pesquisadora deixa um espaço aberto para que os alunos façam algum comentário, observação ou sugestão final sobre as questões respondidas. Percy Jackson não teve nenhuma sugestão a fazer, enquanto Evie, por sua vez, disse que se o jovem tivesse mais interesse pela leitura isso seria bom. Também disse que viu uma estante de livros em uma rua em Vitória e achou interessante. Segundo a aluna, todo prefeito deveria fazer isso para incentivar a leitura, mas afirmou ser uma pena que as pessoas não valorizam tanto já que os

livros da estante estavam bem desgastados. Para a entrevistada, a televisão deveria incentivar a leitura, pois esta abre a mente das pessoas.

Já, Jeff Kinney afirmou que deveriam levar os alunos mais vezes para a biblioteca e incentivar a leitura de livros. Henry Danger foi um pouco além e indagou sobre o motivo de a entrevistadora estar desenvolvendo uma pesquisa sobre esse tema. A pesquisadora, então, explicou o contexto de sua vida e o que a fez querer pesquisar sobre a formação de leitores. A conversa fluiu e o entrevistado quis saber mais sobre as etapas de estudo: mestrado, doutorado e PhD, fazendo com que a pesquisadora encerrasse as dúvidas deste aluno sobre o assunto.

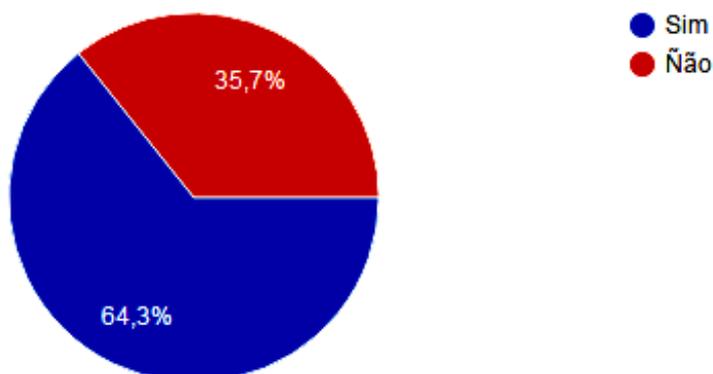
Notamos pelas ideias apresentadas pelos jovens entrevistados que há o gosto pela leitura, mas que este deveria ser mais incentivado tanto pela escola quanto por entidades governamentais e também pela mídia. Diante disso, entendemos que o papel da escola, do professor, do governo e dos espaços digitais (Internet, televisão, etc.) se torna muito importante para a constituição do sujeito como leitor, porque a maioria destes mediadores está em contato direto com os jovens contemporâneos.

Obviamente que, ao tomarmos alguns alunos da Escola Caic Feu Rosa para falarem sobre suas trajetórias de leitura, não podemos firmar como estereótipos de que em todas as escolas existentes no nosso país não se formam leitores. Mas, também, não sejamos ingênuos de acreditarmos que há um grande incentivo à leitura. As entrevistas obtidas a partir dos estudantes da referida escola nos dão uma noção de como se dá a formação do leitor e, em alguns casos, como tal prática se desenvolve na escola.

Nesse sentido, há muito o que se fazer para que o ambiente escolar seja o propagador de práticas leitoras, a biblioteca seja um espaço de atração e não de punição, e o professor um dos personagens centrais na atuação como mediador de leitura.

Quanto ao questionário, a primeira pergunta foi em relação ao hábito da leitura. Ao tabularmos os dados percebemos que a maioria dos adolescentes leem. De um total de 84 respostas, 64,3% possui o hábito de leitura.

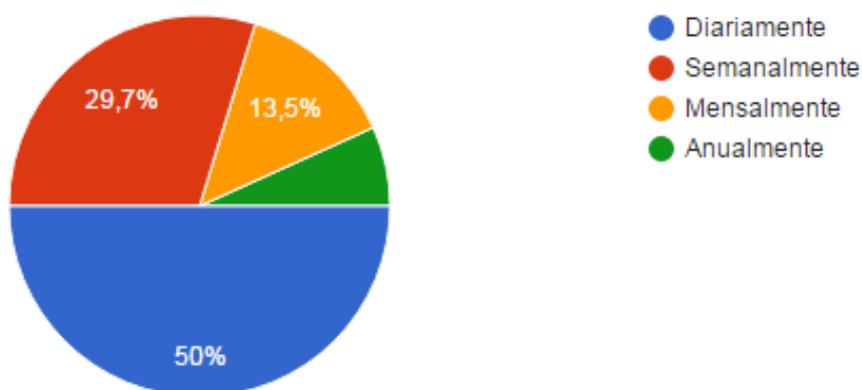
Gráfico 1 - O hábito da leitura nas três turmas pesquisadas



Fonte: elaborado pela autora.

Em outra pergunta houve o questionamento: Com que frequência eles leem? No total houve setenta e quatro respostas. Metade dos alunos registrou que lê diariamente.

Gráfico 2 - Frequência de leitura



Fonte: elaborado pela autora.

Quando perguntados sobre o que é a definição de leitura para eles, 46,4% consideram uma forma de aprender. Penso a partir do resultado encontrado que os alunos acreditam que a leitura contribui para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, como afirma Petit (2009b, p. 100):

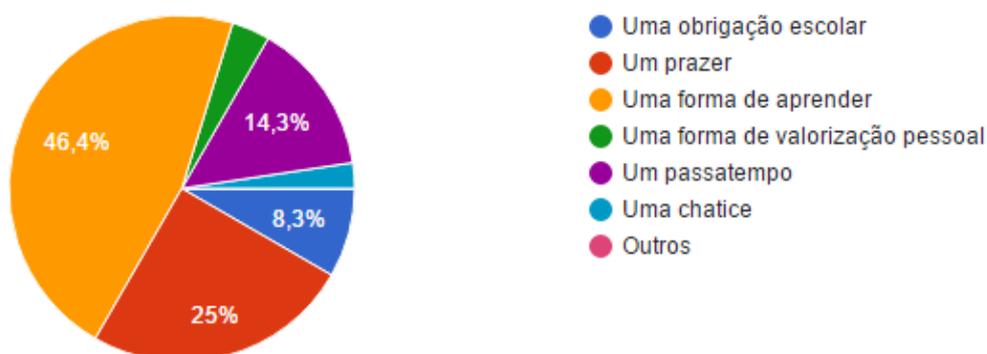
[...] Ajuda-os a sair dos lugares prescritos, a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem, e também das expectativas dos pais ou

dos amigos, ou mesmo do que cada um deles acreditava, até então, que era o mais adequado para o [sic] definir.

Ao considerar a definição de leitura como “uma forma de aprender”, os adolescentes já se apropriaram do discurso engendrado nas sociedades letradas da extrema importância do conhecimento, como legado, através dos tempos. Petit (2009b) nos esclarece sobre o referido tema:

“Para a grande maioria dos jovens dos bairros marginalizados, o saber é o que lhes dá apoio em seu percurso escolar e lhes permite constituir um capital cultural graças ao qual terão um pouco mais de oportunidade para conseguir um emprego [...]” (PETIT, 2009b, p. 61).

Gráfico 3 - Definição de leitura

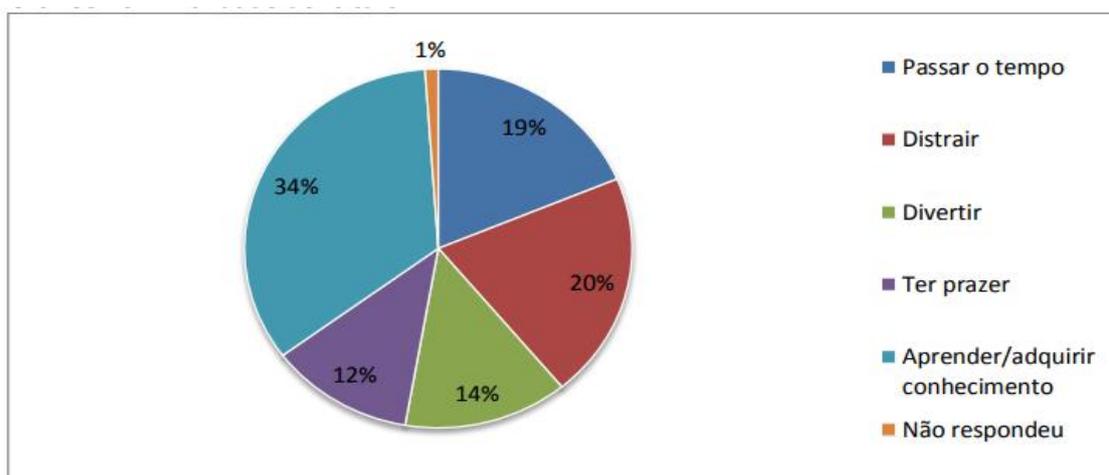


Fonte: elaborado pela autora.

A leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais, como assevera Petit (2009b). Os adolescentes ao responderem sobre ser a leitura uma forma de aprender reafirmam que a mesma pode mudar “[...] as linhas de nosso destino escolar, profissional e social” (PETIT, 2009b, p. 61). Em suas pesquisas Petit constatou que rapazes e moças que viviam em bairros marginalizados mencionaram esse aspecto e falaram da importância que tinham para eles a leitura e as bibliotecas como meio de acesso ao conhecimento.

Encontramos na pesquisa de Valtão (2016) resultados similares ao nosso. É o que demonstra o Gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Finalidade de leitura



Fonte: Valtão (2016).

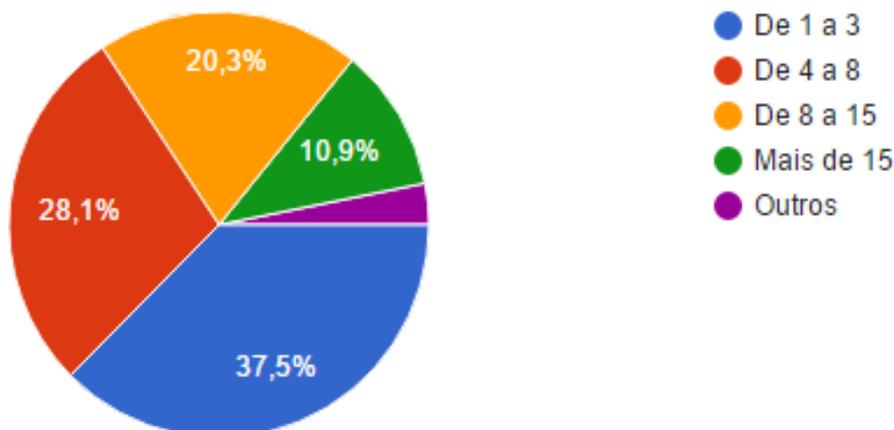
O Gráfico 4 apresenta dados relativos a perfunta sobre a finalidade de leitura feita pela pesquisador. Uma forma de aprender ou adquirir conhecimento surge como maior percentual nas respostas dadas: 34% em Valtão (2016), 46,4% em nosso trabalho, como monstrado no Gráfico 3.

Petit (2009b) nos esclarece que, em qualquer idade, ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita.

Em outro momento perguntamos sobre a quantidade de livros lidos por ano. A conferência foi de 37,5%, de 1 a 3 livros lidos por ano. Petit (2009b, p. 77) nos ajuda a compreender esse tema quando aponta que,

[...] Certamente, a importância da leitura não pode ser avaliada unicamente a partir de cifras, do número de obras lidas ou emprestada. Às vezes, uma única frase, transportada para um caderno ou para a memória, ou mesmo esquecida, faz com que o mundo fique mais inteligível. Uma única frase que impele aquilo que estava imobilizado em uma imagem e lhe dá vida outra vez, que quebra os estereótipos, clichês aos quais se aderira até então.

Gráfico 5 - Quantidade de livros lidos por ano



Fonte: elaborado pela autora.

A fala de Darth Vader durante a entrevista também nos propicia um olhar diferenciado sobre essa questão:

Darth Vader: Pra mim, ser leitor, assim é... não é você ler pilhas e pilhas de livros. É você ler uma coisa e entender aquela coisa, você gostar de fazer aquilo, entende?

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Darth Vader: Gostar daquilo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não é a quantidade de livros que você lê?

Darth Vader: Não é a quantidade. Se você entende... na verdade, se você tipo ah eu vou lendo aqui, vou lendo rapidão, não tô entendendo nada, só tô lendo por ler mesmo. Você tem que lê, você tem que entender, você tem que refletir sobre aquilo.

Michèle Petit (2009b) afirma que há um aspecto qualitativo da leitura que é esquecido com o hábito de avaliar esta atividade unicamente a partir de indicadores numéricos. Ela nos explica:

[...] É possível ser um “leitor pouco ativo” em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão – quero dizer, ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que o transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido (PETIT, 2009b, p. 77).

O aluno tem a percepção de que além do número de livros lidos é preciso uma real compreensão do que se está lendo. A leitura vai além do que a mera decodificação das palavras, como afirma Dalvi (2012, p. 9):

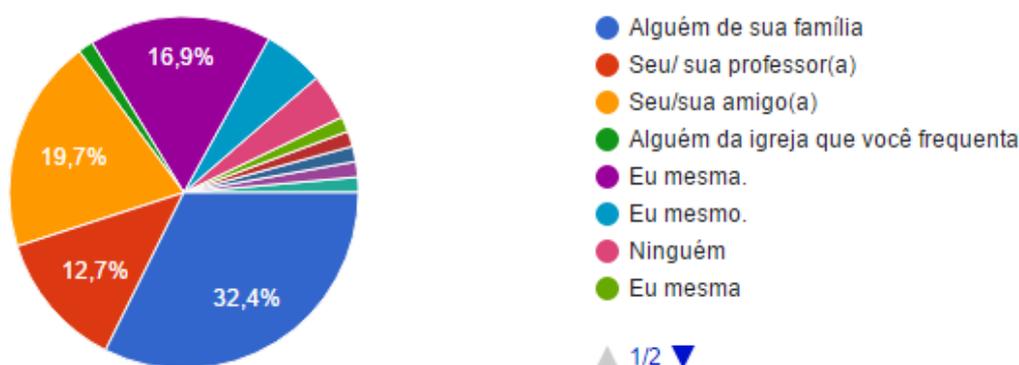
Ler nos habilita a ações éticas porque nos ensina que um texto nunca começa na primeira página e nunca termina no ponto final: tudo o que sentimos, pensamos e fazemos é eco de outros textos (cujo enredo, por já conhecermos, nos habilita a analogias e, portanto, as escolhas mais conscientes) [...]. Não que a Literatura vá nos tornar mais “bonzinhos”, nem que ela nos fará escolher o “bem”: ela nos mostrará os mecanismos – e consequências – da banalização do mal e da unilateralização do pensamento e da ação. Não nos tornaremos seres mais “elevados”, mas menos “rasos”. Não seremos mais ou menos evoluídos, seremos desconfiados de uma perspectiva linear e progressiva de humanidade e de mundo.

Dalvi (2012) coloca em xeque o “valor” da literatura a partir de uma visão do mundo em estamos inseridos – unilateral e egoísta.

Petit (2013), em *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, mais uma vez ratifica que a leitura também faz sentido para aqueles que leem pouco e mesmo que não dediquem muito tempo a essa atividade, sabem que algumas frases encontradas em um livro podem às vezes influenciar o curso de uma vida.

Na pergunta: Quem mais te incentiva a ler? Setenta e uma respostas se fizeram presentes nesse momento do questionário. A grande maioria apontou alguém da família como pessoa de maior incentivo à leitura. Esse resultado nos leva à constatação que outros mediadores influenciam diretamente na formação do leitor, nesse caso, a família.

Gráfico 6 - Maior incentivo à leitura



Fonte: elaborado pela autora.

Concordamos com Michèle Petit (2009a), em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, quando a escritora nos elucida que a leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina, como apontam vários estudos:

Estes revelam que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente. Na maioria das vezes, tornamo-nos leitores porque vimos nossa mãe ou nosso pai mergulhado nos livros quando éramos pequenos, porque os ouvimos ler histórias ou porque as obras que tínhamos em casa eram tema de conversa (PETIT, 2009a, p. 22).

Identificamos a proposição de Petit em nossos entrevistados quando, ao se lembrarem de suas práticas de leitura, associaram a alguém de suas famílias ou de sua igreja ou de seu círculo de amigos – antes de aos professores. E, mesmo que os genitores não lessem, fizeram questão de elencar os “benefícios” da leitura para os filhos.

Gráfico 7 - Opção mais interessante para a leitura



Fonte: elaborado pela autora.

Outro questionamento feito aos alunos foi quanto ao material para a leitura. Perguntamos qual opção parecia mais interessante, se o material impresso ou digital.

Quanto a essa questão Petit (2009b, p. 80, grifo nosso) afirma que,

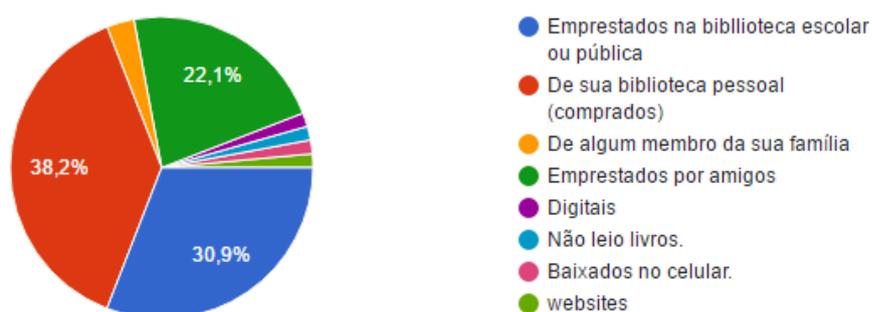
Na França, apesar de muitos jovens dedicarem mais tempo a outras atividades do que à leitura de livros, existe um aspecto em que, para eles, **o livro supera o audiovisual**. É o fato de que o livro abre uma porta para sonhar, ele permite elaborar um mundo próprio. É uma dimensão sobre a qual muitos insistem, principalmente nas camadas mais populares. Na realidade, o que está em jogo com a democratização da leitura é também a

possibilidade de habitar o tempo de um modo que seja propício para sonhar, para imaginar. É preciso lembrar que todas as invenções, todas as descobertas são realizadas nos momentos de fantasia, e que, em geral, sem fantasia, não há pensamentos.

Assim como na França os alunos pesquisados por nós, e quando perguntados sobre qual material preferem ler, se mostraram mais favoráveis ao material impresso. Afinal, falamos de adolescentes no último ano do Ensino Fundamental, que vêm de uma geração muito mais digital. De certa maneira compreendemos que o livro ainda causa nesses adolescentes além de certo status também uma sensação de fantasia e liberdade. O livro também é um objeto de desejo que os faz sonhar.

Na pergunta de número 13 questionamos aos adolescentes sobre as origens das indicações de leitura: Como você escolhe os livros que lê? Obtivemos sessenta e oito respostas. A maioria, 51,5%, lê a partir de indicações dos amigos. Por essa causa entendemos que a posição do professor, frente aos alunos, como mediador fica distante das considerações dos sujeitos dessa pesquisa, já que as práticas leitoras dos estudantes estão mais próximas dos seus outros pares.

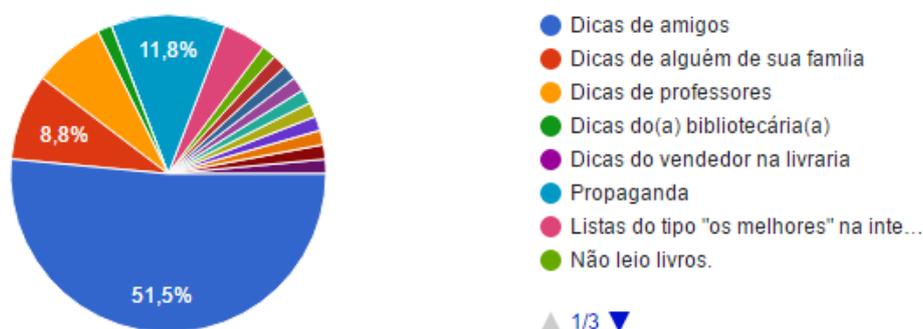
Gráfico 8 – Origens das indicações de leitura



Fonte: elaborado pela autora.

Outra questão que levantamos junto aos alunos, no questionário, foi sobre a origem dos livros lidos por eles. Dos oitenta e quatro alunos, obtivemos somente sessenta e oito respostas, que ficaram distribuídas assim:

Gráfico 9 – Origem dos livros lidos pelos alunos



Fonte: elaborado pela autora.

Nesse sentido, revela-se que, apesar de muitos de nossos alunos serem de classes sociais menos favorecidas, a família propicia o acesso aos livros, pois sabe da importância do objeto cultural na vida dos seus filhos.

Além disso, entendemos a importância da biblioteca escolar, pois se o acesso aos livros para alguns é somente através desse espaço é necessário maior investimento por parte dos governos. Como esclarece Petit: “A leitura e a biblioteca são, desse modo, lugares onde alguns encontram armas que os encorajam na afirmação de si mesmos, onde se distanciam do que haviam conhecido até então” (PETIT, 2009b, p. 86).

Ao longo do nosso trabalho, declaramos a seriedade do tema no que tange às bibliotecas no espaço escolar como um lugar de conhecimento no auxílio das práticas leitoras do aluno (se bem trabalhado).

No gráfico 10, ao perguntarmos sobre a aquisição de livros: Você costuma comprar ou ganhar livros? Obtivemos setenta e sete respostas, distribuídas no gráfico 10. Das respostas dadas podemos inferir que no contexto socioeconômico dos entrevistados percebe-se que a compra de livros por parte dos entrevistados ainda está distante deles, frente à realidade em que vivem.

Gráfico 10 – Aquisição de livros

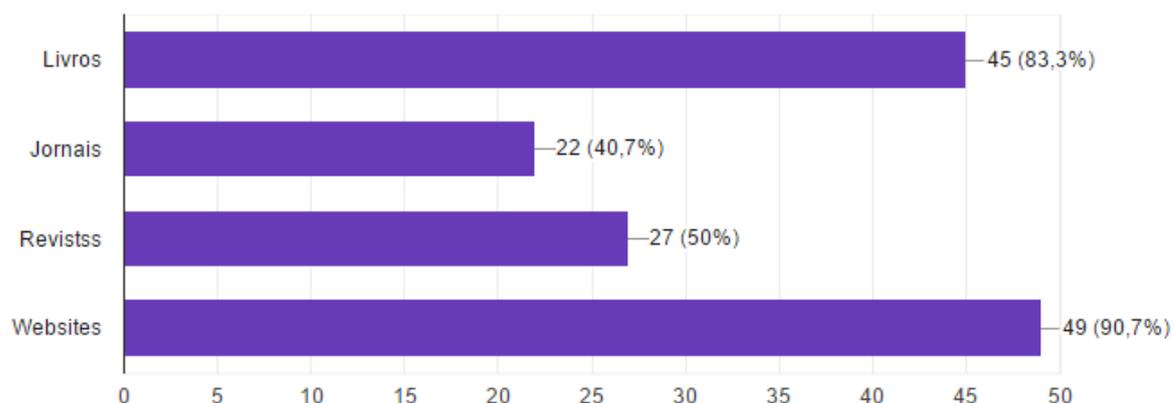


Fonte: elaborado pela autora.

A maioria (44,2%) não costuma comprar nem ganhar livros. Apreendemos a partir desse dado que tem os alunos têm acesso aos livros no ambiente escolar ou através dos amigos. À escola, ao poder público e às políticas governamentais, sejam elas municipais, estaduais ou federais, cabe o dever de proporcionar o acesso aos livros, incentivando assim a cultura da leitura.

Quanto ao tipo de leitura, ao serem perguntados sobre o tipo de material que os alunos leem, a maioria respondeu que tem preferência por livros. Foi um total de cinquenta e quatro respostas. Condicionada a essa pergunta estava outra: Você tem o hábito de ler? Em seguida, a pergunta do gráfico 11: Se respondeu SIM, o que você lê?

Gráfico 11 – Preferência de leitura dos sujeitos da pesquisa

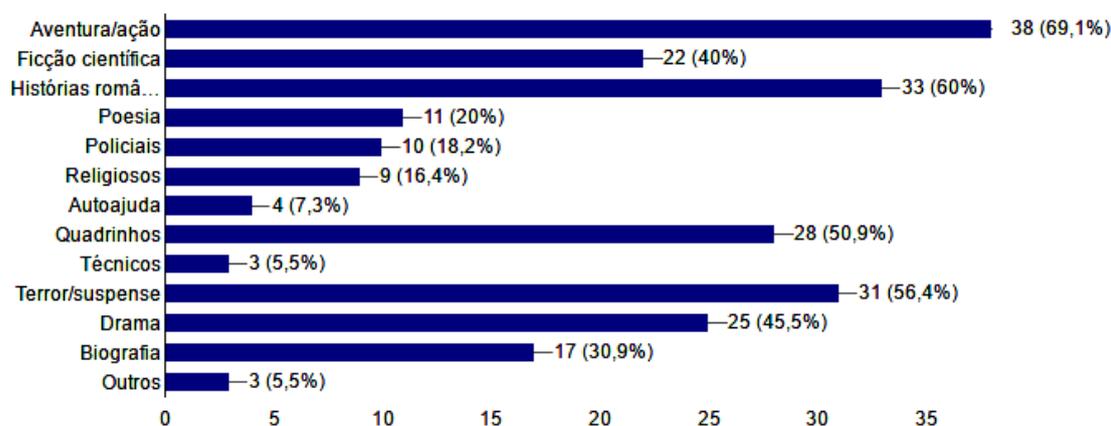


Fonte: elaborado pela autora.

Dentre alguns gêneros apresentados aos sujeitos da pesquisa, curiosamente, os *websites* aparecem em primeiro lugar, contrariando a pergunta sobre o tipo de material que preferem ler: impresso ou digital. O que podemos inferir diante do dado exposto é que quando confrontados com o tipo de material a simbologia do livro vem acompanhada do seu valor cultural. Já nos diferentes gêneros, como no gráfico 11, os resultados dos dados nos mostram o meio digital como acesso (às vezes mais rápido e à mão) deles à tecnologia.

Ao perguntarmos sobre o tipo de livros que leem, de oitenta e quatro alunos somente cinquenta e cinco responderam. O tema aventura/ficção chega à frente na preferência de leitura dos estudantes. Isso se deve ao fato de os grandes *best-sellers* circularem entre eles com grande força, com temas relativos a: heróis, vampiros, guerras romances, entre outros¹⁹.

Gráfico 12 – Tipos de livros que os alunos pesquisados leem



Fonte: elaborado pela autora.

Estamos de acordo com as questões formuladas por Oliveira (2013, p. 267) sobre as práticas de leitura dos adolescentes pesquisados:

O que leem [os alunos], de que modo e quando? Em que se baseiam para suas escolhas de leitura pessoal? O que lhes interessa ler? Até que ponto as práticas de leitura escolar interferem em suas práticas de leitura pessoal? [...] Eles chegam a se constituírem leitores literários? São questões, enfim, que poderão levar à reflexão sobre o ensino de literatura

¹⁹ Os temas que aparecem nas práticas de leitura dos alunos estão demonstrados no quadro 4.

agora sob uma outra perspectiva, a do aluno, submetido ao sistema e também formado por ele [...].

Diante disso, pedimos aos alunos para eles citarem dois nomes de livros que mais marcaram suas vidas. Dentro da lista de livros mencionados, apareceu grande diversidade de títulos, comprovando nossa teoria: os alunos leem, porém, leituras indicadas por amigos ou pela própria escolha.

O que fica claro a partir das indicações apresentadas pelos discentes é que “Nunca se poderá confeccionar uma lista dos livros mais apropriados para ajudar crianças e adolescentes a se construírem” (PETIT, 2013, p. 27). Nem sempre alcançamos os propósitos de escolha dos adolescentes que ouvimos, porém, nos resta entender, assim como Petit (2013, p. 27) em suas entrevistas, que para cada um deles a escolha de uma obra tem o seu valor:

[...] quem poderia supor que o filósofo Descartes seria a leitura preferida de uma jovem turca porque ela viu ali uma argumentação bem fundamentada para recusar um casamento arranjado? Ou que seria a autobiografia de uma atriz surda o que permitiria a uma jovem homossexual assumir sua própria diferença, ou ainda que os sonetos de Shakespeare inspirariam um jovem chinês, operário da construção, a escrever canções?

Das duas indicações escolhidas por eles tivemos nas primeiras respostas sessenta e oito. No segundo livro obtivemos cinquenta e duas respostas:

Quadro 4 – Livros que marcaram a vida dos adolescentes pesquisados.

(Continua...)

ORDEM DAS INDICAÇÕES	PRIMEIRA INDICAÇÃO	AUTOR (A)	SEGUNDA INDICAÇÃO	AUTOR (A)
1	A Culpa É das Estrelas - (8)	John Green	A Culpa É das Estrelas - (3)	John Green
2	Muito Mais Que Cinco Minutos - (5)	Kéfera Buchmann	Cidades de Papel - (2)	John Green
3	Harry Potter e a Pedra Filosofal - (3)	J. K. Rowling	Jogos Vorazes - (2)	Suzanne Collins
4	O Diário de um Banana - (3)	Jeff Kinney	Guerra Civil: Uma história do universo Marvel - (2)	Stuart Moore
5	Quem é Você, Alasca? - (3)	John Green	A menina que roubava livros	Markus Zusak
6	A Seleção - (3)	Kiera Cass	Querido John -	Nicholas Sparks
7	Jogada Final - (2)	Pedro Afonso Rezende	Animais Fantásticos e Onde Habitam -	J. K. Rowling

Quadro 4 – Livros que marcaram a vida dos adolescentes pesquisados.

(Continuação)

ORDEM DAS INDICAÇÕES	PRIMEIRA INDICAÇÃO	AUTOR (A)	SEGUNDA INDICAÇÃO	AUTOR (A)
8	Harry Potter - (2)	J. K. Rowling	Os heróis do Olimpo	Richard Russell "Rick" Riordan, Jr.
9	Fazendo meu filme - (2)	Paula Pimenta	Eclipse	Stephenie Meyer
10	A Cabana - (2)	William P. Young	Quem é Você, Alasca?	John Green
11	A última pedra - Vícios têm cura - (2)	Rogério Formigoni	O Código Da Vinci	Dan Brown
12	O fazedor de velhos	Rodrigo Lacerda	A Cabana	William P. Young
13	Quem é você, Alasca?	John Green	A Seleção	Kiera Cass
14	Divergente	Veronica Roth	A República	Platão
15	Mangar super onze	Tenya Yabuno	Eu fico loko	Christian Figueiredo de Caldas
16	Os Instrumentos Mortais	Cassandra Clare, Joshua Lewis	Chama Negra	Alyson Noël
17	Crepúsculo	Stephenie Meyer	O Menino do Pijama Listrado	John Boyne
18	Assassin's Creed: Irmandade	Anton Gill	Divergente	Veronica Roth
19	A 5ª Onda	Rick Yancey	O orfanato da srta. Peregrine para crianças peculiares	Ransom Riggs
20	O Guardião	Nicholas Sparks	Horizonte vermelho: PELO ESPIRITO SOPHIE	Elizabeth Pereira
21	Arrow Vingança	Oscar Balderrama, Lauren Certo	A Culpa é das Estrelas	John Green
22	Guardiola confidencial	Marti Perarnau	Ordem no caos	Jack Whyte, Francisco Innocencio
23	Yu-gi-oh - a Criatura das Trevas	Takahashi	Querido Diário Otário	Jim Benton
24	Jogos Vorazes	Suzanne Collins	O Sensacional livro antitedio do Lucas Rangel	Lucas Rangel
25	Convergente	Veronica Roth	Espectro - Diários do vampiro: Caçadores	L. J. Smith
26	As crônicas de Nárnia	Clive Staples Lewis, Lewis Carroll	Amanhã você vai entender	Rebecca Stead
27	Percy Jackson: O Mar de Monstros	Rick Riordan	E o vento levou	Margaret Mitchell
28	O Capital	Karl Marx	A Teoria da Relatividade Especial e Geral	Albert Einstein

Quadro 4 – Livros que marcaram a vida dos adolescentes pesquisados.

(Continuação)

ORDEM DAS INDICAÇÕES	PRIMEIRA INDICAÇÃO	AUTOR (A)	SEGUNDA INDICAÇÃO	AUTOR (A)
29	O Vendedor de Sonhos	Augusto Cury	Harry Potter	J. K. Rowling
30	A verdade por trás do símbolo perdido	Tim Collins	Muito Mais que Cinco Minutos	Kéfera Buchmann
31	Quem é você, Alasca?	John Green	Guerra Civil: Uma história do universo Marvel	Stuart Moore
32	A menina feita de espinhos	Fabiane Ribeiro	Os instrumentos mortais	Cassandra Clare, Joshua Lewis
33	Albert Einstein e as fronteiras da física	Jeremy Bernstein	Um na Estrada	Caio Riter
34	O gigante que dorme	Helena Bagby Harrison	Papo de Menina	Mariany Petrin Martins, Nathany Petrin Martins
35	Crepúsculo	Stephenie Meyer	Quem quer ser um milionário?	Vikas Swarup
36	Assassin's Creed: Irmandade	Anton Gill	O ladrão de raios	Rick Riordan
37	Morri para viver: meu submundo de fama, drogas e prostituição	Andressa Urach	Os pequenos jangadeiros	Aristides Fraga Lima
38	STAR WARS - MANUAL DO IMPÉRIO	Henri Charrière	Crepúsculo	Stephenie Meyer
39	Supernatural - o Livro Dos Monstros, Espíritos, Demônios e Ghouls	Alex Irvine	Muito Mais Que Cinco Minutos -	Kéfera Buchmann
40	Cidade dos Ossos	Cassandra Clare	O Senhor dos Anéis	J. R. R. Tolkien
41	Fala sério, professor!	Thalita Rebouças	A Maldição do Titã	Rick Riordan
42	Eldest	Christopher Paolini	A Culpa é das estrelas -	John Green
43	God of war: a história oficial que deu origem ao jogo	Flavia Gasi, Matthew Stover e Robert E. Vardeman	A Guerra dos Tronos	George R. R. Martin
44	Não se apegue não	Isabela Freitas	God Of War 2	Robert E. Vardeman
45	A Culpa É das Estrelas - (8)	John Green	Extraordinário	R. J. Palacio
46	Muito Mais Que Cinco Minutos -	Kéfera Buchmann (5)	NÃO SE ILUDA, NÃO	Isabela Freitas
47	Harry Potter e a Pedra Filosofal - (3)	J. K. Rowling	As Aventuras do Capitão Cueca -	Dav Pilkey
48	O Diário de um Banana - (3)	Jeff Kinney	A Culpa É das Estrelas - (3)	John Green

Quadro 4 – Livros que marcaram a vida dos adolescentes pesquisados.

(Continuação)

ORDEM DAS INDICAÇÕES	PRIMEIRA INDICAÇÃO	AUTOR (A)	SEGUNDA INDICAÇÃO	AUTOR (A)
49	Quem é Você, Alasca? - (3)	John Green	Cidades de Papel - (2)	John Green
50	A Seleção - (3)	Kiera Cass	Jogos Vorazes - (2)	Suzanne Collins
51	Jogada Final - (2)	Pedro Afonso Rezende	Guerra Civil: Uma história do universo Marvel - (2)	Stuart Moore
52	Harry Potter - (2)	J. K. Rowling	A menina que roubava livros	Markus Zusak
53	Fazendo meu filme - (2)	Paula Pimenta		
54	A Cabana - (2)	William P. Young		
55	A última pedra - Vícios têm cura - (2)	Rogério Formigoni		
56	O fazedor de velhos	Rodrigo Lacerda		
57	Quem é você, Alasca?	John Green		
58	Divergente	Veronica Roth		
59	Mangar super onze	Tenya Yabuno		
60	Os Instrumentos Mortais	Cassandra Clare, Joshua Lewis		
61	Crepúsculo	Stephenie Meyer		
62	Assassin's Creed: Irmandade	Anton Gill		
63	A 5ª Onda	Rick Yancey		
64	O Guardião	Nicholas Sparks		
65	Arrow Vingança	Oscar Balderrama, Lauren Certo		
66	Guardiola confidencial	Marti Perarnau		
67	Yu-gi-oh - a Criatura das Trevas	Takahashi		

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre os títulos encontrados a partir da marca que deixaram nos alunos, Chartier (1999) nos esclarece e define que as leituras desses textos em massa procurados pelos jovens como “leituras selvagens” estão ligadas a objetos de “fraca ou pouca legitimidade cultural”. Nossa opção, nesse trabalho, não foi a de questionar se essas são ou não leituras válidas ou desejáveis (pois nosso intento não é sugerir como os leitores deveriam ser formados, mas entender como eles estão sendo formados, em contextos adversos...). De acordo com o historiador francês, devemos nos apoiar sobre essas “[...] práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas vias, a encontrar outras leituras”

(CHARTIER, 1999, p. 104). É importante, portanto, utilizar o que é rejeitado pela escola tradicional para que o aluno use esses textos como suporte para leituras mais densas e “[...] mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar” (CHARTIER, 1999, p. 104).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas se a experiência dos leitores não é radicalmente diferente segundo o meio social, o que difere são os obstáculos. Para alguns, tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. Quando se vive em bairros pobres na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros (PETIT, 2013, p. 24).

[...] Mas a certeza de que sou, inevitavelmente, o que já fui traz o lugar-comum desconfortante da provisoriedade das reflexões aqui contidas. É um exercício difícil e doído, severamente conduzido, que se torna, porém, mais complexo quando se tenta, através das distorções possíveis, captar a dinamicidade dos disfuncionamentos, ao mesmo tempo que se procura enfrentar o fantasma da submissão às normas da linguagem escrita (MAGNANI, 2001, p. 143).

Ser pesquisadora e assumir para si uma tarefa por vezes árdua, difícil e dolorida nos faz refletir o porquê de termos chegado até aqui. Temos plena consciência das nossas limitações e do que poderíamos ter feito em outras condições ou em outros momentos. Mas temos a convicção de que, ao darmos vozes aos alunos participantes de nossa pesquisa, esse fato por si só nos motiva a acreditar que estamos num caminho que é e foi bom de trilhar.

Recorremos novamente a Petit (2009b), que em seu livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* cita Albert Camus, escritor que conheceu bem de perto a pobreza: “A pobreza e a ignorância tornavam a vida mais difícil, mais insípida, fechada em si mesma; a miséria é uma fortaleza sem ponte levadiça”.²⁰ A autora provoca uma reflexão sobre a imagem da fortaleza sem a ponte. Faz uma alusão ao isolamento, nos lembra a reclusão e que esse seria o destino que cabe aos pobres. O isolamento poderia ser social, econômico, cultural e político. Mas há o reverso. Diante disso, concordamos com a antropóloga Michèle Petit (2009b, p. 95-96), quando ela escreve:

Mas, às vezes, existem pontes levadiças. Camus, assim como outros escritores nascidos em famílias pobres, expressou sua gratidão por um professor e por uma biblioteca municipal que o haviam ajudado a descobrir que existia algo além do espaço familiar. As pontes levadiças, para ele, foram esse professor e essa biblioteca. Cito-o novamente: “No fundo, o conteúdo dos livros pouco importava. O importante era o que sentiam ao entrar na biblioteca, onde não viam a parede de livros negros [sic] mas sim um espaço e horizontes múltiplos que, desde a entrada, lhes tiravam da vida estreita do bairro”.²¹

Nessa perspectiva, ao ouvirmos os adolescentes nesse contexto da pesquisa, o que eles tinham a dizer, a dialogar, é que tentamos criar, construir, erguer pontes para

²⁰ Albert Camus, *Le Premier homme*, Paris, Gallimard, 1994, p. 224-249 [ed. Brasileira: *O primeiro homem*, trad. Teresa Bulhões de Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005].

²¹ Albert Camus, *Le Premier homme*, Paris, Gallimard, 1994, p. 224-249 [ed. Brasileira: *O primeiro homem*, trad. Teresa Bulhões de Carvalho da Fonseca e Maria Luiza Newlands, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005].

aqueles que estão reclusos e isolados na torre e nos espaços em que vivem possam integrar-se socialmente a uma vida política e cidadã não nos esquecendo de que a distinção das categorias sociais é o horizonte, o espaço de referência daqueles que as compõem, como afirma Petit (2009b, p. 95).

O interesse de nosso trabalho foi movido e imbricado pelo nosso próprio percurso de vida. Nossa pouca acessibilidade aos livros e ao saber culturalmente valorizado na infância. Quanto de nós estava e esteve nas vozes dos alunos que escutamos! Pode-se correr o risco de dizermos que o trabalho é quase autobiográfico por entendermos que os adolescentes que foram sujeitos da nossa pesquisa partilham muito do que tínhamos enquanto leitores de “leituras selvagens”. Percebemos também a dificuldade de manter um “distanciamento” e, ao mesmo tempo, distinguimos que esse distanciamento não é uma pesquisa nas ciências humanas – pois reconhecemos a priori que ele é artificioso, quando se pensa relações entre humanos mediadas pela linguagem e por relações intersubjetivas.

Nosso objetivo geral foi o de investigar e conhecer de que forma o leitor adolescente, em uma escola de periferia, vivendo em contextos adversos, se constitui, através de outras mediações, para além daquela alocada pela escola. Quais são essas mediações variadas que perpassam a constituição do leitor, para além dos muros da escola? Queríamos entender se esses adolescentes ao final da etapa do ensino fundamental (8ª série – 9º ano) se considerariam leitores.

No percurso de nossa pesquisa percebemos que os sujeitos pesquisados se reconhecem como leitores e são afetados diretamente por outras mediações que a não a do professor.

Num primeiro momento necessitávamos explicitar as dificuldades da escola atual na formação de leitores. A “concorrência” do espaço escolar com o ambiente virtual, no qual os adolescentes estão mergulhados, a presença maciça da indústria cultural que influencia diretamente o gosto dos leitores e outras mediações para além da figura do professor. Sem esquecer o trabalho dos professores numa perspectiva de leitura como instrumento para chegar a um fim, ou seja, a leitura sob uma prescrição engessada, como já afirmamos anteriormente.

Nesse contexto ratificamos o lugar da escola na formação cultural e artística que ainda é o espaço que pode sistematizar a leitura dentro de uma visão dialética e com produção de sentidos.

A fim de atingir o objetivo da nossa pesquisa, recorremos a Michèle Petit (2009a, 2009b, 2013), como aporte teórico. Para o nosso trabalho usamos as obras: *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (2009), *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009) e *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público* (2013), que nos ajudou a desenhar um quadro conceitual, nos permitindo pensar o objeto de pesquisa. Através do referencial teórico entendemos como se dá a formação de leitores adolescentes, de filhos da classe que vive do trabalho e em contextos completamente adversos. Conhecemos, então, adolescentes que se reconhecem leitores e sabem que a leitura é fundamental para os que vivem em uma sociedade letrada.

Com o propósito de entender como são formados leitores, adolescentes, estudantes de uma escola pública e de periferia, realizamos uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, especificamente um estudo de caso. O trabalho foi realizado a partir do embasamento do referencial teórico, quanto às percepções do que é a leitura e o modo como se concebe a categoria “adolescente”; posteriormente passamos à pesquisa de campo com a aplicação dos questionários e as entrevistas para a produção e análise de dados; e por último, as análises de dados a partir da escuta dos discentes e do que eles têm a nos dizer sobre o que é ser e se tornar leitores, a partir dos seus contextos.

Nossa inquietação nos moveu para escutá-los e a entender como se deu a sua formação enquanto leitores. O interesse em ouvi-los relacionava-se na tentativa de compreender quais as relações que se estabelecem entre sua formação de leitores e as diversas mediações exercidas por outros, para além da mediação pedagógica.

Apesar de não termos como objetivo analisar as práticas de leitura dos alunos, diante de suas falas percebemos a importância da indústria cultural em suas formações. Constatamos que ela está diretamente ligada à formação do gosto pela leitura literária dos adolescentes ouvidos. A escola não tem conseguido estabelecer

aspectos discursivos para essa formação. Essa questão é confirmada na lista de livros que mais marcaram suas vidas.

A partir de dados levantados por duas pesquisas, a saber: “A literatura e suas apropriações por leitores jovens”, de Maria Zelia Versiani Machado (2003) e a segunda, intitulada “Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação de ‘comunidade de leitores’”, de autoria de Marta Passos Pinheiro, defendida no ano de 2006, Oliveira (2013, p. 59) ratifica

[...] que a formação de jovens leitores dentro de determinado contexto social e escolar tende a levar os sujeitos a buscar na leitura literária um prazer imediato, além de levá-los a desenvolver comportamentos e relações com os livros e com a literatura em correspondência a uma representação do que seria um “bom leitor” na escola. Além disso, depreende-se que o contexto social em que os alunos estão inseridos – familiar e escolar – tem influência no desenvolvimento de diferentes disposições, práticas e representações relativas à leitura literária.

Ao situar o período descrito acima com a nossa pesquisa compreendemos que os sujeitos ativos dentro do nosso trabalho possuem modos particulares de influência no que tange às suas leituras. É necessário aos docentes, pesquisadores e gestores entenderem que o contexto social desses alunos está diretamente atrelado às suas representações e práticas leitoras. Há também o fato de os leitores não reconhecerem que os professores indicam leituras – e evidenciamos, a partir dos estudos de Vieira (2016) e Moraes (2016), que quando o professor indica não faz isso em perspectiva discursiva. Moraes nos remete a esse ponto:

[...] Em consequência a leitura é concebida apenas como decodificação e associada à busca de informações. Por essa via, essas estratégias mediadoras de leitura não são relevantes às experiências do aluno, à interação texto-autor-leitor para a construção de sentidos (MORAES, 2016, p. 241).

Quando passamos à análise de dados, constatamos como Valtão (2016), que a representação de leitura da escola onde foi realizada a pesquisa, com estudantes da última série do ensino fundamental II, é tida como fonte de aprendizagem, forma de valorização pessoal, e, ainda voltada para o entretenimento. A pesquisadora mostra essa comprovação:

A representação de leitura dessa comunidade de interpretação hesita entre uma percepção utilitária e funcional, em que a leitura é vista como fonte para adquirir conhecimento, melhorar a escrita, o vocabulário e a interpretação; e outra voltada para o entretenimento, são os leitores que

veem a leitura como forma de diversão e prazer usada para passar o tempo (VALTÃO, 2016, p. 142).

Ao realizarmos as entrevistas, percebemos o único leitor (Henry Danger) que não aponta um mediador para as suas leituras é o que lê para disputas bíblicas. Nesse caso assinalamos a relação entre ética protestante (liberal) e o apagamento das relações sociais.

Além disso, notamos a discrepância de que majoritariamente os leitores são mulheres, mas nas entrevistas da pesquisa há uma única mulher que se reconhece como leitora.

Ainda sobre a análise dos dados, assim como em Oliveira (2013), nossas expectativas também se confirmaram: os adolescentes leem. Através dos questionários e das entrevistas pudemos perceber que eles podem não ler o que a escola espera deles, podem não ter uma grande frequência de leitura, “[...] mas em geral eles leem, citam seus livros preferidos e discorrem sobre o que lhes agrada nas leituras que fazem dos livros que selecionam para ler” (OLIVEIRA, 2013, p. 262).

Nessa soma de vozes percebemos que nem tudo que eles leem é reconhecido por um padrão social estético corroborado pelo espaço social denominado escola. São as “leituras selvagens” já mencionadas em nosso texto. Independentemente dessa aceitação, seguem adiante, tomando como mediadores outros “parceiros” que os acompanham num constante desafio para além da mediação pedagógica – talvez lançando mão de táticas, em face à ausência desta...

Ao longo de nossa pesquisa vimos (com preocupação) que não há um trabalho efetivo de mediação por parte dos professores, além de pouquíssimos casos pontuais, a escola não tem em seu Projeto Político Pedagógico projetos voltados à formação de leitores e ainda a falta de profissionais especializados, como os bibliotecários. Ressaltamos aqui que no município de Serra não há concurso público para esses profissionais.

Quanto à mediação, vimos através do questionário aplicado, que 32,4% dos estudantes quando perguntados sobre quem mais os incentiva a ler, disseram ser

alguém da família. Os professores aparecem em terceiro lugar, com 12,7% de indicações. O que apreendemos a partir da nossa pesquisa foi que a escola ao não assumir o seu lugar como mediadora na formação dos alunos, os “abandonam” à mercê de diferentes mediações e, muitas vezes, outras instituições acabam ocupando esse lugar.

Ao finalizarmos nossa pesquisa, temos o entendimento que podemos contribuir para trabalhos futuros quando se trata de formação de leitores. Nesse estudo de caso específico, vimos adolescentes que muitas vezes não têm dinheiro para comprar livros, não contam com uma mediação sistemática do professor e nem com o auxílio de um profissional especialista, como os bibliotecários. Além disso, são bombardeados diariamente por uma indústria cultural que os capitula; e diante de todas essas adversidades, leem e se consideram leitores. O que nos causa preocupação é de como tem acontecido essa formação: precária, com mediadores tão expostos e fragilizados quanto eles próprios.

Contrariamente a Valtão (2016), no contexto específico de nossa pesquisa, ainda não podemos pensar somente no processo de emancipação de leitores, como revela a pesquisadora:

[...] Temos consciência de que conhecer as práticas de leitura dos jovens estudantes [...] servirá para pensarmos no árduo processo de, não mais formação, mas de emancipação de leitores; articulando suas práticas com políticas dentro da escola que agreguem valores para leitura considerada clássica, ampliando, e por que não melhorando, dessa maneira, o trabalho realizado em sala de aula com a literatura (Valtão, 2016, p. 149).

Precisamos refletir de modo significativo, em ações no espaço escolar, para que a formação de leitores se dê para além de meros chavões aprendidos e apreendidos através de pais, amigos e outros. É preciso pensar numa formação que leve os sujeitos a serem cidadãos autônomos e capazes de se “despirem” de uma roupagem pré-fabricada e modelos pré-estabelecidos de leitores, (en)formados pelo gosto da indústria cultural.

Ao final do livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade* (PETIT, 2009a) é impossível não fazer uma relação de Petit com Antonio Candido, em “*O direito à literatura*” (2004). Petit, assim como Candido, reafirma o direito à literatura e à leitura quando assegura que “Ninguém deveria ser obrigado a ‘gostar de ler’ (além do que

nada dissuade mais a se aproximar de um livro do que tais injunções)” (PETIT, 2009a, p. 286). Entretanto, a apropriação da cultura escrita e da leitura nos coloca diretamente em contato com o espaço público e com voz ativa dentro de uma sociedade em que é fundamental saber ler e escrever. Ainda assim Petit (2009b) afirma que ter familiaridade com a leitura e a escrita não nos garante nada, mas quem está distante dela corre todos os riscos de ficar fora do jogo

Quanto ao direito à literatura, Petit (2009a, p. 289, grifo nosso) advoga:

Ouvindo-os, ouvindo aqueles que trabalham junto deles, compreendemos que a literatura, a cultura e a arte não são um suplemento para a alma, uma futilidade ou um monumento pomposo, mas algo de que nos apropriamos, que **furtamos**²² e que deveria estar à disposição de todos, desde a mais jovem idade e ao longo de todo o caminho, para que possam servir-se dela quando quiserem, a fim de discernir o que não viam antes, dar sentido a suas vidas, simbolizar as suas experiências. [...].

No final de tudo isso é preciso entender e nos apropriar de que esse direito à literatura deve ser defendido como o direito à vida ou ao alimento para pobres e ricos, e que aos primeiros sejam garantidos com toda veemência o direito aos “bens incompressíveis”²³. Candido (2004, p. 170) nos dá uma pista quando fala em garantia de direitos:

Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra. Inversamente, um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e no entanto não se empenhar nela.

Considerar o que é indispensável para nós tão importante e indispensável para o outro deve ser o nosso propósito.

Foi imersa nessa perspectiva de escuta e de garantia de direitos que, enquanto pesquisadora, professora e pedagoga, conhecemos esses adolescentes – que se consideram, sim! – CONTRA TUDO E TODOS, – leitores.

²² Volto aqui à minha história de vida inicial recontada no início desse trabalho quando ao “furtar” um livro de uma colega de sala percebia o meu direito ao objeto cultural tão desejado e ainda interponho um link com “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector (1998) quando a menina sonhava com o livro e às vezes sentava-se na rede, balançando-se com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

²³ Ponto de vista adotado por Antonio Candido (2004) a partir de um sociólogo francês, o padre dominicano Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento Economia e Humanismo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Theodor Adorno: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986b. p. 92-99.

AGUIAR, Vera Teixeira. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 153-161.

ALVES, José Helder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e o seu ensino. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 35-49.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

BORDINI, Maria da Glória. Literatura infanto-juvenil: questões teóricas. In: RÖSING, Tania, RETTENMAIER, Miguel (Org.). **30 anos de jornadas literárias: estudos**. Ed. revisada. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011. p. 87-100.

BURLAMAQUE, Fabiane; ZANATTA, Deisi Luzia. Os jovens e as narrativas contemporâneas: uma análise de Jogos Vorazes. In: AGUIAR, Vera Teixeira de.; MARTHA, Alice Áurea Penteado. (Org.). **Literatura infantil e juvenil: leituras plurais**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

_____. Os booktubers e a formação de leitores. In: MARTHA, Alice Áurea Penteado; AGUIAR, Vera Teixeira de. (Org.). **Entre livros e leitores: escritos vários**. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie. Como fazer os jovens lerem? Olhar histórico sobre o caso francês de incentivos à leitura. In: GRUSZYNSKI, Ana Cláudia... [et al]. RÖSING, Tania Mariza K. (Org.). **Leitura: história e ensino**. 1ª ed. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **Práticas da Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Camila Almeida Pinheiro da. **Uma experiência de mediação na leitura da proposta curricular de Santa Catarina**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88360>>. Acesso em: maio, 2017.

DALVI, Maria Amélia. Ensino de Literatura: algumas contribuições. In: UYENO, Elzira; PUZZO, Mirian; RENDA, Vera (Org.). **Linguística aplicada, Linguística e Literatura**: intersecções profícuas. Campinas: Pontes, 2012, p. 15-42.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-97.

DALVI, Maria Amélia; OLIVEIRA, Ivana Passos de. Livros ficcionais produzidos para crianças no Espírito Santo: políticas de (in)visibilidade. **Revista Brasileira de Alfabetização** (Vitória). v. 1, n. 4. p. 89-103, jul.-dez. 2016. Disponível em: <<http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/view/146>>. Acesso em 25 jul. 2017.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DARNTON, Robert. **História da Leitura**. Trad. Magda Lopes. 3ª ed. In: Peter Burke. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FARIA, Kivia Pereira de Medeiros. **Já li muita coisa, então, eu posso inventar mais!** A leitura literária e o desenvolvimento do pensamento criativo na infância. 2014. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/14585>>. Acessado em: março, 2017.

FRANCISQUETE, Juliana. **A importância da mediação na competência da leitura em alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro Universitário FIEO, Osasco, 2015.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, jul. 2002.

GARCIA, Pedro Benjamin. **Literatura e identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura**. In: DAUSTER, Tania; FERREIRA, Lucelena (Org.). **Por que ler?** Perspectivas culturais do ensino da leitura. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p. 67-87.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil**: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

GRUPO DE PESQUISA LITERATURA E EDUCAÇÃO [site]. **Apresentação**. Disponível em: < <http://www.literaturaeeducacao.ufes.br/>>. Acesso em: 28 set. 2016.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Párabola, 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 29 set. 2016.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, v.1.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOTtermann, Clarice. Quando o leitor vira personagem: a representação ficcional do processo de leitura. In: In: MARTHA, Alice Áurea Penteado; AGUIAR, Vera Teixeira de. (Org.). **Entre livros e leitores**: escritos vários. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2016.

LOUREIRO, Robson. **A dialética civilização e barbárie**: considerações a partir do conceito de trabalho. Vitória: NEPEFIL/CE/UFES, 2011 (mimeo).

LOUREIRO, Robson. **Da Teoria Crítica de Adorno ao Cinema Crítico de Kluge**: educação, história e estética. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maria Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

MELLO, Cristina. Sensíveis aproximações à literatura: da sala de aula à biblioteca. In: RÖSING, Tania., FERRARI, Adriana Cybele (Org.). **Biblioteca**: inovação e comunidades leitoras. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

MORAES, Sandrina Wandel Rei de. **A leitura nos anos finais do ensino fundamental**: um diálogo com os professores e as atividades de leitura registradas em cadernos escolares, 2016. 259 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

NASCIMENTO, Eliane Loyola do. **A mediação pedagógica nas práticas de leitura de alunos de séries finais do ensino fundamental**. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de. **As práticas de leitura literária de adolescentes e a escola**: tensões e influências. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-31012014-121057.

_____. **O professor de português e a literatura**: relações entre formação, hábitos de leitura e prática de ensino. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.48.2008.tde-07102008-101148.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky** - Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 2011.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009a.

_____. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009b.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DA SERRA. **Orientação curricular**: De Educação Infantil e Ensino Fundamental: articulando saberes, tecendo diálogos. Secretaria Municipal de Educação/Departamento de Ensino. Serra: ABBA Gráfica e Editora, 2008.

PSZCZOL, Eliane. O Papel do Proler em uma Política Nacional de Leitura. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008. p. 11-32.

RAMALHETE, Mariana Passos. **O Leitor e a literatura juvenil**: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

ROCHA, Tereza Barbosa. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental**: implicações para a formação do leitor crítico. 2008. 200 f. Dissertação

(Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

ROSSATO, Cristiane. **O desenvolvimento da leitura em alunos promovidos com restrição**. 2015. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Letras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 17-33.

SANTAELLA, Lucia. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: CHARTIER, Anne-Marie... [et al.]; RÖSING, Tania Mariza K. (Org.). **Literatura e identidade na era da mobilidade**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

SANTOS, Maria Deuza dos. **Saberes sobre a literatura**: um estudo com professores de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. 2014. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19606>. Acessado em: março, 2017.

SCHWARTZ, Cleonara Maria. **O ensino da leitura e a formação do leitor na escola primária capixaba na década de 1960**: plano de trabalho. Vitória: [s. n.], 2011. Mimeo.

SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura na escola**. São Paulo: Global, 2008.

_____. O professor leitor. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania Mariza K. (Org.). **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. 1ª ed. São Paulo: Global, 2009.

TODOROV, Tzvetan. A literatura reduzida ao absurdo; Além da escola. In: _____. **A literatura em perigo**. 4ª ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Linhas de pesquisa**. Disponível em: <<http://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGE/linhas-de-pesquisa>>. Acesso em: 08 set. 2016.

VAGO, Eliete Aparecida Locatelli. **O ensino da leitura e práticas de formação de leitores na escola primária de Santa Teresa (ES) na década de 1960**. 2013. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

VALTÃO, Rosana Carvalho Dias. **Práticas e representações de leitura literária no ifes/campus de alegre**: uma história com rosto e voz. 2016. 229 f. Dissertação (mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

VIEIRA, Lorena Bezerra. **Literatura nos anos iniciais do ensino fundamental: documentos oficiais e discursos docentes no município de Serra (ES)**. 2016. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A transformação socialista do homem**. 1930. Disponível em: <<http://marxists.anu.edu.au/portugues/vygotsky>>. Acesso em: maio 2017.

ZANATTA, Deisi Luzia. A formação do leitor no Ensino Fundamental: uma proposta de prática leitura a partir da Teoria da Recepção. In: **Revista de Letras Dom Alberto**, v. 1, n. 9, jan./jul. 2016.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora Senac, 2001.

_____. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina., RÖSING, Tania. (Orgs). **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global; ALB, 2009. p. 17-39.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO****CENTRO DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****MESTRADO EM EDUCAÇÃO****CARTA DE ANUÊNCIA DO DIRETOR**

Eu, Zélia Castro dos Santos Dias, ocupante do cargo de Diretora/Gestora na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. Naly da Encarnação Miranda”, autorizo a realização da pesquisa **“CONTRA TUDO E TODOS: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra”**, sob responsabilidade da pesquisadora Lucecléia Francisco da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), nesta instituição, respeitando a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução nº 466/2012). Afirmando que fui devidamente orientada sobre a finalidade e objetivo da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e sua divulgação posterior, sendo que meu nome será mantido em sigilo.

Serra, _____ de _____ de 2017.

Zélia Castro dos Santos Dias

Diretora/Gestora

EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda”

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO****CENTRO DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****MESTRADO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Este é um convite para você participar da pesquisa de mestrado: **“CONTRA TUDO E TODOS: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra”**, que tem como pesquisadora responsável a mestranda **Lucecléia Francisco da Silva**, do Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, que por sua vez é orientada pela Professora Dra. Maria Amélia Dalvi, docente efetiva da referida instituição.

Este trabalho se insere nas discussões do grupo de pesquisa “Literatura e Educação” e investiga, no contexto da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. Naly da Encarnação Miranda”, situada na Serra - ES, a formação de sujeitos leitores em contextos adversos. Como tais sujeitos da referida escola se tornaram leitores em condições adversas sejam culturais, sociais, educativas ou econômicas. Na tentativa de compreender como esses sujeitos se constituíram leitores, é preciso entender como os seus contextos históricos se relacionam com a literatura no meio escolar e fora dele. Há indícios de a leitura literária se constituir para além da mediação pedagógica do professor? Há outros modos de mediação que atinjam diretamente a construção do sujeito leitor?

Para coletar os dados para a pesquisa será aplicado questionário com perguntas abertas e fechadas para três oitavas séries, sendo duas no turno matutino e uma no vespertino, em média com cem alunos (as). Posteriormente, os alunos selecionados por meio de critérios pré-estabelecidos serão convidados a participar de entrevista onde responderão algumas questões pertinentes ao estudo em andamento.

Utilizaremos ainda entrevistas com uma amostragem de vinte e dois alunos voluntários para a pesquisa. Nesse grupo pretendemos ter no mínimo três alunos que se consideram leitores. Serão realizados com os vinte e dois alunos voluntários encontros (individuais) com duração de uma até três horas, em horário previamente estabelecido, onde discutiremos as histórias de vida dos alunos (as), suas relações com a leitura e os variados mediadores, no que tange à leitura em seus contextos históricos. Toda a atividade será gravada em áudio e vídeo e será posteriormente transcrita, com a atribuição de um nome fictício a cada participante para garantir o sigilo dos depoimentos.

Portanto, caso você decida participar, será solicitado que tome parte desse grupo que será entrevistado (a) com algumas questões propostas pela pesquisadora.

Só poderão participar da pesquisa os alunos devidamente matriculados no ensino fundamental da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda” e que tenham o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por si, caso seja maior de 18 anos, ou por um responsável legal.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

O risco nesta investigação para você é sentir-se constrangido por não querer responder ao questionário e/ou à entrevista, ou mesmo sentir desconfortável por permanecer no local da realização e aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Os riscos são minimizados, pois a pesquisa será realizada nas dependências da escola, em local previamente preparado, mas familiar ao aluno. Você poderá deixar

qualquer das questões do questionário ou da entrevista sem resposta, pode também se retirar do local se não estiver confortável. Se houver necessidade, as respostas ao questionário e/ou entrevistas poderão ser interrompidas para que o participante possa descansar e receber atendimento prestado pela pesquisadora ou por pessoal competente em casos excepcionais.

Durante todo período nessa pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para **Lucecléia Francisco da Silva, 27-99831-3847**, ou por e-mail **lucecleiasilva@bol.com.br**.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que você irá fornecer serão confidenciais e utilizados apenas para fins acadêmicos, ou seja, serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável (Lucecléia Francisco da Silva).

A pesquisa trará benefícios, uma vez que o presente estudo permitirá conhecer como se dá a formação de sujeitos leitores em contextos adversos e como tais sujeitos se tornaram leitores em condições adversas. Conheceremos ainda quem foram os principais mediadores da leitura literária, na vida escolar ou fora dela, dos referidos sujeitos participantes da pesquisa. Contribuindo, dessa forma, para um aumento no incentivo com a leitura literária e políticas que ampliem essa prática dentro da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda”.

Os participantes de pesquisa e comunidade em geral poderão entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos** da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – *Campus* Goiabeiras, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações por telefone (27) 3145-9820 ou e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com. O CEP localiza-se na Av. Fernando Ferrari, s/n, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.060-970, Prédio Administrativo

do Centro de Ciências Humanas e Naturais/UFES – Campus Universitário de Goiabeiras.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após ter sido esclarecido sobre os objetivos, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa **“CONTRA TUDO E TODOS: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra”**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Serra, ES, ____ de _____ de 2017.

Participante

**Responsável legal pelo
participante menor de 18 anos**

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Como pesquisadora responsável pelo estudo **“CONTRA TUDO E TODOS: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra”**, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodologicamente e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Serra, ES ____ de _____ de 2017.

Lucecléia Francisco da Silva

(pesquisadora responsável)

Profa. Dra. Maria Amélia Dalvi

(orientadora da pesquisa responsável)

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá!

Gostaria de te convidar a participar de uma pesquisa sobre leitura de literatura, com o título **CONTRA TUDO E TODOS: a formação de leitores em contextos adversos, no município da Serra**. Esse trabalho se insere nas discussões do grupo de pesquisa “Literatura e Educação” e investiga, no contexto da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. Naly da Encarnação Miranda”, situada em Serra - ES, como se dá a formação de sujeitos leitores em contextos adversos. Como tais sujeitos da referida escola se tornaram leitores em condições adversas sejam culturais, sociais, educativas ou econômicas. Na tentativa de compreender como esses sujeitos se constituíram leitores, é preciso entender como os seus contextos históricos se relacionam com a literatura no meio escolar e fora dele.

Para coletar os dados para a pesquisa será aplicado questionário com perguntas abertas e fechadas e posteriormente, os alunos selecionados por meio de critérios pré-estabelecidos serão convidados a participar de entrevistas onde responderão algumas questões pertinentes ao estudo em andamento.

Utilizaremos para as entrevistas uma amostragem de vinte e dois alunos voluntários para a pesquisa. Nesse grupo pretendemos ter três alunos que se consideram

leitores. Serão realizados com esses vinte e dois alunos (as) encontros (individuais) com duração de uma até três horas, em horário previamente estabelecido, onde discutiremos as histórias de vida dos alunos (as), suas relações com a leitura e os variados mediadores, no que tange à leitura em seus contextos históricos. Toda a atividade será gravada em áudio e vídeo e será posteriormente transcrita, com a atribuição de um nome fictício a cada participante para garantir o sigilo dos depoimentos.

Portanto, caso você decida participar, será solicitado que tome parte desse grupo que será entrevistado (a) com algumas questões propostas pela pesquisadora.

Só poderão participar da pesquisa os alunos devidamente matriculados no ensino fundamental da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda” e que tenham o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por si, caso seja maior de 18 anos, ou por um responsável legal.

A pesquisa trará benefícios, uma vez que o presente estudo permitirá conhecer como se dá a formação de sujeitos leitores em contextos adversos e como tais sujeitos se tornaram leitores em condições adversas. Conheceremos ainda quem foram os principais mediadores da leitura literária, na vida escolar ou fora dela, dos referidos sujeitos participantes da pesquisa. Contribuindo, dessa forma, para um aumento no incentivo com a leitura literária e políticas que ampliem essa prática dentro da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda”.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

O risco nesta investigação para você é sentir-se constrangido por não querer responder ao questionário e/ou à entrevista, ou mesmo sentir desconfortável por permanecer no local da realização e aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Os riscos são minimizados, pois a pesquisa será realizada nas dependências da escola, em local previamente preparado, mas familiar ao aluno. Você poderá deixar

qualquer das questões do questionário ou da entrevista sem resposta, pode também se retirar do local se não estiver confortável. Se houver necessidade, as respostas ao questionário e/ou entrevistas poderão ser interrompidas para que o participante possa descansar e receber atendimento prestado pela pesquisadora ou por pessoal competente em casos excepcionais.

Durante todo período nessa pesquisa você poderá tirar suas dúvidas ligando para **Lucecléia Francisco da Silva, 27-99831-3847**, ou por e-mail **lucecleiasilva@bol.com.br**.

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que você irá fornecer serão confidenciais e utilizados apenas para fins acadêmicos, ou seja, serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar.

Esses dados serão guardados pelo pesquisador responsável por essa pesquisa em local seguro e por um período de 5 anos. Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável (Lucecléia Francisco da Silva).

Como a investigação se dará dentro do espaço escolar, você não terá nenhuma despesa ou eventuais danos decorrentes da pesquisa, já que todo trabalho será realizado dentro da biblioteca, sala de aula e/ou laboratório de informática. Também não será remunerado (a) para participar da pesquisa, SUA PARTICIPAÇÃO SERÁ VOLUNTÁRIA.

Para participar dessa pesquisa, você precisa estar devidamente matriculado no ensino fundamental da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda” – Serra - ES e, ainda, um responsável precisa ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os participantes de pesquisa e comunidade em geral poderão entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos** da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – *Campus* Goiabeiras, para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações por telefone

(27) 3145-9820 ou e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com. O CEP localiza-se na Av. Fernando Ferrari, s/n, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.060-970, Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais/UFES – Campus Universitário de Goiabeiras.

Assentimento livre e esclarecido do estudante menor de idade para participar da pesquisa

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____, de forma livre e esclarecida, manifesto meu assentimento em participar da pesquisa como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador(a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para meus responsáveis. Declaro que recebi cópia deste termo de assentimento e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Assinatura do voluntário de pesquisa menor de 18 anos

Assinatura do pesquisador responsável

Serra, _____ de _____ de 2017.

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Pesquisadora responsável: Lucecléia Francisco da Silva

Quantidade de participantes: 22 (vinte e dois) alunos que participarão (individualmente) da entrevista

Local: Biblioteca e/ou sala de informática da EMEF “Prof. Naly da Encarnação Miranda”

Data e horário: a definir

Duração pretendida: 1 a 3 horas

Olá! Seja bem vindo! Obrigada por dedicar seu tempo para falarmos sobre suas práticas de leitura literária. Você foi convidado (a) por ter respondido previamente a um questionário cujo foco era conhecer as práticas, apropriações e representações de leitura dos alunos dessa escola. Está apto (a), portanto, a participar desse encontro.

Você responderá a algumas perguntas relacionadas às histórias de suas vidas, as pessoas que te influenciaram em relação à leitura e outras perguntas relacionadas à sua formação como leitor (a). É importante ressaltar que não há respostas erradas, apenas diferentes pontos de vista. Sinta-se à vontade para manifestar os seus.

Como pode perceber e de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido lido por todos e assinados pelos responsáveis pelos menores de 18 (dezoito) anos, nossa conversa será gravada em vídeo, pois não queremos perder nenhum dos comentários feitos hoje. Reforçamos que a sua identidade não será divulgada.

1ª ETAPA

Pedir aos participantes que se apresentem dizendo nome, série e turma, apenas para nosso controle, visto que os nomes divulgados na pesquisa serão fictícios para resguardar a privacidade dos participantes.

Recolher os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados, bem como os Termos de Assentimento, que foram entregues antecipadamente.

2ª ETAPA

Pedir aos participantes que se sentem em frente à pesquisadora, diante da câmera.

Questões sobre práticas de leitura

- 1) Você mora com quem?
- 2) Você mora em casa própria ou alugada?
- 3) Quem primeiro leu para você?
- 4) Você se considera um/uma leitor (a)? Por quê?
- 5) Você se lembra com qual idade tinha quando leu o primeiro livro? Lembra do título?
- 6) Você se lembra quantos anos tinha quando ganhou ou comprou o primeiro livro?
- 7) Qual ou quais exemplos de leitor (es) você tem?
- 8) Esse (s) exemplo (s) de leitor (es) encontram-se em qual parte de sua vida? Religiosa, escolar, familiar ou outra?
- 9) Na sua família alguém é leitor (a)?
- 10) Quem mais te incentivou a ler?
- 11) Seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler?
- 12) Qual a escolaridade dos seus pais?
- 13) Qual tipo de livros eles mais lêem?
- 14) Você lê livros por indicação de quem?

- 15) Você costuma frequentar a igreja?
- 16) Se você frequenta alguma igreja saberia apontar alguém de lá como leitor (a)?
- 17) Você lê textos religiosos?
- 18) Você acredita que a leitura seja importante na vida de um sujeito?
- 19) As pessoas que leem têm mais chances de vencer na vida?
- 20) Você gosta de ler?
- 21) Quem você considera responsável por gostar ou não de ler?
- 22) A escola te incentivou a isso?
- 23) Você já leu algum livro indicado pela escola? Qual?
- 24) O que a escola deveria fazer para um maior incentivo com a leitura?
- 25) Você leu ou está lendo algum livro?
- 26) Quem indicou esse livro pra você?
- 27) Como você teve acesso aos livros que leu ou está lendo?
- 28) Qual livro você leu que marcou a sua história de vida?
- 29) O que você faz quando o professor pede que leia algum livro de que não gosta?
- 30) O que é ser leitor (a) para você?

3ª ETAPA

Para finalizar, perguntar se os participantes têm mais algum comentário ou alguma consideração a fazer.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO



A pesquisa que dá origem a este questionário está sendo feita pela mestranda Lucecléia Francisco da Silva, no âmbito do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação (www.literaturaeeducacao.ufes.br). Visa a compreender a formação de leitores, em contextos adversos, no município da Serra – ES. As respostas serão analisadas sem identificação nominal dos respondentes. Ao responder ao questionário, você concorda que os dados produzidos sejam utilizados para a pesquisa em andamento, com a condição de não ser identificado nominalmente.

Asseguramos que os dados produzidos serão tratados de forma ética e respeitosa, em conformidade com as orientações para pesquisa em Ciências Humanas. A qualquer momento você poderá ter acesso aos dados e poderá desistir de participar da pesquisa. Já os resultados da pesquisa serão disponibilizados publicamente na forma de gêneros acadêmicos (artigos, palestras, minicursos, conferências e etc.), sem identificação nominal dos sujeitos, de modo a evitar quaisquer tipos e modos de constrangimento aos indivíduos participantes. Desejando, você pode pedir esclarecimentos sobre a pesquisa, a qualquer tempo, por meio do e-mail lucecleiasilva@bol.com.br.

Pedagoga/Professora Lucecléia Francisco da Silva
Prefeitura Municipal da Serra

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo

QUESTIONÁRIO

1. Você tem o hábito de ler?

() Sim

() Não

2. Se respondeu NÃO, qual(ais) a(s) razão(ões)?

- Não tenho tempo
- Não gosto de ler
- Tenho dificuldade de concentração
- Acho os livros muito caros
- Outro: _____

3. A) Se respondeu SIM, o que você lê?

- Livros
- Jornais
- Revistas
- Websites

B) Se respondeu NÃO na pergunta 1, quais opções lhe parecem interessantes.

- Livros
- Jornais
- Revistas
- Websites

C) Quanto ao material para leitura marque a opção que lhe parece mais interessante.

- Material impresso
- Material digital

3. Tipos de revista

Se indicou a leitura de revistas, que tipo lê?

- Adolescentes
- Culinária
- Científicas
- Novelas / fofocas / celebridades
- Histórias em quadrinhos
- Horóscopo
- Religiosa
- Outro: _____

4. Seções do jornal

Se indicou a leitura de jornais, qual(is) seção(ões) lhe agradam mais?

- Geral
 - Esportes
 - Polícia
 - Variedades

 - Cultura
 - Mulher
 - Teen
- Outro: _____

5. Tipo de livro

Se indicou livros, de que tipo lê?

- Aventura / ação
- Ficção científica
- Histórias românticas
- Poesia
- Policiais
- Religiosos
- Autoajuda
- Quadrinhos
- Técnicos
- Terror / suspense
- Drama
- Biografia
- Outro: _____

6. Websites

Se indicou websites, que tipo você acessa mais?

- Notícias
- Humor
- Tecnologia / informática
- Games
- Celebidades

- Podcasts
- Portais de música (Spotify, iTunes, Grooveshark)
- Letras de músicas
- Moda / comportamento / tendências
- Blogs diversos
- Facebook
- Twitter
- Tumblr
- Outro: _____

7. Frequência

Com que frequência você lê?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Anualmente

8. Definição de leitura

Para mim, a leitura é, acima de tudo:

- Uma obrigação escolar
- Um prazer
- Uma forma de aprender
- Uma forma de valorização pessoal

- Um passatempo
- Uma chatice
- Outro: _____

9. Nacionalidade dos autores

Habitualmente você lê escritores de qual nacionalidade?

- Brasileiros
- Estrangeiros
- Varia
- Não sei / não me importo

10. Quantidade de livros por ano

Quantos livros você lê por ano?

- De 1 a 3
- De 4 a 8
- De 8 a 15
- Mais de 15
- Outro: _____

11. Quem mais te incentiva a ler:

- Alguém de sua família
- Seu/ sua professor(a)
- Seu/ sua amigo (a)
- Alguém da igreja que você frequenta

() Outro: _____

12. Origem das indicações de leitura

Como você escolhe os livros que lê?

() Dicas de amigos

() Dicas de alguém de sua família

() Dicas de professores

() Dicas do(a) bibliotecário(a)

() Dicas do vendedor na livraria

() Propaganda

() Listas do tipo "os 10 melhores" na internet

() Outro: _____

13. Origem dos livros

Os livros que você lê são:

() Empréstados na biblioteca escolar ou pública

() De sua biblioteca pessoal (comprados)

() De algum membro da sua família

() Empréstados por amigos

() Outro: _____

14. Aquisição de livros

Você costuma comprar ou ganhar livros?

- () Costumo comprar livros mais do que ganhar
- () Costumo ganhar livros mais do que comprar
- () Ganho tantos livros quanto os que compro
- () Não costumo comprar nem ganhar livros

15. Livros preferidos

Indique no máximo 2 livros que você leu e que te marcaram, colocando o NOME DO LIVRO, um travessão e em seguida o AUTOR, como no exemplo abaixo:

O fazedor de velhos – Rodrigo Lacerda

1. _____
2. _____

Muito obrigada!

Professora/Pedagoga Lucecléia Francisco da Silva

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição das entrevistas realizadas com os discentes. Vale ressaltar que a identificação dos mesmos será mantida em anonimato, conforme indicado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em todas as entrevistas para preservar o anonimato dos alunos pedimos a eles que se dessem um pseudônimo para representá-los. Quatro alunos escolheram personagens de livros que leram e uma aluna, a personagem de um filme, que também faz parte de uma série de livros.

Todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente. Estão dispostas nesse apêndice de acordo com a ordem que foram realizadas. Esclarecemos que as entrevistas não passaram por revisão linguística, pois escolhemos manter a fala “coloquial” dos entrevistados.

ENTREVISTA 1

Evie (personagem do livro *Divergente*). Os quatro livros que mais gostou de ler foram: *O Teorema Katherine*, *Cidades de papel*, *Quem é você, Alasca?* e *A culpa é das estrelas*, todos escritos pelo autor norte-americano, Jhon Green.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, vou pedir a você que se apresente, dizendo seu nome, série e turma, apenas para nosso controle, visto que os nomes divulgados na pesquisa serão fictícios para resguardar a privacidade dos participantes. É, então, eu gostaria que vocês se apresentassem dizendo o nome, série e turma que você é.

Evie. (A aluna se identificou com seu nome próprio, porém, usamos o nome fictício proposto por ela para preservar sua identidade).

(Entrevistadora/pesquisadora): De quê?

Evie: (A aluna se identificou com seu nome e sobrenome, porém, usamos o nome fictício proposto por ela para preservar sua identidade).

(Entrevistadora/pesquisadora): De qual turma você é?

Evie: Oitava série dois.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Evie: Acho que é.

(Entrevistadora/pesquisadora): é, é isso.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, eu vou começar agora a entrevista, Evie. É, primeiro falando sobre prática de leitura. O que seriam práticas de leitura? É o que você lê, quanto tempo, né, em mais ou menos. Como que você pratica essa leitura. É, antes disso, dessas práticas, eu vou perguntar pra você, você mora com quem?

Evie: É, bom a minha casa tipo tem uma casa na frente e uma casa atrás, mas no mesmo quintal. Aí dentro da minha casa, é eu, meu pai e minha mãe e na outra casa são os meus avós. Só que eu convivo assim: eu passo os dias com os meus avós, ou na minha casa. Inaudível.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas na sua casa é você, seu pai e sua mãe?

Evie: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem irmãos?

Evie: Não. Filha única.

(Entrevistadora/pesquisadora): Filha única?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você mora em casa própria ou alugada?

Evie: Própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, quem primeiro você tem consciência assim, você tem lembrança de quem primeiro leu pra você?

Evie: Eu não lembro, mas eu acho que foi o meu pai. Ele que sempre mais me pegou assim no meu pé. Não pegou no meu pé, mas me deu incentivo assim pra eu ser alguém na vida. Puxando assim, ah procura estudar pra você não... porque uma família da roça, né, pra não ser igual a eles assim, porque, por exemplo, a minha mãe, ela teve que parar de estudar na quarta série. Aí meu pai, não. Meu pai concluiu tudo, tem técnico e tal. Só que ele não. Meu pai buscou, busca sempre me incentivar. Aí, creio eu que foi ele que me incentivou mais assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): E a pergunta quatro é essa: você se considera uma leitora?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Evie: Eu gosto bastante de ler. É, aqui igual tem a biblioteca na escola. Eu procuro vim procurar livros. É, minha prima também eu pego livros emprestados com ela e

quando eu não to com um livro assim, na mão eu to na internet procurando livros, revistas, jornais, essas coisas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, pergunta cinco. Você se lembra com qual idade tinha quando leu o primeiro livro?

Evie: Ah, acho que uns sete anos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra do título do livro?

Evie: É, contos de fadas, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Contos de fadas? Mas não lembra qual?

Evie: Não, sempre fui... lembro que é, aqueles livros que eles sempre veem vários contos. Eu sempre gostei muito de A pequena sereia e A Bela e a Fera, mas não lembro qual dos dois foi o primeiro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você aprendeu a ler com quantos anos?

Evie: Olha, eu não sei só que eu sempre fui uma aluna que quis procurar assim aprender. Só que acho que foi um pouco antes dos sete...

(Entrevistadora/pesquisadora): Um pouco antes dos sete?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Você se lembra quantos anos tinha quando ganhou, comprou o primeiro livro?

Evie: Ai, hehehehe. É difícil por causa da minha mãe. Ela sempre gostou de ler. Então, na minha casa, assim tem uma estante com bastante livros e tem um livro que eu tenho até hoje que o nome dele é Cinquenta e duas histórias. E ela deu esse livro pra mim e até hoje eu leio ele e tal.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas você não lembra quantos anos tinha quando ganhou, quando comprou?

Evie: Não, não. Foi, acho foi muito nova.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, qual ou quais exemplos de leitor que você tem? Uma pessoa que você considera leitor, sem ser você. Pode ser na sua casa ou na igreja, ou aqui na escola.

Evie: Exemplo de leitor...

(Entrevistadora/pesquisadora): É, uma pessoa que você acha que é leitora. Que lê, que...

Evie: Ah, minha prima. Eu gosto, porque, assim, eu gosto de pegar livros emprestados com ela. Ela tem assim uma coleção. Os meus tios também, eu considero eles leitores.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual tio? Ou quais tios?

Evie: É, falar o nome?

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode falar o nome.

Evie: Meu tio Márcio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Evie: Eu considero ele leitor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que você considera ele leitor?

Evie: Bom, porque ele me incentiva. Os meus tios em gerais, eles me incentivam bastante assim como meu pai a ler pra ter conhecimento né e ele, pelo ramo dele assim, apesar de não ser em Letras, ser uma coisa totalmente de Arquitetura, ele sempre procura ler. É, porque ele gosta também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esse tio é arquiteto?

Evie: Uhum. Ele acha isso interessante assim como eu. Uma coisa pra mim, pra ele ou pra minha prima, vê isso como se fosse uma terapia relaxa, porque é uma... tem

imaginação e isso todo mundo tem né. Então, a gente acha muito bom, a gente é livra do stress do dia a dia que é uma coisa que todo mundo tem. Então, eu considero eles leitores.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Seu pai e sua mãe, você considera leitores? Ou não?

Evie: Sim. Também, meu pai ele gosta bastante de ler jornal, a minha mãe, ela gosta de ler livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você sempre os vê lendo?

Evie: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, na... e você frequenta alguma igreja?

Evie: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você já me respondeu a nove se alguém na sua família é leitor ou leitora. Quem mais te incentivou a ler?

Evie: Foram os meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. Pode estar incluído os pais. Quem seria a pessoa que fala essa pessoa foi uma das mais importantes pra fazer eu ler, eu ser leitora?

Evie: Bom, os meus pais, os meus professores. Meus professores foram fundamentais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas você lembra de alguma figura, alguma pessoa que foi assim aquela que mais te incentivou?

Evie: Ah, a leitura eu vejo assim tipo não adianta uma pessoa falar ah, lê se você não quer. Então, as pessoas sempre me falaram assim ah, lê, assim mais, mas foi uma vontade própria que eu senti gosto. Comecei a ler e senti gosto.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, seus pais foram responsáveis pelo hábito de ler você disse que sim. Qual a escolaridade dos seus pais?

Evie: Bom, a minha mãe cursou até a quarta série e o meu pai, ele concluiu até o técnico.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ele fez técnico em que?

Evie: Mecânica.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mecânica? Uhum. É, qual tipo de livro eles mais leem?

Evie: Bom, é, ambos gostam assim cursinhos evangélicos, mas não só em relação a isso. Eles gostam bastante de ler a Bíblia. Meu pai gosta, não só meu pai, mas minha mãe também gosta de acompanhar jornais, ver as notícias, né. Minha mãe gosta de ler revista, meu pai gosta de entrar em sites assim da internet pra ta acompanhando as coisas do dia a dia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. Vocês são de qual igreja?

Evie: Mundial do poder de Deus.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você lê livros por indicação de quem?

Evie: De amigos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Amigos? Da escola ou fora da escola?

Evie: Dos dois lugares.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Amigos de escola, curso... é... família também. Às vezes, diz ah li tal livro, lê também. E também por pesquisa tipo, às vezes, eu to vendo, assistindo um vídeo na internet e a pessoa fala assim ah li tal livro, gostei ou por procurar títulos e gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esses vídeos que você vê pela internet te dão indicação de livro são o que esses vídeos?

Evie: Youtubers. Igual, tem bastante youtubers que lançaram livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Tem Lucas Lirio, Cristian Fevereiro, Kéfera. São os que eu acompanho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito.

Evie: Eles lançaram livros e eu procuro assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aqui você respondeu que você costuma frequentar a igreja. Sim, né?

Evie: Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, se você frequenta alguma igreja, falou que sim, você saberia apontar alguém lá dentro da igreja que você considera leitor? Você tem assim, intimidade com alguém tipo ó tem uma amiga minha que é leitora, uma irmã da igreja ou um irmão da igreja que são leitores?

Evie: Meu pastor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pastor? Uhum.

Evie: Ele tem não por ser pastor, mas ser é... ser humano. Dentro da igreja ou não, ele gosta de ter conhecimento assim como eu, você. Ele gosta de ler Bíblia ou livros comuns, jornais, internet.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. Você lê livros religiosos?

Evie: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Bíblia? Mais alguma outra?

Evie: Eu gosto de ler a Bíblia, às vezes, eu entro em sites assim de pesquisa e tal. Às vezes, eu vejo uma palavra, aí eu vou pesquisar.

(Entrevistadora/pesquisadora): E na sua igreja tem aquela revista da escola dominical ou não?

Evie: Tem, ah revista, mas escola dominical, não sei.

(Entrevistadora/pesquisadora): E se ir na sede no domingo?

Evie: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Uhum.

Evie: Não na minha. Assim, na minha sede. Mas nas outras sedes que são da minha congregação, sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, você acredita que a leitura seja importante na vida de uma pessoa?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Evie: Bom, a leitura além de fazer, é, ter uma imaginação melhor assim, ela te faz ter conhecimento de novas palavras, de como usar as palavras e tudo mais. E, por exemplo: eu tava lendo um livro, *O Teorema de Katherine* e...

(Entrevistadora/pesquisadora): Teorema?

Evie: *O Teorema Katherine*. É Katherine.

(Entrevistadora/pesquisadora): Katherine?

Evie: É, mas se escreve Katherine. É, ele tem algumas partes que é em árabe, só que embaixo tem a tradução. Ele é do John Green. Gosto bastante. E...

(Entrevistadora/pesquisadora): O livro é sobre o quê?

Evie: É, o Colin, personagem principal que por algum motivo macabro assim, nem ele entende desde o início ele só se apaixona por garotas chamadas Katherine. Ele já teve dezenove namoradas chamadas Katherines. E aí na décima nona ele entra em uma pequena depressão e ele chama um amigo dele que, agora, não me recordo o nome, pra sair. Eles fazem uma viagem e aí, eles vão pra cidade de (inaudível) e lá ficam numa fazenda, começam a trabalhar e tal, na casa de uma família. E ele conhece uma menina, a Ali. Aí, ele, é ela tem um namorado que, por coincidência se chama Colin e no final do livro, é... eles acabam ficando juntos. Aí meio que quebra a maldição dele. E o que eu achei interessante nesse livro é que tipo ele, esse Colin é superdotado. Ele sabe falar várias línguas e tal. E a questão do árabe é que eu gostei. Aí, tem a escrita né, só que você não sabe como é que é a pronúncia. Aí eu fui e pesquisei pra ver como é que é e isso eu achei muito interessante.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hum, quer dizer que você foi pesquisar a Língua Árabe?

Evie: É, como é que se pronunciava o jeito que tava escrito. Aí eu achei muito interessante. Então, isso que eu acho interessante dos livros. Não só livros, revistas jornais essas coisas. Porque, às vezes, tem uma coisa que você não conhece e aí você vai e pesquisa pra você saber o que é.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, entendi. E você acha que as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

Evie: sim. Não as que não leem sejam fracassadas, mas que as pessoas que leem elas têm uma mente mais aberta né. Porque digamos que ela interaja assim, fictício, então interagindo ali elas podem ter uma noção assim. Porque, por exemplo: se a pessoa é tímida ela fica aí, nervosa na hora de conversar com outras pessoas, aí ela começa a interagir nos livros e como igual a mim. Eu meio que converso com os

meus livros. Então, na hora dela conversar pessoalmente com uma outra pessoa, ela já vai saber lidar com a situação. Então, eu acho que fica mais fácil.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Você gosta de ler?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Quem você considera responsável por você gostar de ler?

Evie: Eu mesma.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você mesma?

Evie: Apesar de eu ter incentivos e tal, agora as pessoas me indicarem, tudo na vida só vai pra frente se você mesmo quiser.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Você acha, Evie que a escola te incentivou nisso? A questão de você ler, você ter mais conhecimento, ou você acha que a escola não teve nenhum papel nisso?

Evie: Sim, a escola teve. Toda escola, tanto os professores, porque, por exemplo: a biblioteca aqui da escola. Eu acho isso fundamental, porque tem escolas que não têm biblioteca, né, então já não é um incentivo. Então, meus professores incentivaram, amigos também e temos uma biblioteca. Eu acho isso muito bom, por causa que, por exemplo: na hora de um recreio a gente ia lá lê um livro, procura e a gente pode levar até pra casa pra poder ler. Então, acho isso muito bom, porque tem escolas que não tem. Então fica um pouco complicado, porque tem alunos que já não tem interesse em nada, então mais portas abertas fica melhor.

(Entrevistadora/pesquisadora): E você pegava livros pra ler na escola pra levar?

Evie: Sim. Esse livro que eu acabei de citar O teorema de Katherine, eu peguei aqui na escola.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, que legal. Você já leu algum livro indicado pela escola? Ou por um professor aqui do Caic?

Evie: Ai, eu não lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esse professor deu pra turma, ou pra você ó esse livro é legal. Pega lá na biblioteca. Você lembra de algum? Se não lembrar não tem problema.

Evie: Bom, mas teve uma aula de História que a gente tava falando da época do nazismo né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Com Jorge Amado? (Nesse momento eu cito o nome de um professor da escola).

Evie: Aham, Jorge Amado. Gosto bastante dele. É, aí teve, tem um filme que é O menino do pijama listrado e tem o livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Conheço.

Evie: Aí eu falei que já li e tal e ele que indicou. Mas...

(Entrevistadora/pesquisadora): Acabou que o que você tinha lido teve a ver com o que tava sendo discutido na sala. Mas a escola você não lembra?

Evie: Aham. Ai, eu não me recordo se ele já viu o filme e tal e eu acabei falando com ele, ah lê o livro, o senhor vai gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas que a escola fez isso pra você, não?

Evie: É, eu não me recordo.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, pra você assim, você estudou quantos anos assim no Caic?

Evie: Desde a primeira série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Desde a primeira?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): O que pra você, o que a escola deveria fazer para incentivar mais a leitura dos alunos?

Evie: Nossa.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você tem assim, ah acho que se a escola tivesse feito isso eu teria lido mais, os meus amigos... ou se tem alguma coisa que você poderia propor. No momento não se lembra...

Evie: Ah, acho que projetos de leitura né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Projetos de leitura.

Evie: Porque igual, esse ano foi no último ano e tal, aí eu até conversava com o professores, pedagogas, diretora da gente fazer alguma coisa diferente né, porque todo ano sempre as mesmas coisas, só sala de aula, sala de aula. “Fazê”, tipo tirar ao menos uma aula por semana, dar livro pro aluno lê, alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi.

Evie: Eu acho interessante por causa... deixa eu ver... como eu era na primeira série tinha isso, não de leitura assim, dá pro aluno ler, mas a professora levava a gente pra biblioteca e ela deixava a gente um tempinho livre pra gente ver livros e tal. Depois ela escolhia um livro e lia pra gente. Isso era bastante interessante. É, eu sei que nas séries iniciais não sei se é aqui ou se é na creche tem um dia que é o dia do brinquedo assim. Os alunos levam brinquedos e eles ficam brincando lá. Eu acho que deveria ter pelo menos um dia pelo menos uma aula, assim pros alunos lerem. Eu acho que isso ia incentivar bastante.

(Entrevistadora/pesquisadora): E nessa primeira série, você lembra quem foi a professora?

Evie: Professora “Anne Ventura”.

(Entrevistadora/pesquisadora): “Anne Ventura”?

Evie: Aham. Ela me deu aula na primeira e na segunda série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, você leu, lógico que já pelo que a gente conversou, você está lendo algum livro? Nesse momento?

Evie: Agora, no momento, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? O último que você leu, lembra?

Evie: O teorema de Katherine.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem indicou pra você?

Evie: Foi a... foi a Gabriela.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gabriela é?

Evie: Gabriela, da minha turma.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua amiga?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ela que indicou esse livro?

Evie: É, eu vi que tipo eu sempre gostei do autor John Green. Aí teve uma vez...

(Entrevistadora/pesquisadora): John Lee?

Evie: John Green.

(Entrevistadora/pesquisadora): John Green? Uhum.

Evie: Aí eu tava discutindo com ele sobre os livros dele com a minha prima. Aí foi assim, ah eu tenho muita vontade de ler O teorema de Katherine. Aí minha prima falou assim, ah eu não gostei muito desse livro, porque é um garoto depressivo e tal. E aí, no momento eu não li. Só que no início do filme... não é filme... é, na metade eu vi que a Gabriela tava com ele. Aí eu conversei com ela e ela falou assim ó, eu gostei, achei muito bom. Aí eu falei assim quando você terminar de ler, vamos na biblioteca aí você passa ele pra mim? Ela falou assim “tá” bom. Eu li e achei bastante interessante.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gostou do livro?

Evie: Gostei.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É, como você teve, tem acesso ou teve ao livro que leu?

Evie: Pela biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Só pela biblioteca da escola?

Evie: Bom, a colega né, eu vi que ela tava usando e pela biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, mas os livros que você tem lido durante a sua vida foi mais ao acesso aqui, a biblioteca, ou assim em casa vocês têm o costume de comprar? Você vai à biblioteca com sua mãe, a livraria e compra ou mais aqui pelo Caic?

Evie: Bom, pela biblioteca da escola, livros online, emprestado e... é não é costume me dar livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Costume? Uma coisa assim que não é normal?

Evie: Não, ela não me dá. É, porque tem bastante livros em casa, na minha casa. Aí ela tipo, assim, ah, lê os livros de casa primeiro que aí a gente compra. Só que, eu gosto... não assim que eu não gosto de ler os livros, só que eu acho que são títulos mais pra adulto.

(Entrevistadora/pesquisadora): Os livros que você tem em casa são mais pra adultos? É?

Evie: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que você acha isso?

Evie: Ah, eu não sei... por causa que igual.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dá um exemplo assim que você acha que é pra adulto? Na sua casa.

Evie: Ah, acho que é o Dom Carmelo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dom Carmelo?

Evie: É, se eu não me engano.

(Entrevistadora/pesquisadora): É o título ou o autor?

Evie: É o título. Acho que esse é o título se eu não me engano. Tem... não me recordo não sei o quê... Fogo lá, a prova de fogo, alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Mas, não é assim...

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha que os livros que você tem na sua casa não são pra sua faixa etária é isso?

Evie: Não que não são pra minha faixa etária, mas assim eu pego assim pra ler e tal e não desperta interesse. Mas, não sei... é, uma coisa que, sei lá. Não é aquela coisa que chama tanto a atenção. Eu gosto de ler vários tipos de livros, mas não é aquela coisa que fica assim...

(Entrevistadora/pesquisadora): Te interesse tanto. Entendi.

Evie: Não costumo julgar livro pela capa até a hora que começa ler e tal, não é aquela coisa toda.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não te traz tanto interesse né?

Evie: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): E, deixa eu te falar, você... qual o livro que você leu que mais marcou sua história de vida? Sua vida. Você fala esse jamais vou esquecer.

Evie: Nossa! São tantos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Um assim, bem... se for colocar ele numa lista, um dos que mais impactaram sua vida, você mais ficou com ele na cabeça, que mais chamou atenção.

Evie: Eu acho que, bom são três livros assim que eu li e gostei bastante. Que é esse O teorema de Katherine.

(Entrevistadora/pesquisadora): O teorema de Katherine.

Evie: Quem é você, Alasca?

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem?

Evie: é você, Alasca?

(Entrevistadora/pesquisadora): Alasca.

Evie: E A culpa é das estrelas.

(Entrevistadora/pesquisadora): A culpa é das estrelas. São os que mais você gostou?

Evie: Aham. Só que Quem é você, Alasca? Foi um livro que eu li que eu fiquei assim muito impressionada com a história, porque é uma reviravolta total. Você começa a ler o livro. Todos os livros que eu leio eu começo a ler e não quero mais parar, só que você começa a ler... você fica o que que ta acontecendo, é uma coisa muito doída. Ah, tem Cidades de papel também que é como se fosse... é mesma coisa que quem você... não a mesma coisa, mas também é isso. É uma reviravolta total.

(Entrevistadora/pesquisadora): Cidade de papel?

Evie: Cidades de papel. Também acontece isso, uma reviravolta. Você fica, no final você fica não acredito que aconteceu isso. Eu fiquei muito impressionada com todos esses. Com o que aconteceu no final.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Eu gostei bastante de todos eles, mas os que mais me chamaram a atenção foi os dois.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, o que você faz quando o professor pede que você leia um livro de que você não gosta?

Evie: Como assim?

(Entrevistadora/pesquisadora): Tipo assim, Evie, você vai ler esse que tem lá da sua casa. Já teve essa situação, de professor, lê o livro que você não queria, ou não?

Evie: Não. Se me pedir pra ler um livro que eu não gosto eu vou ler, porque...

(Entrevistadora/pesquisadora): Se for obrigado? Você lê?

Evie: Ah, eu leio. Leio com vontade. Nunca ocorreu esse caso, mas não tenho problema com isso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. E, pra você, Evie, finalizando o que é ser leitora pra você? O que é ser uma pessoa leitora pra você?

Evie: É um prazer, porque igual eu vejo pessoas da minha idade faixa etária de quatorze, quinze, dezesseis anos. É, essas pessoas não têm interesse de ler tanto assim. E eu me vejo como uma pessoa diferente. Eu acho uma coisa boa. Então, eu não vejo isso como uma coisa ruim e tal, vejo como um prazer, porque eu sou uma pessoa que tem uma imaginação assim a mil. Então, a leitura... às vezes, eu to estressada assim por alguma coisa que me ocorreu, aí eu vou lá, pego um livro, começo a ler. Nossa, me acalma. Abre a imaginação e é assim, uma coisa muito boa. Relaxa, você tipo é... você, às vezes, lê uma coisa o personagem andou de mansinho, o personagem fez isso, ai você cria aquela cena na sua imaginação. Aí você lê o livro e por exemplo, logo em seguida lança um filme. Aí você vê, o livro não é desse jeito, é totalmente diferente. Então, eu acho uma coisa muito boa. Realmente, é um prazer muito bom.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, pra finalizar, você tem mais algum comentário, alguma consideração a fazer? Sobre a pesquisa, sobre como você lê ou sua experiência como leitora?

Evie: É uma coisa muito boa. Eu acho que se o jovem se interessasse mais por ler, seria mais interessante. É igual, eu tava não lembro, não me recordo o dia, eu tava passeando acho que em Vitória, aí eu vi uma estante de livros assim na rua e eu achei muito interessante. Só que tipo tava escrito lá assim “Pegue um para ler, ou se você não quer mais deixe um aqui”. Eu achei muito interessante isso, seria bom se todo, todo prefeito né fizesse isso nas pracinhas e tal. Eu acho que incentivaria mais a leitura para as pessoas. Só que o ruim é que essas pessoas não valorizam. Isso é muito ruim, porque igual eu observei não tava mais naquele bom estado assim, já tava mais acabadinho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Então, eu acho que se todo mundo fizesse parte desses incentivos, não só assim, das pessoas, mas passasse programas de televisão, porque incentivam a gente a fazer tanta coisa, por que não incentivam na leitura também?

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Evie: Porque a leitura abre a cabeça das pessoas, fazem elas quererem mais coisas, por que não incentivam isso também?

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Ok. Eu agradeço a você pelo, né, por participar da pesquisa. Nós finalizamos e eu gostaria de saber qual codinome que vou usar seu na minha pesquisa.

Evie: É Evie.

(Entrevistadora/pesquisadora): Obrigada, escreve aqui pra mim. Finalizando a entrevista.

ENTREVISTA 2

Percy Jackson (Perseu "Percy" Jackson é o protagonista das séries *Percy Jackson & the Olympians* e *The Heroes of Olympus*, escrita por Rick Riordan. Ele também aparece na série de livros sucessora *The Trials of Apollo*, onde também é um dos personagens principais. [...] Percy é apresentado no primeiro livro da série como um adolescente de 12 anos, que foi diagnosticado com TDAH (transtorno de Deficit de Atenção e hiperatividade) e dislexia).²⁴

O livro que mais marcou a vida desse aluno foi o primeiro da série *Os heróis do Olimpo*.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, primeiro seja bem vindo.

Percy Jackson: Obrigado.

(Entrevistadora/pesquisadora): Obrigada por dedicar o seu tempo para falarmos sobre suas práticas de leitura. Você foi convidado por ter respondido previamente aquele questionário né que eu apliquei na sala de aula cujo foco era conhecer as práticas, apropriações, representações de leitura dos alunos dessa escola. Você, portanto, está apto pra participar desse encontro. Você responderá algumas perguntas relacionadas à sua história de vida, as pessoas que te influenciaram em relação à leitura e outras perguntas relacionadas a sua formação como leitor. É importante ressaltar que não há respostas erradas, apenas diferentes pontos de vista. Sinta-se à vontade para manifestar os seus. Como pode perceber, de acordo com o termo que a sua mãe viu de consentimento livre e esclarecido, é lido por todos e assinado pelos responsáveis dos menores de dezoito anos. Nossa conversa será gravada; eu trarei o vídeo, mas ficou só o gravador, pois não queremos perder nenhum dos comentários feitos hoje. Reforçamos que sua identidade não será divulgada, porque você é menor de idade. Então, em nenhum momento da pesquisa vai aparecer o seu nome. Ok? É, a gente vai dar o pseudônimo, que a gente fala o codinome né pra você.. é, quando você se olha na pesquisa, o seu codinome você vai saber que é você. Eu vou ta falando de você. E aí, primeiro eu vou pedir a você que se apresente dizendo nome, série e turma apenas para o meu controle né, porque os nomes participantes de vocês não serão divulgados, serão fictícios pra

²⁴ Acessado dia 28/05/2017 em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Percy_Jackson

resguardar a privacidade de vocês, ok? Já recolhi os termos de consentimento livre e esclarecido assinado e o termo de assentimento que fora entregue por vocês. Então, aí eu peço pra vocês se apresentar dizendo o nome, série e turma. Pode falar.

Meu nome é **Percy Jackson** (O aluno se identificou com nome e sobrenome, porém, para manter seu anonimato usou o pseudônimo escolhido por ele).

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Percy Jackson: Sou da oitava um.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É turma matutino né?

Percy Jackson: Matutino.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E aí a primeira pergunta. Vou começar perguntando: Você mora com quem?

Percy Jackson: Meu pai, minha mãe e meu irmão.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok, quatro pessoas na casa né?

(Entrevistadora/pesquisadora): Você mora em casa própria ou alugada?

Percy Jackson: Casa própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): Própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem primeiro leu pra você? Você lembra?

Percy Jackson: N... Acho que foi meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham. Você não tem assim uma lembrança mais precisa não né de quem leu.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se considera um leitor, **Percy Jackson**?

Percy Jackson: Considero.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Percy Jackson: Porque eu gosto muito de ler e falo pros meus pais comprar os livros pra mim, não só pego na biblioteca. Tem uma coleção de livros lá em casa. Tem muito livro de história.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Tem muito livro? Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se lembra com qual idade tinha quando leu seu primeiro livro?

Percy Jackson: Não lembro. Mas acho que eu já tinha dez anos, ou mais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dez anos ou mais?

Percy Jackson: Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra do título do livro?

Percy Jackson: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

(Entrevistadora/pesquisadora): E, você estava em qual série quando, você lembra mais ou menos quando você começou a lê mesmo?

Percy Jackson: Acho que quarta série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quarta série?

Percy Jackson: É...

(Entrevistadora/pesquisadora): Antes disso não? Primeira série, segunda?

Percy Jackson: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não lembra? Uhum. Você se lembra de quantos anos tinha quando ganhou o primeiro livro?

Percy Jackson: Hum... o primeiro livro que eu comprei, eu não lembro qual era o ano, mas eu acho que eu tinha doze anos de idade.

(Entrevistadora/pesquisadora): Doze anos? Lembra do título?

Percy Jackson: Sim, o primeiro livro que eu comprei foi *Turma do Chico Bento Jovem, Turma da Mônica Jovem* e... na verdade, o primeiro livro que eu comprei foi o *Diário de um banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Diário de um banana*. Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Foi indicação de alguém?

Percy Jackson: É que tinha um, um cara que passava lá na minha casa, vendia vários livros, era amigo da minha mãe. Aí, um dia ele ofereceu pra nós e a gente pediu pra comprar o livro *Diário de um banana*. E aí ele começou a comprar.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí você começou ler? Depois das histórias da Turma da Mônica Jovem? É isso?

Percy Jackson: Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): E, pra você Percy Jackson, é qual ou quais, se você tiver mais de um exemplo de leitor que você tenha assim, você se lembra, pra mim na minha família, um exemplo. Meu pai é leitor? Na igreja ou no Caic, no seu círculo de amigos. Pra você, quais os exemplos de leitor que você tem na sua vida?

Percy Jackson: Na minha vida, eu acho que mais na minha casa sou eu e minha mãe só.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você e sua mãe. Na igreja?

Percy Jackson: Na igreja... inaudível.

(Entrevistadora/pesquisadora): No Caic, um exemplo de leitor que você tenha.

Percy Jackson: No Caic, tem uns amigos meus que leem. O Darth Vader.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, esse exemplo de leitor que você tem, encontra em qual parte da sua vida: religiosa, familiar, escolar ou outra? No caso do pai né, família. Escola, seu amigo Darth Vader né?

(Entrevistadora/pesquisadora): Na sua família alguém é leitor?

Percy Jackson: Minha mãe lá só.

(Entrevistadora/pesquisadora): Só sua mãe? E o Luan, não?

Percy Jackson: Da parte dele, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Então, exemplos, na sua família você pensa um leitor, sua mãe que você se lembra é isso?

Percy Jackson: Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hã, quem mais te incentivou a ler?

Percy Jackson: Foi meus pais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seus pais, é?

(Entrevistadora/pesquisadora): Hã, seus pais ou responsáveis tem o hábito de ler?

Percy Jackson: É, como falei, só minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual a escolaridade dos seus pais?

Percy Jackson: Aí eu não sei direito. Minha mãe, eu acho que ela já fez faculdade, fez mestrado. Ta tentando ser professora agora, ta fazendo concurso, mas meu pai eu não sei qual o nível que ele tem.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Sua mãe tem o que, curso superior? Fez mestrado?

Percy Jackson: Acho que sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, aonde? Lembra?

Percy Jackson: Não. Acho que foi na Multivix.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hum, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, ela fez o que o curso, você lembra?

Percy Jackson: Pedagogia, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pedagogia? É, pedagogia? Na Multivix?

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): É qual tipo de livro que seus pais mais leem?

Percy Jackson: Minha mãe ela lê revista. Às vezes, eles leem jornal também. Só.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Livros, ela não lê?

Percy Jackson: Minha mãe, às vezes, lê alguns livros de história, historinhas também né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lê livros por indicação de quem?

Percy Jackson: Eu procuro mais livros na internet, mas, às vezes, minha mãe indica um livro pra mim também.

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

Percy Jackson: Ou os meus amigos.

(Entrevistadora/pesquisadora): E quando você procura o livro na internet como é que você faz isso, assim? Tem algum blog, algum site que você procura indicação desses livros?

Percy Jackson: Não, eu tenho páginas no facebook que eu curto e canais no youtube também que eu vejo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem algum youtuber que você, te indica livros assim?

Percy Jackson: Agora, não lembro o nome.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não lembra?

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você costuma frequentar a igreja?

Percy Jackson: sim, frequento.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual igreja?

Percy Jackson: Igreja São Sebastião. Comunidade São José de Calasanz.

(Entrevistadora/pesquisadora): Católica?

Percy Jackson: Católica.

(Entrevistadora/pesquisadora): Frequentemente ou uma vez por semana?

Percy Jackson: Acho que duas vezes por mês mais ou menos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Duas vezes por mês, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): E lá na sua igreja, você apontaria alguém, saberia lembrar de alguém que você considera leitor, na sua igreja? Ou leitora?

Percy Jackson: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. O padre, não tem assim lembrança de alguém que leia... ou o pároco? Não?

Percy Jackson: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lê textos religiosos?

Percy Jackson: textos religiosos... às vezes, eu leio trecho ou outro da Bíblia, mas não muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham. Não muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você, Percy Jackson, acha que a leitura é importante na vida de um sujeito?

Percy Jackson: Muito importante.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, por quê?

Percy Jackson: Porque na leitura além de você descobrir palavras novas, você melhora sua mente, você imagina as coisas. Leitura ajuda muito nisso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): As pessoas que leem, pra você, tem mais chance de vencer na vida?

Percy Jackson: Com certeza.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem? Por que você acha que a pessoa leu mais, ela vai ter mais chance na vida? Por que que você acha isso?

Percy Jackson: Quando a pessoa lê...

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, pode falar.

Percy Jackson: Acho que lê é muito importante também, porque tem gente que não tem o costume de ler e quando vai ler alguma coisa fala tudo devagar, fala gaguejando.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Percy Jackson: E quando você lê, você imagina coisas, você conhece palavras novas, então você fica mais experiente. Mais inteligente.

(Entrevistadora/pesquisadora): E a leitura tem ajudado nisso pra você?

Percy Jackson: Tem.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem? É?

(Entrevistadora/pesquisadora): Você gosta de ler, ou lê por obrigação?

Percy Jackson: Não. Eu gosto de ler muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem você considera, hoje, assim, puxa vida hoje eu sou um leitor. Quem você considera responsável por você gostar de ler hoje?

Percy Jackson: Acho que minha mãe. Minha mãe me incentivou muito a ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua mãe? Na escola, alguém?

Percy Jackson: Na escola, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

(Entrevistadora/pesquisadora): A escola, você acha que te incentivou a ler?

Percy Jackson: Sim, um pouco. Quando eu ia na biblioteca da escola, a bibliotecária assim me incentivava a ler. Meus amigos que ficavam junto comigo na biblioteca também.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Lembra da bibliotecária?

Percy Jackson: Lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem?

Percy Jackson: A “Eva Furnari”.

(Entrevistadora/pesquisadora): “Eva Furnari”. O que que ela falava pra você?

Percy Jackson: Ah, ela era muito educada. Tipo deixava a gente ver os livros, ela mostrava livro pra gente, revista assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você levava livros da escola pra casa?

Percy Jackson: Sim, pegava muitos livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim?

(Entrevistadora/pesquisadora): Você já leu algum livro indicado pela escola, ou por algum professor?

Percy Jackson: Indicado por professor... já! Teve uma vez que o professor de português.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual o nome dele, lembra?

Percy Jackson: Fernando Pessoa.

(Entrevistadora/pesquisadora): Fernando Pessoa, aham.

Percy Jackson: Ele fez um projetozinho, pegou um livro lá na biblioteca e deu pra todo mundo ler. Aí, a gente leu o livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual que era o nome do livro? Você lembra?

Percy Jackson: Lembro não, mas era um livro pequeno, capa dura.

(Entrevistadora/pesquisadora): Era sobre o que o livro?

Percy Jackson: Era sobre romance, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas não lembra da história?

Percy Jackson: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você acha Percy Jackson que o Caíque, a escola aqui é, deveria fazer alguma coisa para um maior incentivo pra leitura? Pra vocês alunos? Pros alunos?

Percy Jackson: Acho que sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): O que que você acha que a escola, que nós como escola poderíamos fazer, os pedagogos, professores pra que os alunos lessem mais? Uma sugestão sua, pessoal.

Percy Jackson: Acho que podia ter um projeto que incentivasse os alunos a ler. Um prêmio pra quem leu mais livro no ano. Alguma coisa assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

Percy Jackson: Mas acho que o incentivo mais forte tem que vim do professor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Do professor?

Percy Jackson: Do professor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você leu, lógico, ou está lendo algum livro?

Percy Jackson: Tô.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual livro?

Percy Jackson: Tô lendo agora terceiro livro da série Heróis do Olimpo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Heróis do Olimpo?

Percy Jackson: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sabe qual o autor? Lembra?

Percy Jackson: Ai... esqueci o nome do autor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não tem problema se não souber.

(Entrevistadora/pesquisadora): O livro fala sobre o quê?

Percy Jackson: Fala sobre semideuses, baseado na mitologia grega. Fala sobre semideuses que lutam contra...

(Entrevistadora/pesquisadora): É uma trilogia?

Percy Jackson: É, na verdade é uma série de cinco livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem indicou esse livro pra você, que você falou?

Percy Jackson: Quem indicou esse livro? Na verdade, eu acho que eu vi esse livro quando lançou o filme sobre o primeiro livro que é Percy Jackson e o ladrão de raios.

(Entrevistadora/pesquisadora): Hum, ah, ok.

Percy Jackson: Aí, eu comecei a ler os outros livros da série. Aí essa série que tô lendo agora é do mesmo autor, mas é outra história.

(Entrevistadora/pesquisadora): Compreendi.

Percy Jackson: Aí, tô lendo.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí, você viu primeiro o filme e depois leu o livro?

Percy Jackson: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): E, e você, assim pensou em ler o livro por causa do filme, alguém indicou, como é que foi?

Percy Jackson: Na verdade, eu vi o filme, gostei do filme, mas não sabia que tinha o livro. Aí, na biblioteca eu achei um livro desse tema.

(Entrevistadora/pesquisadora): Na biblioteca da escola?

Percy Jackson: É, na biblioteca da escola. Aí eu comecei a ler, por causa disso.

(Entrevistadora/pesquisadora): E você sempre frequentou a biblioteca do Caic? Você acha que isso foi importante também pra você como leitor?

Percy Jackson: Foi. Frequentava muito a escola, a biblioteca do Caic.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, como você teve acesso ao livro, aos livros que você leu ou está lendo?

Percy Jackson: A maioria que eu tô lendo agora to comprando.

(Entrevistadora/pesquisadora): Comprando?

Percy Jackson: Comprando. Mas, antes, quando comecei ler eu pegava muito livro na biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aqui na biblioteca. E agora você tá comprando, os pais né?

Percy Jackson: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual livro que você leu, assim Percy Jackson que marcou sua história de vida? Que você fala esse vou levar pra toda vida, pro meu filho? O livro, o mais marcante pra você?

Percy Jackson: Essa pergunta é difícil. Inaudível.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem um que a gente gosta mais, tipo um filme, não é assim? Ou história em quadrinhos, um personagem? Hoje, se eu te perguntar um livro que marcou sua vida.

Percy Jackson: Acho que, por enquanto, por enquanto, né, o que mais marcou a minha vida até agora foi o primeiro da série que eu to lendo agora.

(Entrevistadora/pesquisadora): O primeiro da série?

Percy Jackson: É, Os heróis do Olimpo. O primeiro deles é O filho de Júpiter.

(Entrevistadora/pesquisadora): Os heróis dos Olimpos?

Percy Jackson: Os heróis do Olimpo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, tá. Os heróis do Olimpo. E qual mais você falou?

Percy Jackson: O primeiro livro deles é O filho de Júpiter.

(Entrevistadora/pesquisadora): O filho?

Percy Jackson: De Júpiter.

(Entrevistadora/pesquisadora): Júpiter. Ok. Esse foi o primeiro. Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): E, há o que você faz Percy Jackson quando o professor pede que você leia ou isso já aconteceu, o professor pediu pra você ler algum livro de que você não gostava?

Percy Jackson: Acho que...

(Entrevistadora/pesquisadora): O que você fez?

Percy Jackson: Não tem muito livro que eu não gosto. Eu gosto de vários livros também. Quando o professor pede pra eu ler um livro, eu vou lá e leio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha que isso faz parte da obrigação? Como aluno?

Percy Jackson: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí, Percy Jackson, finalizando a trigésima pergunta é... pra você, hoje o que é ser leitor? Você, Percy Jackson?

Percy Jackson: Pra mim, hoje, ser leitor é ser mais experiente, ser mais inteligente, mais...

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais o quê?

Percy Jackson: Mais corajoso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais corajoso?

Percy Jackson: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Perfeito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pra finalizar, eu queria perguntar: Você tem alguma coisa, algum comentário, observação que você tem a fazer, alguma consideração de você como leitor ou da escola, da leitura? Tranquilo? Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Eu queria falar, é perguntar pra você, pra finalizar qual que vai ser o seu codinome ou o seu pseudônimo na minha dissertação?

Percy Jackson: Codinome pode ser o nome de um personagem né?

(Entrevistadora/pesquisadora): Qualquer coisa que você queira.

Percy Jackson: Acho que vou colocar Percy Jackson.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Então, quando você vê esse nome na minha dissertação, Percy Jackson, você vai saber que é Percy Jackson. Ok?

Percy Jackson: Tá.

(Entrevistadora/pesquisadora): Muito obrigada por você ter colaborado pra minha pesquisa. Eu agradeço a você.

ENTREVISTA 3

Jeff Kinney (Jeff Kinney é um escritor e cartunista norte-americano cujo trabalho ficou notável após escrever a série de livros chamada *Diário de um Banana*).

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, primeiro Jeff Kinney, seja bem-vindo. Eu quero agradecer a você, obrigada pode dedicar seu tempo para falarmos sobre suas práticas de leitura. Você foi convidado por ter respondido previamente ao questionário cujo foco era conhecer as práticas, apropriações e representações de leitura dos alunos dessa escola. Portanto, você está apto a participar desse encontro e dessa entrevista. Você responderá algumas perguntas relacionadas à sua história de vida, é, as pessoas que te influenciaram em relação à leitura e outras perguntas relacionadas à sua formação como leitor. É importante ressaltar que pra o que você falar, que não há resposta errada, tá bom? Apenas diferentes pontos de vista, eu tenho um, você tem outro, a gente é... não tem um erro aí. E aí você vai se sentir a vontade pra responder e manifestar os seus pontos de vista. Tá bom? Uhum. É, como você pode perceber, eu recolhi o termo de consentimento livre e esclarecido já que você é menor de dezoito anos. Nossa conversa será gravada, pois não queremos perder nenhum dos comentários hoje feitos por você. Reforçamos que a sua identidade, seu nome não vai aparecer na minha pesquisa, né, porque você é menor de idade. O que vai aparecer é um nome que depois você vai atribuir dentro da pesquisa, ok? E aí eu quero pedir primeiro a você que se apresente dizendo o nome, série e turma, apenas pro meu controle aqui na pesquisa, visto que o seu nome não vai ser divulgado né. O seu nome vai ser um nome fictício. Ok? Eu gostaria que você se apresentasse dizendo seu nome, série e turma.

Jeff Kinney: Meu nome (nesse momento o aluno se identifica pelo nome completo, como na certidão de nascimento). Eu falo primeiro o ano?

(Entrevistadora/pesquisadora): Oitava.

Jeff Kinney: Sou da oitava série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual oitava série?

Jeff Kinney: Um. Oitava um.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E aí a primeira pergunta é, Jeff Kinney: você mora com quem?

Jeff Kinney: Meu pai e minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tem irmãos?

Jeff Kinney: Tenho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ele não mora junto?

Jeff Kinney: Mora. Só um, o outro mora... é por parte de pai e mora aqui em Feu Rosa.

Entrevistadora/pesquisadora: E aí, então, na sua casa, você mora quem? Você...

Jeff Kinney: Eu, minha mãe, meu pai e meu irmão.

Entrevistadora/pesquisadora: Quantos anos o irmão tem?

Jeff Kinney: O quê?

Entrevistadora/pesquisadora: Quantos anos...

Jeff Kinney: Dez.

Entrevistadora/pesquisadora: Dez, ok. Você mora em casa própria ou alugada?

Jeff Kinney: Casa própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): Casa própria? E aí, Jeff Kinney, você lembra quem primeiro leu pra você?

Jeff Kinney: Ah, meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? É? Você lembra quantos anos você tinha?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você se considera, Jeff Kinney uma pessoa... um leitor? Por quê?

Jeff Kinney: É, eu leio muitos livros. Eu gosto de ler bastante, ficar atualizado. Meu pai me incentiva bastante também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. E você, normalmente, você gosta de ler o quê?

Jeff Kinney: É, eu gosto de ler revistas e jornais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lê revistas relacionadas a que? Sobre o quê?

Jeff Kinney: É, temas gerais tipo polícia, essas coisas, ciência.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. E você se lembra com qual idade tinha quando leu seu primeiro livro?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não lembra? Você aprendeu a ler com quantos anos?

Jeff Kinney: Ah, eu acho que foi cinco ou quatro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Cinco ou quatro? Foi no Cmei ou na...

Jeff Kinney: No Cmei.

(Entrevistadora/pesquisadora): Cmei. Foi aqui no Caiquinho?

Jeff Kinney: Foi.

(Entrevistadora/pesquisadora): Foi? Você se lembra quantos anos tinha quando ganhou ou comprou o primeiro livro?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? É, quando te falo assim João, pra você uma pessoa que você lembre que é leitor, que a pessoa que lê, leitor ou leitora, homem ou mulher? Quando eu falo: se você lembrar de alguém que lê, de um leitor, você lembra de quem?

Jeff Kinney: Ai, do meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? Ele lê muito?

Jeff Kinney: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? É aí no caso esse exemplo de leitor encontra-se em qual parte da sua vida: religiosa, familiar, escolar ou outra?

Jeff Kinney: Ah, familiar.

(Entrevistadora/pesquisadora): Familiar. Tem algum outro exemplo de leitor do Caic, ou na igreja, outro lugar que você lembre assim?

Jeff Kinney: Só minha mãe também. Minha mãe e meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua mãe e seu pai. Na sua família alguém é leitor? Além de você?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem?

Jeff Kinney: Meu pai, minha mãe e meu irmão.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu irmão também?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pra você, Jeff Kinney, quem mais te incentivou a ler?

Jeff Kinney: Meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? Ele tem o hábito de ler, seu pai e sua mãe?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Qual a escolaridade do seu pai e de sua mãe?

Jeff Kinney: Meu pai... eu acho que ele não completou o Ensino Fundamental, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? E sua mãe?

Jeff Kinney: Completou o Ensino Fundamental, ela foi até o Médio. Completou até o médio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Até o Médio? Uhum. E qual o tipo de livros ou é, qual leitura que eles mais fazem? Seu pai e sua mãe? Que tipo de livro eles mais leem?

Jeff Kinney: Livro religioso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Religioso?

Jeff Kinney: É, de igreja.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham. Da igreja. Você lê livros por indicação de quem?

Jeff Kinney: Do meu pai e da minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai e sua mãe? Na escola, algum amigo, não?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais seu pai e sua mãe?

Jeff Kinney: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você costuma frequentar a igreja?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Qual igreja?

Jeff Kinney: É... Igreja de Deus Internacional.

(Entrevistadora/pesquisadora): Igreja de Deus Internacional, aqui em Feu Rosa mesmo?

Jeff Kinney: Não. Lá em Vitória.

(Entrevistadora/pesquisadora): Vitória? Lá na sai igreja, você lembra de alguém que você considera um leitor? Ou uma leitora?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Você lê textos religiosos?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, qual?

Jeff Kinney: Eu leio da Ellen White.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ellen White?

Jeff Kinney: Ellen White, só.

(Entrevistadora/pesquisadora): Só? Bíblia?

Jeff Kinney: Minha mãe de... Bíblia eu também leio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É, a Ellen White não é da adventista?

Jeff Kinney: É que minha mãe é da adventista e meu pai é da Igreja de Deus Internacional lá em Vitória.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, entendi.

Jeff Kinney: Eles são de religiões diferentes.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí você frequenta as duas religiões ou não?

Jeff Kinney: Não. Eu frequento mais a do meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas lê Ellen White?

Jeff Kinney: É que minha mãe indica.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, entendi. É, você acredita que a leitura Jeff Kinney seja importante na vida de uma pessoa?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Jeff Kinney: Porque ela traz muitas oportunidades.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. Pra você, João, as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

Jeff Kinney: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Jeff Kinney: Porque a pessoa fica mais atualizada, não se deixa enganar por muitas pessoas, tem um conhecimento muito amplo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, perfeito. Você gosta de ler, ou lê por obrigação?

Jeff Kinney: Eu gosto de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem que você considera hoje é responsável por você gostar de ler?

Jeff Kinney: Meu pai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai? Você acha João que você sendo um leitor hoje, a escola te incentivou a isso?

Jeff Kinney: Incentivou.

(Entrevistadora/pesquisadora): De que modo?

Jeff Kinney: Incentivou por causa do... das provas e das provas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, livros?

Jeff Kinney: Livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Na biblioteca, você pegava algum livro?

Jeff Kinney: Pegava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Levava pra casa?

Jeff Kinney: Levava.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Lembra de algum livro que você pegou no Caic e levou pra casa?

Jeff Kinney: Eu lembro, o que eu mais gostei foi *Diário de um banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? No Caic? É, você já leu algum livro indicado por alguém da escola? Por um professor, pedagogo?

Jeff Kinney: Já.

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

Jeff Kinney: A bibliotecária. A “Cora Coralina”.

(Entrevistadora/pesquisadora): “Cora Coralina”? Qual livro ela te indicou?

Jeff Kinney: Indicou um... eu não lembro o nome. Ele falava sobre as fazenda, como funcionava as máquina.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Ela te indicou e você levou pra casa?

Jeff Kinney: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, pra você, Jeff Kinney, como um aluno que participou da escola, estudou aqui desde que série?

Jeff Kinney: Tudo aqui, desde a primeira série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Primeira?

Jeff Kinney: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pra você, o que que você acha como jovem, como adolescente, o que que a escola poderia fazer pra incentivar mais o gosto pela leitura? Você, os amigos, os que virão na escola?

Jeff Kinney: As professora podia levar a gente mais pra biblioteca, porque nesse ano não levou a gente pra biblioteca, podia levar mais. Podia levar bastante vezes.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Então, pelo professor no ano de 2016 vocês não foram na biblioteca?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Mas mesmo assim, você frequentava a biblioteca?

Jeff Kinney: Frequentava.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, em que momentos da sua vida assim?

Jeff Kinney: É, na hora do recreio e antes de começar a aula.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok. Levava muito livro pra casa?

Jeff Kinney: Levava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você leu, lógico ou está lendo algum livro no momento?

Jeff Kinney: No momento, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? É, você lembra de algum livro aqui que você leu, o título dele?

Jeff Kinney: Daqui, só lembro do *Diário de um banana*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Que foi indicado por?

Jeff Kinney: Não, eu que levei a “Cora Coralina” me indicou os livros das fazendas, mas eu não lembro o título.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, ok. É, como você teve acesso ao livro que você tem lido?

Jeff Kinney: Ah, pelo meu pai, minha mãe... também compra... na biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Seu pai e sua mãe compram? Na biblioteca?

Jeff Kinney: Isso.

(Entrevistadora/pesquisadora): E seu pai e sua mãe tem o hábito de comprar o livro? Ir na livraria comprar, como é que é?

Jeff Kinney: Não. Quando ele tem muito o hábito de ler ele compra, mas não compra direto.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Aham. É, hoje, Jeff Kinney, assim tem um livro que você leu que mais marcou sua vida?

Jeff Kinney: Hum, mais marcou...

(Entrevistadora/pesquisadora): É, a gente sempre tem um filme que marcou a vida, ou um poema...

Jeff Kinney: Eu me lembro de um livro que falava sobre o bullying.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sobre o bullying?

Jeff Kinney: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra o nome do autor?

Jeff Kinney: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? É, o que você faz quando o professor pede pra você ler algum livro que você não gosta? O que você faz?

Jeff Kinney: Ah, eu pego, dou uma olhada, leio. Mas se eu não gostar muito, eu leio só pra não fazer desfeita.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Entendi. E pra você, Jeff Kinney, fechando as perguntas, o que que hoje é ser leitor pra você? Ah, eu sou Jeff Kinney, eu sou leitor. O que é isso pra você? O que que é ser leitor?

Jeff Kinney: Ah, pra mim ser leitor é uma pessoa que fica muito atualizada das coisa. Muito difícil de ser enganado pelas pessoas hoje. O leitor tem muitas oportunidades na vida.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi, ok. E aí pra finalizar, eu queria perguntar pra você se você tem mais algum comentário ou alguma consideração a fazer sobre a nossa entrevista?

Jeff Kinney: Não. O único comentário que eu queria fazer é só que esse ano as pessoas que vão vim, as pessoas levassem mais pra biblioteca. Fossem mais na biblioteca e incentivassem mais as pessoas a ler livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok, tá bom. Eu agradeço, Jeff Kinney. Eu queria saber pra finalizar, é... o nome que nós vamos usar fictício pra você. Quando eu falar de você na minha pesquisa, na minha dissertação quando eu vou substituir seu nome por outro fictício que eu já tinha comentado, qual nome você quer colocar?

Jeff Kinney: Pode colocar o autor de *Diário de um banana*, Jeff Kinney.

(Entrevistadora/pesquisadora): Jeff?

Jeff Kinney: Jeff com dois efes, k, i, dois enes, é, y.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, y?

Jeff Kinney: Jeff Kinney.

(Entrevistadora/pesquisadora): É isso?

Jeff Kinney: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok, esse vai ser você. Eu agradeço Jeff Kinney, estamos terminando a entrevista, pela sua participação. Nesse momento eu encerro a entrevista.

ENTREVISTA 4

Henry Danger (*Henry Danger* é uma série de televisão estadunidense de comédia de situação de combate ao crime, criada por Dan Schneider e Dana. Henry Hart / Kid Danger, um menino de 13 anos que se torna o companheiro do capitão Man. Ele é uma criança comum, com amigos incríveis e um trabalho após a escola (como super-herói sidekick do Capitão Man). Ele prometeu ao Capitão Man não contar a ninguém que ele é o Kid Danger).²⁵

(Entrevistadora/pesquisadora): Aqui. É, Henry Danger, seja bem-vindo. Obrigada por dedicar seu tempo para falarmos sobre suas práticas de leitura. Você foi convidado por ter respondido previamente ao questionário cujo foco... aquele questionário que eu apliquei na turma de vocês era conhecer práticas, apropriações, representações da leitura dos alunos do Caic Feu Rosa. Você, portanto, está apto a participar do nosso encontro, da nossa entrevista. Você responderá algumas perguntas relacionadas a sua história de vida, as pessoas que te influenciaram em relação à leitura e outras perguntas relacionadas a sua formação como leitor. É importante ressaltar que não há respostas erradas, apenas diferentes pontos de vistas. Sinta-se à vontade para manifestar os seus. Como você pode perceber e de acordo com o termo de esclarecimento aqui, consentimento livre lido por todos e assinado pelos responsáveis e pelos menores de dezoito anos, nossa conversa será gravada, pois não queremos perder nenhum dos comentários feitos hoje. Reforçamos que a sua identidade não será divulgada né, ela será preservada durante a pesquisa, ok? E aí, Henry Danger, eu quero pedir a você que se apresente, dizendo o seu nome, série e turma, apenas para o meu controle, porque o seu nome não será divulgado na pesquisa. Você vai usar um nome fictício que depois vou pegar para resguardar sua privacidade. Ok? Então, nome, série e turma.

Henry Danger: Meu nome é Henry Danger, eu sou da oitava série um, Caic Feu Rosa, matutino.

(Entrevistadora/pesquisadora): Matutino? Perfeito. E aí, a minha primeira pergunta pra você, Henry Danger você mora com quem?

²⁵ https://pt.wikipedia.org/wiki/Henry_Danger. Acessado no dia 28/05/2017.

Henry Danger: Eu moro com meus avós.

(Entrevistadora/pesquisadora): Avós?

Henry Danger: Avós maternos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Avós maternos? Mais alguém? Irmã, irmão?

Henry Danger: Eu tenho uma irmã.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mora com vocês?

Henry Danger: Mora com a gente.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, na casa é você...

Henry Danger: Minha irmã, meu pai e minha mãe... que eu chamo de pai e mãe, meus avós.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí você mora em casa própria ou casa alugada?

Henry Danger: Casa própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lembra, Henry Danger, quem primeiro leu pra você na sua vida?

Henry Danger: É... leu assim comigo, conversando?

(Entrevistadora/pesquisadora): É, leu um livro junto, ou pra dormir, ou na escola... quem você, assim, tem lembrança leu a primeira vez pra você?

Henry Danger: Foi é... Ninguém nunca chegou a ler um livro comigo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

Henry Danger: Não, livro todo. Sempre me contavam algumas historinhas. Ler, nunca. Isso foi ler um livro comigo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Nem na escola?

Henry Danger: Nem na escola.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, você não tem uma lembrança de quem primeiro leu para você?

Henry Danger: Ah, quem leu qualquer coisa pra mim?

(Entrevistadora/pesquisadora): É.

Henry Danger: Foi, é... minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua mãe?

Henry Danger: Minha vó, minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você lembra o que que foi que ela leu pra você?

Henry Danger: É, é, foi... é uma historinha da Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uma historinha da Bíblia? Uhum. Você se considera um leitor?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Henry Danger: Porque, é... leitor, eu acho que é uma pessoa que gosta de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim.

Henry Danger: E eu, um na minha família, quase ninguém nunca gostou de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Henry Danger: Eu sempre escutei que eu tinha que ler, só que ninguém lia, não tinha exemplo nenhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): É mesmo?

Henry Danger: Aí eu não gostava de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): E quem falava pra você que era pra você ler? Você tem que ler!

Henry Danger: Você tem que ler se quer ser alguém na vida.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem falava?

Henry Danger: Minha mãe, minhas tias.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Mas você não via ninguém lendo?

Henry Danger: Não via ninguém lendo. Aí falavam que eu tinha que ler, como que eu ia ler, não via ninguém lendo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Nossa.

Henry Danger: Todo mundo vivia e ninguém lia. Aí eu pensava assim. Só que uma coisa que me... a primeira coisa que me incentivou a ler... eu sou muito, eu leio mais ou menos, comecei a ler mesmo com meus dez anos. Tenho catorze, leio desde os dez.

(Entrevistadora/pesquisadora): Desde os dez.

Henry Danger: Eu entrei numa igreja, eu já era da igreja, só que na igreja... eu sou da igreja Batista tem uma organização que o nome é... são os Embaixadores do Rei. E tem é nacional, todas as igrejas batistas do Brasil. Aí tem competições bíblicas. Se você lê livros, vários tipos de competições. Aí, você tem medalhas...

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí que tipo de livros? Evangélicos, religiosos?

Henry Danger: Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, sim.

Henry Danger: Aí eu li. Aí eu comecei a ler um.... a primeira vez que eu li foi um livro da Bíblia. A competição era num sábado. Eu li ele na quinta.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Você leu qual livro? Você lembra, da Bíblia?

Henry Danger: É, foi livro de *Juízes*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Juízes*?

Henry Danger: *Juízes*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você leu na quinta pra a competição no sábado?

Henry Danger: É, eu acordei bem cedo e li desde às nove da manhã às cinco. Fiquei o dia todo lendo, nem almocei. No outro dia eu fiz a mesma coisa, só que aí... eu acho que isso aconteceu uma coisa... eu não sei o que aconteceu, porque como era minha primeira vez as provas eram sorteadas. Então, tipo tinha várias... eu estudei pra uma prova sendo que eram todas sorteadas, eu não sabia que ia ser sorteada. Só que por sorte, eu peguei a prova que eu ia fazer. Que eu estudei pra fazer. Aí essa prova eu fiz e consegui o terceiro lugar. Foram as igrejas Batista aqui da Serra. Aí eu comecei a... percebi... e gostei. Aí eu comecei a participar de todas até hoje. Aí eu nunca tinha ouvido falar de alguns filmes é... eu via um monte de gente lendo aqui no Caic foi, não foi... nem sei onde, sei que no Caic.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você entrou aqui quando?

Henry Danger: Eu vim aqui em 2013 na quinta série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, você entrou em 2013 na quinta série. Antes, você estudou aonde?

Henry Danger: No Abel Bezerra.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok.

Henry Danger: Aí eu percebi que muita gente das oitavas séries aqui na época, andavam com o livro. Aí, eu, deve ser legal, todo mundo lê. Aí eu peguei um livro na biblioteca, um livro nem lembro qual livro era. Eu li e não gostei.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não gostou, ou gostou?

Henry Danger: Não. Não gostei. Aí eu fiquei com preguiça de continuar. Só que aí depois, eu tava... eu vi um filme Harry Potter... o primeiro... eu já tinha visto Harry Potter, alguns filmes e gostei. Como são sete filmes, eu vi os sete. Só que aí eu gostei muito, muito mesmo. Eu percebi que tinha livros. Tinha sete filmes e seis livros. O último livro foi dividido em duas partes no filme. Aí, eu peguei os livros pra ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: E eu li os seis livros. É... eu vi, eu sempre guardei o nome da autora. É, eu esqueço o nome dela de verdade, porque como tinha um certo preconceito quando ela foi escrever o livro que ela botou como autora o nome ela botou J.K. Rowling. Só que isso parece nome de homem.

(Entrevistadora/pesquisadora): Isso.

Henry Danger: Só que ela botou isso com medo que os escritores homens ficassem com preconceito de ler um livro de uma mulher.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Aí, depois, todo mundo descobriu que era ela. É eu gostei muito dos livros dela. Ela foi a primeira pessoa a ficar bilionária vendendo livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): É mesmo? Como é que você soube estas informações?

Henry Danger: Eu pesquisei. Aí, agora, eu me interessei muito pela série. Aí agora, em 2014, lançou outro... como tinha acabado a série Harry Potter, lançou outro livro. Livro chamado *Animais fantásticos e onde habitam*. E foi prometido no começo três filmes. E o primeiro livro saiu em 2014 e falaram que o filme ia sair em 2016 agora. Até vi o filme. Eu li esse livro. Ano que vem lança o outro. Outro livro. Depois de alguns... depois de dois anos, 2020 lança o segundo filme. Eu, foi assim que comecei a gostar de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí quando você começou a ler, só ler estes livros da saga da Harry Potter, você ficou mais interessado na leitura?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Né isso? Aham. É, você lembra com qual idade tinha quando leu seu primeiro livro?

Henry Danger: Dez.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dez anos?

Henry Danger: Dez anos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual o título do livro?

Henry Danger: O livro de *Juízes*.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, foi esse dos Juízes. Ok. É, quando eu falo pra você, Henry Danger, igual ao que perguntei pro Percy Jackson, que exemplo de leitor, se eu perguntar assim: Henry Danger, fala uma pessoa pra mim que é leitora ou leitor? Uma pessoa que lê. Que você conhece. Não importa se seja aqui no Caic, na igreja, na sua casa. Quando eu te pergunto qual o exemplo de leitor que você tem, que nomes você poderia me dar?

Henry Danger: Teria... Eu poderia dar o nome do pastor da minha igreja?

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim. Pode, claro. Como é o nome dele?

Henry Danger: Lino e a esposa dele, Rute.

(Entrevistadora/pesquisadora): Eles são leitores?

Henry Danger: São.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mais alguém na sua vida?

Henry Danger: É... uma menina que eu conheci aqui no Caic esse ano. Ela até tá participando aqui.

(Entrevistadora/pesquisadora): Como é que é o nome dela?

Henry Danger: Miriam.

(Entrevistadora/pesquisadora): Miriam? Uhum. Pra você, ela é um exemplo de leitora, pessoa que lê? Uhum.

Henry Danger: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, na sua família, Henry Danger, alguém é leitor além de você?

Henry Danger: A minha mãe, ela... ultimamente, ela lia muito a Bíblia. Ultimamente, ela não tá lendo tanto.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Meu pai, antigamente, lia muito jornal e agora, ele não lê mais. Vê só televisão, então.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas você lembra deles em algum momento lendo né?

Henry Danger: Lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E, quem mais te incentivou a ler na sua vida? Uma pessoa que você acha assim que foi fundamental pra que você se tornasse o leitor que você é hoje. Quem mais te incentivou? Na família, na escola...

Henry Danger: Ninguém.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ninguém?

Henry Danger: Eu mesmo me incentivei a ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

Henry Danger: Porque, no começo quem me fazia ler é saber que eu poderia ler, fazer uma prova, ganhar uma medalha por aquilo. E eu resolvi ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Aí depois disso ninguém nunca mais precisou me mandar ler mais nada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler?

Henry Danger: Ultimamente não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas teve um tempo que você lembra deles né? Como você já comentou. Qual a escolaridade dos seus pais?

Henry Danger: É, meus pais a vó... esse meu pai ele foi até a oitava série e a mãe foi só até a quinta série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quinta série. E seus pais verdadeiros, biológicos, você não mora com eles né?

Henry Danger: É, minha mãe que não é minha vó foi até a oitava série e meu pai também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, qual tipo de livros que seus, no caso sua avó e seu avô mais leem?

Henry Danger: Notícias e livros religiosos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Livros religiosos, aham. É você lê livros por indicação de quem?

Henry Danger: É... ninguém nunca tinha me indicado a ler um livro. Esse ano eu lia mais livros de sagas assim. Esse ano, eu e o Percy Jackson.

(Entrevistadora/pesquisadora): Mas alguém te incentivou assim... alguém te indicou, não?

Henry Danger: Alguém já me indicou livro, Percy Jackson.

(Entrevistadora/pesquisadora): Percy Jackson?

Henry Danger: Ele tinha um livro da... um livro do Percy Jackson, ele trouxe o livro pra cá. Ele falou... eu pedi você me empresta o livro. Ele disse não posso... eu falei um dia vou na sua casa pra ler. Ele disse tá bom.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Henry Danger: E ele também tem uns livros daquela saga *Convergente*, *Divergente*. Ele já me incentivou com livros. Ele e a Miriam também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, eles te indicam assim né os livros. Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você costuma frequentar a igreja?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, né? A igreja Batista. É, lá na sua igreja você apontou duas pessoas que você considera leitores né, o pastor e a esposa dele.

Henry Danger: É, mas tem mais... agora, acabei de lembrar de mais duas pessoas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode falar.

Henry Danger: São mais duas... quatro. Pode falar o nome dos quatro?

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode, claro!

Henry Danger: É, sempre foram minhas professoras de escola bíblica.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, da escola da igreja.

Henry Danger: É, uma era Elza, outra era Zilda, Penha e Elis.

(Entrevistadora/pesquisadora): E todas da igreja?

Henry Danger: É, algumas pessoas. Alguns professores de escola bíblica que eu já tive na igreja pelo menos alguns leem, pelo que sei leem muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Ok.

Henry Danger: Não leem só a Bíblia, leem livros que também são religiosos, leem muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, entendi. Você lê textos religiosos?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim, você já falou. E aí Henry Danger, a pergunta, assim que eu acho importante: você acredita que a leitura seja importante na vida de uma pessoa?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Henry Danger: Porque... eu acho tipo assim, existem vários tipos de leitura, no caso como eu. Eu acredito que o que tá na Bíblia é verdade. Aí, ou seja, eu tenho que seguir o que tá na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Na minha opinião. É, aí também tem livros que dizem ser relatos de pessoas e são outros livros pra diversão. Igual, tipo como... é, alguns têm livros se você quer ser um médico, se você quer ser, fazer alguma coisa na área de humanas. Tem que ler muito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, sim.

Henry Danger: Você quer ser uma coisa da área de exatas, é uma coisa mais complicada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, você acha que a leitura, nesse sentido, serve pra...

Henry Danger: É, a leitura, na minha opinião, tem vários sentidos. É, o sentido de aprender... aprender, um passatempo, diversão e, às vezes, você lê um negócio tipo um livro baseado em fatos reais, você lê pra conhecimento.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Perfeito.

Henry Danger: Vários tipos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha, Henry Danger, que as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Henry Danger: As pessoas que leem na minha opinião... depende de cada pessoa, porque ler não vai te fazer ser uma pessoa melhor. A leitura, pelo que eu já ouvi de várias pessoas, eu não sei se é verdade que quanto mais você lê, melhor você escreve.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Henry Danger: Não sei se é verdade. Ou seja, a pessoa vai ser melhor. É, mas também depende muito do tipo de leitura que você não vai ser alguém na vida lendo historinha pra sempre.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Você acha que a gente tem que aumentar o grau dessa leitura?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): À medida que a gente cresce...

Henry Danger: Se a gente for fazendo isso vai ser uma pessoa boa na vida.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Uma pessoa que tem o hábito de leitura.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok. Você gosta de ler ou lê por obrigação?

Henry Danger: Algumas coisas, às vezes eu leio por obrigação.

(Entrevistadora/pesquisadora): Exemplo.

Henry Danger: De vez em quando... não é uma obrigação. É tipo assim: que nem o negócio na igreja... é, às vezes eu fico com preguiça de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Só que é como... eu fico assim, não vou ler. Só que aí depois eu fico lembrando que eu consegui uma medalha.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Aí me senti valer. Aí eu fico obrigado só que daí eu começo a ler, pensando nos resultados que isso vai me trazer.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito.

Henry Danger: Aí eu leio.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E quem que você, hoje, considera responsável por você gostar de ler?

Henry Danger: Eu mesmo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você mesmo?

Henry Danger: Uhum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acha, Henry Danger, que durante esse tempo que você vem lendo tem gostado dos livros das sagas e outros, você acha que em algum momento, a escola te incentivou pra isso, pra essa leitura?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sim? Você acha que a escola te incentivou?

Henry Danger: A escola, algumas coisas. É, nunca nenhuma diretora pediu assim pra ler tipo a Zelia. Mais os professores. A Juvênia, professora de Geografia, você conhece?

(Entrevistadora/pesquisadora): Conheço, aham.

Henry Danger: Ela já deu vários tipos de leitura pra você ler. O professor de história tem uma vez que ele tava dando... foi na sexta-série tava dando uma aula, aí não sei quem falou o senhor leu a Bíblia e ele já, dez vezes. Ele falou: Leiam. É melhor vocês leem. Mente vazia: oficina do diabo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Ok. E você já leu algum livro indicado pela escola? Por alguém da escola? Por algum professor, na verdade, professor, pedagogo, diretor?

Henry Danger: Eu já... não pela escola aqui. Lá no pré-Ifes. Um professor tinha me indicado a ler só que eu não conseguia, eu não conseguia entender... é, matemática.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Eu gosto de matemática só que eu não tava conseguindo entender. Eu peguei um livro que tava escrito geometria aplicada, aí eu li pra ver se eu lembro e comecei a gostar.

(Entrevistadora/pesquisadora): E o professor que te indicou?

Henry Danger: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

Henry Danger: Eu li tipo assim... bom eu não gosto disso. Talvez, se eu tivesse mais indicações, mais coisas me falando melhor sobre isso...

(Entrevistadora/pesquisadora): Te esclarecesse mais...

Henry Danger: Me esclarecesse mais... talvez eu gostasse, aí eu preferi pegar um livro pra mim ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito. Aham. Henry Danger, nessa sua vida de agora adolescente, você já ta caminhando pra juventude, essa questão com os livros que você gosta e tal, você acha que a escola deveria fazer algo pra um maior incentivo com a leitura?

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): O quê? Que sugestão você poderia dar pros seus colegas que vem por ai, pra sua irmã? Um movimento que a escola faça, alguma ação que a escola faça pra que... uma sugestão mesmo que você tenha uma maior incentivo com a leitura?

Henry Danger: Primeiro tem que, na minha opinião, fazer uma biblioteca melhor.

(Entrevistadora/pesquisadora): Fazer uma biblioteca melhor.

Henry Danger: A nossa biblioteca tem... poucas varie... tem muito livro, só que tem... não é os livros que o pessoal quer ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Livros mais, tipos algumas sagas, coisas que incentivem os jovens a ler e de começo assim, sei lá, a escola faça, pega alguns tipos de livro. Livros comuns que as pessoas jovens gostam de ler. E a pessoa, aí... quando a escola fazia isso, já tinha provas preparadas pra isso. A pessoa vai ler, vai fazer uma prova. Dependendo sei lá...a média da prova é sete. Se você tirar sete nessa prova vai ganhar três pontos extras.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: De começo achei uma boa coisa pra incentivar as pessoas a ler. As pessoas iam ler, fazer uma prova pra ver se leu mesmo e ganhar os pontos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Ok. É, você está lendo algum livro no momento?

Henry Danger: No momento... com... agora, não. No ano, agora, passado, todo ano tem umas, umas oito competições, ainda do negócio da igreja municipal que é só das igrejas da Serra, tem estadual e em janeiro tem o nacional no Rio de Janeiro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Você já foi a alguma nacional?

Henry Danger: Já.

(Entrevistadora/pesquisadora): Já?

Henry Danger: Aí assim é muito difícil ter tempo pra você ler outro livro. E como eu leio muito durante o ano, agora, em janeiro eu tô tirando umas férias de leitura e meu pai trouxe três livros que agora esqueci o título.

(Entrevistadora/pesquisadora): É sobre o quê? São sobre o quê?

Henry Danger: São sobre a ira de Deus... não é um livro religioso assim. É como se fosse uma história, uma história baseada na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: O outro livro é um negócio acho, tipo de amor, romance. E o outro livro é Cidade deserta do sol. Eu nem... um livro daquele da ira de Deus, a Mirian já tinha lido e eu tinha mostrado pra ela. Ela falou que era um livro bom. Eu vou, talvez, eu leia ele esse ano. Agora, pra esse... a primeira competição do ano vai ser em março. É, e... eu, como é em março, muitas... você vai ver poucas as pessoas na igreja. Tem as que ganham medalha e as que não ganham. Aí sempre tem aqueles que ganham a medalha. Tem gente que se esforça, tem gente que vai por ir, porque é divertido. Aí, eu sou, eu, eu me considero uma pessoa que eu sempre tô ganhando minha medalha. É difícil, mas eu sempre tô esperando. Março, muita gente nem sabe, eu fico de olho no site e...

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi, pra se preparar.

Henry Danger: E o livro já soltaram as próximas do ano que vem. Já soltaram os dois livros que vai cair e duas biografias, duas biografias que vão cair. Eu já vou comprar as biografias.

(Entrevistadora/pesquisadora): De quem são as biografias? Você lembra?

Henry Danger: São de dois missionários, eu não lembro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, ok. De dois missionários da igreja?

Henry Danger: É. São duas biografias e dois livros da Bíblia. E tem mais outras provas. Aí, tem uma prova, tem, é... todas as provas são sorteadas, ou seja, você tem que estudar muito, porque você vai pegar uma prova...

(Entrevistadora/pesquisadora): Que pode ser qualquer...

Henry Danger: Pode ser qualquer...

(Entrevistadora/pesquisadora): Ou eles selecionam os livros antes... que vocês lerão?

Henry Danger: Selecionam, só que depois vão sortear a prova aqueles livros, a gente tem que ler. Aí, só que tem três provas que eles não sorteiam. Uma prova se chama Esgrima Bíblico que você pega a Bíblia e eles vão falar uma palavra aleatória, que tem na Bíblia, você tem que achar ela em algum lugar na Bíblia... numa fila horizontal assim e o primeiro que achar dá um passo a frente e lê; essa palavra tem que tá no versículo. Eu não faço essa prova.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que você não faz ela?

Henry Danger: Eu acho ela fácil e ao mesmo tempo difícil, não tenho paciência pra ficar assim. Eu fico muito nervoso. Tem outra prova que é montagem bíblica. Não sei se você já leu na Bíblia tem um índice...

(Entrevistadora/pesquisadora): Já, já li.

Henry Danger: Aí você vai ter que botar todos, escrever todos os livros da Bíblia, todos os capítulos e todas as abreviações e tem um certo período de tempo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você também não participa dessa?

Henry Danger: Não. Essa daí eu acho... tipo... quando eu escrevo muito rápido minha mão dói. Eu não escrevo muito rápido. Aí tem a outra que o nome é Debate de versículos. Ah essa eu participo. Essa é a mais difícil... você vai decorar versículos. O mínimo pra ganhar uma medalha dez. Só que depende do quanto as pessoas vão te dar. Aqui a média mais ou menos aqui é de trinta, quarenta versículos que você decora e fala sem ler, sem nada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sem ler, sem nada? É dessa que você participa?

Henry Danger: No estado, uma coisa pra competir no estado, a média é uns oitenta, cem. Quando você vai, no caso, competir nacionalmente, a média é de quatrocentos a oitocentos versículos.

(Entrevistadora/pesquisadora): Que tem que gravar...

Henry Danger: É o que o pessoal grava, ou seja, quando você chegar no nível deles e ganhar uma medalha você tem que ser igual.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Ou seja, lá, nacional eles decoram livros, aqui eles decoram...

(Entrevistadora/pesquisadora): E todo o ano tem essa prova pra vocês?

Henry Danger: Todo ano.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Aí tem seis tipos de prova. Além de ter de estudar pra essa prova que ela não é sorteada, eu já sei que eu vou fazer ela, já falei até pro meu conselheiro. Ele falou tá bom, a prova é sua, você vai fazer. Eu tenho que estudar pra essa prova e pras outras que vão ser sorteadas.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Eu faço duas provas, como a competição é o dia todo, uma eu faço de manhã que é a prova escrita, que é a prova da biografia ou prova de livro. De tarde eu faço a prova que eu tenho que falar os versículos e aí você não pode errar uma letra.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Não pode errar nenhuma letra.

Henry Danger: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Aí, Henry Danger, como que você tem acesso aos livros que você leu, ou está lendo? Como você teve ou tem acesso aos livros? De que forma?

Henry Danger: Como esse... alguns livros... tem livros agora foram os seis primeiros livros que meu pai ganhou... ele me deu.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ele ganhou de quem? Da Igreja?

Henry Danger: Não. Dos parentes dele.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Aí ele... (inaudível).

(Entrevistadora/pesquisadora): E, normalmente, ele tem o costume de comprar? Não? Então, os livros que você lê, ou leu vêm de onde? Você teve acesso como?

Henry Danger: Alguns livros eu peguei da biblioteca.

(Entrevistadora/pesquisadora): Daqui da escola.

Henry Danger: E os... pera aí... foram sete, seis ou sete. Os sete livros do Harry Potter minha mãe comprou.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua mãe comprou?

Henry Danger: Eu falei: você compra pra mim, porque eu quero ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ela comprou?

Henry Danger: Ela comprou.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E aí Henry Danger, na vida da gente, sempre tem um filme, um livro né que marcou a gente. No meu caso aqui, como a pesquisa é sobre leitura e literatura, eu queria saber de você um livro, hoje, que marcou a sua vida.

Henry Danger: Um livro hoje...

(Entrevistadora/pesquisadora): Pode ser mais de um.

Henry Danger: É...

(Entrevistadora/pesquisadora): Quando eu falo assim nossa, Henry Danger o melhor livro que você leu, que foi mais impactante na sua vida. Pode ser qualquer um.

Henry Danger: Foi... eu não posso falar que os livros do Harry Potter me impactaram. Eu já tinha visto a série. Os livros como dá não pra botar tudo no filme... algumas coisinhas novas assim, só poucas coisas que eu não sabia e fiquei sabendo lendo os livros. Só que de qualquer jeito como eu gosto muito eu tinha que quase a obrigação de ler. Ah, foram dois livros que me incentivaram muito...

(Entrevistadora/pesquisadora): Que te marcaram?

Henry Danger: Na Bíblia.

(Entrevistadora/pesquisadora): Da Bíblia?

Henry Danger: Foram. O livro de Daniel e o livro de Apocalipse.

(Entrevistadora/pesquisadora): Apocalipse?

Henry Danger: Apocalipse. Daniel e Apocalipse. São sessenta e oito livros.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por que que te marcaram?

Henry Danger: Porque falam muito... esses dois livros falam muito de profecia, essas coisas. E a Bíblia fala muito de profecia. Em algumas coisas que tem profecia como né, como ele diz que a Bíblia que desde Gênesis até o Apocalipse foi uma série de pessoas que escreveram... é, no caso, como dizem a profecia de Jesus tá em Gênesis e tá em Isaías. Só que quando você lia, se você primeiro lesse cada um desses livros sem ler os livros que tavam lá na frente, você não iria entender o que ele estava dizendo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Ou seja, quando eu li esses aí, eu já sabia do que eles tavam se tratando; eles tavam falando de uma coisa que ia acontecer.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Eu... foram livros que eu gostei que me explicou...

(Entrevistadora/pesquisadora): Você chegou a ler a Bíblia toda?

Henry Danger: Não, ainda não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Ainda não? Você tem mais ou menos ideia de quantos livros você já leu na Bíblia? (pausa)

Henry Danger: Foram... foram dezoito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dezoito livros?

Henry Danger: Uns dezoito.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uns dezoito? Hum, muito bom. É, no seu caso, o que você faz quando o professor na sala de aula pede que você leia algum livro que você não goste? Já teve esse momento? Ou não?

Henry Danger: Na, nas aulas, os professores, eles nunca pediram pra ler um livro que você não gostava, nunca pediram um livro assim. Só que o professor de História, eu gostava das aulas dele, porque ele lia e explicava de um modo muito legal.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Mas aí ele que lê?

Henry Danger: Ele que lia. Aí, a professora de Geografia mandava a gente ler, até eu li uma parte. Eu não gostava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você gostava mais do método do professor...

Henry Danger: É, quando ela lia eu abaixava a cabeça e até dormia, eu acordava na hora que ela explicava. Eu não gostava de ler aquilo, mas como eu tinha que aprender, aí eu só ouvia a explicação.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Foi essa vez que a professora de Geografia pedia pra gente ler um livro que eu não gostava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E pra você, o que que é ser leitor, Henry Danger? Pra finalizar a entrevista.

Henry Danger: Ser leitor, na minha opinião, não é você lê, é você gostar de ler. Mesmo que, às vezes, eu conheço um colega meu, ele fez o... ele ia terminar o Ensino Médio com 17. Reprovou, terminou com 16... terminou com 18. Ele, ele não gosta de estudar, mas ele tenta estudar, mas ele não consegue. Aí, ele pede ajuda. Eu considero ele um estudante, uma pessoa que estuda, mais que uma pessoa que fica... mais que uma pessoa que estuda obrigada.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: Porque ele, ele...

(Entrevistadora/pesquisadora): Ele se esforça.

Henry Danger: Ele não gosta, mas ele se esforça. É, igual esse ano. Esse ano... Eu...

(Entrevistadora/pesquisadora): E você, você sendo leitor, você acha que isso melhora a sua vida? Na escola, fora dela...

Henry Danger: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entre você que é um leitor e um amigo seu que não é leitor, você acha que você tem uma possível, tem uma vida melhor do que aquele que não lê, por exemplo?

Henry Danger: Não. Acho que isso não tem nada a ver. Eu conheço gente que não lê e tem uma vida melhor que a minha. Mas são pessoas que tem uma (inaudível) pelo pai que leu.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: No caso eu conheço é meu tio, ele mora no Ibes lá em Vila Velha. Ele nunca gostava... nunca gostou muito de estudar. Ele fez o Ensino Médio em escola pública, passou, ele passou, fez um curso técnico na época era CEFETS, hoje é Ifes. É, depois ele fez outro curso em outro lugar lá, depois ele entrou na faculdade de Direito. E trancou. Ele não quis continuar, ele quis tentar administração e também trancou. Ele resolveu que, como ele trabalhava há muitos anos numa empresa, eu não lembro o nome da empresa, ele resolveu que ele ia é... ele queria abrir a própria empresa.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Henry Danger: E os padrões dele, na época, ajudaram. Hoje, ele não é uma pessoa que lê muito, nem lia muito... só que hoje ele tem muito, muito dinheiro. Ele é um empresário bem... e tem muito dinheiro. Aí, de vez em quando eu penso, por que que eu tenho que ler? Por que que eu tenho que estudar? Só que aí, você pode perceber que a vida não é só assim com todo mundo. Aí eu percebi que o interessante da minha vida... o que eu quero na minha vida, e já é isso que eu quero, ou seja, o que aconteceu com o fulano, cicrano não me interessa. Não interessa pra mim o que eles fizeram, interessa pra mim o que eu vou fazer.

(Entrevistadora/pesquisadora): Com certeza. E aí pra finalizar, é você tem mais algum comentário, ou alguma consideração a fazer sobre a minha pesquisa, ou sobre você como leitor? Quer deixar alguma consideração final?

Henry Danger: Eu gostaria de saber, eu queria te perguntar por que da pesquisa?

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Então, Henry Danger, essa pesquisa quando a gente entra no mestrado a gente vai pesquisar né, a gente vai selecionar um tema pra é... pra gente escrever sobre aquele tema. Então, essa pesquisa por que que ela surgiu na minha vida? Porque a minha história de vida é muito parecida com a de

vocês. Eu vim de uma família com onze irmãos que a gente não tinha dinheiro pra comprar livro. Na minha casa, ou você comprava livro, ou você comia. E com onze filhos como é que você acha que um pai e uma mãe iam comprar livros? E à medida que eu fui crescendo, eu fui vendo que a leitura ela de certa forma me ajudava a escrever melhor, a ter uma fala melhor, a me comunicar melhor com as pessoas e por aí vai. Quando eu entrei no mestrado que eu quis continuar meus estudos, eu fui pra área de literatura, né, que é a minha área com a professora Maria Amélia, e entendi que esse tema... a minha pesquisa é: como se dá a formação de leitores no município aqui da Serra na escola Caic. Eu quero muito saber como é que foi essa formação de vocês como leitores, mesmo que, às vezes não tenha dinheiro pra comprar livro, mesmo que na biblioteca não tem os livros que vocês queiram, mas vocês são leitores. Então, a minha proposta da pesquisa é entender porque e como vocês se tornaram leitores contra tudo e todos. Você tem um monte de problemas na sua vida e tal, a biblioteca, professor que às vezes não indica um livro, mas você é um leitor e aí a minha pesquisa é por que que vocês se tornaram leitores? Como que vocês se tornaram leitores? Pra entender esse contexto de vocês, a vida, a história e contribuir com outros colegas meus, com a própria escola, com a própria comunidade, com vocês, os novos alunos que virão pra ter esse entendimento de vocês enquanto leitores. É essa minha pesquisa.

Henry Danger: Uma pergunta que não tem muito a ver com a pesquisa: depois que você acabar o seu mestrado você pretende fazer mais alguma coisa?

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, depois do mestrado tem mais dois níveis de estudo né?

Henry Danger: Doutorado e PhD.

(Entrevistadora/pesquisadora): É. Eu, provavelmente, nos próximos anos, vou tentar o doutorado.

Henry Danger: E depois, você vai tentar fazer o PhD?

(Entrevistadora/pesquisadora): Aí vamos ver.

Henry Danger: O PhD você tem que fazer em outro país?

(Entrevistadora/pesquisadora): Não, não necessariamente. O PhD, você pode... tipo a minha professora que é a doutora responsável pela pesquisa. A Maria Amélia ela fez numa Universidade....não sei se foi Cuiabá, ela fez aqui no Brasil. O que você faz? Você pede, escreve uma carta pra um professor te orientar. Você escreve também um texto, pesquisa um tema durante um ano e aí você faz um estágio. No final de um ano você se torna PhD que é Pós-doutor ou Pós-doutora. Entendeu? Assim, então, no momento o meu objetivo é terminar o mestrado que eu termino em junho né? Não sei se eu defendo em junho ou julho a minha pesquisa... eu vou convidar vocês e depois, eu já tenho vontade já de tentar o doutorado. E aí o doutorado você sabe, o mestrado são dois anos.

Henry Danger: O doutorado são três.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quatro.

Henry Danger: Quatro?

(Entrevistadora/pesquisadora): O doutorado são quatro anos e mais um de PhD.

Henry Danger: Só que no doutorado, não é tipo na graduação, não que você já... exemplo: você já fez uma faculdade, vai fazer outra. Algumas matérias...

(Entrevistadora/pesquisadora): No doutorado?

Henry Danger: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. É tipo faculdade, mas o sistema de estudo é diferente né.

Henry Danger: Porque eu conheço um, um, um cara que ele é advogado, fez faculdade de Direito, agora ta fazendo Teologia. Algumas coisa que ele... algumas matérias de Direito, ele não precisou fazer na... No mestrado e doutorado não é assim, não?

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. O mestrado é, assim... eu fiz matérias que eu não tinha feito na faculdade. E aí você tem um número de créditos no mestrado e no doutorado pra cumprir, né; aí tem o mínimo de créditos pra você sair com seu

currículo. Então, na Ufes, por exemplo lá em Educação, eu tenho que cumprir 24 créditos de disciplina e mais oito da dissertação que eu tô escrevendo. Então, eu tenho que sair do mestrado com no mínimo 32 créditos. Eu não posso sair sem isso. Se eles olharem lá agora no meu currículo e eu tiver 19 de crédito mais 8 vai dar 21. Não tem como eu terminar o doutorado, o mestrado. Eu só termino o mestrado quando eu cumpro todos os créditos das disciplinas e termino a dissertação. Entendeu? O doutorado é mais ou menos a mesma coisa, você tem os créditos a cumprir e depois você fica por conta de congressos que você participa, tem trabalho que você apresenta e aí você fica só escrevendo e fazendo a pesquisa né. Livro, artigos científicos, no meu caso aqui é a entrevista com vocês.

Henry Danger: Até conseguir os créditos?

(Entrevistadora/pesquisadora): Até conseguir os créditos.

Henry Danger: Depois que você conseguiu os créditos aí você...

(Entrevistadora/pesquisadora): No final, você defende depois de 4 anos... tem um prazo de 4 anos, pode defender antes, mas normalmente são 4 anos. No final de 4 anos você apresenta a sua tese final. Entendeu? No meu caso, no mestrado é a dissertação e no doutorado é uma tese.

Henry Danger: Você vai apresentar a sua...

(Entrevistadora/pesquisadora): Eu vou defender a minha provavelmente em junho ou julho. Eu vou convidar vocês.

(Entrevistadora/pesquisadora): Tá bom? Eu quero agradecer você, Henry Danger, por ter contribuído e colaborado com a minha pesquisa. Sabendo que você já é parte da minha pesquisa e agora, eu queria saber o codinome, quando eu lembrar do Henry Danger eu não vou poder citar seu nome... que nome você vai querer que eu coloque te representando ?

Henry Danger: Pera aí... Pode falar alguma coisa que os outros botaram?

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. O bom seria... porque daí eu não vou identificar. Pode ser um personagem que você leu, pode ser uma história em quadrinho,

qualquer nome que você queira usar que vai te representar na minha pesquisa. Quer pensar um pouquinho?

Henry Danger: Henry. Não é Harry.

(Entrevistadora/pesquisadora): Como é que escreve?

Henry Danger: Henry.

(Entrevistadora/pesquisadora): Assim? Dois erRes e y. Esse Henry é o quê?

Henry Danger: Personagem de uma série que eu assisti.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual série?

Henry Danger: Uma série, uma série... é uma série meio que infantil... não é... Henry Danger.

(Entrevistadora/pesquisadora): É Hérry ou Herry?

Henry Danger: É, é... Henry só que se pronuncia Harry, mas se escreve Henry.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham. Henry Danger.

Henry Danger: É Henry assim e Danger.

(Entrevistadora/pesquisadora): É uma série... passa onde essa série?

Henry Danger: Passa na Nickelodeon. Só que como passa uma vez na vida e outra na morte, aí eu assisto na internet.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. É essa série né? Ok. Eu agradeço a você, finalizando a entrevista. Muito obrigada, Henry Danger.

ENTREVISTA 5

Darth Vader (nascido **Anakin Skywalker**, é o protagonista da trilogia prequela e antagonista da trilogia original da série de filmes Star Wars – *Guerra nas Estrelas* –, tendo participado de seis episódios e também participou em "Rogue One" – *A Ameaça Fantasma, Ataque dos Clones, A Vingança dos Sith, Rogue One, Uma Nova Esperança, O Império Contra-Ataca e O Retorno de Jedi* –. Suas principais características são a armadura negra e a ruidosa respiração mecânica. É constantemente citado na cultura pop como um dos personagens mais icônicos de todos os tempos. É um dos poucos personagens da saga que esteve presente e teve ao menos uma menção em todos os 7 episódios lançados até hoje.)²⁶

(Entrevistadora/pesquisadora): É, primeiro lugar, bem-vindo, Darth Vader. Obrigada por dedicar seu tempo né, pra gente falar um pouquinho sobre suas práticas de leitura. É, você foi convidado por ter respondido previamente aquele questionário que eu apliquei na sala de vocês que o objetivo dele era conhecer as práticas de vocês de leituras, apropriações, representação né de leitura dos alunos desta escola, Caic Feu Rosa. E aí, você, portanto está apto para participar da nossa entrevista. Você responderá algumas perguntas relacionadas à história da sua vida, as pessoas que te influenciaram em relação à leitura e outras perguntas relacionadas na sua formação como leitor. Ok? É importante ressaltar que pra o que você falar, que não há resposta errada, eu vou te perguntar e você vai dizendo o que você sente, o que você acha, quais as suas impressões, seu ponto de vista que é diferente do meu. Então, não tem resposta errada. Você vai se sentir à vontade para manifestar os seus pontos de vista e aí, eu peguei de você o termo de consentimento livre e esclarecido já que você é menor de dezoito anos. Nossa conversa será gravada, pois eu não quero perder nenhum dos comentários feitos por você hoje e eu reforço que a sua identidade jamais será divulgada na minha pesquisa. Nós vamos usar depois um codinome que eu vou te pedir e que já foi falado pra vocês e sua identidade será preservada. Primeiro, eu quero que você se apresente, dizendo seu nome, série e turma lembrando que esse nome, série e turma seu será só pro meu controle né, na pesquisa, porque o seu nome não vai ser

²⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/>. Acessado em 29/05/2017.

divulgado, será fictício o nome pra resguardar sua privacidade como participante. Ok? E aí eu vou pedir que você diga o seu nome, série e turma.

Darth Vader: Meu nome é Darth Vader. Eu estudava né, ano passado na oitava série três.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok. E aí, Darth Vader, falando um pouquinho da sua vida pessoal, você mora com quem?

Darth Vader: Com minha mãe, minha irmã e a amiga da minha mãe.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, amiga da sua mãe? Ok. Então, são quatro pessoas? Ok.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você mora em casa própria ou alugada?

Darth Vader: Própria.

(Entrevistadora/pesquisadora): Própria? É, você lembra quem primeiro leu pra você?

Darth Vader: Bom, a primeira pessoa que leu pra mim... acho que foi minha professora, porque lá em casa ninguém tipo... minha mãe, tipo minha mãe ela não é escolarizada né.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não?

Darth Vader: Não, mas ela sabe ler mais ou menos. A única que sabe lê, mesmo bem assim mesmo lá de casa é eu e minha irmã.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, na sua família você não lembra de ninguém lendo?

Darth Vader: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, foi na escola? Lembra da professora?

Darth Vader: Ah, a primeira professora eu acho que foi a “Anne Ventura”²⁷.

(Entrevistadora/pesquisadora): “Anne Ventura”?

Darth Vader: É, eu acho que ela trabalha aqui até hoje.

(Entrevistadora/pesquisadora): Eu conheço, é minha amiga. Ela, então, você acha que quem primeiro leu pra você foi “Anne Ventura”?

Darth Vader: Sim, acho que sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se considera um leitor?

Darth Vader: Olha, desses leitores que tipo são apaixonados pela leitura que leem vários e vários livros, eu não sou não. Eu sou mais daqueles leitores casuais. Que eu sou daquelas pessoas bem difíceis de achar um conteúdo que me interesse. Porque eu gosto de ficção científica, essas coisas assim. E eu não gosto de ler tipo uma história com detalhes. Eu gosto mais de um resumo, assim, geral de lê vários textos pequenos invés de um texto gigante. Que pra mim é mais gostoso de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, romance pra você, não?

Darth Vader: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): *A culpa é das estrelas*, não?

Darth Vader: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Game of thrones*?

Darth Vader: *Game of thrones* até vai.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você chegou a ler alguma coisa de *Game of Thrones*? Que na sala você falou que queria ver a série, foi?

Darth Vader: Não.

²⁷ Identificação fictícia, escolhida pela pesquisadora.

(Entrevistadora/pesquisadora): Já leu alguma coisa de *Percy Jackson*?

Darth Vader: *Percy Jackson*, já.

(Entrevistadora/pesquisadora): Leu, gostou, ou não?

Darth Vader: Gostei.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gostou? E, você se lembra com qual idade você tinha quando você leu seu primeiro livro?

Darth Vader: Eu lembro que foi, tipo, as primeiras palavras assim, eu aprendi na creche. Mas lê um livro mesmo, acho que foi na primeira série... primeira ou segunda série.

(Entrevistadora/pesquisadora): Lembra o título do livro?

Darth Vader: Não. Era um livro daqueles infantil.

(Entrevistadora/pesquisadora): Contos de fada, alguma coisa assim?

Darth Vader: É.

(Entrevistadora/pesquisadora): É, você se lembra quantos anos tinha quando ganhou ou comprou o primeiro livro?

Darth Vader: Hum, quando eu ganhei o primeiro livro...

(Entrevistadora/pesquisadora): Ganhou ou comprou?

Darth Vader: foi, foi da minha irmã... foi entre uns dez e onze anos. Foi uma fábula que eu ganhei que veio junto com um quebra-cabeça, mó legal.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual o nome da fábula?

Darth Vader: era um monte entende? Chapeuzinho Vermelho...

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, entendi. Eram várias fábulas. Entendi. E sua irmã é mais velha que você?

Darth Vader: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quantos anos?

Darth Vader: Dez anos mais velha que eu.

(Entrevistadora/pesquisadora): Dez anos mais velha? Nossa! Ela faz, faz... qual a escolaridade dela?

Darth Vader: Ela tá fazendo a faculdade, mas ela já terminou o Ensino Médio. Já fez faculdade de Recursos Humanos e agora tá fazendo faculdade de Contabilidade.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah, ok. E, se eu te perguntar, Darth Vader, assim, hoje qual exemplo de leitor que você tenha, não importa se é na igreja, não importa se é aqui no Caic ou na sua família. Se eu te falar, uma pessoa pra você que é leitor ou leitora, você lembraria de quem?

Darth Vader: Hum, pra mim ler, eu não tive quase ninguém. Eu tive vontade de ler mesmo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não. Então, mas uma pessoa que você considera leitor ou leitora?

Darth Vader: Minha irmã.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua irmã? Aham. Aqui no Caic, alguém?

Darth Vader: No Caic, o Percy Jackson. O Percy Jackson lê bastante.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum. Igreja?

Darth Vader: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É, na sua família alguém é leitor?

Darth Vader: Minha irmã.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quem mais é... pra você assim, quem mais te incentivou a ler?

Darth Vader: A “Anne Ventura”, a professora.

(Entrevistadora/pesquisadora): “Anne Ventura”? É? O que ela falava assim, você lembra?

Darth Vader: É, ela me ensinava quando eu tinha dificuldade em lê alguma coisa. Explicava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum, ok. É, seus pais ou responsáveis têm o hábito de ler?

Darth Vader: Não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não? Qual a escolaridade dos seus pais?

Darth Vader: Acho que nem o fundamental.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Nem o fundamental? Nem pai nem mãe?

Darth Vader: Não. Meu pai tentou, tentou fazer um tempo, mas só que ele não absorvia as informações. Aí ele desistiu.

(Entrevistadora/pesquisadora): É?

Darth Vader: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): E aí ele foi até o quê? Até a oitava?

Darth Vader: Aham, foi até a oitava.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham. É, eles... qual tipo de livro eles mais leem ou não leem?

Darth Vader: Minha mãe, minha mãe assim ela gosta de ler, mas bem pouco assim. Ela lê jornal, essas coisas assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Coisas do dia a dia? Uhum.

Darth Vader: Meu pai ainda não lê.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. Você não mora com ele, né? Darth Vader, você lê livros por indicação de quem?

Darth Vader: Hum, acho que eu leio mais livros que me interessam e alguns livros que minha irmã lê, assim termina de ler. Aí eu acho interessante como a teoria do Percy Jackson, leu toda.

(Entrevistadora/pesquisadora): Foi sua irmã que... Aham.

Darth Vader: Aí eu li alguns do Percy Jackson, mas é mais pra minha irmã mesmo assim. Livros que ela lê e me interessam, eu leio também.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, você costuma frequentar a igreja?

Darth Vader: Ah, eu frequentava. Frequentava de domingo. Só que minha mãe quis sair da igreja por causa de uns negócio pessoal aí.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual igreja que era?

Darth Vader: Era Batista.

(Entrevistadora/pesquisadora): E vocês saíram? Todo mundo saiu? Ninguém frequenta mais?

Darth Vader: Ninguém frequenta mais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. É, lá na sua igreja quando você frequentava, você conseguiria apontar lá alguém que lê, seja leitor ou leitora? Ah, essa pessoa da minha igreja, ela é uma leitora ou um leitor? Uma pessoa que lê.

Darth Vader: Acho que não, porque eu não tinha muito contato assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não tinha muita intimidade, aham. Você lê textos religiosos?

Darth Vader: Alguns trechos da Bíblia eu gosto de ler. Tipo salmos, os mais famosos assim. (inaudível).

(Entrevistadora/pesquisadora): Você acredita, Darth Vader, que a leitura seja importante na vida de uma pessoa?

Darth Vader: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Darth Vader: Porque a leitura, a leitura também ajuda, ajuda bastante no vocabulário da pessoa, pra ela poder se comunicar, pra ela poder entender melhor as coisas. Pra ela ser mais, é... pensar mais sobre a vida, assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito. Você acha, Darth Vader, que as pessoas que leem têm mais chance de vencer na vida?

Darth Vader: Sim.

(Entrevistadora/pesquisadora): Por quê?

Darth Vader: Porque que nem hoje em dia a gente tá, né, nessa crise que a gente tá, aí tá muito difícil você encontrar emprego. Quem não tem... porque antigamente né, só você ter o Ensino Médio completo já tava bom demais. Mas hoje em dia você precisa de faculdade, curso superior e olhe lá ainda.

(Entrevistadora/pesquisadora): Então, você acha que a leitura e o fato de a gente ler tá associado a essa questão de se dar bem no mercado de trabalho?

Darth Vader: Também.

(Entrevistadora/pesquisadora): É isso?

Darth Vader: Aham.

(Entrevistadora/pesquisadora): Você gosta de ler, ou lê por obrigação?

Darth Vader: Eu gosto de ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Gosta? Quem você considera responsável por você gostar de ler?

Darth Vader: Hum.

(Entrevistadora/pesquisadora): Quando você falou, Luci, eu gosto de ler. Quem você considera que foi responsável por isso?

Darth Vader: Hum, eu não sei... acho que eu mesmo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Alguém da escola? Alguém da sua casa? Você mesmo... ou foi uma soma desses fatores?

Darth Vader: Ah, minha mãe, minha mãe ela sempre fala, entende? Porque eu sou muito ligado em internet e joguinho essas coisas assim. Ela sempre fala pra eu... tipo quando eu, quando era tempo de prova assim ela sempre falava: Darth Vader, desliga isso um pouco, vai estudar, vai ler um livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Uhum.

Darth Vader: Aí, a minha mãe sempre me incentivou muito também nisso.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Ok. É, você acha, porque hoje você gosta de ler, você acha que a escola teve influência nisso? Alguém da escola te incentivou pra que você gostasse de ler?

Darth Vader: Sim, porque meus professores de português, por exemplo, eles fazem que nem a professora “Ana Maria Machado”²⁸, ela faz a gente descer, pegar livro. É, igual um livro que eu li que eu achei muito legal era *O golen de pedra*, eu acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): Qual nome?

Darth Vader: *O golen de pedra*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *O golen de pedra*?

Darth Vader: É, de pedra ou de barro, não lembro muito bem.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ah tá.

²⁸ Identificação fictícia, escolhida pela pesquisadora.

Darth Vader: É que eu li esse livro todo e fiz meio que um resuminho meio que em forma de apresentação lá, (inaudível). Que eu gostei desse livro e até eu fui apresentar esse livro pra professora né que ela que me incentivou a ler esse livro.

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi. E você assim como adolescente né que já tem uma vivência com a leitura, você é, acha que a escola deveria fazer alguma coisa pra um maior incentivo com a leitura, os alunos?

Darth Vader: Acho.

(Entrevistadora/pesquisadora): O que que você sugeriria, por exemplo?

Darth Vader: Hum.

(Entrevistadora/pesquisadora): O que você acha que a escola poderia fazer pra melhorar a questão do hábito de leitura dos alunos?

Darth Vader: Normalmente eu não sei, porque tem... vai muito do gosto da pessoa, porque tem gente que realmente não gosta de ler. Tem gente que de jeito nenhum gosta de ler, não adianta nem você tentar conversar com a pessoa, se é um livro bacana ela não vai querer ler.

(Entrevistadora/pesquisadora): Aham, entendi. Você já leu algum livro indicado pela escola?

Darth Vader: Que eu lembre não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Esse que você falou do golen quem indicou?

Darth Vader: A professora.

(Entrevistadora/pesquisadora): Foi Ana Maria Machado, então, foi a professora, né? Você está lendo algum livro no momento?

Darth Vader: No momento, não.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. É como você faz ou fez pra ter acesso aos livros que você leu?

Darth Vader: A maioria, ou era da minha irmã, ou eu pegava aqui na escola mesmo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Na escola? Uhum. É, tem... geralmente tem um livro ou filme que marca a história da gente assim, história de vida. Então, assim, você lembra hoje já que a gente tá trabalhando com literatura, você lembra um livro que marcou sua história?

Darth Vader: Hum...

(Entrevistadora/pesquisadora): Teve algum assim que causou impacto. Você falou esse...

Darth Vader: Foi até que bem recente, ano retrasado. Foi *Star Wars – Manual do Império*.

(Entrevistadora/pesquisadora): *Star Wars*?

Darth Vader: É. Manual do Império.

(Entrevistadora/pesquisadora): Como?

Darth Vader: Manual do Império.

(Entrevistadora/pesquisadora): Manual do Império. Uhum. Esse foi bom pra você?

Darth Vader: Aham, muito bom.

(Entrevistadora/pesquisadora): É grosso ele?

Darth Vader: Mais ou menos assim.

(Entrevistadora/pesquisadora): É? Esse livro quem te deu ou emprestou?

Darth Vader: Minha irmã.

(Entrevistadora/pesquisadora): Sua irmã que te emprestou?

Darth Vader: Ela comprou pra mim, na verdade.

(Entrevistadora/pesquisadora): É mesmo? Ela tem o hábito de comprar livro pra você?

Darth Vader: não. Na verdade é que eu pedi que era meu aniversário, ela me deu.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. Perfeito. É o que você faz ou fazia né no Caic quando o professor pedia que você lia algum livro de que não gostava? O que você fazia?

Darth Vader: Na verdade nunca me aconteceu isso, não. Na maioria das vezes quando é pra ler alguma coisa, é a professora ou o professor deixa a gente escolher o livro né, que se interessou mais.

(Entrevistadora/pesquisadora): Ok. E aí pra finalizar nossas perguntas, nossa entrevista... é eu queria saber de você o que que pra você, o que que é ser leitor hoje?

Darth Vader: Pra mim, ser leitor, assim é não é você ler pilhas e pilhas de livros. É você ler uma coisa e entender aquela coisa, você gostar de fazer aquilo, entende?

(Entrevistadora/pesquisadora): Entendi.

Darth Vader: Gostar daquilo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Não é a quantidade de livros que você lê?

Darth Vader: Não é a quantidade. Se você entende... na verdade, se você tipo ah eu vou lendo aqui, vou lendo rapidão, não to entendendo nada, só to lendo por lê mesmo. Você tem que lê, você tem que entender, você tem que refletir sobre aquilo.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito. Show de bola. Pra finalizar, você queria fazer algum comentário, alguma pergunta ou alguma consideração a fazer sobre a entrevista ou sobre a minha pesquisa, alguma dúvida? Pra finalizar, qualquer coisa?

Darth Vader: Não. Só que as pessoas lerem mais, porque ler é muito importante né pro nosso desenvolvimento pessoal, nosso desenvolvimento profissional e só isso.

(Entrevistadora/pesquisadora): Perfeito. E aí, Darth Vader pra finalizar mesmo eu queria saber qual... quando eu citar você lá na minha pesquisa, eu não posso citar o seu nome. Eu tenho, já tinha né, combinado com vocês que vocês teriam um pseudônimo, né. Eu queria saber um codinome, qual nome fictício vai ser o seu?

Darth Vader: Hum, sei lá.

(Entrevistadora/pesquisadora): Vai ficar na minha dissertação, pra história hein! Hehehehe.

Darth Vader: Coloca um personagem que me marcou aí, Darth Vader.

(Entrevistadora/pesquisadora): Noosa! Depois eu pesquiso o nome dele que eu não sei assim de cor. Perfeito. Obrigada pela sua entrevista, pela colaboração na minha pesquisa. Agradeço muito. Finalizando a entrevista.